

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
ESCOLA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES E HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM
EDUCAÇÃO**

BRUNNA THAIS REIS SALES

SENTIDOS ATRIBUÍDOS À CULTURA CORPORAL DE MOVIMENTO NA
COMUNIDADE HAITIANA: EDUCAÇÃO E PRESERVAÇÃO CULTURAL NOS
DIFERENTES ESPAÇOS SOCIAIS

GOIÂNIA

2023

BRUNNA THAIS REIS SALES

SENTIDOS ATRIBUÍDOS À CULTURA CORPORAL DE MOVIMENTO NA
COMUNIDADE HAITIANA: EDUCAÇÃO E PRESERVAÇÃO CULTURAL NOS
DIFERENTES ESPAÇOS SOCIAIS

Tese apresentada à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação em Educação, da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, como requisito parcial para obtenção do título de Doutora em Educação.

Linha de Pesquisa: Educação, Sociedade e Cultura.

Orientadora: Profa. Dra. Cláudia Valente Cavalcante

GOIÂNIA

2023

Catálogo na FONSE - Sistema de Bibliotecas da PUC Goiás

S163s Sales, Brunna Thais Reis

Sentidos atribuídos à cultura corporal de movimento na comunidade haitiana : educação e preservação cultural nos diferentes espaços sociais / Brunna Thais Reis Sales.-- 2023.

231 f.: il.

Texto em português, com resumo em inglês.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Cláudia Valente Cavalcante.

Tese (doutorado) -- Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Escola de Formação de Professores e Humanidades, Goiânia, 2023.

Inclui referências: f. 209-221.



**PUC
GOIÁS**

Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa – PROPE
Coordenação de Pós-Graduação *Stricto Sensu* – CPGSS
Escola de Formação de Professores e Humanidades – EFPH

SENTIDOS ATRIBUÍDOS À CULTURA CORPORAL DE MOVIMENTO NA COMUNIDADE HAITIANA: EDUCAÇÃO E PRESERVAÇÃO CULTURAL NOS DIFERENTES ESPAÇOS SOCIAIS

Tese de Doutorado do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Educação da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, aprovada em 22 de agosto de 2023.

BRUNNA THAIS REIS SALES

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dra. Cláudia Valente Cavalcante / PUC Goiás (Presidente)

Prof. Dr. Divino de Jesus da Silva Rodrigues / PUC Goiás

Prof. Dra. Maria Lúcia Pacheco Duarte dos Santos / PUC Goiás

Prof. Dr. Iuri Ribeiro / IF Goiano

Prof. Dr. Gabriel Carvalho Bungenstab / UEG

Prof. Dr. Renato Barros de Almeida / PUC Goiás (Suplente)

Prof. Dra. Maria Aurora Neta / UEG (Suplente)

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais, Terezinha Reis e José Sales, e ao meu irmão, Marcel Sales, por toda a ajuda, em todos os sentidos durante a produção da tese.

Agradeço à minha orientadora, Dra. Cláudia Valente Cavalcante, por toda a paciência ao ensinar e pelas doses de alegria e entusiasmo para me animar a continuar nos momentos difíceis.

Agradeço à PUC-GO, estendendo à CAPES pela Bolsa/Taxa.

Agradeço à banca, nos nomes da Doutora Maria Lúcia dos Santos e dos Doutores Divino Rodrigues, Gabriel Bungenstab e Iuri Ribeiro, pelas contribuições na qualificação e na defesa da tese.

Agradeço a compreensão de toda minha família, quando me ligavam para reunião familiar e eu dizia “não posso”. Em especial à minhas primas: Thais Reis, Fernanda Oliveira, Anna Júlia Oliveira, Jéssica Reis, Gabriely Reis, Karinna Sales, Aniela Sales e Amanda Sales por me ajudar quando precisei.

Agradeço aos gestores André Seabra, Gilberto Reis e Siderlei Jesus por toda a ajuda ao longo do curso.

E um agradecimento especial para os e as imigrantes do Haiti que aceitaram participar da pesquisa doando tempo, disposição e falas que contribuíram para que o trabalho fosse possível.

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho aos e às imigrantes do mundo que precisam sair de seus locais de origem, por qualquer que seja a razão, para fixar residência em outros espaços, que lhe são estranhos. Que este trabalho, de alguma forma, chegue até vocês e abra possibilidades para que suas práticas educacionais e culturas sejam respeitadas e preservadas.

“...Muitas coisas eu gostei daqui. A comida brasileira é muito boa. Pequi, gosto muito.

Quero te agradecer de novo pelo seu trabalho que é muito importante e muito útil pra nós.

Muito Obrigada!”

(Gomes, nacional do Haiti imigrante em Goiás, Brasil).

“...Foi divertido conversar com você, pra eu relembrar algumas coisas que eu já tinha esquecido. Foi muito bom.”

(Carlos, nacional do Haiti imigrante em Goiás, Brasil).

RESUMO

Esta tese insere-se na linha de pesquisa Sociedade, Educação e Cultura do Programa de Pós-Graduação em Educação, da PUC-GO. Os temas investigados foram os fluxos migratórios contemporâneos, nacionais e internacionais, em especial os imigrantes do Haiti, associados com a área da cultura corporal de movimento, compreendida como a parcela da cultura em geral, produzida nos planos materiais e simbólicos, manifestada na forma das ginásticas, danças, jogos, lutas, esportes e brincadeiras. Considerando que há diferenças culturais entre Haiti e Brasil, a reflexão que norteou a pesquisa foi: qual o sentido atribuído à cultura corporal de movimento pela perspectiva de imigrantes do Haiti como meio para preservar a cultura nos diferentes espaços sociais? Com base na questão, o objetivo geral foi compreender o sentido atribuído à cultura corporal de movimento pela perspectiva de imigrantes do Haiti, como meio de preservação cultural e educacional nos diferentes espaços sociais. O percurso metodológico trilhado foi pela pesquisa qualitativa, sob o foco da Sociologia Reflexiva de Pierre Bourdieu (1989), a partir de duas formas: da revisão de literatura e da pesquisa de campo, com a utilização de questionários e entrevistas. Os dados coletados foram transcritos e analisados a partir da análise de discurso de Bourdieu. Os resultados indicam que os sentidos que os imigrantes do Haiti atribuem à cultura corporal de movimento são: para a transmissão da cultura haitiana por meio de processos educativos informais para a conservação e reprodução da identidade cultural e para a promoção da saúde. Dois pontos foram considerados: a relevância de incluir conceitos do campo da cultura para ampliar a noção do estar saudável e a cultura corporal de movimento podem ser fatores sociais que contribuem para preservar processos educacionais, oferecer acolhimento para o sentir pertencentes ao local de residência e manter viva a identidade de um povo.

Palavras-chave: Migração; Educação; Cultura Corporal de Movimento; Imigrantes do Haiti.

ABSTRACT

This thesis is part of the research line Society, Education, and Culture of the Postgraduate Program in Education at PUC-GO. The investigated topics were contemporary migratory flows, both national and international, with a particular focus on immigrants from Haiti, associated with the field of bodily movement culture, understood as the portion of culture, both material and symbolic, manifested in the form of gymnastics, dances, games, sports, and play. Considering the cultural differences between Haiti and Brazil, the guiding reflection of the research was: what is the meaning attributed to bodily movement culture from the perspective of Haitian immigrants as a means to preserve culture in different social spaces? Based on this question, the general objective was to comprehend the meaning attributed to bodily movement culture from the perspective of Haitian immigrants as a means of cultural and educational preservation in different social spaces. The methodological approach taken was qualitative research, focused on Pierre Bourdieu's Reflexive Sociology (1989), involving two main forms of data collection: literature review and field research, using questionnaires and interviews. The collected data were transcribed and analyzed through Bourdieu's discourse analysis. The results indicate that Haitian immigrants attribute the following meanings to bodily movement culture: it serves as a medium for transmitting Haitian culture through informal educational processes, for conserving and reproducing cultural identity, and for promoting health. Two important points emerged from the study: the relevance of incorporating concepts from the field of culture to broaden the notion of being healthy, and bodily movement culture can act as a social factor that contributes to preserving educational processes, providing a sense of belonging to the place of residence and keeping a people's identity alive.

Keywords: Migration; Education; Bodily Movement Culture; Haitian Immigrants.

RESUMEN

Esta disertación se enmarca en la línea de investigación Sociedad, Educación y Cultura del Programa de Posgrado en Educación de la PUC-GO. Los temas investigados fueron los flujos migratorios contemporáneos, tanto nacionales como internacionales, con especial atención a los inmigrantes de Haití, asociados con el ámbito de la cultura corporal de movimiento, entendida como la parte de la cultura en general que se produce en los planos materiales y simbólicos, manifestada en forma de gimnasia, danzas, juegos, luchas, deportes y juegos recreativos. Al considerar las diferencias culturales entre Haití y Brasil, la reflexión que orientó la investigación fue: ¿qué significado atribuyen los inmigrantes de Haití a la cultura corporal de movimiento como medio para preservar la cultura en diferentes espacios sociales? Con base en esta cuestión, el objetivo general ha sido comprender el significado atribuido a la cultura corporal de movimiento desde la perspectiva de los inmigrantes de Haití, como medio de preservación cultural y educativa en diferentes espacios sociales. El enfoque metodológico adoptado fue la investigación cualitativa, bajo el enfoque de la Sociología Reflexiva de Pierre Bourdieu (1989), a través de dos formas: revisión de literatura e investigación de campo, utilizando cuestionarios y entrevistas. Los datos recopilados fueron transcritos y analizados a partir del análisis del discurso de Bourdieu. Los resultados indican que los sentidos que los inmigrantes de Haití atribuyen a la cultura corporal de movimiento son: la transmisión de la cultura haitiana a través de procesos educativos informales para la conservación y reproducción de la identidad cultural y para promover la salud. Se destacaron dos puntos: la relevancia de incluir conceptos del campo de la cultura para ampliar la noción de bienestar y que la cultura corporal de movimiento puede ser un factor social que contribuye a preservar procesos educativos, brindar acogida a la sensación de pertenencia al lugar de residencia y mantener viva la identidad de un pueblo.

Palabras clave: Migración; Educación; Cultura Corporal de Movimiento; Inmigrantes de Haití.

KREYÒL

Tèz sa a fè pati liy rechèch Sosyete, Edikasyon ak Kilti nan Pwogram gradye nan edikasyon nan PUC-GO. Tèm yo te envestige se te flux migratwa kontanporen, nasyonal ak entènasyonal, sitou imigran ki soti Ayiti, ki asosye ak zòn nan kilti mouvman kò, konprann kòm yon pati nan kilti an jeneral, ki pwodui nan plan materyèl ak senbolik, ki manifeste sou fòm lan. jimnastik, dans, jwèt, batay, espò ak jwèt. Lè nou konsidere gen diferans kiltirèl ant Ayiti ak Brezil, yon refleksyon ki te gide rechèch la te: ki sans kilti kò mouvman mouvman an nan pèspektiv imigran ayisyen yo kòm yon mwayen pou konsève kilti nan diferan espas sosyal? Daprè kesyon an, objektif jeneral la se te konprann sans kilti mouvman kò a nan pèspektiv imigran ayisyen yo, kòm yon mwayen pou konsève kiltirèl ak edikasyon nan diferan espas sosyal. Chemen metodolojik yo te pran se te atravè rechèch kalitatif, anba konsantre nan Sosyoloji refleksyon Pierre Bourdieu a (1989), ki baze sou de fòm: revizyon literati ak rechèch sou teren, ak itilizasyon entèvyou ak entèvyou. Done yo kolekte yo te transkri ak analize lè l sèvi avèk analiz diskou Bourdieu a. Rezilta yo endike siyifikasyon ke imigran ayisyen yo bay kilti mouvman kò a se: pou transmisyon kilti ayisyen an atravè pwosesedikasyon enfòmatif pou konsèvasyon ak repwodiksyon idantite kiltirèl ak pou pwomosyon sante. De pwèn yo te konsidere: obeyisans la genyen ladan yo konsèp ki soti nan jaden an nan kilti elaji nosyon an pou yo te an sante ak kilti kò a nan mouvman yo ka faktè sosyal ki te kreye yo prezève pwosesis ansèyman, ofri akeyi nan santi a fè pati plas la nan. rezidans epi kenbe viv idantite yon pèp.

Mokle: Migrasyon; Edikasyon; Kilti Kò Mouvman; imigran ayisyen

LISTA DE QUADROS

Quadro 01: Modernidade sólida e líquida na relação com os termos tempo, espaço, liberdade e a história.....	39
Quadro 02: Relação entre os termos modernidade, identidade e migração, na perspectiva dos dois autores.....	52
Quadro 03: Visão de Sayad sobre os conceitos constituintes do fenômeno da migração.....	63
Quadro 04: Relação entre Estatuto do Estrangeiro e Lei de Migração.....	77
Quadro 05: Processos educacionais sistematizados dos movimentos corporais conforme o pensamento, o período histórico, a finalidade e a via de entrada para o Brasil.....	103
Quadro 06: Relação número de imigrantes em Goiás matriculados na educação básica nos anos de 2010-2019.....	143
Quadro 07: Relação número de imigrantes em Goiás matriculados na educação básica de acordo com os países de origem nos anos de 2010-2019.....	144
Quadro 08: Perfil geral dos participantes da pesquisa.....	153
Quadro 09: Sentidos atribuídos à educação escolar pelos participantes da pesquisa.....	166
Quadro 10: Diferenças e aproximações entre as culturas haitiana e brasileira.....	174
Quadro 11: Práticas culturais como meio para preservação da cultura haitiana.....	176
Quadro 12: Os sentidos atribuídos à cultura corporal de movimento para preservação cultural e processos educativos.....	183
Quadro 13: Os sentidos atribuídos às práticas da cultura corporal de movimento para preservação cultural e processos educativos.....	196

LISTA DE FIGURAS

Figura 01: Mapa geográfico do Haiti.....	125
Figura 02: Bandeira do Haiti.....	178

LISTA DE IMAGENS

Imagem 01: Exemplo de santuário da religião <i>vodu</i>	179
Imagem 02: Dança Kompa.....	181

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
1 PROCESSOS MIGRATÓRIOS NO MUNDO CONTEMPORÂNEO: MARCOS REGULATÓRIOS E ORDENAMENTO JURÍDICO BRASILEIRO	28
1.1 A modernidade e os processos migratórios no mundo.....	30
1.2 A influência da globalização nos processos migratórios.....	52
1.3 Os organismos mundiais e as legislações brasileiras acerca do tema da migração.....	70
2 CULTURA CORPORAL DE MOVIMENTO E MIGRANTES INTERNACIONAIS	79
2.1 Contexto histórico e social da cultura corporal de movimento.....	81
2.2 A noção de cultura em distintas abordagens.....	104
2.2.1 Cultura Corporal de Movimento.....	111
3 CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRIA, CULTURAL E O FLUXO MIGRATÓRIO DO HAITI PARA O BRASIL	124
3.1 Contextualizando o Haiti.....	125
3.2 Fluxos migratórios do Haiti para o Brasil.....	131
3.3 Comunidade haitiana em Goiás.....	139
4 SENTIDOS ATRIBUÍDOS À CULTURA CORPORAL DE MOVIMENTO NA PERSPECTIVA DE IMIGRANTES DO HAITI	148
4.1 História de vida dos e das participantes.....	149
4.2 Entrevistas com imigrantes do Haiti: História de vida, educação e cultura.....	156
4.3 Sentidos atribuídos à cultura corporal de movimento por imigrantes do Haiti.....	182
CONSIDERAÇÕES FINAIS	199
REFERÊNCIAS	209
APÊNDICES	222
ANEXOS	226

INTRODUÇÃO

O presente trabalho, cujo título é *Sentidos¹ atribuídos à Cultura Corporal de Movimento² na Comunidade Haitiana: Educação e Preservação Cultural nos Diferentes Espaços Sociais* é uma pesquisa realizada no curso de doutorado, do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Educação, da Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC-GO).

A pesquisa desenvolvida está inserida na linha de pesquisa Sociedade, Educação e Cultura, que compreende as investigações sobre a problematização dos aspectos sociais, culturais e históricos das práticas educativas, pressupondo a natureza multidimensional da educação para a produção do conhecimento pluridisciplinar. Integra o projeto de pesquisa “*Diversidade cultural e educação: estudos comparados e perspectivas*” e do subprojeto “*Diversidade cultural nas políticas e diretrizes educacionais, nacionais e internacionais*”, cujo objetivo é estudar comparativos das políticas e diretrizes nacionais e internacionais para a diversidade cultural.

Considerando pesquisar sobre as diversidades culturais e educacionais, nacionais e internacionais, o tema escolhido para ser investigado e compreender características gerais e específicas foram os fluxos migratórios contemporâneos, por estar acontecendo com volumes e frequências altas. O tema da migração tem chamado a atenção de diversos setores sociais, amplamente discutido pelos diferentes campos do conhecimento, por causa das particularidades com que vem acontecendo nos últimos tempos.

Dentre os fluxos migratórios que tem acontecido na atualidade, o que despertou o interesse para ser investigado na presente pesquisa foi a imigração haitiana com destino ao Brasil. O interesse despertado se deu em razão de que a migração de nacionais do Haiti foi considerada inédita por causa do alto fluxo de pessoas migrando

¹ A noção de sentido fundamenta-se na Sociologia Reflexiva de Pierre Bourdieu, no texto “Gostos de classes, e estilos de vidas” (BOURDIEU, 1983a).

² Cultura corporal de movimento é compreendida como uma área de conhecimentos que abrange uma parcela da cultura em geral, historicamente produzida nos planos materiais e simbólicos, por meio dos exercícios da motricidade humana (BETTI, 2005), praticadas nas formas das ginásticas, danças, lutas, esportes, jogos e brincadeiras. A escolha pelo termo se justifica pela investigação inserir-se na linha de pesquisa do PPGE-GO “Sociedade, Educação e Cultura”, e sob a perspectiva da Teoria de Bourdieu (1983a), ao considerar as subjetividades na relação com as condições objetivas, das estruturas sociais, às quais os agentes sociais estão inseridos.

ao mesmo tempo e por terem colocado o Brasil na rota da migração, além de outros motivos que são discutidos ao longo do trabalho.

Para desenvolver a investigação acerca do tema, dois pontos relevantes foram destacados para que a pesquisa pudesse iniciar-se: primeiro, o fato da pesquisadora ter formação acadêmica e profissional do curso superior de Educação Física e segundo, por estar inserida em um grupo de pesquisa, Educação e Migração, no qual os participantes realizam debates sobre variedades de assuntos relacionados com as temáticas.

A proposta foi aproximar o tema da migração com o campo da atuação profissional da pesquisadora e os temas frequentemente discutidos durante os encontros do grupo. O resultado considerado foi fazer a ligação entre a imigração de nacionais do Haiti com a cultura corporal de movimento, que se fundamenta em uma parcela da cultura, que foi construída ao longo do tempo e nos diferentes espaços sociais, nos planos materiais e simbólicos, desenvolvidas por meio das manifestações e práticas sociais das atividades corporais com relação ao movimento do corpo.

Para delimitar com precisão o objeto a ser estudado foram desenvolvidas pesquisas com base no Estado do Conhecimento, a fim de identificar a condição em que se encontra um determinado setor de publicações e os temas que estão sendo pesquisados (ROMANOWSKI; ENS, 2006). O estado do conhecimento é compreendido como identificação, registro e categorização capaz de levar à reflexão e síntese sobre as produções científicas de um campo do conhecimento, sobre um tema específico, de maneira que possa vir a contribuir com a elaboração de novos trabalhos científicos (MOROSINI; FERNANDES, 2014).

Neste trabalho, o Estado do Conhecimento foi elaborado entre os anos 2020³ e 2022 na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD, 2022), utilizando os seguintes descritores: migrantes, educação, educação física, cultura corporal de movimento e outras variações (SALES; CAVALCANTE, 2020; 2022).

³ Cabe destacar que no ano de 2020 foi o início da pandemia provocada pelo vírus Covid-19, e que teve duração, aproximadamente, nos dois anos posteriores (2020 a 2022). Por causa da pandemia, a orientação dos profissionais da saúde para com a população era o de adotar o distanciamento entre as pessoas, resultando no isolamento social e na diminuição de trabalhos e atividades em todos os setores sociais. O isolamento social influenciou o desenvolvimento da presente pesquisa, porque impossibilitou que as primeiras visitas à comunidade de imigrantes, em Goiás, fossem realizadas, por causa da recomendação para ficar em casa e evitar que o vírus fosse espalhado.

Após a realização do Estado do Conhecimento e das leituras das produções científicas, percebeu-se que os grandes números de nacionais do Haiti saindo do país ocorreu com predominância após um terremoto (2010) destruir boa parte das estruturas sociais, deixando muitos mortos e desabrigados. A destruição causada pelo terremoto associada com as crises e instabilidades sociais, de diversas ordens, contribuíram para o aumento das migrações, e acabou chamando a atenção do mundo.

O terremoto foi um marco representativo de elevados números de migrantes saindo do Haiti em direção a vários países do mundo, como Estados Unidos, Canadá e a Guiana Francesa. Os países citados são alvos de haitianos e haitianas para conseguir realizar as migrações. A meta para ir a essas nações faz vínculo com a economia, por possibilitar a entrada no mercado de trabalho, e a proximidade com as práticas culturais e costumes, como exemplo o idioma francês e inglês. Dessa forma, ao colocar o Brasil na rota das migrações de nacionais do Haiti foi considerado um fenômeno social novo.

Dentre os vários motivos que contribuem para que as pessoas migrem, uma das principais razões são as econômicas, para melhorar as condições de vida para si, dos familiares e amigos, que ficaram no país natal. Ao migrar, o migrante traça como objetivo conseguir emprego, uma vez que, ter o vencimento mensal é um dos principais meios para garantir moradia, alimentação e certa segurança. Além de possibilitar que rendas financeiras sejam enviadas para aqueles que ficam no país de origem.

No entanto, mesmo sendo um dos principais pontos, as razões econômicas não são as únicas motivações que preenchem os migrantes ao chegar no país de destino. Ao sair do país de origem, para qualquer direção do mundo, pessoas carregam consigo conhecimentos possíveis de serem traduzidos em rico patrimônio cultural, historicamente construído e compartilhado, consolidado em saberes típicos que os constituem, de maneira que são diferenciados de todas outras nações.

O patrimônio cultural do local no qual nasceram e foram educados é composto por um extenso universo simbólico, cheio de sentidos e significados, que ao mesmo tempo em que foi deixado para trás, também foi trazido, carregado, incorporado em si, no próprio corpo, influenciando todos os espaços percorridos durante a trajetória da migração até a chegada no destino final. Ao migrar, os migrantes espalham suas

práticas culturais pelos locais aos quais transitam, de passagem ou fixam residência, temporária ou permanente.

Os nacionais do Haiti carregam incorporados hábitos culturais, como o idioma, crenças religiosas, culinária, vestimenta, práticas sociais vinculadas com as atividades corporais de movimento, que os identificam enquanto cultura própria no mundo. Mesmo que os costumes se aproximem e exista semelhanças culturais com outras nações, o patrimônio cultural haitiano é particular e expressa a identidade cultural do povo.

Ao sair do território haitiano, os migrantes deixam para trás a própria cultura, ao mesmo tempo em que a carregam para outros espaços geográficos, na forma das expressões corporais, idiomas, vestimentas e várias práticas que os particularizam. Tal ponto, justifica a necessidade de conhecer a cultura do povo haitiano, na condição de ser migrante, por se tratar de questões de ordem humana, social e educacional.

Social porque, apesar de apresentar certa semelhança, as características da sociedade haitiana são diferentes da sociedade brasileira. As diferenças entre os povos podem, por causa da intolerância e de preconceitos, desencadear abusos, violências e comportamentos agressivos por parte dos nativos, por não conhecer e reconhecer o diferente, e por ir contra aquilo que está fora do padrão da sociedade à qual estão habituados, ou até mesmo agir de má fé.

Educacional porque é através da ampliação do conhecimento, da percepção e da compreensão de que as culturas são diferentes, que se possibilita que uma cultura possa relacionar e inter-relacionar socialmente com outras. Os processos educativos são vias capazes de possibilitar que a população brasileira venha a entender a presença de imigrantes de outros países vivendo no Brasil.

A imigração de nacionais do Haiti resgatou a memória da formação social do povo brasileiro desde o século XVI até a contemporaneidade. A complexa base que compõe a sociedade brasileira foi construída sob o alicerce da imigração e coabitação de diversos povos do mundo, pelos mais variados motivos, que foram desde a mão-de-obra de pessoas escravizadas até aqueles que quiseram vir morar no território brasileiro.

No século XXI, o fato da migração de nacionais do Haiti para o Brasil despertou a atenção de como alguns imigrantes são tratados na nação brasileira. A situação foi considerada o momento propício para refletir acerca de questões sobre o assunto, tais como a precariedade das políticas públicas, sociais, educacionais e culturais, a fim de

compreender como as relações humanas acontecem na atualidade com precisão. Além das necessidades de rever as legislações e documentos relacionados com o tema.

O campo da educação e da cultura tem realizado pesquisas sobre as migrações com objetivos que vão desde resolver problemas mais urgentes, esclarecer possibilidades para solucionar ou minimizar desafios e dificuldades de médio a longo prazo, até a mudança dos olhares e perspectivas com relação ao assunto, tanto da sociedade nativa quanto do próprio público que realiza o ato de migrar.

Dentre as tantas preocupações que existem após realizar o ato de migrar, uma das que sempre está presente nas pessoas que migram, consciente ou não, é com relação à preservação dos costumes, práticas educacionais e conservação da identidade cultural do país de origem.

Considerando que existem diferenças entre as duas nações, Haiti-Brasil, abre-se a possibilidade para aprofundar os conhecimentos e esclarecer a cultura do Haiti, imigrada para o Brasil. A parcela da cultura haitiana a ser investigada será aquela que é (re)produzida na forma das ginásticas, danças, lutas, jogos, brincadeiras e esportes, com a intenção de compreender a realidade das práticas sociais, educacionais e culturais que compõem a identidade de imigrantes do Haiti presentes no Brasil.

A fim de aprofundar a compreensão do tema da migração em relação à cultura corporal de movimento desenvolvida no Brasil, foram consultadas as obras acadêmicas de Alves (2011), Gouvêa (2011), Levien (2011), Quitzau (2016), Thomazelli (2017), Cividini (2018), Machado (2018) e Assmann (2019), bem como outras fontes relevantes. Essas leituras desempenharam um papel crucial ao esclarecer questões relacionadas ao tema em questão, ao mesmo tempo em que geraram novas perguntas. Além disso, essas leituras contribuíram para definir o objetivo geral e específico do estudo, bem como para auxiliar na construção da abordagem metodológica.

As dúvidas surgidas relacionaram-se com as razões e com os processos pelos quais os movimentos migratórios têm acontecido na atualidade; como aconteceram os processos das migrações de nacionais do Haiti para o Brasil; de que maneira o desenvolvimento das práticas, das ginásticas, danças, lutas, esportes, jogos e brincadeiras, compreendidas no termo da cultura corporal de movimento, foram construídas no território brasileiro por pessoas em situação de migração; o que

significa realizar tais práticas para pessoas em condições de ser/estar migrante em uma cultura diferente da cultura de origem.

Com base nessas reflexões, foi possível definir uma questão que norteou todo o desenvolvimento da pesquisa, a fim de esclarecer diferentes pontos que relacionam o tema da migração com a cultura corporal de movimento. A questão definida foi: qual o sentido atribuído à cultura corporal de movimento na perspectiva de imigrantes do Haiti como meio para preservar a cultura nos diferentes espaços sociais?

Com base na questão norteadora foi possível delimitar o objetivo geral da pesquisa definido em compreender o sentido atribuído à cultura corporal de movimento na perspectiva de imigrantes do Haiti como meio para preservação cultural e educacional nos diferentes espaços sociais. A partir do objetivo mais amplo, outras finalidades mais específicas também foram definidas, tais como: investigar os termos, os órgãos e as leis do ordenamento jurídico sobre a migração na contemporaneidade; entender o contexto histórico e social da construção da cultura corporal de movimento sob o olhar dos processos migratórios; aprofundar a compreensão acerca da migração de nacionais do Haiti para o Brasil, bem como a formação de uma comunidade haitiana em Goiás e analisar o lugar da cultura corporal de movimento como processo de constituição educacional e preservação cultural, na perspectiva de imigrantes do Haiti.

O início de pesquisa do presente trabalho, a constante busca pelo objeto e sujeitos a serem estudados, a sistematização da questão norteadora, os objetivos estabelecidos, assim como todo o percurso metodológico trilhado foram desenvolvidos com base na pesquisa de natureza qualitativa (CHIZZOTTI, 2003), sob o foco da Sociologia Reflexiva de Pierre Bourdieu (1989).

A pesquisa, cuja base é de natureza qualitativa, envolve as ciências humanas e sociais adotando métodos de investigações para encontrar os sentidos dos fenômenos e interpretar os significados que as pessoas dão a eles. Pessoas, fatos e locais são objetos das pesquisas qualitativas para extrair, interpretar e traduzir os significados visíveis e ocultos dos objetos em investigação (CHIZZOTTI, 2003).

As pesquisas qualitativas atribuem qualidade aos sentidos e significados das coisas e das pessoas, nas interações humanas e sociais, prescindindo das quantificações estatísticas, utilizando os mais variados métodos para realizar as investigações. Como exemplo podem ser citados a entrevista, a observação, o estudo de caso, os questionários, o documental, entre outros (CHIZZOTTI, 2003).

O percurso metodológico foi realizado sob o olhar da Sociologia Reflexiva desenvolvida pelo sociólogo francês Pierre Bourdieu, através da noção da Teoria da Prática. Bourdieu, sob a perspectiva da dialética, considerando importante os opostos, defendia que para compreender a real realidade dos objetos as pesquisas devem utilizar tanto a teoria quanto a prática.

Para Bourdieu (1989), a construção do objeto de estudo é uma parte que, normalmente, passa despercebida pelos pesquisadores, mas, que a ela deve ser destinada muita importância, pois é a partir da precisão da delimitação do objeto a ser estudado e definição dos objetivos que a ascensão da pesquisa estará fundamentada. A construção do objeto a ser estudado se torna uma parte essencial à investigação porque é dela que o sucesso da pesquisa dependerá.

Bourdieu (1989) apresentou que a pesquisa deve ser encarada como um ofício, ou seja, um trabalho que é laborioso e exaustivo. Deve realizar-se considerando alguns critérios como pensar de maneira relacional, colocar em dúvida todo conhecimento prévio sobre o objeto, de forma que novos olhares a partir de diferentes ângulos possam ser visitados para que outras interpretações sejam descobertas.

Dessa forma, o percurso metodológico foi construído a partir de duas formas de pesquisas: pela teoria, com a revisão de literatura e pela prática, utilizando a pesquisa de campo. Vale ressaltar que ambas não foram realizadas de maneira isoladas, pelo contrário, uma esteve presente no momento da outra, de forma que contribuíram com suas particularidades, uma auxiliando conforme o limite da outra.

Para as pesquisas teóricas foram utilizadas a revisão de literatura, que na visão de Severino (2016) é feita a partir de artigos, livros, teses e dissertações sobre as categorias investigadas, abrangendo as produções já tornadas públicas tendo por finalidade colocar o pesquisador em contato com o que já foi publicado. Além das produções acadêmicas científicas, também podem ser analisados documentos de legislações nacional e internacional, a fim de administrar as informações perante a legalidade jurídica (SEVERINO, 2016).

Para que a pesquisa de campo pudesse ser realizada foi necessário submeter o projeto ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), uma vez que a coleta dos dados iria ser feita a partir da intervenção com seres humanos. O presente trabalho foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética, sob o protocolo gerado, cujo número é 60070622500000037. Toda a pesquisa foi desenvolvida de acordo com as Resoluções do Conselho Nacional de Saúde 466/12 e 510/16.

A escolha para realizar a pesquisa de campo foi o município de Aparecida de Goiânia, região metropolitana da capital do Estado de Goiás. A escolha pelo município se deu após a realização de um levantamento que constatou a existência de matrículas ativas de imigrantes do Haiti nas escolas. O resultado encontrado foi a presença de imigrantes de várias nacionalidades, como venezuelanos, colombianos e haitianos, matriculados em três unidades.

Dentre as três unidades encontradas, a escolhida foi uma escola municipal, que oferece a modalidade de Educação de Jovens e Adultos (EJA), por ter considerável número de matrículas ativas de nacionais do Haiti. As outras duas escolas têm imigrantes matriculados, mas são da faixa etária dos anos iniciais do Ensino Fundamental I da educação básica, compreendido do 1º ao 5º ano. Para alcançar o objetivo geral da presente pesquisa a escolha da escola é justificada por realizar-se com o público da EJA.

Após a aprovação do projeto pelo CEP/PUC-GO, em junho de 2022, foi iniciada a organização para realizar a pesquisa de campo na escola cujas matrículas de imigrantes estavam ativas. Ao final do mês de junho, as escolas encerraram as atividades, iniciaram o período das férias e retornaram as atividades no mês de agosto/2022. Nesse intervalo, a pesquisa continuou através da revisão de literatura com o objetivo de ampliar os conhecimentos acerca da migração e imigrantes no Brasil.

Com o retorno das aulas, houve o primeiro contato com a coordenação pedagógica da escola selecionada para dar início à pesquisa de campo. O primeiro contato objetivava organizar e planejar a melhor forma, horário, dia, para que as pesquisas fossem realizadas, a fim de não sobrecarregar a escola, professores, coordenação, e os próprios imigrantes. Além de evitar surpresas ou qualquer tipo de inconveniência.

Logo no primeiro contato, em conjunto com a confirmação da secretária da escola, a coordenação pedagógica informou que havia matrículas de imigrantes do Haiti ativas, mas que os imigrantes não estavam frequentando a unidade escolar. Informaram que estavam tentando entrar em contato com a comunidade haitiana localizada próxima à escola, cujos residentes eram os alunos que frequentavam as aulas, para compreender o porquê não renovaram ou não estavam frequentando a escola.

As respostas emitidas pela comunidade haitiana à coordenação pedagógica foram: alguns desistiram de frequentar a escola porque queriam o diploma de comprovação que falavam a Língua Portuguesa fluente para conseguir emprego e a escola não fornecia tal documento e porque muitos haitianas e haitianos haviam migrado para outros países, como os Estados Unidos e o Canadá, por causa das dificuldades encontradas no Brasil.

Houve, então, a busca pelo telefone social da comunidade haitiana para que fosse feito contato com os membros e dar continuidade à pesquisa. O primeiro contato foi com a pastora Linda, uma das responsáveis pela Associação Haitiana no Brasil (AHB). A pastora se prontificou em agendar uma reunião para conversar sobre a possibilidade de realizar a pesquisa. O horário e dia da reunião foi marcada pela pastora e ocorreu na sede da associação, que se trata da casa dela. A sede da associação está localizada próximo à igreja, que é outro ponto central de encontro dos imigrantes pertencentes à comunidade.

Na chegada à sede da comunidade, após as apresentações de ambas as partes, foi iniciada a conversa com explicações acerca da instituição de ensino à qual a pesquisadora representa, o motivo e os objetivos da pesquisa. A pastora fala e compreende bem a Língua Portuguesa, mas quando as explicações se encontravam no campo científico, em relação à cultura corporal de movimento, ela apresentou dificuldades de compreensão e como poderia ajudar no desenvolvimento da pesquisa.

Em meio às tentativas de comunicação, a pastora mencionou que o filho compunha um grupo de haitianos que tem interesse em desenvolver um projeto cultural entre Haiti-Brasil e que talvez pudesse ajudar. O projeto consistia na vontade, sem muitas delimitações de planejamento, do grupo em reunir pessoas, independente da nacionalidade, para comemorar o Dia das Crianças que se aproximava.

No momento em que a pastora tentava explicar sobre em que consistia o projeto do grupo, o filho apareceu na sede e pôde esclarecer do que se tratava, o que pretendiam e como iriam colocar em prática o projeto Dia das Crianças. O grupo tinha como objetivo lembrar momentos da infância da cultura haitiana; possibilitar a socialização da comunidade de imigrantes em um momento de festa diferente dos momentos quando estão reunidos na igreja; apresentar a cultura haitiana para brasileiros que tivessem interesse em participar, bem como experimentar práticas culturais do povo brasileiro.

Houve a troca de explicações sobre o motivo da presença da pesquisadora na sede da comunidade e a possibilidade de realizar a pesquisa de campo com os(as) imigrantes haitianos(as). O filho da pastora aceitou em participar da pesquisa, com algumas ressalvas a serem consideradas, e avisou que iria conversar com o restante do grupo para confirmar se os demais aceitariam participar da pesquisa de campo.

Os pontos a serem considerados, antes de aceitar e convidar o grupo a participar, foram que a pesquisa não estivesse envolvida com interesses políticos partidários, cuja intenção fosse receber doações em trocas de quaisquer tipos de favores e que fosse respeitada a cultura haitiana, uma vez que, em outros momentos já concederam entrevistas para outros pesquisadores, mas os interesses destes eram somente ganhar nota ou obter o diploma do curso ao qual pertenciam, objetivando as falas e verdades dos pertencentes da comunidade.

Cavalcanti *et al.* (2019) mencionaram as dificuldades que tiveram para continuar suas pesquisas ao tentarem se aproximar de imigrantes para participarem das entrevistas. Os principais motivos da hostilidade eram por causa das notícias destorcidas que as mídias costumavam apresentar ao reduzir o Haiti a um país de gente pobre e a falta de conhecimento e perguntas rasas que brasileiros já haviam feito aos imigrantes (por exemplo, saber se existe luz elétrica no Haiti). Alguns imigrantes relataram que os pesquisadores faziam as pesquisas, recebiam pelo trabalho, mas a vida para eles não mudava nada. Na fala dos autores, tais argumentos e reclamações se tornavam mais intensas quando o objeto de estudo das pesquisas relacionava os imigrantes do Haiti e o mercado de trabalho.

Com relação a entrar em contato com os demais integrantes do grupo, para confirmar se aceitariam participar ou não da pesquisa, a técnica se trata da bola de neve, ou *snowball*. Esta é uma técnica de investigação social que consiste em investigar uma população que está oculta, iniciando por um participante que indica novos participantes até que o objetivo seja alcançado. “É uma técnica de amostragem que utiliza cadeias de referências, uma espécie de rede” (BALDIN; MUNHOZ, 2011, p. 332).

Após esse primeiro contato, houve a troca de mensagens e ligações via aplicativo *Whatsapp* para entender melhor sobre o projeto do Dia das Crianças, ajudar a comunidade haitiana a realizá-lo e acertar aqueles que iriam participar da pesquisa, bem como combinar datas e locais para realização da pesquisa de campo com os imigrantes.

A fim de viabilizar a pesquisa de campo, foram conduzidos questionários e entrevistas individuais com os participantes, seguindo critérios pré-estabelecidos. Esses critérios incluíam: ser imigrante do Haiti, possuir habilidades de comunicação em Língua Portuguesa, residir em Aparecida de Goiânia, ter idade igual ou superior a 18 anos, além de demonstrar disponibilidade e interesse em participar do estudo.

Após os critérios estabelecidos terem sido cumpridos, foram aplicados os questionários e em seguida realizadas as entrevistas com sete imigrantes do Haiti. O questionário aplicado teve como objetivo levantar informações socioculturais sobre os participantes. É considerado um meio para coletar dados nas pesquisas científicas por possibilitar medir o que se deseja e obter respostas ao que está sendo investigado pelas mãos do próprio participante que o preenche. A vantagem do questionário é a autonomia que a pessoa tem para confiar em dar informações que em outros momentos não teria coragem (CERVO, 2002).

Após aplicar o questionário, foram realizadas as entrevistas, e mesmo que não seja a única, é um dos principais meios para coletar dados nas pesquisas qualitativas. Para Ludke e André, a entrevista gera “uma atmosfera de influência recíproca entre quem pergunta e quem responde” (1986, p. 33). As vantagens desta técnica, em relação às demais, é que permite captar de imediato a informação desejada sobre os entrevistados e vários tópicos, e permite tratar de informações pessoais, íntimas, assuntos complexos, com certo nível de aprofundamento mais satisfatório do que outras técnicas.

Durante as entrevistas é possível realizar correções, esclarecer o que gerou dúvidas, de forma que se obtenha a informação da maneira mais fidedigna com relação às falas do entrevistado e a realidade à qual está sendo investigada. Dessa forma, “a entrevista ganha vida ao se iniciar o diálogo entre o entrevistador e o entrevistado” (LUDKE; ANDRÉ, 1986, p. 34).

As entrevistas são necessárias quando se pretende obter informações acerca de práticas, valores e sistemas específicos de um espaço social. Quando bem realizadas, é possível aprofundar as perguntas de maneira que o entrevistado percebe e atribui significado à sua realidade. Duarte (2004) apresentou cinco critérios para realizar o que a autora considera ser uma boa entrevista: a) objetivos bem definidos; b) aprofundar sobre o assunto da pesquisa; c) absorver o roteiro da pesquisa; d) autoconfiança e e) um certo nível de informalidade, sem perder o rigor da pesquisa.

Considerando todas as vantagens que a entrevista oferece, é preciso entender que não é uma simples conversa (CERVO, 2002), mas um momento no qual o entrevistado confia informações pessoais – e até mesmo confidenciais – para o entrevistador que deve encarar, essa etapa da pesquisa, como um contrato de confiança. O entrevistador deve proteger os participantes, bem como suas informações, com bastante zelo, uma vez que são depoimentos de vidas particulares que se tornarão públicas (BOURDIEU, 2008).

A aplicação dos questionários e realização das entrevistas aconteceram em três espaços diferentes: na sede da associação, na igreja e na casa daqueles que participaram da pesquisa, quando assim preferiam. As entrevistas tiveram duração de aproximadamente uma hora cada. Todos os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) contendo as informações da pesquisa.

Tanto para o questionário quanto para a entrevista foram construídos instrumentos contendo perguntas fundamentadas nas categorias que seriam analisadas posteriormente: sobre a história de vida, educação, cultura e cultura corporal de movimento. Durante as pesquisas, as perguntas dos instrumentos foram devidamente seguidas. No entanto, quando houve a necessidade de flexibilizar ou acrescentar novas questões também foram realizadas, a fim de esclarecer dúvidas, os sentidos das respostas, ou confirmar o que havia sido compreendido com o que os participantes estavam tentando dizer.

Na elaboração dos instrumentos, do questionário e da entrevista, foi considerado que imigrantes do Haiti não conheciam o termo cultura corporal de movimento, o que impediria o desenvolvimento da pesquisa. Com a intenção de que a comunicação fosse estabelecida, foram utilizados os seguintes mecanismos: nos instrumentos foram utilizados os termos Educação Física, ginásticas, lutas, danças, esportes, jogos e brincadeiras; imagens dos termos e explicações verbais, quando foram necessárias.

Ao finalizar as entrevistas, os dados coletados na forma de respostas faladas foram transcritos e examinados sob a orientação da Análise do Discurso na perspectiva bourdiesiana. Para preservar a identidade de cada participante, os nomes foram mantidos em sigilo e usados nomes fantasias para fazer referência ao falante e à resposta emitida. Os nomes fantasias foram escolhidos, com base na cidade haitiana onde cada imigrante nasceu.

Diante da exposição da justificativa acerca dos temas escolhidos, apresentação da problemática que envolvem os assuntos, definição da questão norteadora da pesquisa, delimitação dos objetivos e da trajetória metodológica, bem como o recurso para analisar os dados coletados, a seguir serão apresentados, de maneira breve, os capítulos que compõem o corpo do texto.

O primeiro capítulo tem como título '*Processos migratórios no mundo contemporâneo: marcos regulatórios e ordenamento jurídico brasileiro*', cujo objetivo é investigar os termos, órgãos e leis do ordenamento jurídico sobre a migração na contemporaneidade.

No segundo capítulo, o título é '*Cultura corporal de movimento e migrantes internacionais*', e tem como objetivo entender o contexto histórico e social da construção da cultura corporal de movimento, sob o olhar dos processos migratórios como meio para preservar práticas culturais.

O terceiro capítulo tem como título '*Contextualização histórica, cultural e o fluxo migratório do Haiti para o Brasil*', teve como objetivo aprofundar a compreensão acerca da migração de nacionais do Haiti para o Brasil, bem como a formação de uma comunidade haitiana no Estado de Goiás.

O quarto capítulo tem como título '*Sentidos atribuídos à cultura corporal de movimento na perspectiva de imigrantes do Haiti*', com o objetivo de analisar o lugar da cultura corporal de movimento como processo de constituição educacional e preservação cultural, na perspectiva de imigrantes do Haiti.

O texto foi construído a partir dos dados coletados dos questionários e das entrevistas formando o perfil dos participantes da pesquisa. Foram realizadas as transcrições das falas dos entrevistados sobre a história de vida, o sentido que atribuem à educação, cultura e a cultura corporal de movimento. Para finalizar o capítulo foram realizadas as análises dos discursos das falas dos entrevistados com o que se encontra na literatura a fim de compreender os sentidos atribuídos à cultura corporal de movimento pela perspectiva de imigrantes do Haiti.

Por fim, são apresentadas as considerações finais, de acordo com o alinhamento entre os temas pesquisados, questão norteadora, objetivo geral, bem como os objetivos específicos e os resultados encontrados sobre o sentido que imigrantes do Haiti atribuem ao que foi denominado na presente tese de cultura corporal de movimento, conforme os conceitos utilizados através dos estudos culturais.

1 PROCESSOS MIGRATÓRIOS NO MUNDO CONTEMPORÂNEO: MARCOS REGULATÓRIOS E ORDENAMENTO JURÍDICO BRASILEIRO

O tema da migração tem sido bastante discutido pelos pesquisadores da atualidade por causa da frequência e particularidades que vem ocorrendo. Apesar de as particularidades caracterizarem o tema como um assunto inédito, o ato de migrar sempre esteve presente na história da humanidade, individual ou em grupo, independente do tempo, do espaço ou das mudanças que ocorrem nas sociedades. Portanto, a decisão ou a necessidade de deslocar é um ato tão natural quanto histórico, social e cultural.

A migração é algo natural porque faz parte da natureza humana estar em constante movimento e deslocamento. O ato de migrar é um fenômeno humano que deve ser compreendido como um direito de homens e mulheres poderem se deslocar, independente dos motivos que contribuíram para que a decisão fosse tomada. Ou seja, querer e/ou necessitar sair do local no qual residem para se instalar em outro lugar de preferência e/ou necessidade é um direito humano.

Mesmo sendo um fenômeno que sempre aconteceu na vida humana, a migração não foi realizada de maneira linear ao longo da história. Uma vez que, por ser percebida subsidiada por motivos que iam desde garantir a sobrevivência, em função de condições ambientais ou ataques naturais, até as constantes fugas, que foram desencadeadas por diferentes motivos, tais como questões políticas, religiosas, sociais e/ou culturais.

As primeiras civilizações migravam com o objetivo de manter a sobrevivência, individual ou do grupo, em busca de mantimentos, escapar de predadores, buscar abrigos por causa das condições climáticas, além de outros motivos. Porém com o passar do tempo, as características das migrações também foram sendo alteradas ao deixar de ser realizadas para suprir as necessidades básicas e passar a configurar exigências de ordem social e cultural.

Desta forma, a migração é vista como um ato social e cultural, porque a decisão ou a necessidade de migrar depende das condições objetivas geradas no contexto no qual cada pessoa ou grupo está inserido para que haja a possibilidade de concretizar o deslocamento. As condições objetivas de cada grupo social são específicas,

portanto, as relações que compõem a vida de cada pessoa são diferentes e mudam de sociedade para sociedade.

As diferenças que compõem as condições objetivas de cada sociedade estão fundamentadas nas características das estruturas sociais que fazem parte da vida de cada pessoa no interior da comunidade. Isso significa que as condições econômicas, políticas, geográficas, além de outros fatores, interferem se é possível ou não migrar, e na forma com que cada migração acontece.

Portanto, mesmo sendo um direito humano, tal fenômeno aconteceu de maneiras diferentes ao longo da história da humanidade e acontece de formas e situações diferentes na atualidade. As migrações atuais devem ser caracterizadas de acordo com a particularidade individual, de cada grupo social e determinação cultural.

O tema que já foi amplamente debatido, enquanto objeto de análises de vários campos do conhecimento, tais como a geografia, física, economia, relações internacionais, sociologia, entre outros, os avanços realizados através das discussões em eventos sociais e acadêmicos, os resultados de pesquisas científicas em conjunto com a elaboração de documentos e legislações concordam que a migração é um direito humano. No entanto, na prática, os acontecimentos têm demonstrado a complexidade e a dificuldade de encontrar soluções para resolver os problemas que envolvem o assunto, ou pelo menos minimizados.

Mesmo estando presente em todas as épocas e locais, como uma atividade natural do ser humano, e ter sido considerado um fenômeno histórico, social e cultural, as mudanças mais significativas que os processos migratórios sofreram, ocorreram a partir da era moderna. Em especial, após a ascensão do capital, da divisão do trabalho e do intenso desenvolvimento de um outro fenômeno denominado globalização.

A partir da modernidade, estruturas e funções sociais foram sofrendo alterações constantes a fim de atender às exigências que a nova ordem social ia estabelecendo para que as produções fossem devidamente cumpridas. Dentre as principais mudanças ocorridas, as mais significativas podem ser percebidas na alteração da percepção social com relação ao binômio tempo-espço.

Além das mudanças na percepção dos termos tempo e espaço, a própria noção de modernidade também sofreu alterações. O que provocou transformações na forma como as sociedades passaram a lidar com os próprios integrantes e com integrantes de outras sociedades. Tais mudanças interferem na maneira como foram e estão

sendo realizadas as migrações, bem como na forma com que as pessoas são tratadas ao chegar nos locais de destino.

A alteração na percepção de termos considerados indispensáveis para a vida social tem desencadeado consideráveis números de fluxos migratórios, que vem acontecendo em condições questionáveis, pela perspectiva humanitária, chamando a atenção de toda a população mundial. Para compreender melhor a situação, será discutido o fenômeno da migração a partir da modernidade e na sociedade globalizada. Em seguida, serão expostos os organismos mundiais responsáveis pelo tema, bem como as legislações nacionais que tratava e tratam das migrações para o território brasileiro.

1.1 A modernidade e os processos migratórios no mundo

De acordo com Cambi (1999), a era moderna, ou modernidade, teve início a partir do século XVI, quando a Europa iniciou o rompimento com os pensamentos medievais de caráter religiosos para se pretender, econômica e politicamente, laica. Os principais fatores que inicialmente caracterizaram o período foram a racionalidade e o progresso.

A razão passou a ser considerada como a fonte absoluta para explicar os acontecimentos, tanto naturais quanto sociais, legitimando as formas de conhecimentos fundamentadas nas ciências aplicadas (matemática, física, biologia, etc.). Foi com base nos conhecimentos científicos que as sociedades modernas passaram a ser moldadas e os valores reconfigurados sob a narrativa do progresso.

O progresso esteve fundamentado nas expectativas e discursos com relação às novidades e aos inúmeros benefícios que a modernidade traria para melhorar as condições de vida de toda a sociedade. De fato, foi a partir da era moderna, com auxílio da razão e das ciências aplicadas, que os avanços tecnológicos e as grandes construções, tanto na quantidade quanto na qualidade, apresentaram progressos inquestionáveis, em diversas áreas sociais, tais como medicina, construções civis, entre outras.

Os discursos com base na narrativa do progresso geraram expectativas em todos os membros da sociedade na mesma proporção, independentemente da posição social à qual cada um ocupava. Da mesma forma que as expectativas para ver o progresso concretizado alcançaram a todos, a crença de que toda a sociedade

iria aproveitar os benefícios advindos dos avanços tecnológicos, também se fez presente. No entanto, na prática, a relação entre trabalhar e aproveitar os benefícios anunciados pelo discurso do progresso não alcançou a todos.

A era moderna está intrinsecamente associada com os termos de crise e revolução, e a tudo que seus significados induzem. Por um lado, as novidades e promessas de desenvolvimentos e benefícios, e, por outro lado, os conflitos e crises que foram desencadeados em razão do anseio pelas conquistas e o não aproveitamento por todos que participaram dos processos de construção da era moderna. Tal período é compreendido como a era das revoluções em todos os sentidos: geográfico, político, econômico, cultural, educacional etc. (CAMBI, 1999).

No campo geográfico houve expansão das navegações marítimas descobrindo outros territórios e permitindo novas colonizações. Na economia, a passagem do sistema feudal baseado na agricultura para o sistema capitalista, baseado na mercadoria, produção e lucro financeiro. Na política, a criação do Estado-nação centralizando o exercício do poder a fim de distribuir recursos para toda a sociedade (CAMBI, 1999).

Na cultura as mudanças ficaram a cargo de alterar a mentalidade da sociedade para ainda ter a crença no ser divino, mas fortalecer a racionalidade e a laicidade. No campo social, foi afirmando-se uma nova classe, a burguesia⁴, capaz de ditar ordens para expandir cada vez mais os avanços modernos conforme os interesses do sistema capitalista (CAMBI, 1999).

As maiores e mais inéditas revoluções modernas foram a Revolução Burguesa (ou Francesa) e a Revolução Industrial. A Revolução Burguesa, ficou convencionalmente conhecida como o evento responsável pela eliminação da mentalidade pautada nas conotações medievais, assumindo como principais características a consolidação da burguesia no poder e o dinamismo social, cultural e político para a expansão do sistema capitalista (COGGIOLA, 2013).

A Revolução Francesa travou suas lutas no campo da política, eliminando as roupagens religiosas, combatendo a nobreza e consolidando a voz da burguesia. Os ideais da Revolução Francesa foram baseados em três princípios, o da liberdade, igualdade e da fraternidade, sintetizando o pensamento iluminista liberal, defendendo que

⁴ “Burguesia significa a classe dos capitalistas modernos, proprietários dos meios de produção social e empregados assalariados” (MARX; ENGELS, 1998, p. 9).

todos eram iguais juridicamente, porém na prática ainda valiam as distinções nos níveis sociais e econômicos (COGGIOLA, 2013).

Esse dinamismo sociopolítico contribuiu para que o sistema capitalista viesse a vigorar, desencadeando o que ficou conhecido como Revolução Industrial. Sempre houve atividades industriais, porém a visão, as práticas industriais no sentido racional e econômico, e o uso de maquinários para substituir⁵ o trabalho humano pesado são realidades a partir da modernidade (SANTOS, 2011).

A Revolução Industrial forneceu suporte para que as grandes transformações econômicas se concretizassem em toda a Europa. As mudanças caracterizaram o rápido processo de industrialização, configurando as zonas urbanas sociais como centros comerciais, o nascimento das fábricas, da produção em larga escala e das explosões demográficas etc. (CAMBI, 1999).

Foi, principalmente, o desenrolar dos acontecimentos oriundos da dupla revolução que possibilitou as configurações das grandes transformações dos modos de vida sociais europeus, e mundial. As mudanças estavam subsidiadas nos discursos e promessas de que as fábricas, os avanços tecnológicos da época e o novo modelo econômico trariam facilidades, riquezas e melhorias para todos.

Os desenvolvimentos resultantes das revoluções, dos avanços tecnológicos, das grandes explorações, das construções, do funcionamento das indústrias, das descobertas científicas do mundo físico e biológico, do controle da natureza, além de outros fatos, foram cada vez mais consolidando e mostrando feitos nunca antes presenciados no mundo. A modernidade apresentou construções que surpreendeu a criatividade e a capacidade humana de controlar e ultrapassar os limites naturais e culturais que até então eram desconhecidos.

Portanto, é inegável e indiscutível os avanços proporcionados pela modernidade para a vida humana. No entanto, algumas reflexões podem ser desenvolvidas quando é proposto analisar a era moderna, seus discursos, as ações realizadas, os alcances dos benefícios e melhorias e os resultados provocados na vida social.

As narrativas, cujas promessas estavam fundamentadas em prol dos progressos oriundos dos avanços tecnológicos modernos para levar as melhorias,

⁵ Utensílios e maquinários sempre estiveram presentes nas atividades laborais, mas executavam funções para ajudar, e não para substituir os trabalhadores, como visto na era moderna (SANTOS, 2011).

alcançaram a todos. Os discursos ideológicos propagados pelos meios de comunicação despertaram o sentimento e alimentou cada vez mais as vontades, pessoais e sociais, para uma vida moderna.

Aqueles que pertenciam às camadas sociais superiores obtiveram o retorno das ações do trabalho que desenvolveram, recebendo as melhorias esperadas. Porém, quando as análises são realizadas pela posição daqueles que ocupavam as camadas sociais mais baixas, os resultados percebidos não eram os mesmos (HOBBSAWM, 1979).

Na prática, os benefícios não alcançavam toda a população, de maneira que a maior parte dos grupos sociais ficavam excluídos de participar das vantagens concretizadas que a era moderna anunciava e apresentava. A relação entre o que havia sido prometido com o que havia sido alcançado não foi cumprido, porque não alcançou toda a população.

Além de não cumprir com o que havia sido prometido, os grupos sociais beneficiados, configurados em números menores de pessoas, não aceitaram perder os privilégios acumulados ao longo dos processos das produções. A recusa em perder os privilégios em conjunto com a revolta daqueles que foram excluídos de receber os benefícios modernos desencadearam crises e conflitos sociais.

À medida em que os conflitos civis e políticos na era moderna foram intensificados houve o agravamento dos problemas sociais e econômicos, como a pobreza, desemprego, violência, para a maior parte da população, contribuindo para o consideravelmente aumento das desigualdades sociais. O aumento das desigualdades em meio às sociedades, dificultando a vida em alguns locais, provocaram ainda mais os deslocamentos humanos.

Desde seu início, a modernidade ficou marcada como a era dos grandes deslocamentos humanos. No entanto, o deslocamento dos grandes números de populações foram se tornando cada vez mais inéditos, complexos e contraditórios. A contradição pode ser percebida quando são analisadas duas realidades diferentes.

Por um lado, a vida moderna provocou o deslocamento de pessoas das zonas rurais para as zonas urbanas, intensificando a concentração de povos residindo nas regiões centrais e comerciais, com a esperança de encontrar melhores condições de vida ou receber os benefícios da era moderna. Essas migrações foram comuns durante os séculos XVII e XVIII, quando grandes contingentes de pessoas migravam

para os centros urbanos por ouvir falar da ascensão dos progressos sociais, econômicos e das grandes construções e oportunidades.

A intensificação das crises contemporâneas está intrinsecamente ligada às concentrações populacionais nos centros urbanos, resultado do atrativo proporcionado pelos avanços modernos. Tal fenômeno desencadeou um movimento inverso, caracterizado pela migração em massa das áreas urbanas para outros espaços, tanto dentro da mesma região quanto em diferentes continentes. A compreensão dessas migrações pode ser observada nos comportamentos sociais das colônias europeias que se deslocaram durante os séculos XIX e XX, especialmente em direção aos continentes americanos, abrangendo tanto o Norte quanto o Sul.

Quando analisada de maneira ampla, a modernidade pode ser compreendida como um período seletivo, ambíguo, trágico e problemático. Seletivo e ambíguo porque não conseguiu cumprir com as promessas feitas de que os benefícios alcançariam a toda a população. Trágico e problemático porque foi o período em que ocorreram os maiores conflitos e guerras de proporções mundiais. Foi na era moderna que a humanidade conheceu a potência promovida pela capacidade do ser humano em nome do progresso, sem medidas.

A modernidade apresentou características pontuais que foram desenvolvidas ao longo dos séculos, capazes de a diferenciar dos demais períodos históricos. No entanto, seus eventos não aconteceram de maneira linear e homogênea, uma vez que as constantes mudanças foram alterando noções e concepções de acordo com as práticas sociais.

Por se tratar de um período cujas transformações são dinâmicas e profundas, complexas de compreensão, estudiosos têm se debruçado em analisar a modernidade e emitido diferentes visões sobre o assunto. Um dos autores pesquisado para apresentar as discussões acerca da modernidade e esclarecer como ela tem influenciado as condições com que acontecem os fluxos migratórios, foi o sociólogo Bauman⁶, que estudou como as relações humanas se desenvolveram ao longo do

⁶ Zygmunt Bauman (1925-2017) experimentou a condição de migrante. Nasceu na Polônia durante a II Guerra Mundial e precisou fugir para a União Soviética, por causa da invasão dos nazistas ao seu país. Após a guerra, retornou para a Polônia e tentou conciliar o serviço militar com os estudos acadêmicos. No entanto, na década de 1950, expôs seus pensamentos provocando mal-estar no governo polonês. Foi perseguido pelo país de origem, o que o fez migrar em definitivo para a Inglaterra (BAUMAN, 2005b).

referido período. Os conceitos estudados por Bauman e explorados no presente texto foram os de modernidade sólida e líquida, tempo, espaço, liberdade e história.

Ao discutir a modernidade, Bauman (2001) apresentou sua visão a partir de dois termos distintos: modernidade sólida e modernidade líquida. Ambos os conceitos são entendidos como um conjunto de relações que explicam o período moderno, de maneira que tais explicações perpassam, principalmente, pelas alterações das percepções do binômio tempo-espaço.

O espaço já foi considerado como tudo aquilo que era sólido, conquistado, seguro, que estabelecia limites e proporcionava demarcações. No entanto, após o desenvolvimento das mudanças sociais passou a ser compreendido como aquilo que limita, impede, que precisa ser superado e dominado o mais rápido possível.

Assim como o espaço, a noção de tempo também foi alterada desde o começo e durante todo o desenvolvimento do período moderno. De início se arrastava sem muita relevância chegando a não ser percebido, mas ao longo das mudanças sociais passou a sofrer alteração quando começou a representar a velocidade com que os eventos precisavam acontecer.

A velocidade passou a ser um fator determinante para identificar quais as distâncias deveriam ser percorridas e conquistadas para que os acontecimentos pudessem ocorrer com fluidez e dinamicidade. O tempo deixou de ter como função o simples deslocamento de corpos físicos percorrendo o espaço e passou a marcar um dos pressupostos do progresso, a relação entre o desempenho instantâneo e a realização do transporte das informações.

A mudança na percepção do tempo, os marcadores do progresso em nome da velocidade, dos avanços tecnológicos e da qualidade com que funcionam provocaram, de volta, a alteração da noção do espaço. O espaço passou a ser compreendido como um obstáculo que precisava ser superado, para que a soberania de um grupo estivesse garantida, através do poder. Para aplicar poder e garantir a soberania já não seria mais necessário atravessar quilômetros de distância. Bastaria acionar um dispositivo eletrônico e, se houver barreiras, a orientação é eliminar.

As alterações na compreensão de termos como tempo e espaço são tão complexas que mudam significativamente tanto as percepções quanto os comportamentos dos grupos sociais. Para esclarecer essas mudanças e complexidades, Bauman (2001) apresentou dois conceitos que caracterizam a(s) modernidade(s): a sólida e a líquida.

A modernidade sólida, como conceito preeminente, foi caracterizada por uma mentalidade que atribuía riqueza e poder à expansão territorial. A colonização e exploração de espaços eram vistas como meios de extrair recursos locais e levá-los aos centros comerciais, em nome do progresso do colonizador. Nesse contexto, a conquista de territórios exigia a demarcação clara dos mesmos, sendo que a noção de maior extensão territorial era considerada um símbolo de progresso (Bauman, 2001).

A lógica de controlar o espaço estava vinculada com a lógica de ter o controle do poder e a possibilidade de fixar raízes. A demarcação de um território representava segurança por estar dentro das fronteiras e pertencer a um grupo, ao passo que estar fora dos limites demarcados representava estar desprotegido e não pertencer à comunidade. Além de que fixar as raízes significava conservar as tradições passadas de geração para geração.

Enquanto que ao espaço eram destinadas as noções de conquistas e preservações, ao tempo não lhe eram designadas muitas funções, porque precisava permanecer rígido e uniforme, de maneira que, seu dinamismo precisa estar sempre controlado (BAUMAN, 2001).

No entanto, com o passar dos anos e com mudanças sempre ativas, dinâmicas e acontecendo com certa rapidez, a noção de fixar as raízes, conservar as tradições e os laços foram se diluindo com o passar do tempo, à medida em que as perspectivas de liberdades foram se expandindo. A partir da ampliação da noção de que novas experiências fossem possíveis através do ato de ser livre, a visão sobre a modernidade também foi mudada. A mudança permitiu visualizar com nitidez a definição do conceito de modernidade líquida. Apesar de, na prática, ele ser despreendido de formas.

Para compreender o conceito da modernidade líquida é fundamental entender a situação em que se encontra o sentido do termo liberdade, que também foi alterado ao longo do tempo e, portanto, provocou mudanças nos comportamentos sociais. A orientação é que os indivíduos são livres e responsáveis por si mesmos, podendo usar essa liberdade para fazer o que bem entenderem com a própria vida.

O problema é que adquirir essa tal liberdade sem medidas não é algo sem contrapartidas ou isenta das condições sociais à qual cada um está inserido. Bauman (2001) argumentou que o sentido do sentir-se livre para as pessoas têm estado

vinculado com o fato de não terem responsabilidades ou não serem impedidos de se movimentarem ou deslocarem.

Na visão de Bauman (2001), para que o conceito de liberdade seja efetivado depende que alguns fatores sejam colocados em prática. Os fatores a serem considerados são o nível da força motivacional da pessoa, associada à capacidade de agir, e as condições objetivas para que a ação tenha sucesso. E além dos fatores citados, a relação do nível de manipulação ao qual a pessoa está exposta no ambiente em que se encontra também define a condição de liberdade de cada um (BAUMAN, 2001).

Diante da exposição dos fatores acima citados, Bauman (2001) apontou que a condição de liberdade só deve ser considerada a partir da distinção entre, o que o autor chamou de liberdade objetiva e liberdade subjetiva. A liberdade subjetiva está vinculada com as vontades pessoais de cada um, ao passo que a liberdade objetiva está vinculada com as condições sociais possíveis em que a pessoa se encontra.

Nesse sentido, a liberdade individual depende das condições das estruturas sociais às quais cada pessoa está exposta, de maneira que ser livre deve estar associado ao equilíbrio entre o desejo e a possibilidade de agir. E para manter tal equilíbrio ou a pessoa diminui os desejos ou amplia as possibilidades para realizar as ações (BAUMAN, 2001).

O problema surge quando as pessoas não estão dispostas a assumir as responsabilidades sociais básicas por acreditarem que podem usufruir de uma liberdade plena idealizada e agir em condições isentas entre as causas e as consequências das próprias ações.

Na modernidade líquida alguns indivíduos têm utilizado discursos que atendem aos interesses particulares da minoria social à qual pertencem para conseguir exercer plenamente essa liberdade incondicional. Esses grupos se apropriam dos espaços públicos, ao mesmo tempo em que vêm privando a grande massa popular de ter possibilidades para fazer escolhas ou ter oportunidades.

Ter liberdade incondicional abre espaço para aqueles que detêm de mais recursos, de diferentes naturezas (econômicos, culturais, sociais), consigam assumir controles e apliquem as regras de acordo com os próprios interesses, que normalmente são antagônicos às aspirações da grande parte da população.

Para que indivíduos possam exercer a liberdade incondicional, sem responsabilidades e restrições, necessariamente outros grupos são privados de

liberdade e impedidos de poder fazer escolhas. Esses últimos assumem as responsabilidades das consequências que os primeiros provocam e se negam a assumir.

Essa ideia de liberdade plena é uma das características da modernidade líquida que vem ganhando relevância na atualidade, por estar associada a práticas em que as noções são fluidas, dinâmicas e que permitam que os eventos aconteçam com considerável velocidade e rapidez.

Marx e Engels (1998), no *Manifesto Comunista*, afirmam que a vida moderna da burguesia revoluciona todas as relações firmes, sólidas e antigas da sociedade, e todas as novas ideias são varridas antes mesmos de tomar corpo. “Tudo que é sólido desmanda-se no ar” (MARX; ENGELS, 1998, p. 14).

O propósito da revolução vai ao encontro de que os eventos não permaneçam estagnados, de que os gostos e ambições individuais possam ser realizados de imediato e que o mercado possa estar cada vez mais livre e desimpedido para expandir aquilo que se tornou realmente importante, o capital.

Bauman (2001) argumentou que o que dificulta que algumas pessoas e o capital possam ter essa liberdade incondicional são as tradições, crenças, lealdades, direitos e deveres humanos fortalecidos. Esse conjunto de fatores funciona como uma fonte de energia para manter barreiras ativas contra forças aleatórias, que são desconhecidas, conseguem atuar de maneira cada vez mais absoluta, nas diversas regiões do planeta.

As barreiras que fortalecem as tradições, crenças, lealdades, direitos e deveres, e dificulta o livre trânsito do capital são os laços humanos. Os laços humanos funcionam como amarras que conectam as pessoas às coisas, lugares, grupos, unindo-as para defender as práticas cotidianas que acontecem em suas regiões. Os laços humanos unem os membros dos grupos para que possam desenvolver projetos sociais baseados nas ações coletivas (BAUMAN, 2001).

Os constantes discursos fundamentados nos progressos econômicos e nos avanços tecnológicos têm cada vez mais enfraquecido os laços humanos, ao mesmo tempo que têm atizado práticas sociais tais como o individualismo e o nacionalismo. De maneira contraditória, o fortalecimento da noção de individualismo se volta para a ideia de defender a nação, ao reforçar o espírito patriótico que sempre é inculcado com base na natureza dos sentimentos expressados pela paixão por um ideal, simpatia, gentileza e alteridade. No entanto, esses sentimentos não são utilizados para com os

diferentes, os estrangeiros ou aqueles que expressam ideias contrárias daqueles que ditam as regras sociais.

Assim como o posicionamento de Bauman (2001), há um consenso de que desde o início da era moderna houve avanços que trouxeram inúmeros benefícios e facilidades para a vida humana. Mas, é imprudente negar que ao longo do tempo, a noção do moderno, do progresso e do desenvolvimento foram se tornando questionáveis por causa dos caminhos trilhados e das consequências resultantes dos acontecimentos.

Os resultados dos acontecimentos têm provocado alterações em termos fundamentais para vida e causado mudanças preocupantes na condição do ser humano. As significativas alterações em percepções indispensáveis para que a vida em sociedade aconteça estão sendo realizadas a qualquer preço ou ao custo de pessoas. Dentre os principais resultados possíveis de perceber nas mudanças sociais modernas, um dos que tem chamado a atenção do mundo são as migrações humanas, que têm acontecido de forma e em condições impactantes. O quadro 01 sintetiza o pensamento baumaniano:

Quadro 01: Modernidade sólida e líquida na relação com os termos tempo, espaço, liberdade e a história

Modernidade	Sólida	Líquida
Tempo	Rígido	Nulo
Espaço	Riqueza a ser conquistada	Obstáculo a ser superado
Liberdade	Criar raízes	Fluida e despreendida
História	Preservar o passado	Eliminar as tradições

Fonte: a autora (2022), com base na obra Modernidade Líquida (BAUMAN, 2001).

De maneira geral, além da modernidade ter provocado mudanças em termos como tempo, espaço e liberdade, outras noções também sofreram modificações, como por exemplo as necessidades humanas. Estas configuram-se através dos excessos de produções, frequência do consumo sem restrição, na mesma proporção e velocidade em que os produtos são usados e descartados. A lógica do uso e descarte dos produtos tem se estendido e sido adotada na relação com pessoas e grupos.

O comportamento com base no uso e descarte é um efeito colateral da construção social em nome dos progressos econômicos e do desenvolvimento da globalização (BAUMAN, 2005a). Dentre os grupos sociais que frequentemente são

usados e descartados estão presentes as pessoas em condições de migração, considerados indesejados, mas que devem ser tolerados.

Os principais migrantes usados e descartados são aqueles que migram em busca de melhores condições de vida para si e para seus familiares, refugiados, solicitantes de asilo, além de outros em condições semelhantes. Tais grupos são usados para ocupar as funções e posições sociais vistas como indesejadas ou dispensadas pelos nativos, mas que necessitam serem preenchidas por alguém para que a manutenção do curso da ordem social seja mantida.

Em contrapartida, são regularmente noticiados como terroristas ou associados a atos de origem criminosa por serem alvos mais fáceis e que melhor se ajustam para serem identificados como perigosos e não-confiáveis. Uma vez que, como são representados para os nativos como os desconhecidos, favorece aos governos utilizarem a situação como forma de executar práticas de segurança, mostrar trabalho para defender a nação, afirmar a soberania e receber a gratidão da população nativa, sob a ilusão de estarem seguros.

A vulnerabilidade e a incerteza da presença dos desconhecidos em uma comunidade são infladas para manter ativo o medo das pessoas e utilizadas como mecanismos de controle social pela submissão e obediência. “Sem a vulnerabilidade e a incerteza não haveria medo. E sem medo, não haveria poder” (BAUMAN, 2005a, p. 63).

A incerteza é um produto da globalização que os soberanos não conseguem evitar ou eliminar, além de ser um dos fatores que provocam as angústias e ansiedades causadas em decorrência dos problemas sociais que estão sendo acentuados na vida moderna (BAUMAN, 2005a). O fato de não ter controle sob as incertezas acabam projetando-a em situações configuradas com o medo, com o objetivo de demonstrar, pela via da ilusão, a capacidade de que as sociedades estão sendo controladas.

“Centenas de milhares de pessoas são expulsas de seus lares, assassinadas ou forçadas a fugir o mais depressa possível para fora das fronteiras de seus países” (BAUMAN, 2005a, p. 92). Ao sair de suas fronteiras, por qualquer que seja o motivo, os migrantes são colocados duplamente em situações geradoras de incertezas.

Por um lado, são considerados estranhos pelos nativos dos locais aos quais percorrem a trajetória da migração, uma vez que, esse estranhamento é causado porque um não reconhece a cultura do outro. Por outro lado, as incertezas passam a

fazer parte da realidade da pessoa que migra, desde o momento em que a decisão de partir é tomada, porque não sabem o que irão encontrar durante toda a trajetória percorrida.

O estranhamento, por parte dos nativos, é sentido pelo migrante ao perceber que houve a perda de sua identidade ao não ser reconhecido como pertencente a lugar nenhum. A perda da identidade tira do migrante o direito a ser cidadão e os meios para reivindicar seus direitos civis, passa a ser reconhecido como um fora da lei e não recebe o apoio das autoridades que deveriam responsabilizar-se por sua vida.

Portanto, perde o direito a ser protegido pelas duas nações, tanto a de origem, pela ausência, quanto a de destino, pelo não pertencimento. Além da perda da identidade, na situação da migração ainda se faz presente a perda da noção se são seres permanentes ou transitórios, se continuam a caminhar ou se fixam em um local. Assim mais uma vez, existe a presença da incerteza.

As situações de incertezas, perda da cidadania e a crise na identidade foram experimentadas pelo próprio Bauman. Bauman (2005b) viveu a condição da migração e compreendeu a complexidade da situação quando percebeu que não tinha mais a cidadania polonesa, por ter sido expulso do país natal após expor seus pensamentos críticos ao governo polonês, e quando percebeu que estava imigrado na Inglaterra, o país que o acolheu como cidadão, mas que não se reconhecia como um inglês.

O sociólogo experimentou a posição de ser uma pessoa indesejada pela própria nação de origem, ao mesmo tempo que teve que lidar com sua própria identidade questionada. Bauman (2005b) revelou a crise na identidade quando levantou a questão se era um polonês, por ter nascido na Polônia, ou se era um inglês por ter sido acolhido pela Inglaterra.

Diante da experiência de vida, da situação de incerteza e da identidade questionada, Bauman (2005b) afirmou que às comunidades são destinadas a função de entidades definidoras da identidade individual e do grupo configurada a partir de dois pontos: como comunidade de vida e comunidade de ideias.

A definição do termo comunidade, para a maioria das pessoas, é um fenômeno de duas faces completamente opostas (BAUMAN, 2005b). Em uma face se encontra uma alternativa para a segurança física, tranquilidade e paz para aqueles que se sentem inseguros e confusos por causa das instabilidades geradas pelo mundo moderno. Na outra face, se encontra as exigências da lealdade absoluta e obediência

às regras impostas pela comunidade, compreendidas como uma prisão para aqueles que lutam pela possibilidade da liberdade de escolhas.

Quando alguém se torna privado de permanecer na comunidade de vida à qual nasceu, sua identidade passa a ser revelada e questionada, de maneira que, antes da exposição não fazia sentido questionar. Ter uma identidade em crise só faz sentido quando a pessoa tem outra opção. “Perguntar “quem você é” só faz sentido se você acredita que possa ser outra coisa além de você mesmo” (BAUMAN, 2005b, p. 25, grifos do autor).

Para Bauman (2005b), na modernidade atual, à medida em que as comunidades de ideias são expostas, as identidades acabam sendo questionadas e colocadas em crises gerando um palco constante de privações. Porém, de maneira contraditória, a comunidade de ideias só existe porque há uma variedade de ideias possíveis de serem evocadas, capaz de manter toda a comunidade unida em um mundo diversificado e policultural de formas de pensar.

Quando as comunidades de ideias são confrontadas ou não são aceitas nas comunidades de vida o mais provável a acontecer é o cidadão, ou o grupo, ser de alguma forma retirado do meio. Sair do meio significa precisar migrar para outros locais e procurar fazer parte de outra comunidade, da qual, normalmente, não se reconhece ou não se sente pertencente.

O ato do deslocamento não é uma realização tão simples quanto parece, uma vez que, mesmo quando é aceito e bem acolhido em um outro grupo, o sentimento de pertencimento pode não se fazer presente e a identidade pode estar em crise. Estar deslocado revela ser uma experiência desconfortável que sempre tem algo a esconder ou a negociar (BAUMAN, 2005b).

Com efeito, é possível ter em mente que a ideia da identidade nasceu na crise do pertencimento e no esforço de recriar uma realidade conforme a semelhança das ideias entre o ‘deve ser’ e o que realmente ‘se é’. A identidade não é algo que se desenvolveu naturalmente com o ser humano, mas algo que foi criado para concretizar uma realidade imaginada como necessária com certas doses de coerção. Na visão de Bauman (2005b), essa coerção é algo forçado e obrigatório para pertencer a um espaço delimitado, que garante a soberania do Estado.

Portanto, a identidade e o pertencimento a um grupo não são fatores naturais, imutáveis, pré-definidos, sólidos e garantidos por toda a vida das pessoas. Pelo contrário, manter firme o pertencimento e a identidade vinculada a uma comunidade

podem se tornar algo negociado e revogado dependendo da forma como as pessoas pensam, se comportam e trilham seus caminhos.

Para Bauman (2005b), as identidades flutuam no ar e são incorporadas nas pessoas a partir de duas formas. Uma é por escolha da própria pessoa. A segunda faz referência às possibilidades que são lançadas para que sejam escolhidas. É necessário que cada um pratique habilidades que, diga-se de passagem, são difíceis de dominar, para enfrentar e defender que a segunda forma não se sobreponha de maneira dominante sobre a primeira.

A noção da identidade e do pertencimento são processos em progresso. A revelação de poder escolher a própria identidade é um processo recente do qual a modernidade não se importa em deixar à mostra. A função é de dividir tanto quanto, ou mais, une com o objetivo tanto de incluir quanto de segregar (BAUMAN, 2005b).

Enquanto a identidade era algo pré-definido e já estabelecido, atualmente funciona como uma tarefa cujos objetivos a serem alcançados são defender a escolha e construir identidade individualmente, e não mais no coletivo. Na construção é usada a lógica da racionalidade objetiva, ou seja, descobrir dentre os objetivos o que mais agrada, considerando os meios que se possui para alcançar os objetivos escolhidos (BAUMAN, 2005b).

A possibilidade de ter várias situações em que a identidade possa ser escolhida como uma tarefa foi anunciada como uma crise. A crise da identidade está relacionada com o argumento de que as identificações dos indivíduos já não são mais estáveis no mundo social.

A ideia da crise da identidade em conjunto com o argumento de que as identidades sociais já não são mais estáveis geraram pontos de discussões nos meios acadêmicos e científicos. As discussões provocaram novos olhares e argumentos diferentes para compreender o assunto na relação entre identidade e o tema da migração.

Além de Bauman, outro sociólogo que se debruçou sobre a relação entre a identidade e os processos migratórios, em especial na contemporaneidade, e apresentou uma outra forma de perceber a anunciada crise, foi Stuart Hall⁷. Ao realizar

⁷ Stuart Hall (1932-2014) nasceu e viveu até a adolescência em uma família de classe média-baixa na Jamaica, na América Central. Assim como Bauman, Hall também experimentou a condição de ser um migrante. Porém, as razões pelas quais cada um migrou foram diferentes. Stuart Hall na fase adulta imigrou para a Inglaterra sob o amparo da diáspora negra. Suas obras estão baseadas em suas experiências de vida, quando se dedicou a problematizar a noção do termo identidade e,

suas análises, Hall teve como foco a identidade da população negra⁸ caribenha na situação de migração, sob a perspectiva do campo da cultura.

Hall (2006a), através de seus estudos, propôs realizar uma análise acerca da ideia da suposta crise de identidade anunciada, defendida por Bauman. A análise foi feita na relação com a noção de identidade cultural, investigando as características e a direção que o movimento tem tomado, questionando o que se pretende ao enunciar uma 'crise de identidade' e quais acontecimentos a encetaram.

Para iniciar a discussão sobre o conceito de identidade, Hall (2006a) o faz a partir de três visões distintas: a iluminista, a sociológica e a pós-moderna. A iluminista é a identidade caracterizada na noção do 'eu', na razão, permanecendo estável ao longo da vida. A segunda é a identidade sociológica, construída enquanto ser social, na medida em que as interações entre as pessoas formam uns aos outros e a cultura na qual habitam. A partir das duas noções da identidade apresentadas, individual e sociológica, Hall (2006a) investigou a crise anunciada e apresentou a possibilidade de analisar a identidade a partir de uma terceira via, que o autor denominou de identidade pós-moderna.

A suposta crise está fundamentada sob a justificativa de que a identidade, que antes era sólida e estabilizada, agora estaria perdendo suas bases, tornando-se fragmentada e composta por múltiplas identidades resultantes dos fenômenos do mundo social atual. O argumento para a existência da crise está fundamentado no discurso de que a aquisição de múltiplas identificações acarreta na não-referência a algo, de maneira que essa multiplicidade pode resultar em formações mau-resolvidas, contraditórias e instáveis.

O que Bauman (2001) chamou de modernidade sólida e modernidade líquida, em Hall (2006a), respectivamente, é denominado como modernidade tradicional e modernidade tardia, ou pós-modernidade. A principal característica que Hall (2006a) utilizou para distinguir as sociedades tradicionais das sociedades pós-modernas é que, nessa última, as mudanças e transformações estão sempre acontecendo de maneira rápida e em constante movimento. Ou seja, a noção de tempo-espço, na visão do autor, também sofreu alterações nas sociedades pós-modernas.

consequentemente, a identidade cultural, ao pensar sobre os estudos culturais e analisar a representação destinada aos negros pelas imagens do capitalismo e do imperialismo britânico, em especial ao negro caribenho, em uma perspectiva crítica (HALL, 2006a; CASTRO, 2013).

⁸ Termo utilizado pelo próprio autor.

Dentre as características das sociedades pós-modernas, as sistematizadas e apresentadas por Hall (2006a) foram a noção de descontinuidade e as diferenças que produzem várias identidades.

A noção de descontinuidade se configura como um processo sem fim, de rupturas e fragmentações internas, que também pode ser compreendida como uma pluralidade de centros de poder ou um movimento em que forças atuam de maneira descentralizada. Não há um núcleo central nas sociedades pós-modernas, ou melhor, o centro pode estar em qualquer lugar configurando uma rede descentralizada onde o núcleo do poder também pode estar descentralizado, deslocado (HALL, 2006a).

Outra das características das sociedades pós-modernas são as diferenças que são atravessadas por diferentes divisões e antagonismos sociais produzindo uma variedade de diferentes identidades dos sujeitos. As diferentes identidades são articuladas de maneira parcial, pois as estruturas das identidades permanecem sempre abertas à novas possibilidades, o que possibilita o desenrolar histórico das identidades individuais e sociológicas. Essa noção configura a existência da identidade pós-moderna que é produzida na concepção de que não é fixa ou permanente, possibilitando a criação de novas identificações (HALL, 2006a).

Para esclarecer melhor sua teoria, Hall (2006a) apresentou um exemplo prático de uma situação que caracteriza a noção das identidades na pós-modernidade.

O exemplo é de um juiz negro, de visões políticas conservadoras, que foi indicado por um partido conservador para compor um lugar na cadeira da Suprema Corte estadunidense. O jogo era atrair os votantes conforme a ligação com a identidade do candidato para agradar tanto os eleitores negros e negras quanto os conservadores para ganhar a eleição. Mas, durante o processo eleitoral, uma ex-colega de trabalho do candidato o acusou de assédio sexual, o que provocou uma polêmica e resultou em uma polarização das opiniões públicas quanto à decisão de eleger ou não o então candidato para ocupar a posição de juiz (HALL, 2006a).

De maneira resumida, após a polêmica, a decisão dos eleitores ficaram estruturadas na seguinte configuração: homens e mulheres negros (as) ficaram divididos (as) entre os favoráveis à eleição do candidato, por causa da questão racial, e os contrários à eleição do candidato, por causa da questão sexista; os homens brancos também estavam divididos pelos mesmos motivos dos homens e mulheres negros (as); as mulheres brancas conservadoras apoiaram o juiz; ao contrário das

mulheres feministas que se posicionam contra a indicação do candidato para ocupar a cadeira da Suprema Corte estadunidense (HALL, 2006a).

No exemplo prático exposto por Hall (2006a), a questão central em relação a compreender a identidade pós-moderna deve ser analisada sob o foco do cruzamento e contradições das ligações dos eleitores e o então candidato, após a polêmica. A luta racial da sociedade civil negra, de anos, por ter um representante pertencendo à elite judiciária da referida nação foi colocada em questão ao apoiar ou não o então candidato para ocupar o cargo por causa das questões sexistas.

Dispensando a discussão acerca da polêmica, o que fica posto é que os interesses sociais já não são mais suficientes, com exclusividade, para defender as identidades. As identidades, agora, passaram a estar ligadas segundo a forma com que o outro é representado, podendo se aproximar ou repelir, de acordo com o ponto de referência e o contexto no qual foi gerada pelos interesses políticos. Esse processo é descrito por Hall (2006a) como a passagem de uma política de identidade para uma política da diferença.

A identidade na pós-modernidade configurou a noção de múltiplas identidades, o que levou Hall (2006a) a analisar a situação a partir do termo de identidade cultural na relação com o conceito de nação. As análises do autor foram iniciadas pela reflexão do que tem acontecido com as identidades culturais individuais e as identidades culturais das nações, por estarem sendo afetadas pelo complexo e veloz processo de mudanças, cada vez mais característicos da atualidade.

As culturas nacionais são as principais referências de identidade que as pessoas têm ao longo da vida. Na visão de Hall (2006a), essas referências não são evidências naturais que compõem os corpos individuais, uma vez que, precisam do auxílio de outros elementos para representar a tal naturalidade de cada pessoa. Os elementos necessários são da ordem das vestimentas, costumes, idiomas, comportamentos etc. “As identidades nacionais não são coisas com as quais nós nascemos, mas são formadas e transformadas no interior da representação” (HALL, 2006a, p. 48).

A partir dessa visão, a identidade nacional não é um dado natural, mas uma construção cultural que vai desde o nascimento e permanece presente durante toda a vida. Pertencer a uma nação significa ter direitos políticos e estar submetidos às legislações, participar de uma ideia e entender um conjunto de significados que fazem sentido no interior de um sistema de representação cultural em cada nação.

A noção de cultura nacional é um discurso representado através de símbolos que organizam as ações e as concepções cujos sentidos produzidos constroem as identidades e as memórias, conectando o passado com o presente e possibilitando o futuro. No interior de um sistema de representações, a ideia de nação é entendida como uma comunidade simbólica cuja dimensão desperta o sentimento de identidade e lealdade funcionando como uma estrutura de poder cultural para garantir o domínio sobre o ser nacional (HALL, 2006a).

Esse sistema simbólico entra em conflito quando outros sistemas simbólicos disputam o domínio do poder cultural em determinadas regiões das nações. Hall (2006a) citou como exemplo a tentativa de padronizações das práticas culturais no interior das regiões nacionais, pela via da alfabetização, da universalização de um idioma como dominante, além de outras formas.

As diferentes regiões nacionais que utilizam práticas e costumes distintos umas das outras têm tido suas identidades subordinadas às narrativas de sistemas simbólicos de culturas de outras nações, configurando situações que validam como verdade o imaginário da existência de identidade cultural nacional única e padronizada.

A realidade é que as culturas regionais e nacionais funcionam como sistemas de representações uniformes, mas na prática não são concretizadas de forma tão unificadas e homogêneas como é de interesse de alguns, uma vez que, nas diferentes regiões dos países, as culturas são produzidas pelas pessoas em interações coletivas e de acordo com as condições socioestruturais que são diferentes de um local a outro.

Como exemplo pode ser citado o Brasil, que é um país de tamanho continental, e que nas suas diferentes regiões (Sul, Sudeste, Centro, Norte e Nordeste) as pessoas possuem práticas culturais, clima, vegetações, histórias, estruturas sociais, além de outros fatores, tão distintos que o país pode ser referenciado pelo conceito de diferentes 'Brasíis'.

O Brasil é uma nação cuja cultura não é homogênea por vários motivos, tais como a imigração e a convivência de diferentes povos no território, o clima de uma região para outra, as práticas cotidianas e as construções reais de um local para outro, além de outros fatores, configurando culturas complexas e extremamente diversificadas. Portanto, existem diferentes identidades culturais no interior da nação brasileira.

A partir dessa noção, Hall (2006a) citou cinco aspectos que constroem as representações das identidades culturais das nações: narrativas construídas; origens, continuidade, tradições e intemporalidade; tradição inventada; mito funcional e o povo puro.

Ainda na linha dos exemplos, os cinco aspectos mencionados pelo autor podem ser percebidos quando se faz a análise da identidade cultural de uma nação como o Haiti. As *narrativas construídas* incansavelmente de ser um povo pobre; a ênfase dada por ser uma nação cuja cultura de *origem e tradição* é a africana; portanto, uma cultura menos valorizada por não ser descendente de um *povo puro*; as *tradições inventadas* sobre práticas consideradas demoníacas e um povo rebelde por não se subordinar aos colonizadores e a construção do *mito funcional* de estar no imaginário do senso comum em não saber distinguir o que é real e o que é mito do povo haitiano.

A noção de identidade cultural nacional se encontra no campo do discurso. Deve ser pensada, não de forma unificada, mas como um dispositivo discursivo que representa a diferença como identidade ligada por diferenças internas através do exercício de diferentes formas de poder cultural (HALL, 2006a). Não há uma nação que seja composta por um único povo com práticas culturais homogêneas.

Esse dispositivo discursivo tem sido utilizado por nações dominantes na tentativa de sobrepor suas forças culturais em detrimento das nações consideradas menores (em termos de soberania política e cultural, e não no sentido territorial), deslocando as identidades culturais através do processo e das forças de mudanças do fenômeno denominado globalização.

A globalização, como processo, age em escala global conectando as comunidades e provocando alterações nas noções de aspectos que causam impactos consideráveis nas percepções das identidades culturais. Mais uma vez, dentre os termos que sofrem mudanças significativas causadas pela globalização, os que mais se destacam são as distorções no binômio tempo-espço na relação com a identidade cultural (HALL, 2006a).

A alteração da percepção do espaço-tempo impacta na aceleração dos processos globais e na noção de que o mundo seja menor do que realmente é. O espaço e tempo são as coordenadas básicas para representar a realidade do mundo, de forma que, se suas noções são alteradas os sistemas que representam as identidades também sofrem mudanças profundas.

Com base nessas mudanças, Hall (2006a) analisou três consequências que são constantemente anunciadas com relação aos impactos dos aspectos da globalização sobre as identidades culturais. A primeira consequência analisada foi a ideia de uma *homogeneização cultural*, que ao atravessar as fronteiras e alcançar a esfera global, vem desintegrando as identidades nacionais. A segunda consequência, como forma de resistência à globalização, as identidades das culturas locais são *reforçadas*. E a terceira consequência é o surgimento de *novas* identidades nacionais.

A análise do autor, com relação à primeira consequência anunciada, é de que o processo da globalização tem afetado os laços de identificação das culturas locais em função da expansão da cultura global através da intensificação do consumismo, seja ele real ou imaginário. O fato é que existe uma disputa de força centrada na tensão exercida entre as identidades locais e globais (HALL, 2006a).

Continuando as análises, o autor considerou que há uma interação na força entre um ponto e o outro, e defendeu que dificilmente a cultura global eliminaria totalmente a cultura local. Argumentou ainda que o que acontece é uma resultante da relação entre as forças, configurando uma transformação caracterizada na construção de novas identificações globais e novas identificações locais (HALL, 2006a).

Não é preciso ir até a Ásia para provar culinárias específicas do continente asiático. A diversidade de culturas migradas nas diferentes capitais e regiões do globo terrestre é produzida por pessoas que saíram de seus países, carregando suas práticas culturais regionais e se encontram como migrantes em grandes centros globais. Para experimentar as iguarias asiáticas basta ir às grandes metrópoles ocidentais como Nova York, Paris, Londres, São Paulo e outras.

Outro argumento exposto por Hall (2006a) confronta a ideia da efetividade da homogeneidade global das identidades. Para o autor, a globalização exerce força de maneira desigual nos diferentes territórios do mundo. A força da globalização, por não ser igual em todos os locais, afeta mais alguns pontos regionais do que em outros. O Ocidente tem sido mais atingido do que o resto do Globo Terrestre.

O fenômeno da migração, com características particulares produzidas da vida moderna, é um dos resultados da globalização que tem transformado as identidades culturais de maneiras diferentes, nos mais diversos pontos do planeta. Por isso, a visão de Hall (2006a) confronta com a ideia de homogeneização da identidade cultural.

Apesar de não concordar com a noção de homogeneização da identidade cultural, Hall (2006a) entendeu que o tema da migração deve ser considerado preocupante por causa de como os processos da globalização o tem afetado. Os altos fluxos de migrantes que saem de seus países em direção aos grandes centros comerciais do mundo, orientados pelos discursos das facilidades da vida moderna e seduzidos pelo *glamour* do capital, vêm crescendo em grande escala.

A realidade entre o que é dito e escutado nos discursos e o que de fato acontece depois da decisão da partida, durante a trajetória da viagem e na chegada ao local de destino, na maior parte das vezes não é encontrado pelo migrante. O encanto do capital, as facilidades da era moderna ou as oportunidades anunciadas nos mais diversos meios de comunicação se tornam distantes do que os migrantes encontram na realidade.

A migração é uma possibilidade vista como melhora de vida e ascensão social, fundamentada nas promessas ilusórias da facilidade do consumo global, na meritocracia individual e na romantização do capital. O problema é que as promessas não anunciam todos os lados e as possibilidades que permeiam as trajetórias migratórias. Ou seja, além de que alguns pontos do devir, durante a migração, não serem totalmente esclarecidos, ainda há as distorções causadas nas percepções da realidade daqueles que sempre foram locais.

O migrante ao deixar o país de origem tende a se direcionar para países cujas identidades culturais se assemelham, como o mesmo idioma, costumes etc., como forma de primeira referência na busca do apoio para facilitar a migração. Os principais destinos a serem considerados são os países cujas culturas tiveram contato, proximidade e inter-relação.

Hall (2006a) mostrou que o movimento de colonização possibilitou ao colonizador deixar práticas específicas de identidade cultural na nação colonizada. E ao sair do país colonizado, o colonizador não sai simplesmente sem ter responsabilidades, uma vez que são deixadas para trás as consequências da conquista. Estas, tanto do território geográfico, são os migrantes que vão atrás dos conquistadores cobrar a inter-relação que mantiveram durante todo o período de exploração, de uma maneira ou de outra.

A exploração do território provoca, além da disseminação das práticas culturais dos colonizadores nas práticas cotidianas dos colonizados, o agravamento dos problemas sociais, tais como fome, miséria, seca, destruições, guerras civis, crises políticas e

dificuldades nas condições para gerar as melhorias. Os problemas sociais, causados pela exploração, obrigam os nativos a iniciar os complexos fluxos migratórios acreditando que na terra do colonizador as situações são propícias para melhorar de vida.

Ao chegar aos países de destino, os migrantes nem sempre são recebidos da maneira como imaginaram, o que gera o despertar do sentimento de choque cultural. O choque das práticas culturais entre os nativos e o migrante causa estranheza, dificultando a compreensão dos recém-chegados das representações dos sistemas simbólicos que constituem as identidades culturais. O choque de compreensão pode vir a provocar tanto uma ampliação no campo das identidades, aumentando-as, quanto uma polarização entre as identidades envolvidas.

A ideia da polarização é um processo que se configura na criação de grupos específicos, entre migrantes e nativos, justificando a segunda e a terceira consequências do impacto da globalização nas identidades culturais das nações. A segunda, o *fortalecimento* das identidades locais, mas por causa das inter-relações, que são inevitáveis, e a terceira, a *produção de novas* identidades (HALL, 2006a).

Sem conclusões fechadas, Hall (2006a) considerou que a globalização tem o efeito de descentralizar as identidades das culturas nacionais, mas no sentido de pluralizá-las. O sentido de pluralização é um tema que precisa esclarecer melhor os efeitos que os deslocamentos humanos provocam nas identidades culturais, nacionais e individuais, de acordo com as particularidades com que ocorrem. Os efeitos provocados são colocados entre dois polos distintos, que o próprio autor menciona: a tradição e a tradução.

De maneira breve, a concepção de Hall (2006a) com relação aos termos é que a tradição é configurada pela noção de fixar raízes históricas e culturais, e a tradução é caracterizada pela noção de identidades culturais livres, não fixas, mas produtos dos cruzamentos e misturas de várias culturas. Os dois termos se configuram como vias relevantes para que futuras pesquisas possam ser realizadas a fim de esclarecer pontos que ainda se encontram sem explicações na relação entre identidade cultural e os fluxos migratórios na pós-modernidade. O Quadro 02 apresenta um resumo do pensamento até aqui exposto:

Quadro 02: Relação entre os termos modernidade, identidade e migração, na perspectiva dos dois autores

	BAUMAN	HALL
Modernidade Atual	Líquida	Pós-modernidade
Identidade	Em crise e fragmentada	Plural e múltiplas
Migração/Identidade	Crise na identidade	Novas Identificações

Fonte: Quadro elaborado pela autora (2023), com base nos livros Bauman (2005b) e Hall (2006).

1.2 A influência da globalização nos processos migratórios

Dentre os vários motivos que contribuíram para caracterizar o cenário em que se encontram as migrações no mundo, o fenômeno da globalização é um dos que mais se destaca. A intensificação da globalização é uma das principais responsáveis pelas formas e volumes, particulares, com que os fluxos migratórios têm acontecido.

Por causa do aumento do número de pessoas migrando nos últimos tempos, órgãos a nível mundial foram criados para lidar com o tema e tentar encontrar soluções definitivas ou pelo menos para minimizar os problemas. O fato é que a partir do século XXI, os fluxos migratórios estão sem perspectiva de serem resolvidos e, ao que tudo indica, agravando-se e colocando em xeque as promessas da ideia de um mundo globalizado.

Antes da noção de um mundo globalizado, as nações e cidades tinham o controle político e econômico de suas riquezas, as decisões eram tomadas em prol do país e feitas de acordo com os interesses e realidades dos próprios nativos. A defesa do mundo globalizado, sem considerar os custos e consequências, fez com que nações perdessem o controle da própria soberania quando o capital e as coisas que o capital compra ganharam força para transitar livremente, sem se preocupar com o tempo e o espaço, nacional, internacional e até intercontinental.

Para que o mercado de produção e de consumo alcance a liberdade de transitar livremente entre as nações e acelerar cada vez mais a velocidade para saciar a ganância do capital, as fronteiras nacionais precisavam deixar de ser um limite. O limite entre as nações está presente na contradição entre a soberania que uma nação pretende ter para lidar com sua população e a liberdade de trânsito ao qual o capital anseia para lidar com os próprios interesses políticos e econômicos.

O capital deixa de ter lugar fixo, os governos não controlam seus fluxos financeiros e as organizações transnacionais ganham forças para criar novos canais

com a finalidade de retirar recursos das regiões para suprimir as ganâncias capitalistas. Nesse processo não há ao certo a definição de controle, ou alguém que possa ser responsável por estar no controle, ou ainda é possível considerar que o capital seja o agente do controle.

Com o interesse de manter a ordem social, ditada pelo livre fluxo do capital e a aceleração dos eventos, o recomendado é que as nações maiores, consideradas de elite e com mais recursos, adquiram certa soberania com relação às decisões das nações menores, consideradas com menos recursos. As nações menores têm menos possibilidades para manter o domínio da própria soberania militar, autossuficiência econômica e particularidades culturais.

No final do século XX, para manter viva a soberania militar, autossuficiência e particularidades, as nações menores se viram obrigadas a fixar alianças com um dos dois blocos geoeconômicos desenvolvidos durante a Guerra Fria (Rússia/socialistas e Estados Unidos/capitalistas). O objetivo era conseguir preservar a capacidade de policiamento e ordenação interna da própria nação, entregando de certa forma parte da própria soberania.

No século XXI, em especial após a pandemia do Covid-19 e a guerra entre Rússia-Ucrânia, essa estrutura de dois blocos ideológicos vem sendo alterada com a presença marcante de uma terceira nação ditando novas ordens político-econômicas no mundo, a China (COSTA, 2015; PESSOA, 2020). Portanto, a configuração na atualidade caminha para a consolidação das três potências mundiais, os Estados Unidos, a Rússia e a China.

A própria noção dos conceitos do que é interno e o que é externo se tornaram difíceis de serem diferenciados. Ao fixar alianças com as nações consideradas maiores, as nações menores passaram a ser simples executoras da força social por não ter o controle político, recursos e a liberdade de tomar as próprias decisões, por causa das pressões exercidas pelas nações consideradas 'fortes'.

Aos dominantes a máxima liberdade para executar suas ideias e interesses, ao passo que aos dominados as mais restritas liberdades para o poder de decisão com os próprios bens naturais e culturais. Essa relação de dominância despertou a sensação de uma disputa pela conquista das soberanias dos países 'mais fracos' economicamente, mais que ainda são nações com certos poderes políticos perante o mundo.

Ao conquistar a soberania do 'mais fraco', o país dominante tende a realizar ações para padronização das práticas culturais, de maneira que, os mecanismos para o mercado de consumo adquiram liberdade para executar a ideia do imperialismo cultural. Uma via de tentativa para concretizar essa condição é por meio da globalização.

A partir da segunda metade do século XX, a globalização se tornou um tema dotado de reflexões sistemáticas e objeto de estudo de diferentes ciências, incluindo as humanas e sociais. Globalização é compreendida em dimensão planetária, implica na ideia de compressão do tempo e busca encontrar um elemento comum que incide sobre todos de maneira idêntica (ORTIZ, 2009).

É um pensamento que ganhou força nas áreas da economia e da administração de empresas cuja finalidade é compreender os mecanismos de um mercado de bens de consumo que adquira cunho mundial. "Para os homens de negócios, o mundo tem se tornado, cada vez, mais idêntico. A expansão do mercado global tem padronizado os gostos e as expectativas" (ORTIZ, 2009, p. 236).

O fenômeno da globalização tem experimentado um fortalecimento crescente devido à constante busca pelo entendimento dos mecanismos da nova ordem social e à compreensão de sua estrutura, com o objetivo de adentrar em seu âmago de forma mais eficaz.

Bauman (2005a) analisou o fenômeno da globalização, para além das perspectivas econômicas, usando como foco as concepções da cultura, pelas práticas que são realizadas no cotidiano. Para o autor, a globalização é a responsável pelas grandes transformações que afetaram as estruturas estatais, condições de trabalho, relação entre as nações, subjetividade coletiva, produção cultural, práticas diárias e as relações entre um ser na relação com outro ser humano.

Na concepção de Bauman (2005a), a ideia da globalização não é um quebra-cabeça que ao final da montagem seja compreendida quando as peças se encaixam e formam um modelo de imagem já preestabelecido. O autor entendeu que, pelo contrário, ela deve ser entendida como um processo que causa a múltiplas identidades e o multiculturalismo.

Para qualificar a ideia do termo da globalização, Bauman (1999) utilizou os conceitos de ser indeterminado, ilimitado, ausência do centro, do controle e a falta de alguém que possa ser responsabilizado pelos eventos que acontecem no mundo. Quando algo dá errado ou quando o resto das coisas produzidas são deixadas para

trás, configurando o lixo, não há onde ou quem para responsabilizar. Tal situação pode ser considerada como uma ordem com características de desordem mundial.

Quando a ideia de globalizar o mundo e a noção de aproximar um ponto ao outro do globo terrestre foi anunciada e fortemente defendida pelos líderes mundiais e seus apoiadores, a globalização foi alinhada ao discurso da vontade de tornar o mundo melhor, expandir as melhorias de condições de vida para todo os habitantes do planeta, além de melhorar as possibilidades e oportunidades para todos.

Mas, o que restou do discurso concretizado, na prática, foram os efeitos produzidos pelos processos do ato de globalizar, e não as iniciativas ancoradas nas promessas emitidas pelos empreendimentos globais. “A globalização não diz respeito ao que todos nós, ou pelos menos os mais talentosos e empreendedores, desejamos ou esperamos *fazer*. Diz respeito *ao que está acontecendo a todos nós*” (BAUMAN, 1999, p. 68, grifos do autor).

Quando algo é descoberto, seja através das pesquisas científicas ou no senso comum, capaz de promover benefícios às pessoas, a novidade é comemorada por todos. Mas, o uso e aproveitamento dos produtos tecnológicos da última geração ficam concentrados sob o poder dos grupos dominantes do mundo, que são minoritários em termos de quantidade.

As tecnologias de ponta só são popularizadas quando os grupos dominantes enjoam da tecnologia ou quando já são consideradas ultrapassadas. Ou seja, as descobertas e os benefícios, ao invés de facilitar toda a vida humana, contribuíram para aumentar cada vez mais as duas faces polarizadas das sociedades. Na visão de Bauman (1999), a globalização é um processo que ancora as faces dessa polarização social.

As polarizações são tendências aparentemente opostas que constituem faces que convivem em uma mesma realidade durante os processos da globalização. A integração e divisão, riqueza e pobreza, liberdade e restrição são processos complementares que redundam na redistribuição dos privilégios para uns e carências para outros.

Para os privilegiados a globalização se mostra como um presente. Caracterizam aqueles que vivem sempre no agora, não se preocupam com o passado e nem com o futuro. É o grupo que vive no tempo, de maneira que o espaço não tem importância, pelo contrário, as fronteiras foram derrubadas, os laços desatados e transitam livremente, conforme a lógica do mercado do capital.

Para as pessoas carentes, essa mesma liberdade que os privilegiados usufruem, recai como um destino cruel. Os quadros dos locais que retratam as condições desumanas de sobrevivência, com poucas perspectivas de futuro, tendem a resultar em dois destinos. Uma opção é viver a vida toda em condições desumanas e aguardar a ajuda cair do céu ou decidir pela outra opção que é enfrentar as longas trajetórias das viagens, pela via da migração. Mas, a viagem em massa dos menos favorecidos em busca de melhores condições materiais objetivas não é bem aceita por aqueles que tem o poder de viajar livremente.

Por um lado, o processo da globalização representa a felicidade de alguns porque sinaliza amplas condições materiais objetivas e a liberdade para escolher diferentes possibilidades. Esses alguns configuram a composição da elite por uma minoria de pessoas cada vez mais globais, considerados como emancipados e libertos das restrições locais. São eles quem estipulam os valores, as regras do jogo da vida e os distanciam das representações que poderiam os aproximar da grande massa popular.

Por outro lado, é a infelicidade de muitos, de maneira que esses *muitos* representam o maior número de pessoas vivendo no mundo. Essas pessoas são fixadas na própria localidade e quando necessários são recrutados para exercer a função de empregados pelos globais. Ser local em um mundo globalizado é sinal de estar privado, não ser capaz de gerar e negociar sentidos e cada vez mais ser dependente das ordens e ações dos 'globais'.

Na visão de Bauman (1999), uma parte que integra os processos que compõem a globalização é, justamente, a progressiva segregação espacial, que separa, exclui e provoca alterações na percepção da realidade com relação ao lugar. Medir o espaço geográfico é uma ação histórica e social, ou seja, cada grupo a fazia conforme sua forma particular de medição e em cada período essas medições também iam se alterando. Como exemplo, o corpo humano já foi utilizado como unidade de medida, mas devido à forma subjetiva de cada corpo dificultava a padronização das medições.

Na necessidade de encontrar uma medida padrão e garantir a soberania dos poderes, as nações buscaram submeter o espaço à sua autoridade direta por meio de mapas oficialmente aprovados, cartografia, quantificações e localizações. Do mapeamento do espaço à espacialização dos mapas o processo foi tratado de maneira idealizada pelos arquitetos, partindo dos princípios do planejamento, regularidade, homogeneidade e reprodutibilidade dos elementos espaciais, de

maneira que as cidades pudessem estar sempre sob controle dos vigilantes do Estado.

Para que a vigilância dos agentes do controle do Estados fosse executada com efetividade era necessário diminuir o espaço urbano, homogeneizar sua funcionalidade e construir um ambiente artificialmente controlado. As cidades são exemplos de construções fundamentadas no argumento de manter a segurança e a proteção da comunidade contra tudo que é estranho e desconhecido, utilizando mecanismos cada vez mais eficientes de controle e fiscalização.

O problema é que esse discurso não se alinha com a prática do cotidiano quando se observa que cada vez mais os carros estão sendo vendidos com acessórios avançados contra crimes, as casas têm grades de isolamento dos quatro lados contra a vizinhança, os números dos crimes e sensação de medo têm aumentado, principalmente nos grandes centros urbanos.

Esse cenário alimenta a valorização da intolerância com tudo aquilo que se apresenta como diferente, incluindo pensamentos, práticas ou identificações. Estimula, ainda, o isolamento face ao estranho, segrega classes, raças e etnias. Abre pouco espaço para a compreensão, solidariedade, alteridade ou qualquer manifestação de acolhimento característico da condição humana. Os laços são cada vez mais desarticulados.

Tolerar o diferente, conviver com pensamentos e culturas que não são iguais, não é algo que se adquire naturalmente. É algo que precisa estar sob o foco de processos educacionais para que seja possível às pessoas tomarem consciência daquilo que não é compreendido de imediato. A alta atribuição de valor para a intolerância tem provocado devastações, abandono, solidão e enfrentamento de problemas com relação às identidades.

Esses são fatores que contribuem para manter o medo ativo da população a fim de fortalecer o isolamento de cada casa com relação à comunidade, de forma que os mecanismos utilizados como estratégias são a separação e a segregação de todas as ordens. Já não é mais necessário que as pessoas se comprometam umas com as outras, basta evitá-las.

Para evitá-las, basta se distanciar. Assim, a distância passa a ser compreendida como um produto social. Um produto social que vai além de somente ser capaz de medir unidades em metros ou quilômetros da lógica matemática ou

trajetórias geográficas, serve para explicar as delimitações no interior de um grupo, cidade, nação.

A noção de 'próximo' já não é mais sinônimo daquilo que está ao lado como referência, mas passa a ser compreendido como aquilo que é acessível, alcançável, útil e familiar; significa estar confortável dentro de um espaço no qual se está presente. A noção de 'longe' não traduz somente a posição de algo estar distante, mas também pode ser compreendido como os locais com os quais não se entende, não tem sentido, não se sente confortável, ou que se sente perdido, ao ponto de temer problemas e perigos.

Com os compromissos humanos evitados, as fronteiras entre um povo e outro também passam a ser configuradas a partir de acesso endurecido cada vez mais na forma de leis, controles, políticas e intolerâncias, com o apoio da própria população. Para as pessoas locais que pensam em migrar, os vistos e as leis migratórias ficam cada vez mais burocráticas, tornando as ações gradativamente mais difíceis.

Aos detentores do capital não há limites que os obriguem a cumprir com as responsabilidades com suas produções. O único limite ao qual se prendem é ao compromisso que possuem com a liberdade de movimento que os capitais exigem. O capital não precisa se comprometer com nenhum princípio, basta evitá-los.

Independente de qual polo social, privilegiados ou menos favorecidos, a pessoa é pertencente, todos têm o direito de desejar mover-se, consumir ou querer aproveitar oportunidades que estão disponíveis. Mas, não são todos que podem se beneficiar de fato, uma vez que só desejar não é o suficiente. "Todos nós estamos condenados à vida de opções, mas nem todos temos os meios de ser optantes" (BAUMAN, 1999, p. 64).

A falta de recursos para fazer escolhas é o que evidencia a divisão entre os dois grupos sociais: os locais e os globais. Embora coexistam dentro da sociedade, a cultura globalizada e livre dificulta a aproximação com os locais, resultando na gradual quebra da comunicação entre eles. Assim, a globalização tem o poder tanto de dividir como de unir os globais e os locais, ao mesmo tempo que os separa.

No mesmo espaço, configurado nas cidades, há pessoas que convivem a poucos metros de distância uns dos outros, mas que conhecem realidades de vida e do próprio local totalmente diferentes. A algumas pessoas não é permitido ultrapassar fronteiras sociais invisíveis, da mesma maneira que seria improvável um lado

conversar com o outro por causa do abismo entre as diferenças existentes das experiências de ambos, tanto no campo material quanto no campo simbólico.

Como diz Bauman (1999), trata-se de dois mundos, duas percepções e duas estratégias. Os deslocamentos de pessoas, mesmo aqueles que migram sem querer ou sem ter os meios e recursos, para realizar a viagem tem sido um quadro paulatinamente frequente na realidade mundial, nas últimas décadas. Os estudos do tema da migração relacionados ao fenômeno da globalização despertaram o interesse de diferentes campos do conhecimento para investigar o assunto.

Os estudos sobre estes temas, de maneira predominante, apresentavam definições e discussões pelas perspectivas das sociedades que recebem as pessoas que migram e não pela população que realizam o ato de migrar, os próprios migrantes. Isso se justifica porque os estudos que são frequentemente realizados estão inclinados a abordar o assunto pelo olhar da sociedade que recebe os agentes da migração.

A migração sempre escapa das pesquisas que estabelecem o objetivo de compreender o fenômeno de maneira completa e total. No entanto, esse cenário tem aos poucos sido alterado porque pesquisas vêm sendo realizadas como meio para dar voz a todos os envolvidos nos processos migratórios.

Sayad⁹ (1998) trata do tema da migração a partir do conceito de 'fato social completo', isso implica que discutir os fenômenos migratórios é, essencialmente, discutir a sociedade como um todo. É um assunto cujas investigações devem ser realizadas enquanto um fato social total, sob o enfoque de diferentes campos do conhecimento que fazem relação com os diferentes espaços sociais, como é o caso da sociologia, geografia, economia, psicologia, além de outras.

É necessário examinar as situações gerais que condicionam os deslocamentos humanos a fim de compreender o que há de universal e de específico nas migrações. A função é ajudar a refletir sobre o que é comum, o que é constante e o que é diferente, uma vez que, dentre as inúmeras reações que aparecem nos fenômenos migratórios,

⁹ Abdelmalek Sayad (1933-1998) nasceu na Argélia, mas migrou para a França por causa das condições de vida difíceis pelas quais o país natal passava. A Argélia foi colônia francesa até protagonizar a guerra pela própria independência, finalizada na década de 1960. No entanto, mesmo independente, por não ter recursos suficientes para sobreviver, os argelinos migravam para a França, entendida como a salvação, para trabalhar e ajudar os familiares que ficaram no país natal. Com base na própria experiência de vida, os estudos de Sayad contribuíram para que o tema da migração fosse devidamente reconhecido enquanto uma categoria de estudo importante e com relevância científica e social com a qual deve ser tratada (SAYAD; NEIBURG, 1996).

surge com frequência a noção do retorno (SAYAD, 2000). Mesmo que, normalmente, o sentimento de retorno fica restrito ao campo das ideias e raramente é possível retornar definitivamente.

O sociólogo pontuou que é necessário questionar quem é verdadeiramente o agente da migração e quais as experiências adquiridas ao longo da trajetória migratória. Essa investigação não pode ser realizada somente quando o migrante chega no país de destino, como se fosse a única realidade presente em todo o processo. A chegada do migrante ao país de destino é um dado que acaba expondo parte da explicação sobre a migração, e não toda a verdade.

Refletir sobre a migração deve começar desde o início do acontecimento, mas que normalmente é o momento mais ignorado pelas ciências, governos e população. Sayad (1996) defendeu que os estudos sobre as migrações na atualidade devem começar pela emigração, que é o exato momento em que o fenômeno se inicia, e que somente assim poderá ser explicado com mais fidedignidade a realidade dos fatos.

A partir dessa conscientização, Sayad (1996) propôs que os estudos acerca da migração devem construir novas visões sobre o tema de maneira completa e total. A começar pela noção da migração e suas qualificações, uma vez que, os diversos termos que compõem a noção da migração sempre estiverem reduzidos e associados a uma outra palavra, tais como migrante-trabalho; migrante-saúde e migrante-moradia. A associação dos termos da migração com outras palavras complementares se justifica para legitimar ou inclinar os migrantes como os causadores dos respectivos problemas sociais.

No Instituto de Migrações de Direitos Humanos, o termo migrante é definido como a pessoa que se transfere do seu lugar de nascimento ou habitual comum para outro local, região ou país (IMDH, 2014). Na visão da Organização Internacional de Migração, o termo migrante se conceitua como um termo amplo, sem definição pelo direito internacional, mas entendendo que é uma pessoa que se desloca de sua residência habitual, regional, nacional ou internacional, temporária ou permanentemente, por várias razões (OIM, 2009).

No Brasil, a Lei de Migração¹⁰ reconhece as diferentes qualidades atribuídas aos diferentes termos da migração. No Art. 1º, compreende a diferença entre os termos emigrante, imigrantes e apátridas. Emigrante é o brasileiro que se estabelece

¹⁰ Na atualidade, a legislação brasileira que regulamenta sobre a migração é a Lei de Migração (BRASIL, 2017).

temporária ou definitivamente no exterior; imigrante é a pessoa nacional de outro país ou apátrida¹¹, que trabalha ou reside, e se estabelece temporária ou definitivamente no Brasil (BRASIL, 2017).

A definição para esses termos tem se tornado algo difícil e complexo de ser amplamente aceito porque as referências com relação às razões que provocam as migrações ficam camufladas e generalizadas. Ou seja, as definições disponíveis não consideram as razões pelas quais acontecem as migrações atuais. As migrações atuais não são realizadas da mesma forma por todos os migrantes, uma vez que, cada caso expressa uma particularidade que precisa ser considerada para que a ajuda seja eficiente e humanitária.

Ao longo das discussões, foram expostas ideias, conceitos e teorias de autores que estiveram na situação da migração e experimentaram a condição de serem migrantes, ao sair de seus países de origem para viver em outras nações que escolheram ou os acolheram. No entanto, mesmo sendo considerados migrantes, as razões pelas quais os fizeram migrar foram completamente diferentes uns dos outros.

Bauman foi expulso da Polônia, país natal, e acolhido na Inglaterra; Hall decidiu sair da Jamaica, em um movimento coletivo denominado de diáspora, por causa das precárias condições de vida no país natal, para viver na Inglaterra e Sayad precisou sair da Argélia para trabalhar na França para conseguir se sustentar economicamente. Além, de tantos outros exemplos que podem revelar motivos totalmente diferentes dos aqui citados.

A complexidade para atribuir uma definição aceita e fiel para o termo da migração e suas variações, acaba dificultando os conhecimentos estatísticos, provocadores, administrativos, e outros, para tentar minimizar os problemas que assolam o agente que executa o ato de migrar. Uma das dificuldades encontradas é que cada nação compreende a migração a partir de critérios específicos. Como exemplo, o tempo de permanência que a pessoa reside em um país determina se é ou não um migrante.

Realizar estudos acerca do tema, considerando todo o processo, contribui para a compreensão dos conceitos mais próximo da realidade, amplia a visão acerca do

¹¹ Apátridas são pessoas que não são consideradas como nacional por nenhum Estado, nem o de nascimento, segundo a sua legislação, nos termos da Convenção sobre o Estatuto dos Apátridas, de 1954, ou assim reconhecida pelo Estado brasileiro (BRASIL, 2017).

assunto e facilita a chegada de resoluções para os problemas com mais rapidez e eficiência.

Para os Estados há a diferença entre os que saem, os que chegam, como e porque chegaram. Mas, para o agente da migração a condição de ser migrante se dilui na própria pessoa tanto em ser um emigrante quanto em ser um imigrante, revelando sua condição de ser humano passível de acolhimento livre de explicações prévias.

Sayad (2000) considerou a dificuldade que é tentar conceituar o fenômeno complexo da migração nacional e internacional, na atualidade. Na tentativa de elucidar o termo, o autor utilizou a seguinte frase como metáfora “*a ordem da cidade sempre se alimentou da ordem rural, e a ordem da fábrica (ou do canteiro de obras) sempre se alimentou dos campos*” (SAYAD, 2000, p. 7, grifos do autor).

A migração como um fato social completo é composto por dois polos que estão separados, mas interligados, por meio da distância geográfica ao qual o migrante transita. Os dois polos são a emigração e imigração, de maneira que, a trajetória físico-geográfica, entre um termo e outro, é tão relevante quanto os dois polos, configurando todo o processo migratório.

Sayad (1998) considerou que a migração é um fato social completo, porque pensou sobre o fenômeno de maneira ampla abordando todo o processo em que ele é realizado. Iniciou a análise desde o momento em que é consolidada pelo agente social a decisão de migrar, considerando todo o percurso da trajetória geográfica e completa a análise pelo local em que o agente fixa residência, seja ela definitiva ou temporária.

Para entender o fenômeno da migração, como um fato social completo, é necessário iniciar pelo termo emigração, que é entendido como o ato de alguém iniciar o processo de migração. Esse processo é vinculado à perspectiva da nação de origem da qual a pessoa irá se ausentar. Essa perspectiva acompanhará a pessoa durante toda sua vida, até que seja esquecida pela nação na qual nasceu e pela nação de destino (SAYAD, 1998).

Continuando, no processo migratório há que se considerar a trajetória física, o espaço e o tempo, em que é realizada a distância e duração da migração. A realização do deslocamento é o que possibilita a ligação entre o polo representativo do início, a emigração, e o polo que representa o final, a imigração. No entanto, o “deslocamento não é apenas um espaço físico, ele é também um espaço qualificado em muitos

sentidos, tais como socialmente, economicamente, politicamente, culturalmente etc.” (SAYAD, 1998, p. 15).

Para configurar a completa noção da migração, finaliza-se com o termo da imigração. A imigração é atribuída àquele que realiza o deslocamento no espaço geográfico, chega e se faz presente, fisicamente, no país em que escolheu para o destino, temporário ou permanente, sob a perspectiva da nação que o recebe (SAYAD, 1998). O quadro 03 apresenta um resumo da discussão:

Quadro 03: Visão de Sayad sobre os conceitos constituintes do fenômeno da migração

FENÔMENO	DEFINIÇÃO
Migração	Fato social completo
Migrante	Agente que executa a migração
Emigrante	Aquele que se ausenta do país natal
Imigrante	Aquele que está presente no país de destino

Fonte: a autora (2022), com base na obra de em Sayad (1998).

Para compreender de maneira ampla e com mais qualidade a noção da migração é necessário fazer relação com o tema de nação, para que sejam compreendidos pontos fundamentais das situações em que os migrantes são frequentemente expostos.

O termo migração está ligado a duas ordens, necessariamente relacionadas entre si, a ordem da emigração e a ordem da imigração, que fundamentalmente conectam as duas nações. A emigração diz respeito à nação da qual o migrante partiu e, conseqüentemente, a imigração faz referência à nação que o migrante chega e mantém residência, provisória ou permanente. Atualmente, todas as emigrações acontecem provenientes de um Estado-nação (SAYAD, 1998).

Essas duas ordens constituem relação entre dois países pelas vias econômicas, mas não se limitam somente a esse elo. Quando um imigrante está presente na nação que o recebe é criada uma conexão entre as duas nações, tanto nas questões materiais quanto simbólicas. A conexão entre as duas nações expõe aquilo que é legítimo daquilo que não o é.

Para Sayad (1998), sob o ponto de vista do pertencimento nacional, a emigração pode ser definida como a ausência de um nacional que se encontra presente em outra nação. Para manter o equilíbrio, a imigração é definida como a presença em uma nação de pessoas reconhecidas como não-nacionais. A relação

existente entre essas duas ordens só é possível de acontecer porque o nacional só existe por causa da existência do seu contrário, o não-nacional ou o indivíduo de outra nacionalidade.

As nações ocupam posições sociais diferentes entre si, porque apresentam desenvolvimentos desiguais. A desigualdade social entre as nações causa a separação da orientação de quais são os países de emigração, mais pessoas saindo, e os países que são de imigração, mais pessoas chegando. Essa separação dá condições para resultar em uma relação de força entre os países que são considerados como dominantes e os que são considerados como dominados.

Quando uma nação consegue sustentar que seus nacionais não precisam realizar a emigração é seguro dizer que ele conseguiu atingir os níveis de desenvolvimento necessários para manter sua população, podendo chegar até a reverter o quadro e utilizar mão-de-obra de imigrantes, pessoas vindas de outros países (SAYAD, 2000).

É na constituição dessa ligação que se fundamenta o padrão do modo de relação de domínio entre as nações. As nações consideradas dominadas são as que estão na parte inferior da hierarquia social mundial caracterizando os países das grandes emigrações que se dirigem para os países dominantes ocupantes das posições de prestígio social reconhecidas por receber os imigrantes oriundos dos países dominados.

Mesmo que os imigrantes ganhem a nacionalidade no país que escolheram residir e sua condição de imigrante diluir-se político e juridicamente no ato de se naturalizar, sua condição social de origem e cultura maternas tem o efeito de sempre lembrar a ele e à sociedade na qual reside, a referência da sua pátria natal.

A política é um ato exclusivo das nações para fazer valer os direitos dos nacionais e, conseqüentemente, um mecanismo para excluir os imigrantes dos benefícios civis e dos direitos a que deveriam ter acesso. De maneira contraditória, o mesmo imigrante que também é emigrante do país da emigração perde o direito político de sua nação por causa da sua ausência física.

O migrante perde o direito de ter direito duas vezes. As características fundamentais da dupla ordem da migração têm como princípio excluir, politicamente, o migrante das questões políticas. Ao excluir a pessoa de participar das questões políticas, a imposição dessa exclusão provoca nele a tendência de auto excluir-se. Ao imigrante lhe é tirado

o direito mais fundamental, o direito do nacional, o direito de ter direitos, o direito de pertencer a um corpo político, de ter um lugar nele, uma residência, uma verdadeira *legitimidade*, ou seja, o direito em última análise, de poder dar um sentido e uma razão de ser a suas ações, a suas palavras, a sua existência (SAYAD, 1998, p. 270, grifo do autor).

Aos imigrantes lhe são tirados o direito à vida e são excluídos dos meios necessários para conseguirem construir e dominar a própria história. Para Sayad (1998), a dimensão existencial do migrante é existir também politicamente.

Em conjunto com a exclusão dos direitos políticos, dos quais deveriam usufruir para o acolhimento, os imigrantes são colocados com frequência em encruzilhadas. Estas são posições sociais que recebem os migrantes para serem responsabilizados pelos problemas sociais que assolam uma comunidade, tais como a violência, acesso à saúde, à educação pública, bem como a falta de insumos, vagas e infraestrutura de qualidade, desemprego etc.

As encruzilhadas servem para justificar as ilusões criadas ao vincular os migrantes como causadores dos problemas sociais presentes nas sociedades em que se instalam, mascarando a realidade e criando uma ilusão de que esses problemas não existiam antes da chegada dos estrangeiros (SAYAD, 1998).

É comum deparar-se com situações em que são percebidos os estreitos vínculos entre a presença de imigrantes e questões de ordem econômicas, sobrecarga nos serviços públicos de saúde e educação, entre outros. As sociedades que recebem os migrantes tendem responsabilizá-los pelos problemas sociais, omitindo as verdadeiras razões, entre elas a negligência dos gestores públicos com o próprio povo.

Muitas vezes, os problemas de uma comunidade são erroneamente atribuídos à presença de imigrantes, levando a opinião pública a relacioná-los como a causa desses problemas. Nos noticiários, o termo 'migração' raramente é mencionado sem estar acompanhado de termos relacionados aos transtornos urbanos, como emprego, saúde, educação, violência e superpopulação.

Dentre todos os termos utilizados como complementos para os imigrantes, a palavra trabalho é, com predominância, a mais utilizada. O imigrante sempre está associado como um trabalhador necessário que foi importado, mas que deve voltar para seu país assim que deixar de ser relevante ou um nativo reivindicar seu emprego.

O migrante é um ser sem lugar específico no espaço social, ele está entre o ser e o não-ser um cidadão social, encarado como inoportuno e invisível (BOURDIEU, 1998).

A inconveniência e invisibilidade atribuída ao migrante podem ser percebidas em vários espaços sociais, desde mídias, academias científicas, políticas públicas que pouco têm dado voz a essas pessoas que se encontram na situação de migração reproduzindo os mesmos dados oriundos do fortalecimento das mesmas representações constantemente afirmadas e confirmadas.

Sayad (1998) destacou que um dos aspectos que fundamentam as principais características da imigração e do imigrante, perante a si e em relação à sociedade, é a sua condição de ambiguidade e contradições às quais estão expostos. A exposição do imigrante à contradição é a oscilação em que se encontra entre o que está previsto na teoria, nos discursos, e como a realidade vai se configurando a partir dos fatos.

Essa oscilação é referenciada na teoria, apresentada nas legislações, nos programas de comunicação midiática, nas promessas, em relação com as práticas cotidianas as quais os imigrantes vivem e as dificuldades que enfrentam todos os dias. As adversidades enfrentadas pelos processos de imigração são reveladoras da necessidade de atenção por parte dos poderes públicos, bem como da própria falta de consciência por parte dos imigrantes. Essa falta de atenção acaba perpetuando um ciclo no qual tais adversidades são constantemente reproduzidas (SAYAD, 1998).

Não há explicação clara se as imigrações são, por um lado, um estado provisório que é prolongado, por se tratar de um direito humano compreendido e sempre anunciado na teoria, ou se, por outro lado, é um estado duradouro e definitivo que se vive no intenso sofrimento da provisoriedade, revelado pelo que acontece na prática cotidiana.

Essa contradição é imposta, tanto aos imigrantes quanto à sociedade em geral, para que seja mantida a ilusão coletiva de que ora é um estado provisório e ora permanente, mas nunca são definidos os dois estados juntos. Neste sentido, o fenômeno da imigração tem como característica fundamental a capacidade de contribuir para dissimular a si mesmo a própria verdade, uma vez que é possível revelar a contradição da situação (SAYAD, 1998).

O imigrante é tolerado quando ocupa a posição de trabalhador e realiza os serviços de menor prestígio recusado pelos nativos, atendendo às exigências da expansão econômica, que precisa de mão-de-obra permanente, mas provisória. É

uma forma de tranquilizar a ilusão coletiva com relação aos vínculos com os problemas sociais e a opinião pública de que a presença dos imigrantes no país seja importante para afirmar sua necessidade na economia.

Mesmo que estejam destinados a ocupar posições inferiores da hierarquia social, os imigrantes passam a ser considerados duradouros e tolerados, até que não sejam mais vistos como necessários ou não tragam mais vantagens ao país em que residem. Essas vantagens podem vir de várias ordens, de questões econômicas ou políticas.

A atribuição de serem, ou não, necessários à sociedade na qual residem está atrelada tanto às vantagens como aos custos que a imigração implica. Sayad (1998) pontua que os imigrantes só são vantajosos se apresentarem um saldo positivo e sem nenhum custo.

O autor questiona: “Como maximizar as “vantagens” (principalmente as econômicas) da imigração, reduzindo ao mesmo tempo ao mínimo o “custo” (social e cultural) que a presença dos imigrantes impõe?” (SAYAD, 1998, p. 50, grifos do autor). E segue a denúncia do pesquisador: “Idealmente, a imigração e o imigrante só têm sentido e razão de ser se dão mais “lucro” do que “despesa” (SAYAD, 2008, p. 262, grifos do autor).

Sayad (2008) apontou para uma teoria da *economia comparada dos custos e benefícios da imigração* e coloca em evidência elementos que devem ser levados em consideração para aceitar a presença de imigrantes na nação de destino.

A teoria da economia comparada dos custos e benefícios da imigração reconhece alguns princípios a serem discutidos: o da partilha e do estabelecimento. O princípio da partilha está relacionado com as definições de ‘custo’ e ‘lucro’. Já o do estabelecimento faz referência entre o saldo positivo e o negativo da imigração. Sayad (2008) expõe que a teoria dissimula questões que deveriam ser pensadas como: quem são os responsáveis para arcar com os custos e quem são os beneficiados que ficam com os lucros.

Algumas migrações são consideradas mais e outras menos vantajosas, por causa da mão-de-obra que ela oferece. Por exemplo, os homens solteiros, jovens e com força para trabalhar caracterizam, com predominância, a aceitação da imigração no país de acolhimento. No caso das migrações femininas, pesquisas apontam para a existência de segregação, discriminação e exploração no mercado de trabalho por parte da sociedade receptora, de maneira que a elas são destinados os trabalhos

domésticos e de cuidados, representados como atividades menos valorizadas. Em contrapartida, são elas as principais fontes para enviar remessas financeiras para o país de origem, por causa da tendência do número de famílias monoparentais (DUTRA, 2013).

De início, são pessoas ingênuas que não conhecem como funciona a nova sociedade na qual residem, estão mais dispostos a aceitar qualquer serviço, recebem menos, além de outros fatores que os qualificam na distinção entre os imigrantes considerados 'bons' e os que são 'ruins' (SAYAD, 1998).

As condições econômicas tendem a definir a imigração enquanto uma estadia literalmente provisória e o imigrante enquanto trabalhador provisório. "Um imigrante é essencialmente uma força de trabalho, e uma força de trabalho provisória, temporária, em trânsito" (SAYAD, 1998, p. 54).

Com efeito, a definição do imigrante tem estado relacionada com o trabalho jurídico, político e social. Jurídico porque o imigrante precisa estar reconhecido nacionalmente para poder trabalhar; político por se tratar de um acordo convencional entre dois países, o de origem e o de destino, e social por ser o modo de adaptação da população imigrante na sociedade em que reside (SAYAD, 1998).

O trabalho se configura como a única razão condicionante para que a estadia do imigrante seja autorizada, caso contrário, não há motivo para que seja acolhido no país que o recebe. Ainda assim, ao imigrante é reservado um mercado de trabalho específico, não é qualquer trabalho que lhe é oferecido, uma vez que, mesmo tendo adquirido a concepção de ser um imigrante trabalhador justificando sua presença, a situação em que se encontra é diferente do trabalhador nativo.

O reagrupamento familiar, trazer esposas, filhos, parentes ou dependentes, se apresenta como um efeito colateral impossível de não ser aceito. Para não correr o risco de explicitar a contradição de o imigrante ser entendido apenas como trabalhador, força para o trabalho, além de evitar que a nação seja acusada de preconceituosa ou discriminadora perante os órgãos mundiais responsáveis.

A fim de neutralizar esse efeito colateral, os procedimentos utilizados para que o reagrupamento familiar seja efetivado são traduzidas nas dificuldades burocráticas e nas demoras para serem deferidos. Afinal, mesmo sem a documentação legal definitiva e estando no território nacional, os dependentes dos imigrantes têm direito

ao sistema de saúde e educação pública, bem como profissional de acordo com a atual legislação¹².

A dimensão econômica condiciona a definição da imigração e a forma como o imigrante é tratado, estando subordinados totalmente ao trabalho, contribuindo para reforçar a natureza provisória e utilitarista da condição de imigrante. Garantindo que estejam sempre conscientes de que é um objeto necessário para a produção e das distinções sociais, educacionais, culturais, religiosas em comparação com os nativos.

Essas contradições orientam os interesses, materiais e simbólicos, que implicam nos discursos utilizados através dos meios de comunicação, nas práticas cotidianas que são executadas e nas justificativas legais com relação à presença dos imigrantes. A finalidade é subordinar ao máximo a realidade social, de maneira que, esta seja encaixada na definição de modelo ideal atribuído aos conceitos de como o fenômeno da migração deve ser encarado na sociedade de destino.

Nessa visão, o imigrante passa a ser compreendido como uma máquina idealizada como necessária para o desenvolvimento do processo de produção, de maneira que, amplie os lucros e expanda os capitais dos donos dos meios de produção, e estes gastem o mínimo possível.

Os gastos seriam evitados oferecendo o mínimo para manter os imigrantes vivos, como moradia, alimentação e saúde biológica. Mesmo assim, nem sempre o mínimo da assistência consegue alcançar a todos e o oferecimento da assistência para a saúde mental, emocional, educacional e preservação cultural são negligenciados para que não haja dispêndio de recursos públicos ou privados.

A exclusão dos direitos políticos, o estreito vínculo com os problemas sociais e a objetivação econômica e trabalhista dos imigrantes são exemplos de mecanismos para a manutenção da ilusão coletiva por meio da apolitização da sociedade geral, com a finalidade de que certos assuntos não sejam pensados e discutidos para não revelar verdades acerca dos interesses de algumas instituições. Essas representações dificultam o despertar da consciência política dos imigrantes e do público em geral, impedindo a orientação e busca pelos direitos, fundamentado sob o argumento de que eles colocariam em risco toda a ordem de uma nação.

À medida em que os imigrantes vão tomando consciência de seus direitos, deixam de ser meros trabalhadores e passam a reivindicar que seus direitos de

¹² Lei de Migração (BRASIL, 2017).

cidadania plena sejam cumpridos. Iniciam um processo de recuo nas definições que os vinculam com os problemas sociais, subordinações a qualquer tipo de trabalho, exclusão da política, entre outros.

Ou seja, consolidado o despertar da consciência de que a condição de migrante é um direito humano, político e civil, passa a ser necessário definir com mais precisão os conceitos da dupla ordem da migração, emigrante e imigrante, além do dever em considerar, qualitativamente, a migração enquanto um fenômeno complexo, completo e total.

Atribuir importância ao imigrante é destinar-lhe assistência em todas as dimensões com a mesma relevância em que são tratadas as questões econômicas. Afinal, não se trata de coisas que são descartadas com facilidade como são as produções na era moderna global, mas seres que sentem, pensam e se comportam de diversas maneiras em condições objetivas determinadas, também politicamente, educacionalmente, culturalmente e outras.

Para esclarecer os direitos civis da migração a nível mundial e nacional, a seguir serão expostos os organismos que tratam do assunto no mundo, bem como as principais legislações e seus princípios, diretrizes e finalidades para com a migração no Brasil.

1.3 Os organismos mundiais e as legislações brasileiras acerca do tema da migração

Diante de todas as alterações sociais presenciadas na modernidade, a migração foi um dos fenômenos que mais têm se destacado e impressionado por causa da forma e substâncias com que têm acontecido. Os efeitos da globalização contribuíram para que os processos migratórios se tornassem cada vez mais frequentes e alarmantes.

A busca incessante em prol do progresso e da modernização teve como resultado os dois maiores conflitos presenciados na história da humanidade, a Primeira (1914-1918) e a Segunda (1939-1954) Guerras Mundiais. Duas grandes guerras de proporções mundiais, cujos resultados foram tão catastróficos, que abalaram profundamente as estruturas políticas, econômicas e sociais tanto do continente europeu quanto de outros locais do mundo. Ao final de cada guerra, foram deixados milhões de mortos, e os milhões de sobreviventes estavam desabrigados e aterrorizados com tanta destruição.

A destruição foi tão assustadora que, em 1945, 51 nações concordaram com a elaboração de um documento pacificador a fim de evitar que novos conflitos e prejuízos, de todas as ordens, fossem repetidos. Foi elaborada uma Carta cuja redação continha o tratado para selar a paz, a segurança internacional, o projeto de um futuro sem guerras para preservar as futuras gerações, a reafirmação da fé nos direitos humanos, a promoção do progresso social e a melhoria das condições de vida para todas as nações, independente de quaisquer fatores (ONU, 2007).

Na ocasião, os países que assinaram a Carta assumiram o compromisso de se unirem e criar o órgão conhecido hoje como a Organização das Nações Unidas (ONU). Os objetivos estabelecidos pela ONU foram garantir a paz e a segurança internacional, a assistência humanitária para os mais necessitados, o respeito ao direito internacional, a proteção aos direitos humanos e promoção da democracia. Mais recente, os focos do órgão têm se voltado para combater as mudanças climáticas prejudiciais ao planeta (ONU, s/d).

Atualmente, a ONU conta com a participação de 145 Estados membros que discutem sobre assuntos, problemas em comuns e procuram chegar a soluções que compartilhadas possam beneficiar a todos. Vários são os temas postos em discussão, e os deslocamentos humanos sempre têm estado no foco dos representantes da organização.

Por causa das altas demandas e complexidades de cada tema, houve a necessidade de a ONU criar apêndices para lidar com a particularidade de cada assunto e situação. Para tratar de assuntos com referência aos fenômenos da migração foram criados dois órgãos: a Organização Internacional para as Migrações (OIM) e o Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR).

A OIM é uma organização intergovernamental, com parceiras governamentais e não-governamentais. O órgão foi criado em 1951 para tratar das migrações ocorridas no pós-guerra mundial e estabeleceu como objetivo ajudar os governos europeus a assentar os desabrigados do conflito da época. A partir da noção de ajudar os europeus, atualmente o órgão conta com a participação de 173 países membros cujos objetivos são de avançar os conhecimentos acerca de fluxos migratórios, incentivar o desenvolvimento social e econômico por meio da migração e defender a dignidade daqueles que se encontram na condição de migrante (OIM, 2021a).

Já o ACNUR foi criado em dezembro de 1950 para ajuda a abrigar milhões de europeus que fugiram ou perderam suas casas por causa da Segunda Guerra Mundial

(ACNUR, 2021a). Da mesma forma, até o final do século XX, as ações da ACNUR estavam concentradas em ajudar o deslocamento das colônias de migrantes europeus.

Com a criação e os trabalhos desenvolvidos pela ONU, OIM e ACNUR, em conjunto com a questionável participação de outras nações e continentes, a Europa conseguiu se reerguer social, política, econômica e culturalmente. O reestabelecimento do continente europeu contribuiu para que os fluxos de emigração começassem a diminuir consideravelmente, provocando o movimento inverso. Ou seja, outros povos buscarem a Europa para realizar a imigração.

O fato de que o número de europeus saindo da Europa ter diminuído e as demandas para ajudá-los a se instalarem em outros locais já não se fazia mais necessário, fez que com a ONU, OIM e ACNUR mudassem tanto o foco quanto suas ações com relação às demandas migratórias do mundo atual, em especial a do início do século XXI.

Mesmo que nas redações dos documentos elaborados os objetivos previam garantir a paz, a assistência humanitária, a proteção dos direitos humanos, avançar os conhecimentos acerca de fluxos migratórios e defender a dignidade daqueles que se encontram na condição de migrante e os organismos contarem com a participação ativa de países membros, não-europeus, o número de migrantes, e em condições alarmantes, não diminuíram. Pelo contrário, aumentaram.

Ao invés de diminuir o número de pessoas migrando e minimizar as formas desumanas com que vem acontecendo, as migrações têm sido apresentadas de maneira cada vez mais preocupantes e em condições questionáveis. Fato que pode ser percebido quando são analisados casos como os nativos do Oriente Médio, que migram para fugir de guerras locais por causa de conflitos religiosos, os venezuelanos que migraram para fugir de conflitos políticos e as más condições de sobrevivência ou os nacionais do Haiti que precisaram migrar por causa dos resultados de desastres ambientais que dificultaram as condições de vida no país natal. Todos não-europeus.

Os dados da ACNUR (2021b) são que o número de pessoas que são forçadas a sair de suas casas e procurar abrigos em outros países para sobreviver, sob o risco de morte, superou a marca de 82 milhões em todo o mundo. Número que não tem perspectiva de diminuição, pelo contrário, as projeções são de aumento.

Além do insuficiente esforço para resolver ou minimizar o problema, o alto número se dá por causa dos efeitos das variedades e intensas situações de violências

às quais as pessoas estão expostas, provocando a condição de se tornarem apátridas e/ou refugiados.

O ACNUR, no ano de 2021, apresentou uma lista com seis pontos importantes para serem conhecidos acerca dos deslocamentos forçados: a tendência é aumentar; os conflitos, a pandemia de 2020, a pobreza, as emergências climáticas etc., combinaram-se criando um cenário que impede os migrantes de voltarem a seus lares ou forçando-os a fugir; as condições climáticas afetarão todas as pessoas em todos os lugares; quase 51 milhões de pessoas estão refugiadas dentro do próprio país, sem a proteção internacional; cerca de 21 milhões de pessoas são refugiadas sob a guarda da ACNUR e as soluções tomadas não estão encontrando caminhos pacíficos, o que dificulta resolver os problemas do grande número de refugiados (ACNUR-BRASIL, 2021).

O ACNUR (2015) definiu os refugiados como pessoas que escaparam de conflitos armados ou perseguições, conseguiram cruzar fronteiras (internacionais) em busca de segurança e assistência dos Estados, da ACNUR ou de outras organizações para se manterem vivos, uma vez que não podem mais retornar ao local ao qual se tornaram refugiados, por ser perigoso e vital.

Cabem a todos os Estados-nações, componentes da ONU, aceitarem as solicitações dos refugiados e os receberem. Caso os Estados recusem os pedidos, estarão ferindo a Carta da ONU, o Estatuto dos Refugiados¹³, a Declaração de Cartagena¹⁴, os Direitos Humanos e, acima de todos os documentos citados, colocando em risco a vida de milhões de pessoas.

O termo refúgio significa dizer que uma pessoa se encontra em uma situação sob o foco do medo de perseguição em decorrência de uma, ou o conjunto de cinco circunstâncias: ser perseguida pela ordem da raça, religião, racionalidade, pertencimento a um grupo ou por opinião política. O refúgio está fundamentado no fato objetivo que é a perseguição e no fator subjetivo que é o medo.

¹³ Estatuto dos Refugiados é um documento elaborado pela ONU com base nos direitos humanos cujo desejo é reconhecer o caráter social e humanitário do problema dos refugiados. Disponível em: https://www.acnur.org/fileadmin/Documentos/portugues/BDL/Convencao_relativa_ao_Estatuto_dos_R_refugiados.pdf. Acesso em: 27 dez. 2021.

¹⁴ Declaração de Cartagena. Disponível em: https://www.acnur.org/fileadmin/Documentos/portugues/BD_Legal/Instrumentos_Internacionais/Declaracao_de_Cartagena.pdf. Acesso em: 27 dez. 2021.

A partir do mencionado, o tema da migração revela ser um assunto complexo e delicado, por causa das diferentes formas, volumes, contextos, particularidades e intenções com que acontecem. Por causa das tantas particularidades com que ocorrem cada caso deve ser compreendido conforme sua distinção e complexidade. Caso contrário, se forem generalizados e vistos como situações iguais, podem acarretar problemas, individuais ou grupais, além de dificultar os esclarecimentos sobre o tema.

No Brasil, a legislação que regulamenta o tema da migração é a nova Lei de Migração, n. 13.445/2017, cuja função geral dispõe sobre os deveres e direitos, entradas e saídas de pessoas da nação. Bem como estabelecer princípios e diretrizes para as políticas públicas para o migrante, e suas variações (BRASIL, 2017).

A Lei de Migração foi sancionada em 2017, com o objetivo de substituir o Estatuto do Estrangeiro, Lei n. 8.615/1980 (BRASIL, 1980), compreendido como desalinhado com as novas perspectivas mais humanas sobre as migrações e desatualizado com relação às imigrações que aconteceram no Brasil nas últimas décadas.

O Estatuto do Estrangeiro tinha como prioridade defender os interesses da nação sem se preocupar com os motivos que fizeram com que migrantes solicitassem a entrada no país, selecionando e permitindo o acolhimento somente para aqueles que pudessem oferecer benefícios políticos. Os não-nacionais eram considerados estranhos e, a depender do estrangeiro, eram vistos como uma ameaça à ordem social e ao progresso da nação.

A suposta declaração de ameaça estava relacionada com pontos políticos, étnicos e raciais fazendo com que o Estatuto do Estrangeiro se comportasse de maneira conservadora e utilitarista. Tal comportamento estava relacionado com a conveniência de priorizar os interesses nacionais do grupo que detinha o controle do governo, limitando a entrada e permanência daqueles que chegavam.

O Estatuto do Estrangeiro deixava claro logo nos Artigos 1º e 2º a qual destinatário a legislação atendia:

Art. 1º Em tempo de paz, qualquer estrangeiro poderá, satisfeitas as condições desta Lei, entrar e permanecer no Brasil e dele sair, resguardados os interesses nacionais.

Art. 2º Na aplicação desta Lei atender-se-á precipuamente à segurança nacional, à organização institucional, aos interesses políticos,

socioeconômicos e culturais do Brasil, bem assim à defesa do trabalhador nacional.

No Art. 1º as palavras “interesses nacionais” evidenciam que o relevante não era atender às necessidades daqueles que adentravam ao país de maneira permanente ou temporária, independente das razões, mas atender às preocupações de manter as estruturas em que o país se encontrava, no curso em que caminhava, sem correr riscos de acontecer alterações sociais.

No Art. 2º as palavras “atender à segurança nacional” reforçam a interpretação do Art. 1º, expondo que o Estatuto do Estrangeiro caminhava na direção de que a sociedade já estava estruturada e os indivíduos que chegassem deveriam aceitar a lógica estabelecida na sociedade brasileira sem questionar as normas já postas.

De maneira complementar ao pensamento dos dois primeiros artigos da referida Lei, o Art. 107º dissertava que:

Art. 107. O estrangeiro admitido no território nacional não pode exercer atividade de natureza política, nem se imiscuir, direta ou indiretamente, nos negócios públicos do Brasil, sendo-lhe especialmente vedado:

I - organizar, criar ou manter sociedade ou quaisquer entidades de caráter político, ainda que tenham por fim apenas a propaganda ou a difusão, exclusivamente entre compatriotas, de ideias, programas ou normas de ação de partidos políticos do país de origem;

II - exercer ação individual, junto a compatriotas ou não, no sentido de obter, mediante coação ou constrangimento de qualquer natureza, adesão a ideias, programas ou normas de ação de partidos ou facções políticas de qualquer país;

III - organizar desfiles, passeatas, comícios e reuniões de qualquer natureza, ou deles participar, com os fins a que se referem os itens I e II deste artigo.

Ao impedir que os estrangeiros pudessem expressar ideias e exercer atividades políticas, ou agrupamentos de cunho político, o Estatuto de Estrangeiro se comportava de maneira autoritária, limitando as possibilidades de que não-nacionais expressassem sua voz com relação a assuntos de seus interesses e garantir a luta pelos direitos civis.

Aos estrangeiros cabiam não questionar a Lei, sob o argumento de que era para defender os interesses e a segurança nacional a fim de não alterar as estruturas sociais pré-determinadas. O Estatuto do Estrangeiro deixava claro que a aplicação das suas normas era para resguardar de maneira objetiva que os interesses, a ordem e o progresso da nação fossem garantidos.

Diante da justificativa e aplicação da Lei, o ponto central para reflexão deve ser feito considerando que o Brasil é um país constituído em desigualdades sociais. As desigualdades sociais configuram realidades distintas na nação brasileira, que podem ser caracterizadas na representação de grupos, que são os dominantes e os dominados. Portanto, cada grupo possui interesses que diferem dos interesses da realidade social do outro grupo.

Diante dessa configuração resta questionar de quais interesses e a preservação de quais benefícios que o Estatuto do Estrangeiro estava empenhado em defender. Se era dos interesses do grupo dominante ou do grupo dominado, cujos objetivos eram antagônicos.

As inconsistências e desatualizações do Estatuto do Estrangeiro associadas ao fato de que no início do século XXI, um inédito fluxo migratório de pessoas do Haiti, que solicitaram primeiro refúgio e depois acolhimento, por causa da crise civil e contínuos desastres de ordem natural que o país sofreu deixando muitos mortos e feridos, foi a comprovação de que o Estatuto do Estrangeiro estava ultrapassado em relação às migrações contemporâneas e que deveria ser revisto e elaborada uma normativa com redação mais humanitária e pautada nos direitos humanos e civis.

As discussões acerca da legislação brasileira na relação com as migrações internacionais e nacionais resultaram na promulgação da Lei de Migração. Logo de início, é abandonado o termo estrangeiro, de maneira que os migrantes passaram a ser reconhecidos como seres humanos, fundamentada pela perspectiva dos direitos humanos cujos princípios e diretrizes estão traçados para considerar o processo da migração de forma mais ampliada, desde os motivos do deslocamento, da permanência, bem como das diferenciações pela qualidade que o assunto demanda.

De acordo com Claro (2020), a legislação do Estatuto do Estrangeiro e da Lei de Migração se diferenciam tanto no conteúdo quanto na forma. Enquanto a primeira defende os interesses e a segurança da nação, a segunda defende os direitos humanos e civis daqueles que chegam e dos que saem do país; o termo estrangeiro denota a ideia de estranho e como consequência perigoso, ao passo que o termo migração apresenta sentido mais humanista.

A redação da Lei de Migração não vê o migrante como um estranho perigoso, mas o compreende enquanto um ser humano e se preocupa com os direitos da vida. É possível encontrar essa preocupação quando a normativa se refere com qualidade e diferencia a situação dos migrantes. O Art. 1º da referida norma “dispõe sobre os

direitos e os deveres dos migrantes e dos visitantes, regula a entrada no país e estabelece princípios e diretrizes para as políticas públicas para o emigrante” (BRASIL, 2017).

Na Lei de Migração há a referência em considerar os migrantes enquanto cidadão de direitos e deveres, ter em conta a situação daqueles que saem do Brasil para residir em outro país, os emigrantes, além de considerar os residentes fronteiriços, visitantes, refugiados e asilados, citados nos Art. 1º e 2º (BRASIL, 2017).

Nos princípios e diretrizes, da Lei de Migração, são utilizados os termos “direitos e deveres”, “políticas públicas”, “universalidade”, “indivisibilidade”, “interdependência”, “liberdades” e “condições de igualdade”, o que a distância ainda mais das concepções formuladas na legislação elaborada pelos militares, em 1980.

A Lei de Migração é vista como um avanço e uma das mais modernas normas que regulam o assunto das migrações, tanto no Brasil quanto no mundo. No entanto, como é uma lei relativamente nova no campo do Direito, sua eficácia é avaliada com base na proximidade entre o que está idealizado na forma da lei e o alcance real de sua aplicação. Em outras palavras, para que a norma seja considerada eficaz, é importante que sua aplicabilidade se aproxime o máximo possível do que foi estabelecido em sua redação. Segue resumo didático das mudanças legais ocorridas:

Quadro 04: Relação entre Estatuto do Estrangeiro e Lei de Migração

Estatuto do Estrangeiro	Lei de Migração
Estrangeiro	Migrante
Defesa da Nação	Direitos Humanos e Civis
Autoritário; Conservador; Utilitarista.	Humanista; Qualifica os migrantes; Possuem direitos e deveres.

Fonte: Quadro elaborado pela autora (2023) a partir do Estatuto do Estrangeiro (1988) e da Lei de Migração (2017).

Para que a aplicabilidade seja considerada eficiente, demanda tempo para que as análises comprovem resultados eficientes na prática de curto, médio e longo prazos. É com o passar do tempo que as ações são executadas, os dados possam ser gerados, levantados e colhidos para que seja identificada e analisada se a aplicação da normativa é eficiente e eficaz. É só com o cumprimento da legislação, que elas passam a ser conhecidas pelos profissionais, pela população e pelo público mais interessado no assunto, neste caso os migrantes.

A Lei de Migração foi sancionada no ano de 2017, portanto se trata de uma normativa relativamente nova, cuja aplicação, conhecimento, reconhecimento por profissionais e por toda a sociedade civil ainda se encontra em curso. Há um longo caminho até se tornar enraizada na cultura do povo e fazer parte das políticas públicas da sociedade brasileira.

2 CULTURA CORPORAL DE MOVIMENTO E MIGRANTES INTERNACIONAIS

O Brasil é um país extenso tanto no quesito geográfico quanto na existência de diferentes povos coabitando uns com os outros, de maneira que suas práticas culturais e corporais se inter-relacionam. A real interação entre as diversas culturas permite considerar que seja uma das nações mais complexas de compreensão do mundo.

A base da constituição social do Brasil é composta tanto por nativos, denominados como povos originários do território, quanto por povos que foram chegando, de diversas formas e razões, ao longo dos séculos. A interação entre os povos originários e diversos outros que imigraram gerou descendentes de inúmeras etnias e raças, formando um complexo sistema de culturas habitando e coabitando entre si. Essa mistura foi inicialmente intensificada, a partir do século XVI, após a chegada de grupos europeus.

A chegada de europeus abriu as portas para que a imigração de outras comunidades acontecesse por várias razões. Por um lado, aqueles que vieram por vontade ou necessidade própria, e por outro lado, aqueles que foram obrigados e trazidos de maneira nada democrática, para serem escravizados. Durante todo o período moderno o Brasil foi sendo constituído por bases sociais e culturais, predominantemente, de povos originários, de europeus e de africanos, além de outras etnias que também imigraram.

Os intensos conflitos provocadores das grandes crises, de diferentes ordens na Europa, foram os principais motivos para que altos números de colônias saíssem do continente para viver em outros espaços do mundo. Um dos locais escolhidos foi o Brasil. No século XIX, antes mesmo da Independência do Brasil, o movimento de imigração de vários povos já assumia sua consistência em direção ao maior país da América do Sul.

No deslocamento da Europa para o Brasil, além da presença física, imigrantes também trouxeram suas ideologias, comportamentos, práticas sociais, educacionais, culturais etc. Dentre as várias práticas que imigrantes trouxeram, o foco deste trabalho concentra-se no campo das práticas de ginásticas, danças, lutas, esportes, jogos e brincadeiras, como meio para viabilizar processos educacionais, preservar as práticas

e as identidades culturais. Esse conjunto de práticas configura uma área de conhecimento denominada cultura corporal de movimento.

Na visão de Betti (2005), cultura corporal de movimento é compreendida como a parcela específica da cultura em geral, que abrange as culturas historicamente produzidas, nos planos materiais e simbólicos, tematizadas na forma das ginásticas, danças, jogos, lutas, esportes e brincadeiras.

De acordo com o *Dicionário Crítico de Educação Física* (2008), a definição do conceito cultura corporal de movimento é compreendido a partir do processo de ruptura entre duas visões diferentes, presentes no campo. Por um lado, uma visão que utiliza as práticas corporais, com predominância, nas dimensões biológicas e mecânicas do corpo e do movimento; e por outro lado, a visão que representa a inclusão de que o corpo e seu movimento, além de biológicos, também, são fenômenos compostos pelas dimensões histórico-social e cultural.

Historicamente, de maneira sistematizada, os movimentos do corpo foram recrutados para diferentes fins e estiveram presentes nos mais diversos espaços das sociedades. Os movimentos corporais já foram utilizados como ferramentas pelos representantes sociais para alcançar objetivos, que ora eram mais amplos e ora mais específicos, nos mais diversos âmbitos, como nos espaços civis, militares, escolares, médico, religioso, cultural, e na interação entre eles.

De início, os movimentos corporais sistematizados, foram compreendidos através do termo ginástica (exercícios ginásticos), tinham como finalidade educar o corpo de membros das sociedades para se comportarem e movimentarem de maneira homogênea e padronizada. A aplicação dos exercícios ginásticos para padronizar os movimentos corporais eram adotados tanto nos nativos quanto nos indivíduos e grupos que chegavam de outras regiões, com comportamentos e costumes distintos aprendidos dos locais aos quais nasceram.

A intenção para aplicar as práticas a fim de educar, de maneira exclusivamente objetiva e mecânica, os movimentos corporais de diferentes grupos sociais, sem levar em consideração as culturas, abre espaço para compreender a evolução histórica e social de como foram desenvolvidas as práticas culturais e corporais dos povos que chegaram e coabitaram no Brasil, uma nação complexa por causa das inúmeras miscigenações.

Neste trabalho, o corpo e o corpo em movimento são compreendidos como fenômenos históricos e sociais capazes de produzir ao mesmo tempo em que são

produtos das culturas nas quais estão presentes e se relacionam, possíveis de assumir distintas concepções, linguagens, intenções, sentidos e significados de diferentes etnias.

2.1 Contexto histórico e social da cultura corporal de movimento

O século XVIII sinalizou consideráveis transformações e mudanças significativas nas características da história da humanidade. Foi o período compreendido pelos inícios de grandes revoluções, marcado por movimentos de intensas tensões e rupturas que atingiram espaços geográficos e culturais, orientados por ordens políticas, sociais, étnicas, tecnológicas e na interação entre elas. Implicou nas mudanças sociais causadas pelas explosões demográficas e redistribuições de propriedades resultadas pelos deslocamentos ideológicos, caracterizando as grandes migrações regionais, nacionais, internacionais e intercontinentais.

As transformações da época ocasionaram mudanças, também, nas ideias e nos ideais com relação à educação do povo, em que houve a centralização da educação como “um movimento em que se organizam processos de conformação às normas coletivas, em que a cultura opera sua própria continuidade, em que sujeitos superam sua própria particularidade, para integrar à coletividade” (CAMBI, 1999, p. 381).

Cambi (1999) argumentou que o sentido mencionado para a coletividade não estava destinado a alcançar os princípios da solidariedade ou da união humana. Uma vez que, a educação recebeu conotações teóricas e colocações práticas desalinhas, para que fosse possível (re)produzir e divulgar as ideologias que atendiam aos interesses dos grupos dominantes. O que significa dizer que a burguesia, enquanto grupo consolidado, investiu em ideologias-chave para obter o controle social e garantir a gestão do poder.

A educação foi utilizada como um mecanismo capaz de sustentar e fortalecer as ideias e ideais burgueses, a ela foi delegada a função de pacificar as comunidades para aceitarem as condições de vida propostas sem levantar questionamentos. Os objetivos eram unificar os valores, sentimentos e comportamentos independentes das origens sociais e culturais de cada membro integrante do grupo:

A educação não é um fenômeno isolado das demais políticas sociais. Não ocorre por acaso, descuido ou acidente. Ela integra de modo orgânico as formas de difusão de uma determinada mentalidade (SOARES, 2012, p. 28).

Foi a partir da noção de integralidade educacional que os interesses de alguns europeus com relação à educação de toda a população, em seu tripé intelectual, moral e física, foi intensificada. Dentre os três pilares da educação, o físico/corpo passou a receber atenção especial e ser compreendido como parte importante na formação de novos corpos, de homens e mulheres, necessários para atender às demandas da nova realidade, crescente da sociedade industrial e capitalista.

A perspectiva da educação integral para atender às demandas da sociedade capital e industrial utilizou, de maneira fragmentada e sistematizada, a educação do movimento do corpo na forma dos exercícios ginásticos, ginástica. A concepção de ginástica foi afirmada e aceita a partir dos princípios das ciências, biologia, anatomia e fisiologia, que estavam cada vez mais em ascensão na época, e como parte significativa dos novos códigos de civilidade do século XIX (SOARES, 2005).

Por um lado, os exercícios ginásticos conseguiram romper com a concepção de que o corpo estava presente no território do obscurantismo religioso, ao defender que seu culto seria pecado, e avançaram colocando a educação corporal sob a ideia da laicidade. Por outro lado, a ginástica colocou o corpo em posição de caráter conservador, para ser controlado e útil, compreendido como instrumento para aumentar a produção e os lucros à luz das explicações e razões das ciências biológicas.

O caráter científico herdado pela ginástica, destinou-lhe a função de legitimar os movimentos corporais aceitos para serem praticados pelos membros das sociedades. Além dos movimentos corporais também foram incluídos os gostos, as vontades, motivações, posições e comportamentos de todos os civis. A ginástica foi utilizada pelos grupos dominantes como um dos mecanismos para impor os próprios interesses e padrões culturais sob as práticas de vida dos grupos dominados (SOARES, 2012).

Alguns europeus tinham o interesse de popularizar essa compreensão acerca dos exercícios ginásticos para unificar as diferentes práticas corporais, das diferentes culturas, aprisionadas em um só conceito aceito, ginástica. Eram considerados exercícios ginásticos todos os movimentos que perpassavam desde os treinamentos

militares, os jogos populares, acrobacias, danças, corridas, esgrima, entre outras manifestações corporais (SOARES, 2005).

À ginástica foi destinada a função de educar os corpos, de maneira que as estruturas corporais deveriam estar simetricamente em seu devido lugar, alinhada de preferência na vertical. Nenhuma estrutura do corpo poderia estar fora do lugar convencional. Os corpos que se encontravam foram dos padrões estipulados eram considerados indesejados, malvistas, e em muitos casos excluídos dos grupos, caso não cumprissem as orientações para se ajustar às normas estabelecidas.

A intenção de padronizar os gostos e comportamentos de civis resultou na inauguração dos denominados métodos tradicionais de ginástica europeu. Os métodos de ginástica foram um dos mecanismos aplicados para sistematizar os movimentos corporais a fim de fortalecer os corpos e a ideia de que os exercícios físicos ajudariam a defender a nação, sob as posturas militarizadas, utilitaristas, disciplinadora e metódica dos quartéis. Para defender a nação era necessário, também, minimizar o divertimento, ludicidade, os espetáculos de rua e do circo.

A ginástica, então, “passa a ser vista como prática capaz de potencializar a necessidade de utilidade das ações e dos gestos” (SOARES, 2005, p. 18), para que o indivíduo internalize a noção de economia de tempo, de gasto de energia e cultive a saúde, para atender aos interesses das ideologias da dupla revolução¹⁵.

Além de consolidar os exercícios físicos como meio para fortalecer a defesa da nação e de perder o caráter de diversão, a ginástica ainda ganhou a responsabilidade de ser a fonte para curar os males sanitários em que as sociedades se encontravam. Aos exercícios físicos foram destinadas a obrigação de preservar e tratar da saúde biológica, social e moral dos indivíduos e, conseqüentemente, da comunidade. A finalidade de utilizar a ginástica como fonte de cura social tinha como interesse eliminar os perigos que ameaçavam os objetivos de progresso do capital, seus lucros e privilégios (SOARES, 2012).

Foi com essas preocupações que representantes governamentais em conjunto com intelectuais europeus da época delimitaram os objetivos dos métodos tradicionais de ginástica. Os objetivos de todos os métodos europeus eram: regenerar a raça, fundamentados nas concepções eugênicas; promover a saúde (sem alterações nas condições de vida); desenvolver a vontade, coragem, força e energia para servir à

¹⁵ Revolução Francesa e Industrial.

pátria, nas guerras e nas indústrias e desenvolver a moral e os bons costumes dos cidadãos – que significava intervir nas tradições e costumes de todos os povos (SOARES, 2012).

Apesar de todos os países europeus utilizarem os mesmos objetivos por meio dos exercícios ginásticos, cada nação tinha suas próprias formas de aplicar os métodos, além de objetivos mais específicos (SOARES, 2005). Como exemplo de particularidade, pode ser citado o caso do método desenvolvido na Inglaterra (método inglês), que além do treinamento militar, também destinava importância às práticas corporais afirmadas nos jogos esportivos. O que deu início à ascensão do movimento do esporte moderno na Europa e no mundo.

Os objetivos dos métodos tradicionais de ginástica primeiro foram aplicados de acordo com os interesses dos homens brancos, para serem destinados, aprendidos e reproduzidos, em seguida, para as mulheres, crianças e trabalhadores. Os objetivos foram empregados preliminarmente nos âmbitos militares e sociais, e posteriormente inseridos nas escolas com o intuito de que as futuras gerações incorporassem os comportamentos militarizados, controlados pelas ciências, disciplinados, úteis, desde a infância até a fase adulta para vir a servir os interesses de cada nação (SOARES, 2005).

A partir dessas informações é possível perceber que os exercícios ginásticos, de caráter sistematizados, nasceram primeiro no seio das sociedades civil e militar, e somente mais tarde foram inseridos dentro dos muros escolares. A intenção de inserir os exercícios ginásticos na educação formal esteve vinculada com a finalidade de educar os futuros cidadãos sob a incorporação da cultura disciplinar logo na infância, sob o discurso de que seriam resolvidos problemas educacionais e morais presentes nas sociedades.

A ginástica científica, militarizada e sistematizada, na forma dos métodos tradicionais europeus com a finalidade de educar os movimentos corporais das sociedades, chegaram ao Brasil no final do século XIX. Os primeiros métodos tradicionais a chegar influenciaram significativamente na forma com que os movimentos corporais da sociedade brasileira seriam educados. Os primeiros métodos a chegar ao território foram o alemão, o sueco e o francês.

Ao longo do século XX, outros métodos tradicionais de ginástica¹⁶ chegaram e tiveram certo espaço para serem desenvolvidos nos diferentes âmbitos do Brasil. Mas, o desenvolvimento foi com menor expressão com relação aos primeiros citados, como foi o caso da calistênia, inglês, natural austríaco e o desportivo generalizado¹⁷.

Nos diferentes campos do conhecimento, existem diversas¹⁸ produções científicas que utilizaram os métodos tradicionais de ginástica como objeto de estudo. As investigações realizadas sobre os métodos foram para compreender as principais características que tinham, as funções para serem utilizados e os objetivos, em níveis mundial e nacional.

No entanto, para compreender a forma em que chegaram ao Brasil e o sentido que imigrantes, e seus descendentes, atribuíram aos métodos como meio para desenvolver os processos de educação do movimento do corpo na relação com o desenvolvimento das próprias práticas culturais, ainda são possibilidades para pesquisas menos exploradas.

Logo nas primeiras décadas do século XX, o sueco foi um dos métodos que representantes políticos da elite brasileira tentaram inserir como obrigatório nas escolas. Pouco se sabe sobre sua chegada e circulação pelo país. Moreno (2015) desenvolveu pesquisas acerca do método sueco na relação com o corpo do homem fluminense, no Rio de Janeiro, bem como o propósito da ginástica sueca e sua circulação pelo Brasil.

De acordo com Moreno (2015), o método sueco foi pouco a pouco ganhando repercussão por causa da simpatia que o político Ruy Barbosa (1849-1923) lhe destinava, defendendo que deveria ser incluído na educação formal brasileira. Ruy Barbosa argumentava que o referido método era o mais viável nas instituições escolares por causa de suas características pedagógicas em prol de uma formação moral, higiênica e disciplinadora. Mas, o sueco nunca chegou a ser introduzido nas escolas brasileiras (MORENO, 2015).

A ginástica sueca primava pelos detalhes dos movimentos do corpo, meticulosamente pensado, estudado e avaliado, chegando a ser monótono e até

¹⁶ Goellner (1992) apresentou características acerca dos Métodos: Calistênia, Inglês e Natural Austríaco.

¹⁷ Cunha (2017) apresentou estudo acerca do Método Tradicional de Ginástica Desportivo Generalizado.

¹⁸ Goellner (1992); Cunha (2017); Soares (2005; 2012); Quitzau (2016); Assmann (2019); Moreno (2003), entre outros.

mesmo considerado triste pela população. Essas características aplicadas dificultaram a possibilidade de realizar um diálogo com o movimento do corpo do povo brasileiro, uma vez que, no plano das atividades corporais, os nacionais primavam por práticas mais alegres, dançantes e festivas (MORENO, 2003).

Assim como o sueco, o método francês também chegou ao Brasil logo nas primeiras décadas do século XX. Mas, diferente do primeiro, influenciou de maneira significativa a educação, também física, do povo brasileiro.

O método francês nasceu fundamentado nos conceitos e prestígio das ciências biológicas, nos princípios do positivismo e na ideologia liberal reforçando a formação militar e o fortalecimento do trabalhador. Chegou ao Brasil por volta de 1904, importado pelo governo brasileiro para qualificar o Exército nacional, através da ação militar francesa para ministrar instruções para a Força Pública do Estado de São Paulo (GOELLNER, 1992).

De acordo com Loureiro (2019), o método de ginástica francês foi adotado oficialmente em 1921 no Exército brasileiro, pelo Decreto nº 14.784, e nas escolas brasileiras somente em 1931, pela Portaria nº 702, do Ministério dos Negócios da Educação e Saúde Pública, permanecendo vigente até o final do Estado Novo (1937-1945), (CASTRO, 1997).

O exército francês enviou o método para o Brasil para treinar o exército brasileiro com objetivo de fortalecer a tropa através dos exercícios físicos característicos da França. Apesar da significativa participação que o método francês desenvolveu com a educação e construção cultural da população residente no Brasil, ele foi imigrado por vias oficiais do governo.

Portanto, mesmo tendo sido defendido por militares e intelectuais e influenciado meios civis para que a educação dos movimentos do corpo de residentes no Brasil fosse desenvolvida, o método francês não foi produzido e desenvolvido nas práticas culturais cotidianas de imigrantes presentes no país. Ou seja, foi incorporado na legislação brasileira, mas quais os sentidos da prática obrigatória do método francês para os diferentes imigrantes que residiam no Brasil?

Um outro método que chegou ao Brasil e conseguiu realizar práticas consideravelmente expressivas foi o alemão. O método de ginástica alemão foi o primeiro a chegar logo no início do século XIX, permaneceu ativo durante todo o referido período, e conseguiu desenvolver suas práticas até as primeiras décadas do século XX.

O método de ginástica alemão chegou por indícios de duas formas diferentes: por meio de soldados germânicos e por práticas culturais cotidianas realizadas pelas colônias de imigrantes oriundas dos diferentes territórios germânicos.

O método de ginástica alemão chegou pela via dos militares germânicos¹⁹, denominados de *Brummers*. Eles foram enviados para o Brasil com o objetivo de ministrar instruções profissionais através dos exercícios ginásticos alemães para o exército brasileiro enfrentar a Argentina em uma guerra (TESCHE, 2013).

A outra via de chegada do método alemão foi através da cultura germânica incorporada no corpo e trazida pelas colônias de imigrantes de origem germânica. Os imigrantes germânicos se instalaram no território brasileiro e desenvolveram, ao longo do tempo, suas práticas cotidianas sociais, educacionais e culturais, incluindo os movimentos corporais. Os imigrantes germânicos destinavam às práticas dos movimentos corporais alto valor de importância, pela razão de serem considerados como um meio para conservar e manter viva a cultura do país de origem.

A chegada do método alemão ao Brasil, foi objeto de estudos e pesquisas de diferentes autoras como Quitzeu (2016), Assmann (2019), Levien (2011), Gouvêa (2011), além de outros(as), que se debruçaram para investigar sobre documentos produzidos por autoridades dos governos da época, retrataram os contextos históricos em que a ginástica foi desenvolvida no país, sob o foco de diferentes campos do conhecimento. Assmann (2019) argumentou que as leituras da tese que produziu, também podiam ser realizadas sob o olhar da migração e justificou que este foi um dos meios pelo qual a ginástica alemã foi desenvolvida no Brasil.

Ainda assim, o objetivo geral delimitado pela autora não foi compreender o sentido que os imigrantes atribuíam ao método alemão para conservar os processos educacionais e preservação da cultura do país de origem. Apesar de tocar no assunto, a pesquisa de Assmann (2019) abriu um espaço para aproximar o tema da migração com a área da cultura corporal de movimento, pelo olhar de imigrantes.

A numerosa saída de pessoas emigrando da Europa para outras regiões do mundo se deu por causa dos intensos processos de modernização, revoluções e inseguranças provocadas pela ideia da vida moderna. Dentre os possíveis destinos, o Brasil se tornou viável por causa dos estimulantes convites realizados pelo governo

¹⁹ Tesche (2013), na obra *O séc. XIX, os Brummer e a introdução da Turnen/ginástica no Brasil*, denomina os militares germânicos como *Brummers*.

imperial motivando a condição da migração, por desejo ou necessidade, para a vinda de grupos europeus.

A preocupação do governo imperial brasileiro em atrair migrantes europeus vinculava-se à ideia de viabilizar a nova ordem social capitalista que vinha crescendo. A nova ordem da sociedade brasileira caminhava para consolidar o sistema capitalista através do trabalho livre e remunerado substituindo-o, considerado antigo, trabalho escravista (SOARES, 2012).

O declínio da utilização da mão-de-obra de pessoas colocadas em situação de escravidão e a produção da lavoura de cana-de-açúcar minimizada abriram espaço para o governo brasileiro estimular a entrada de imigrantes de diferentes etnias (italiana, portuguesa, árabe, espanhola, alemã, suíça etc.), para lidar com a plantação e produção do café. Tais fatos, consolidaram a troca do trabalho análogo à escravidão pelo trabalho dos imigrantes europeus.

A troca do trabalho escravista para o trabalho de imigrantes favoreceu o Brasil atendendo a duas preocupações básicas: por um lado, aumentava a população branca, com interesse de eugenicizar a sociedade brasileira; e por outro lado, os imigrantes davam conta do trabalho com competência e certa criatividade, uma vez que eram alfabetizados e tementes a Deus.

Em contrapartida, o critério estabelecido de serem alfabetizados para beneficiar o governo brasileiro se tornou um problema anos mais tarde. Os imigrantes letrados e alfabetizados haviam emigrado, justamente, porque eram trabalhadores com ideias revolucionárias e terem se posicionado contra as condições às quais estavam submetidos no país natal. Quando se instalaram no Brasil perceberam que estavam sendo colocados nas mesmas condições das que os fizeram emigrar (SOARES, 2012).

Além do interesse do trabalho capitalista, o governo brasileiro intencionava atrair os europeus para povoar as terras desocupadas, modernizar o país e embranquecer a população. Foram utilizados diversos mecanismos para atrair os migrantes e alcançar tais objetivos: promessas de benefícios, isenção de impostos, doação de terras, condições para trabalhar etc. Ou seja, tentar viabilizar a utopia de tornar o território brasileiro o mais próximo possível das características europeias. Os europeus foram atraídos pelas promessas anunciadas e acataram a oportunidade visando vantagens e benefícios que lhes foram apresentados. No entanto,

posteriormente, houve relatos de que se sentiram enganados, porque não receberam exatamente o que lhes foi prometido (LEVIEN, 2011).

Dentre os vários povos imigrantes, as colônias alemãs chegaram, com predominância, entre os anos de 1820 e 1960, ano em que o governo brasileiro oficialmente encerrou a entrada de estrangeiros no país, por causa dos ocorridos na Segunda Guerra Mundial, na qual a Alemanha foi derrotada. Ao longo desse recorte temporal, aproximadamente 235 mil pessoas de origem germânica chegaram por razões totalmente heterogêneas (GOUVÊA, 2011; LEVIEN, 2011).

Além do aliciamento do governo brasileiro, as razões que motivaram as colônias alemãs para imigrar foram por busca de melhores condições de vida, questões intelectuais, militares, asilo político, refugiados, entre outros motivos. Ou seja, chegaram pessoas imigradas por diversas razões ao território brasileiro e após chegarem se instalaram, com predominância, em residências nas regiões Sul e Sudeste do país (GOUVÊA, 2011; ASSMANN, 2019).

A instalação das colônias alemãs não aconteceu sem dificuldades. Os principais motivos foram, além de não terem recebido o que lhes foi prometido pelo governo imperial, o clima, a vegetação e os costumes dos residentes no Brasil causaram estranhamentos sentidos pelos imigrantes. Enfrentaram, ainda, conflitos com os fazendeiros, porque os alemães não tinham prática com a agricultura, uma vez que os trabalhos que desenvolviam na nação de origem tinham características mais urbanizadas, com técnicas e funções que se aproximavam das cidades, como ferreiros, marceneiros, torneiros mecânicos, padeiros, entre outros.

Durante o período de instalação, as colônias de imigrantes alemães se organizaram de maneira estratégica para manter a sobrevivência do grupo. O mecanismo estratégico utilizado foi a criação de redes de sociabilidades construídas através de associações sociais. As comunidades germânicas buscavam não apenas sobreviver, mas também preservar seus costumes culturais e educar suas gerações futuras. Dessa forma, pretendiam manter viva a memória de suas raízes e a sensação de continuidade com a Alemanha.

As associações sociais criadas pelos imigrantes tiveram como base três instituições articuladas entre si, servindo de pilares estruturais para manter os objetivos das colônias teuto-brasileiras fortalecidas: as sociedades religiosas, escolares e os clubes sociais (ASSMANN, 2019).

Um dos principais pilares que estruturaram as redes de sociabilidades entre os imigrantes foram as sociedades religiosas. Os imigrantes alemães atribuíam à religião muita importância, de maneira que as colônias firmaram que as crianças e jovens deveriam ser educados, primeiro, através das devoções religiosas da própria cultura, e aos adultos era destinado o direito de satisfazer suas necessidades espirituais. Os imigrantes mantiveram firmes seus costumes religiosos, fossem pela Igreja Luterana, com cultos escondidos, ou na conversão e no batismo para o catolicismo, por que consideravam que a base religiosa era indispensável.

As sociedades religiosas das colônias alemãs não foram estruturadas de maneira linear e pacífica, pelo contrário, foi se desenrolando de forma tensa e conturbada. Essa tensão tinha origem na cultura religiosa, predominante, do Brasil Império que se declarava católico e proibia quaisquer manifestações de outros cultos religiosos no território brasileiro.

A maioria dos imigrantes alemães nas colônias apresentava afiliação religiosa ao luteranismo e ao protestantismo, embora alguns grupos católicos também estivessem presentes. Inicialmente, esses imigrantes enfrentaram restrições no exercício de seus cultos e práticas religiosas, pois não dispunham de locais apropriados para se reunirem. Somente com a Proclamação da República em 1889, eles conquistaram o direito de professar sua fé livremente e passaram a buscar recursos para construir suas igrejas luteranas.

Alinhado com as sociedades religiosas, outro pilar que estruturou as redes de sociabilidades entre os imigrantes foram as sociedades educativas e escolares, sob a guarda da educação religiosa. As sociedades educativas foram construídas para ensinar as crianças e os jovens a cultura alemã, ainda que presentes no território brasileiro. As escolas teuto-brasileiras eram particulares, foram criadas e mantidas com recursos dos próprios colonos ou dos grupos, para assegurar que seus descendentes garantissem que o futuro do patrimônio cultural alemão permaneceria vivo.

O alemão era ensinado como idioma oficial das colônias e o português era a segunda língua para fazer comunicação como os nativos ou com outras etnias presentes no Brasil. Além da necessidade de comunicação, o português era aprendido em consideração ao Brasil ser a pátria da cidadania na qual estavam residindo.

Às escolas eram destinadas, também, a função de ensinar a ler, escrever, calcular, compreender os símbolos representantes da cultura alemã, adquirir os

comportamentos considerados de boa conduta e que despertavam o sentimento de pertencer à 'Boa Sociedade'. Como disse Assmann (2019), através da cultura adquirir o *habitus* da idealizada 'Boa Sociedade' alemã.

As escolas atendiam os alunos de acordo com classes sociais e gêneros. As instituições mais próximas das zonas urbanizadas atendiam aos filhos de grupos mais elitizados, considerando a origem familiar. Nessas instituições, as aulas para os meninos eram prioritárias e serviam para transmitir os conhecimentos para vir a ser o bom cidadão nacionalista, forte e virtuoso. Para as meninas as aulas serviam para ensinar como se comportar na sociedade através do ensino da costura, bordado, adquirir boas maneiras e disciplina adequada (LOURO, 2009).

Nas zonas mais distantes dos centros urbanizados, ou seja, nas zonas rurais, as escolas atendiam a educação da massa popular. A educação dos filhos da massa popular era realizada em espaços nos quais aconteciam aulas mistas, ou seja, tanto meninas quanto meninos recebiam o ensino conjuntamente. (LOURO, 2009).

Todas as escolas das colônias alemãs, nas diferentes regiões do Brasil, partiram dos mesmos interesses. No entanto, ainda que os objetivos fossem iguais, a forma como eram aplicados se diferenciavam de um grupo para outro, de maneira que, os processos metodológicos para a transmissão dos conhecimentos culturais e educacionais foram desenvolvidos de forma heterogênea.

Em conjunto com as sociedades religiosas e educativas, o terceiro pilar das redes de sociabilidades entre os imigrantes alemães foram as sociedades recreativas estruturadas na forma de clubes sociais. Os clubes eram espaços onde os cidadãos teuto-brasileiros, que ocupavam posições de prestígio, se reuniam para desenvolver manifestações com fins recreativos. As sociedades recreativas, fundamentadas com alto valor de importância, serviam para realizar práticas como as ginásticas, esgrima, tiro ao alvo, canto, além de outras.

Às sociedades recreativas eram destinadas as responsabilidades funcionais de executar as redes de sociabilidades por via dos acontecimentos dos eventos sociais, comemorações, festividades e, principalmente, pelo desenvolvimento da prática eleita pelos alemães como a representante coletiva de um povo forte e saudável, a ginástica, denominada pelo termo de *Turnen*²⁰.

²⁰ *Turnen* é um termo de origem germânica que é acompanhado por suas variações, exemplo: *Turner* (ginásta); *Volksturnplatzes* (campos de ginástica populares); *Turnfeste* (festas de ginástica) etc.

A importância destinada às práticas do *Turnen* era tão valorizada pelos próprios civis na Alemanha e pelas colônias de imigrantes teuto-brasileiras, que deveriam ser desenvolvidas, obrigatoriamente, tanto nas sociedades educativas, nas escolas, quanto nas sociedades recreativas.

A obrigatoriedade servia para que durante as aulas os praticantes aprendessem movimentos corporais para serem demonstrados nos eventos e festividades dos grupos de origem germânicas. A aplicação do *Turnen* reunia movimentos corporais que iam desde a caminhada, atletismo, natação, exercícios ginásticos, acrobáticos ou não, realizados com ou sem aparelhos, utilizando música ou não, escaladas, saltos, lutas, além de outros.

A importância atribuída ao *Turnen*, como a representante da cultura alemã, era concretizada através da realização do movimento do corpo de quem o praticava e de quem o visualizava. No entanto, a atribuição do sentido do *Turnen* como meio para representar a cultura alemã, tantos pelos nativos alemães quanto pelos imigrantes teuto-brasileiros, não se limitava somente à realização da prática com os movimentos do corpo.

O *Turnen*, também, era compreendido como um fenômeno sociocultural que contemplava sentidos mais amplos do que somente práticas de ginásticas, esportivas e corporais, englobando apropriações também amplas do sentido do corpo e da sociedade. Era compreendido como uma prática cultural que representava ao mesmo tempo em que produzia representações culturais da identidade alemã (e/ou teuto-brasileira). A representação simbólica que os representantes das colônias pretendiam alcançar era a identidade de um povo puro, devoto, alegre e livre²¹, através desse fenômeno sociocultural (ASSMANN, 2019).

No português do Brasil não existe uma palavra que corresponda ao sentido atribuído pelos alemães, e teuto-brasileiros, ao termo *Turnen*. A palavra portuguesa mais próxima para representar o significado é a ginástica, ainda assim essa tem um significado mais restrito e não contempla a tradução completa do sentido que a cultura alemã destina ao termo.

Friedrich Ludwig Jahn (1778-1852) era considerado o pai do povo germânico por ter treinado os soldados utilizando os exercícios ginásticos para enfrentar tropas francesas que havia invadido e ocupado o território prussiano em uma batalha. Jahn

²¹ Palavras no idioma Alemão *Frisch* (puro), *Fromm* (devoto), *Fröhlich* (alegre), *Frei* (livre) (ASSMANN, 2019).

sistematizou a ginástica de aparelhos, conhecida atualmente como Ginástica Artística, e foi o responsável pela ideia de mudar o termo ginástica²² para o termo *Turnen*.

A justificativa utilizada para a troca dos termos foi que a população germânica não precisava utilizar elementos de culturas estrangeiras para expressar seu espírito nacionalista. Pelo contrário, deveriam valorizar os elementos cuja origem era da própria região. Além da mudança da nomenclatura, o significado também foi amplificado (ASSMANN, 2019).

O *Turnen* foi uma das práticas eleita por imigrantes, e seus descendentes teuto-brasileiros, para representar o grupo como saudável, forte, virtuoso e livre. Essa representação era um mecanismo para os diferenciar do coletivo de outros grupos étnicos, de maneira que essa distinção estabelecia limites sociais simbólicos de um grupo em relação a outros, como exemplo os luso-brasileiros, ítalos, franco, e a própria população nativa (SILVA; PEREIRA; MAZO, 2012).

Considerado como uma prática capaz de conservar as memórias vindas da Alemanha, o sentimento de pertencimento e ressignificação das representações culturais, os imigrantes e seus descendentes construíram clubes, espaços sociais, eventos, com a participação das escolas, para celebrar, homenagear, comemorar a cultura alemã, através da socialização, lazer e a distinção de outros grupos étnicos.

Assmann (2019) apresentou que foi através do sentido atribuído ao *Turnen* que imigrantes alemães organizaram associações e figuraram as relações intersubjetivas e rede de interdependências conectando os indivíduos em composições socioculturais consideradas ideais. Quitzau (2016) destacou a ajuda da imprensa com publicações periódicas para divulgar os eventos, nacionais e alemães, sobre as sociedades de ginástica, além de compartilhar as representações culturais, os sentimentos nacionalistas e os códigos dos comportamentos a serem seguidos.

A construção de espaços sociais foi uma estratégia para manter os costumes e tradições, como preservar o idioma, praticar os exercícios físicos, chegando a transformar os clubes em focos de manifestações culturais teuto-brasileiras. O primeiro clube teuto-brasileiro organizado foi no ano de 1867, em Porto Alegre, e que atualmente ainda está ativo, com o nome de SOGIPA (Sociedade de Ginástica de Porto Alegre).

²² Ginástica é um termo de origem grega, *gymnastikí*.

Em contrapartida, mesmo com toda a importância atribuída, prestígio social, simbólico e força destinada para preservar as continuidades das práticas do *Turnen* nas diferentes regiões, nas quais os teuto-brasileiros estavam instalados, este não foi praticado e fielmente aceito de maneira homogênea por todos os componentes das colônias.

Houve aqueles que achavam exageradas a intensidade e formas com que eram impostas as práticas da ginástica, sob a justificativa de aceitar o sentido atribuído ao *Turnen*, para a realização dos eventos e comemorações sociais e culturais. Aqueles que não concordavam e decidiam não seguir as ordens estabelecidas chegavam a serem excluídos dos grupos sociais, sob o argumento de não se encaixarem nos *habitus* ginásticos que caracterizavam a idealizada 'Boa Sociedade' teuto-brasileira (ASSMANN, 2019).

A intenção de imigrantes alemães no Brasil era figurar uma identidade cultural ideal e fortalecida, após consolidar suas estruturas de associativismos e sociedades. Contudo, o território germânico até 1871 não era unificado e bem definido, reconhecido como nação alemã como é conhecida atualmente. Tal fato permite refletir que, na prática, cada grupo tinha práticas culturais diárias diferentes dos outros grupos. Portanto, aqueles que migraram para o Brasil não necessariamente compartilhavam dos mesmos costumes, comportamentos e representações simbólicas, de maneira homogênea.

No Brasil, o que os imigrantes alemães e os teuto-brasileiros tinham em comum era a origem territorial europeia, mas suas práticas foram recebendo influências externas ao coabitar e socializar com outros grupos, ao longo dos anos. Ao chegar ao Brasil, suas culturas receberam interferências tanto dos nativos quanto de outros povos que para cá migraram, como foi o caso de imigrantes ítalos, francos, hispanos, nipos, entre outros.

Mesmo existindo posicionamentos contrários às intensas formas de expressão, as representações simbólicas com relação às práticas culturais e educacionais dos teuto-brasileiros fortaleciam-se. Essa conjuntura se fez presente até o momento em que as diplomacias entre Alemanha-Brasil começaram a ficar estremecidas por causa dos acontecimentos oriundos da Primeira Guerra Mundial (1914-1918).

No início da guerra, o Brasil tinha uma boa relação diplomática com a Alemanha e esteve em posição de imparcialidade frente aos conflitos entre os países europeus. No entanto, acontecimentos como o incômodo que a força da cultura teuto ganhava

no território brasileiro; a ideia dos descendentes alemães quererem separar o Sul do restante do Brasil (QUITZAU, 2016); o governo brasileiro trabalhar em prol do 'abrasileiramento' das culturas estrangeiras e do desenvolvimento da identidade do povo brasileiro, que até então era conhecido como um país de imigrantes e descendentes e o fato do governo alemão ter abatido os navios Paraná, Tijuca e Lapa (OLIVEIRA, 2013) fez com que o Brasil entrasse na guerra e declarasse apoio à França.

O apoio do Brasil à nação francesa na guerra enfraqueceu o prestígio que as associações e sociedades teuto-brasileiras haviam construído ao longo dos anos. As práticas do *Turnen* foram perdendo força e desvalorizadas, contribuindo para a ascensão e fortalecimento dos esportes, em especial o atletismo e o futebol.

O enfraquecimento das práticas culturais dos teuto-brasileiros, em conjunto com o fortalecimento das ideias de construir a identidade cultural do povo e modernizar a nação brasileira, foi ganhando cada vez mais força e abriu espaço para que o método francês passasse a orientar as práticas educacionais por meio dos exercícios ginásticos. O método foi adotado tanto na sociedade civil quanto no meio militar.

A ginástica francesa foi eleita o método de ensino para educar o movimento corporal do povo brasileiro, a ser aplicado em todas as instituições de ensino, incluindo as escolas. Inicialmente, a nomenclatura utilizada era a ginástica, mas depois foi alterado e adotado o termo Educação Física (SOARES, 2012).

Foi nessa conjuntura que a ginástica francesa, denominada de Educação Física, foi oficialmente implementada, de maneira obrigatória, em todas as instituições civis, compondo o quadro das disciplinas escolares com a perspectiva de ser alterado quando o Brasil tivesse desenvolvido seu próprio método de ginástica nacional (SOARES, 2012; CUNHA, 2017).

A escolha da ginástica francesa alinhava-se com os seguintes fatores: o apoio declarado à França e o fato de a nação europeia ter saído vitoriosa no pós-primeira guerra; a admiração das tropas militares brasileiras com relação à missão militar francesa e o entusiasmo que ascendia com relação à educação e as reformas educacionais, que viriam a ser realizadas no período do Estado Novo, fundamentadas sob o pensamento do liberalismo.

A alteração da nomenclatura ginástica para o uso do termo Educação Física tinha o sentido de educar/adestrar o físico/corpo fundamentado nos objetivos

estabelecidos pelas instituições médicas higienistas e militares, para serem aplicados no interior das escolas. A Educação Física se tornou um instrumento de intervenção na realidade educacional, social e cultural brasileira, para atender à necessidade de construir um corpo novo, individual e coletivo, para consolidar o processo de modernização do Brasil (SOARES, 2012).

A ginástica militar francesa foi utilizada como mecanismo para organizar militarmente a população civil, educar o espírito nacionalista e congregar os sentimentos de patriotismo para defender a nação caso houvesse invasões externas ou ameaças internas. Como exemplo, Horta (1994) apresentou o medo do monstro do comunismo²³ e as ações pedagógicas de professores considerados comunistas.

A ginástica francesa ao ser inserida nos ambientes escolares se tornou um objeto de disputa de diferentes instituições sociais para garantir que os interesses particulares de cada uma fossem colocados em prática. As instituições sociais tiveram como representantes os militares, os educadores e os religiosos.

De acordo com Horta (1994), os interesses dos militares com a aplicação dos exercícios ginásticos franceses se fundamentavam na ideia de disciplinar a população brasileira em nome da ordem, do progresso, do desaparecimento da luta de classes interna e da modernização da nação. No entanto, a forma como tentaram implementar não aconteceu de maneira pacífica, uma vez que houve conflitos de ideias, tanto no interior da própria ala militar quanto no interior da sociedade civil.

Por um lado, representada por Olavo Bilac²⁴, uma parte defendia a militarização de todos os civis, como serviço militar obrigatório, tornando a população soldadocidadão, de maneira que alguns chegaram a defender a transformação das escolas em quartéis. Por outro lado, a oposição, representada por Alberto Torres²⁵, defendia que o treinamento militar deveria ser resguardado somente aos profissionais e especialistas das defesas bélicas, e não para toda a população no mesmo grau de igualdade.

Em 1929, para garantir o controle das aulas, o Ministério da Guerra preparou um anteprojeto de lei regulamentando as formas com que o método francês deveria

²³ Comunismo: Para mais informações *O Hino, o sermão e a ordem do dia: regime autoritário e a educação no Brasil* (HORTA, 1994).

²⁴ Olavo Bilac (1865-1918) foi um poeta, filho de ex-militar, muito aceito pela elite civil paulista.

²⁵ Alberto Torres (1865-1917) foi um jurista, político e escritor, conhecido em sua época pelos traços marcantes de seu pensamento sobre nacionalismo, crítica ao imperialismo, crítica aos partidos políticos etc. (FERNANDES, 2011).

ser desenvolvido nas escolas. O regulamento estabelecia que as orientações e o controle das aulas eram de responsabilidade do Exército e ao Ministério da Educação e Saúde (MES), criado em 1930, caberia somente a função de ministrar o método de ginástica nas aulas.

O regulamento proposto pelo Ministério da Guerra, que dava plenos poderes de decisão aos militares, não foi bem aceito e recebeu duras críticas dos educadores da Associação Brasileira de Educação (ABE). Os educadores elaboraram um projeto alternativo cuja lógica foi invertida, ou seja, as Forças Armadas não seriam afastadas das aulas desenvolvidas nas escolas, mas as ações dos militares seriam diminuídas e estariam subordinadas aos interesses do Ministério da Educação e Saúde (HORTA, 1994).

Além das disputas entre os militares e os educadores para obter o controle das aulas de ginásticas, um terceiro grupo destinou interesse em palpar sobre as formas que seriam desenvolvidas as aulas nas escolas, a ala religiosa. A Igreja Católica passou a denunciar através de duras críticas que as aulas tinham orientações materialistas, comunistas, promiscuidade entre os sexos na forma dos trajes, nos movimentos ofensivos ao pudor, onde era possível ver homens auxiliando meninas em situações consideradas constrangedoras (HORTA, 1994).

Tais argumentos vinham acompanhados de que as aulas seriam um ambiente promíscuo para desvirtuar a educação das crianças e dos jovens cristãos. A ala religiosa reivindicou uma comissão de fiscalização composta por pais dos alunos e alunas e de entidades especiais, que obedeceria à orientação cristã, com autoridade para impedir que a educação pudesse viciar a juventude e preparar terreno para a anarquia na sociedade brasileira (HORTA, 1994).

Em meados da década de 1930 foi publicado o Regulamento Geral da Educação Física que deveria ser utilizada como manual didático a ser seguido pelos professores. O manual era composto por exercícios ginásticos, jogos, brincadeiras, esportes e outras práticas a serem adotadas durante as aulas, fundamentadas ainda no método de ginástica francês. O Regulamento foi apoiado pelos militares, que preferiram em “resguardar as particularidades da França, privilegiar um caráter nacionalista e defender o engendramento da Pátria, do fortalecimento da raça e da formação do trabalhador industrial produtivo” (GOELLNER, 1992, p. 136). Deu-se nesse momento o início da Era Vargas (1930-1945).

A aplicação da ginástica francesa durou até meados de 1950, sob a ajuda dos conhecimentos científicos da biologia, medicina e áreas afins, justificada pelas noções higiênicas e eugênicas como mecanismo para velar os preconceitos raciais e étnicos. Tal concepção foi adotada no Brasil com a tarefa de proporcionar uma boa preparação física, moral, saúde biológica em prol da produção e da alienação (GOELLNER, 1992):

à Educação Física coube, durante o período de 1920-1946, a função de compartilhar das maquinarias de disfarce da realidade [...] os jogos, desfiles militares, apresentações de ginástica, competições esportivas, atividades de lazer [...] e a Educação Física escolar, estiveram perpassadas pelo nacionalismo (GOELLNER, 1992, p. 151 e 152).

Considerando a fase de transição em que o Brasil passava, cujos interesses eram deixar de ser um território de imigrantes, formar uma identidade nacional, livrar da representação de ser uma nação atrasada e modernizar o setor industrial, o objetivo era usar os exercícios ginásticos como um dos meios para uniformizar as diretrizes que a sociedade civil trilharia.

Na década de 1930, o ex-presidente Getúlio Vargas se comprometeu a construir a identidade nacional do povo brasileiro (PINTO, 2013; RIBEIRO, 2021), chegando a pressionar todas as associações e sociedades de imigrantes, incluindo as esportivas, a se nacionalizar. Os rumos em que a Segunda Guerra Mundial (1930-1945) estava tomando contribuíram para que as organizações de imigrantes decidissem se naturalizar como brasileiras.

Os resultados finais da Segunda Guerra Mundial foram decisivos para que os associativismos culturais dos descendentes de imigrantes, em especial os teuto-brasileiros, perdessem totalmente a força e encerrassem as atividades como organizações estrangeiras. Tal efeito contribuiu para consolidar a ascensão dos esportes, em especial os coletivos, e principalmente fortalecer a simpatia do povo brasileiro pelo futebol.

Em meio às informações acima expostas, fica a reflexão de como os imigrantes, e seus descendentes, realizariam suas manifestações culturais corporais, enquanto eram elaborados documentos orientando a padronização de movimentos corporais e ocorriam as disputas pelo poder e decisões no cenário nacional? Como pensar em padronizar movimentos corporais de imigrantes de várias nações, utilizando como referência o campo da biologia e áreas afins, sem considerar as práticas culturais aprendidas na nação de origem?

Os imigrantes deveriam desconsiderar a cultura de movimentos corporais aprendidos no país de origem para se adequar aos movimentos corporais que identificavam a cultura do povo brasileiro? Essa questão se torna ainda mais complexa quando se faz as seguintes reflexões: primeiro, o Brasil não tinha uma identidade cultural definida na época; segundo, não era/é possível pensar em cultura, no singular, no território brasileiro, uma vez que havia inúmeras etnias coabitando umas com as outras.

Goellner (2012) afirmou que houve resistências por parte da população civil, no contexto geral, com relação às formas com que os governantes conduziram a educação do povo através das decisões impostas. No entanto, apesar de ter existido uma forte resistência por parte de imigrantes, para defender que suas manifestações culturais corporais pudessem ser praticadas e terem conseguido atingir mudanças significativas na construção da história do Brasil, o movimento não foi forte o suficiente para conseguir subverter a ideologia e as decisões finais dos grupos dominantes.

Coube aos imigrantes acatarem as decisões e realizarem os exercícios ginásticos do método francês nas instituições de ensino e nos diferentes espaços sociais. Em contrapartida, contudo, as manifestações culturais corporais dos diferentes grupos étnicos continuaram vivas e presentes no cotidiano das famílias e dos grupos, escondidas ou como meio de resistência.

A tentativa de uniformizar os movimentos corporais, através dos processos educacionais nacionais, deixou marcas na educação do povo brasileiro. No final da década de 1940, as metodologias rígidas e militarizadas das 'aulas de ginástica' já não estavam mais atendendo às demandas e não tinham mais tanta aprovação, tanto por parte dos professores quanto por parte da sociedade civil.

Além da perda do interesse pelas aulas estruturadas na ginástica militar francesa, os professores estreitaram relação com o campo da educação e iniciaram diálogo com os campos das ciências humanas e sociais, como a Filosofia, a Sociologia e a Psicologia. Tal aproximação contribuiu para que os professores se inclinassem a procurar novas possibilidades de fazer com que as aulas fossem capazes de desenvolver o ser humano de maneira integral, e não somente pela perspectiva dos aspectos biomecânicos.

O período de insatisfação coincidiu com a realização do II Curso de Aperfeiçoamento Técnico Pedagógico, realizado na década de 1950, em Santos-SP. Os objetivos do curso estavam delimitados a atualizar os professores com novos

conhecimentos e apresentar outras possibilidades de concepções para pensar o ensino da área, tanto no interior da escola quanto nos diferentes espaços sociais. As possibilidades apresentadas no curso foram a ginástica sueca, ginástica feminina moderna²⁶, educação física desportiva generalizada, além de práticas como danças e lutas (CUNHA, 2017).

Cada opção tinha características próprias e despertou o interesse dos participantes do curso, principalmente, pelo motivo de substituir o antigo método por alternativas mais atualizadas. A opção escolhida, não pelos professores, mas por representantes do governo²⁷, foi o método de educação física desportivo generalizado (EFDG), aplicado pelo francês Auguste Listello²⁸, cujas características estavam fundamentadas nos esportes (CUNHA, 2017).

Dentre os motivos para que a EFDG fosse escolhida estava a estreita relação que o Brasil mantinha com o ensino educacional da França considerado como referência para realizar as condutas nacionais; a influência que o país europeu conquistou na educação brasileira; a confirmação de ter a França como um espelho a ser seguido e a tentativa de o Brasil aproximar as relações diplomáticas entre os dois países (CUNHA, 2017).

A busca por novidades fez com que a EFDG fosse bem recebida por causa da participação do movimento de esportivização carregado de características lúdicas, diversão e lazer (SOARES, 1996). Os esportes, sem excluir as ginásticas que ainda eram consideradas indispensáveis, passaram a representar a possibilidade de realizar exercícios com características mais dinâmicas, divertidas e prazerosas.

No entanto, Cunha (2017) problematizou o porquê de atribuir-se tanta importância ao esporte, de maneira sistematizada, somente a partir da década de 1950 e não antes, se o esporte moderno já estava presente no Brasil no final do século XIX e já havia ganhado força no início do XX. A autora argumentou que ao esporte foi atribuído o sentido de configurar um fator fundamental para a organização e

²⁶ Atualmente denominada como Ginástica Rítmica (SANTOS; LOURENÇO; GAIO, 2010).

²⁷ A EFDG foi escolhida por via do Ministério da Saúde e Educação (MES), da Divisão de Educação Física (DEF) ligada ao Departamento Nacional de Educação (DNE). Os nomes que contribuíram para a escolha foram Antônio Boaventura da Silva, Laércio Elias Pereira e Nestor Soares Públio (CUNHA, 2017). A DEF foi criada em janeiro de 1937, pela Lei 378 (BRASIL, 1937), se tornando o primeiro órgão federal de Educação Física. Deu condição para a criação da Escola Nacional de Educação Física e Desportos responsável pela formação de professores civis e militares.

²⁸ Auguste Listello foi um ex-militar da marinha francesa que ingressou na carreira de professor de Educação Física, e o encarregado de apresentar a proposta da EFDG ao Brasil (CUNHA, 2017).

manutenção da ordem social e o insistente discurso para o desenvolvimento e modernização da nação.

O sentido de utilizar o esporte para manter a ordem social e vislumbrar a modernização e o progresso da nação foi mantido e intensificado quando o Brasil passou a ser governado pelos militares, a partir de 1964. O universo esportivo se tornou um instrumento forte para que os processos educacionais conseguissem fazer com que os civis 'andassem no caminho certo' e os objetivos do governo vigente fossem alcançados. Aos esportes foram destinadas as funções de curar os problemas sociais que acometiam a classe popular, melhorar a saúde e desenvolver a força dos indivíduos para continuar o trabalho.

A educação do povo ganhou conotações mais amplas, pois passou a ser organizada de acordo com as modalidades esportivas, jogos esportivos, competições e rendimento corporal. A organização defendida pelo governo militar tinha como base os princípios do sistema econômico capitalista, como a produtividade, a superação de limites, a competitividade, entre outros.

Os princípios do sistema capitalista foram as principais fontes que despertaram as preocupações e os caminhos que os esportes modernos trilhariam nos diferentes espaços educacionais e sociais. Os esportes se tornaram um mecanismo central para resolver a preocupação do que a população faria no tempo livre, no lazer e no controle da sociedade civil conforme os interesses para circular e fortalecer o capital.

A indicação passou a ser que todos os residentes no Brasil deveriam fazer esportes, em todos os lugares da sociedade tanto pela perspectiva do alto rendimento quanto pela massificação dos esportes amadores. A importância atribuída para os esportes de alto rendimento estava justificada na ideia de um possível futuro reconhecimento da nação como uma potência esportiva nacional e internacional. Já a alta importância atribuída aos esportes amadores foi justificada em que a população deveria praticar qualquer esporte, por lazer ou recreação, pois esse era o caminho para chegar ao alto rendimento.

Até a década de 1980, as concepções da ginástica militar e dos esportes serem praticados por toda a população, para atender os objetivos próprios de cada modalidade, seja para o sentido higienista, eugenistas, militarista, ou para o alto rendimento, foram predominantes nas diferentes instituições de ensino. As justificativas fundamentadas sob os insistentes discursos de modernizar a nação,

garantir a segurança nacional e tornar uma potência esportiva, tiveram como parâmetros os aspectos das ciências biomecânicas, biológicas e áreas afins.

As concepções, as práticas definidas e os discursos anunciados sob os parâmetros das ciências biológicas, considerando somente as condições objetivas, já não estavam mais agradando tanto professores quanto a sociedade civil. Em contrapartida, a ascensão das ciências humanas e sociais e a disseminação dos conceitos com perspectivas qualitativas influenciaram pensamentos e comportamentos dos diversos campos do conhecimento, inclusive da área que trata da motricidade humana.

A insatisfação consolidada em conjunto com a inauguração de discussões políticas, pedagógicas e formativas aprofundadas abriram espaço para que novas concepções fossem apresentadas e pudessem ser aplicadas nas instituições de ensino. Como exemplo podem ser citadas a psicomotricidade, a tendência desenvolvimentista e outros modos de compreender as práticas da motricidade humana à luz dos conceitos do campo da cultura.

A psicomotricidade foi uma organização que se contrapôs aos modelos militarizados e mecanizados buscando garantir a formação integral humana considerando os processos cognitivos, afetivos e psicomotores. Chegou a ser considerada como um campo transdisciplinar que estuda as relações entre o psiquismo, o corpo e a motricidade que emergem da personalidade que caracteriza o ser humano nas diferentes manifestações, biopsicossociais, afetivo, emocional, cognitiva etc. (FONSECA, 2010).

A tendência desenvolvimentista também foi apresentada como uma forma de superar os métodos de ensino cujas características estavam fundamentadas nas perspectivas militares ou mecanicistas. Propõe que as aulas tivessem como objetivo geral o desenvolvimento das habilidades físicas e motoras básicas e, gradativamente, ser ampliadas as dificuldades para executar movimentos mais complexos. A prioridade é destinar importância a aprender um movimento cada vez mais difícil, como início, meio e fim da aprendizagem (TANI *et al*, 1988).

A seguir, será apresentado o quadro que contém as informações, resumidas e sistematizadas, do texto acima apresentado. No quadro está disposta a relação entre o pensamento, o período histórico, a finalidade e a via de entrada dos processos educacionais em que os movimentos corporais eram ensinados, de maneira sistematizadas, para a população residente no Brasil, considerando imigrantes,

descendentes e os próprios nacionais. A exposição das informações está apresentada pela lógica da ordem cronológica dos acontecimentos históricos.

Quadro 05: Processos educacionais sistematizados dos movimentos corporais conforme o pensamento, o período histórico, a finalidade e a via de entrada para o Brasil

Pensamento	Período Histórico	Finalidade	Via de chegada
- Métodos Tradicionais de Ginástica.	- Séc. XVIII ao início do século XX (Europa).	- Militarismo; - Higienismo; - Eugenismo; - Padronização dos movimentos corporais.	- Continente Europeu.
- Método de ginástica alemão/ <i>Turnen</i> .	- Séc. XVIII ao início do século XX (Alemanha-Brasil).	- Conservar a cultura alemã, na Alemanha e em outras regiões do mundo; - Estimular o espírito nacionalista; - Diferenciar de outras etnias; - Socializar os membros; - Promover a “Boa Sociedade alemã”.	- Imigrantes alemães; - Soldados <i>Brummers</i>
-Método de Ginástica Sueco.	- Início do século XX.	- Pedagógica; - Militar; - Estética; - Médica.	- Governo Brasileiro.
- Método de Ginástica Francês.	- Década de 1910 à 1950 (França-Brasil).	- Higienismo; - Militarismo.	- Militares Franceses.
- Educação Física Desportiva Generalizada.	- Década de 1950 à 1960 (França-Brasil).	- Esportivização.	- Ex-militar Augusto de Listello.
- Psicomotricidade	- Década de 1970 à atual (Brasil).	- Desenvolver as valências psicomotoras.	- Obras de Piaget; - Le Boulch.
-Desenvolvimentista	- Década de 1970 à atual (Brasil).	- Desenvolver a aprendizagem das habilidades motoras.	- Gallahue; - Go Tani e colaboradores.
- Concepções ancoradas nos conceitos do campo da cultura.	- Década de 1980 à atual (Brasil).	- Cultura corporal de movimento.	- Pensadores brasileiros: Daolio; Bratch; e Betti.

Fonte: Quadro elaborado pela autora, com base no quadro elaborado por Soares (1996).

No quadro acima, a última sessão cita o pensamento das concepções ancoradas nos conceitos do campo da cultura, que foram inicialmente considerados no Brasil a partir da década de 1980 e se faz presente na área que trata do conjunto das práticas das ginásticas, das danças, das lutas, dos esportes, dos jogos e das brincadeiras atualmente. A perspectiva foi gradativamente desenvolvida por pensadores brasileiros, como Jocimar Daolio, Valter Bratch e Mauro Betti, além de

outros estudiosos, e resultado na utilização do termo cultura corporal de movimento para caracterizar o objeto de estudo da área.

A construção do texto a seguir está estruturada em analisar, separadamente, os termos cultura, corpo e movimento sob a perspectiva dos estudos culturais. Refletidos a partir dos estudos culturais, a cultura, o corpo e o movimento são considerados fenômenos histórico, social e cultural, por representar sentidos plurais nas diferentes sociedades. Após a análise dos citados termos isolados, será exposta a noção do conceito de cultura corporal de movimento utilizado no presente trabalho.

2.2 A noção de cultura em distintas abordagens

As mudanças sociais ocorridas nos últimos três séculos foram tão significativas que transformaram profundamente concepções da vida histórica, econômica, cultural e política. Raymond Williams (1925-1986), um dos principais representantes dos estudos culturais, destacou cinco palavras que ao longo do tempo foram recebendo novos significados e mudaram a visão de mundo: *indústria*, *democracia*, *classe*, *arte* e *cultura*. Das cinco palavras destacadas, a que mais recebeu diferentes sentidos, significados e mais impressionou o referido autor foi a noção de *cultura*.

Na visão de Williams (1969), a cultura recebeu diferentes concepções para ser compreendida, de maneira que dentre os tantos sentidos recebidos, os principais foram: uma “tendência de crescimento natural”; “um processo de treinamento humano”; “um estado geral ou disposição de espírito” em conjunto com a ideia de perfeição humana; “estado geral do desenvolvimento intelectual no conjunto da sociedade”; “corpo geral das artes” e “todo um sistema de vida, no seu aspecto material, intelectual e espiritual” (WILLIAMS, 1969, p. 18). A partir das muitas definições é possível perceber a complexidade de sentidos que a palavra cultura carrega.

Quanto mais investigava sobre o assunto, mais o autor percebia a necessidade de ampliar a compreensão sobre o conceito, por causa da forma como se desenrolou no decorrer da história, da estrutura, dos sentidos e significados atribuídos e por se tratar de um movimento extenso e denso. Nas palavras de Williams (1969, p. 20) “cultura significava um estado ou um hábito mental ou, ainda, um corpo de atividades intelectuais e morais; agora, significa também todo um modo de vida”.

Diante das diferentes definições expostas e a percepção da complexidade do termo é possível compreender que cultura é uma categoria de estudo de caráter polissêmico. O caráter polissêmico atribuído ao termo abriu espaço para que um campo científico fosse estruturado, os estudos culturais, passando a ser objeto de estudo de vários pesquisadores, que destinaram esforços na tentativa de alcançar uma definição universalmente aceita. Objetivo este que ainda está longe de ser alcançado.

O fato é que após a estruturação, o campo dos estudos culturais tem inspirado árduos trabalhos de diversos pesquisadores que vem desenvolvendo intensas discussões e produções para compreender as práticas que são realizadas no interior das sociedades. Além dos muitos avanços conquistados na área, a noção de que não existe uma cultura única, universal e válida já é um consenso, portanto é aceita a existência do termo no plural, culturas.

Na presente pesquisa, o campo da cultura e a noção das diferentes culturas serão analisadas a partir da sociologia desenvolvida por Pierre Bourdieu²⁹ (1983a; 1989; 1996). Bourdieu elaborou o que ficou conhecida como a Sociologia Reflexiva, fundamentada no conceito de Teoria da Prática, para explicar as relações que são construídas no interior das sociedades, utilizando o pensamento dialético.

O pensamento dialético é utilizado para estabelecer relação entre conceitos de naturezas opostas que se complementam, tais como objetivo-subjetivo, individual-coletivo, biológico-cultural, a partir de teorias idealizadas e práticas aplicadas. No campo da dialética, os sistemas das relações objetivas, em conjunto com suas estruturas, e as disposições estruturadas nos sujeitos se atualizam e tendem a reproduzir as realidades sociais. A dialética é compreendida como um “duplo processo de interiorização da exterioridade e a exteriorização da interioridade” (BOURDIEU, 1983a, p. 47).

Bourdieu (1983a), ao elaborar a Teoria da Prática, conservou as aprendizagens adquiridas por meio das condições objetivas sob o conhecimento social, considerado

²⁹ Bourdieu nasceu no interior da França e precisou migrar para a capital a fim de continuar seus estudos básicos e universitários. Foi destinado a servir o exército francês para pacificar a guerra que acontecia na Argélia, que lutava pela independência contra o domínio de seu colonizador, a França. Em meio à guerra, Bourdieu refletiu sobre a busca argelina pela própria liberdade e como aconteciam as práticas sociais na realidade. A partir das pesquisas antropológicas e sociológicas desenvolveu conceitos inéditos que, por um lado, proporcionou percepções de fatos que antes estavam camuflados; e por outro lado, tais descobertas despertaram sensações de desconfortos.

de grande relevância. Atribuiu igual valor de importância, integrou as consciências e vontades individuais apreendidas subjetivamente pelas práticas do mundo social.

As subjetividades são objetos estudados pelo campo da fenomenologia (MERLEAU-PONTY, 1999), que têm aprofundado discussões acerca das consciências, individuais e coletivas, nas sociedades. As considerações da fenomenologia é, exatamente, a parte da qual o campo das ciências objetivas/positivistas (COMTE, 1978) tende a excluir dos diferentes meios de comunicações.

Bourdieu (1983a) considerou que, mesmo que as ciências objetivistas não considerem as subjetividades no interior de seus campos científicos e sociais, nas execuções e nos resultados das produções objetivas se fazem presentes as consciências, intenções e os trabalhos desenvolvidos pelos sujeitos que as produziram.

Os agentes que executam as produções das condições objetivas nos diferentes espaços sociais aprendem, compreendem e dominam as linguagens e os signos que são reproduzidos no interior dos campos nos quais foram criados e estão habituados com os costumes. Isso implica dizer que as pessoas que não foram criadas em uma determinada realidade social não irão compreender como funcionam as regras do espaço ao qual não estão habituados. Ou, até podem entender os sentidos, mas as interpretações correm o risco de não estarem vinculadas com a realidade, gerando uma falsa compreensão.

Em contrapartida, os agentes que foram criados para assumir posições sociais que ditam as regras e as direções que a sociedade deve seguir herdaram um patrimônio intelectual que não produziram. No entanto, compreendem da mesma forma os significados dos signos que estão ocultos por estarem alinhados ao mesmo tempo com seus semelhantes. Ou seja, a compreensão dos significados dos signos vai além das palavras expressadas (BOURDIEU, 1983a).

Tal pensamento revela que as palavras têm seus limites e não são as únicas formas de apreender um conhecimento ou realizar comunicações em uma realidade composta por grupos. Com efeito, Bourdieu (1983a) argumentou que existem outras maneiras capazes de realizar comunicação tão eficaz quanto as expressões verbais, e apresentou como exemplo os sistemas simbólicos e as produções culturais.

Os sistemas simbólicos são dispositivos cuja função é orientar a comunicação e garantir que os agentes sociais compreendam como funcionam as sociedades. Para

que os sistemas simbólicos funcionem com eficiência depende tanto das interações simbólicas que resultam da estrutura do grupo, quanto das estruturas sociais com as quais os grupos estão em interação. Bourdieu (1983a) expôs que se fosse possível distinguir os agentes no interior das trocas simbólicas seria viável perceber a dependência das relações de forças simbólicas com respeito à estrutura das relações das forças políticas.

Outro exemplo citado pelo autor como meio de comunicação foi a produção cultural, compreendida como um conhecimento distinto da noção de conduta, de maneira que a distinção entre os dois conceitos é sempre implícita para favorecer a confusão entre ambos. A noção de conduta é uma mera execução simples de comportamentos que implica seu valor aparente para proteger o objetivismo contra questionamentos (BOURDIEU, 1983a).

Já o conceito de cultura é um termo abstrato e vago que não designa uma realidade concreta. Mas que, quando se propõe a observar e analisar a realidade de um grupo, é possível encontrar condutas, comportamentos, palavras, sistemas simbólicos, produtos produzidos pelos próprios componentes que estão ligados por uma rede complexa de relações sociais, dotadas de existências afetivas (BOURDIEU, 1983a).

As relações sociais são denominadas por Bourdieu (1983a) como estruturas sociais. As estruturas sociais particulares de cada grupo são constituídas através das relações objetivas e apreendidas pelas práticas que estão sendo estruturadas no meio social. O movimento entre apreender o que está estruturado objetivamente com o que está sendo estruturado subjetivamente produz o que Bourdieu (1983a) denominou de *habitus*.

A noção do termo *habitus*, resgatado da escolástica, é caracterizado como “sistemas de disposições duráveis, estruturas estruturadas predispostas a funcionar como estruturas estruturantes” (BOURDIEU, 1983a, p. 61). Ou seja, é resultado de ações organizadoras que designa uma inclinação à uma maneira de ser, um estado habitual do corpo (BOURDIEU, 1983a):

É um princípio gerador e estruturador das práticas e das representações que podem ser objetivamente “reguladas” e “regulares” sem o produto da obediência a regras, objetivamente adaptadas a seu fim sem supor a intenção consciente dos fins e o domínio expresso das operações necessárias para atingi-los e coletivamente orquestradas, sem ser o produto da ação organizadora de um regente (BOURDIEU, 1983a, p. 61).

O *habitus* produz respostas previamente definidas em um campo de potencialidades objetivas, de maneira que sua existência tem excluído a possibilidade de debates. A existência do *habitus* propaga estímulos simbólicos convencionais e condicionais que tendem a se impor de maneira incondicional para abolir as vontades pessoais (BOURDIEU, 1983a).

O *habitus* fica evidente quando se aproxima das probabilidades objetivas das instituições sociais com as aspirações subjetivas para alcançar as vontades. Como exemplo, é possível fazer a relação entre o número restrito de vagas disponíveis para se tornar um atleta de elevado prestígio social e econômico com o grande número de atletas que querem alcançar tais posições e se tornar referências no universo esportivo mundial. As motivações não são os únicos fatores necessários para que atletas, iniciantes ou avançados, consigam alcançar o topo do pódio.

As chances de sucesso de uma ação dependem da situação em que se encontra a pessoa, e não exclusivamente da vontade que possui. As chances objetivas ajustadas às práticas objetivas, comumente, procedem de forma que as pessoas não tenham total consciência das suas chances de sucesso. Isso porque as disposições das condições objetivas tendem a arquitetar as vontades pessoais para que recusem o que deve ser recusado e amem o que deve ser amado (BOURDIEU, 1983a).

Supervalorizar práticas (como a ginástica militar e os esportes) em detrimento de outras, diminuir o acesso e as possibilidades para conhecer outras formas de movimentar-se (variações de jogos individuais e coletivos, danças, entre outros) e condicionar a realização de práticas que atendem aos interesses específicos de um grupo implica no controle objetivo dos gostos e comportamentos sociais e culturais.

“O gosto não é visto como simples subjetividade, mas, sim como objetividade interiorizada” (BOURDIEU, 1983a, p. 17). As práticas sociais de um grupo passam a ser determinadas, por meio das estruturas sociais objetivas que se comportam como mecanismos de ações culturais, para orientar os gostos, comportamentos, representações, regras, valores, entre outros. As determinações influenciam nas experiências subjetivas para que sejam adequadas às realidades sociais pré-dispostas.

As objetividades interiorizadas tendem a reproduzir as regras sociais e garantir que os mecanismos de dominação estejam sempre ativos, limitando o conhecimento de novidades. Essa configuração diminui as ferramentas capazes de possibilitar que

as camadas sociais dominadas possam realizar subversões ou rupturas significativas nos diferentes espaços, nos quais acontecem as lutas pelos objetos ou posições de prestígio.

A noção de espaços sociais refere-se a locais onde ocorrem disputas pelo poder e foi analisada por Bourdieu (1983b) sob o conceito de campo. Campos são estruturas sociais que apresentam posições pré-estabelecidas, cujas características dependem dessas posições, desvinculadas das particularidades individuais. Os campos sociais, sejam eles do senso comum, profissionais ou acadêmicos, são regidos por leis gerais e leis específicas que garantem o funcionamento adequado das propriedades específicas, de modo a evitar que as normas pareçam arbitrárias ou sem sentido (BOURDIEU, 1983b).

Além das posições, os campos se definem pelos objetos que são disputados por aqueles que entram na disputa para concorrer por eles. Na disputa se faz presente dois grupos: por um lado, os dominantes, aqueles que conhecem as regras e as usam para defender a continuidade da posse do controle e domínio, e acabam agindo de forma a excluir as ameaças que se apresentam contra seus interesses; e por outro lado, os dominados, aqueles que não conhecem as regras, os costumes, não têm o *habitus* adquirido nos campos de prestígio e acabam se submetendo às regras do primeiro grupo (BOURDIEU, 1983b).

Bourdieu (1979), ao analisar a realidade social construída e as disputas pelo domínio no interior dos campos, apresentou que para se sustentar e permanecer nas disputas os agentes precisam obter recursos que são convertidos em diferentes formas de capitais. Bourdieu (1979) traduziu os recursos na forma de capitais de diferentes naturezas: social, econômico, simbólico e cultural.

Não são usados de maneira isolada, mas se complementando. Ao capital cultural a referência é feita pela noção do grau de conhecimento e no desempenho escolar obtidos nos diferentes grupos sociais. Para Bourdieu (1979), o capital cultural pode ser encontrado em três estados diferentes: incorporado, objetivado e institucionalizado.

O estado cultural incorporado é aquele ligado ao corpo, transmitido pela família e acumulado através da socialização; o estado objetivado está na relação entre a cultura incorporada e a apropriação materializada e o estado institucionalizado é reconhecido na forma de diplomas, que serve para diferenciar as pessoas, dos limites

biológicos do estado incorporado e conferir ao portador do diploma a competência cultural (BOURDIEU, 1979).

Para complementar a compreensão sobre capital cultural, Bungenstab, Souza e Garcia (2022) acrescentaram a possibilidade de uma nova teoria, denominada de capital esportivo, que consiste em pensar o modo como as disposições esportivas, mais ou menos duradouras, são produzidas relacionalmente para acumular o referido capital. Os autores analisaram estudos sobre as trajetórias de atletas de diferentes modalidades e apontaram que a herança familiar dos que se fizeram presentes na socialização de espaços do universo esportivo é um forte fator que contribui para o atleta alcançar posições esportivas privilegiadas.

capital esportivo é um tipo de moeda que orienta objetivamente as relações no universo dos esportes, quer dizer, uma competência socialmente adquirida que permite praticar modalidades esportivas e consumir produtos esportivos [...] porque se relaciona com os modos de socialização situados inicialmente dentro das famílias, porém, posteriormente, não com exclusividade a elas (BUNGENSTAB; SOUZA; GARCIA, 2022, p. 7).

Na teoria do capital esportivo, os autores consideram que exista a presença de três estados do capital: o incorporado, o institucionalizado e o clientelizado. Em particular, o capital esportivo no estado incorporado é o impresso no corpo, está relacionado com as experiências e os conhecimentos adquiridos do universo esportivo. Para ser dominado precisa de tempo e investimento pessoal, na medida em que ao longo da trajetória para acumular no corpo tudo o que a prática esportiva disponibiliza.

O corpo e o movimento, além de ser organismo constituído pela individualidade biológica e capacidades biomecânicas, carregam incorporados o capital cultural apreendido no seio da família, na interação com as estruturas sociais e o *habitus* adquirido das produções culturais à qual está exposto. Ao transitar por diferentes espaços, além de adquirir os conhecimentos dos locais, ainda expõe e espalha o capital cultural que detém, conforme as necessidades apresentadas e o utiliza de acordo com os sentidos que lhes são atribuídos.

Nesse contexto, o movimento corporal deve ser entendido como um fenômeno cultural. Isso ocorre porque, além de envolver a habilidade de realizar ações biomecânicas, o movimento também carrega significados e sentidos diversos, que

variam conforme a cultura em que é praticado e os conhecimentos adquiridos nos diferentes contextos sociais em que as pessoas estiveram inseridas.

2.2.1 Cultura Corporal de Movimento

Considerar o corpo e o movimento, para além dos aspectos biológicos e dos parâmetros das ciências exatas, mas como fenômenos de características sociais e culturais é algo relativamente novo, em especial no campo da cultura. Isso porque os estudos culturais, enquanto conhecimentos sistematizados, foram sendo constituídos a partir de meados do século XX (CEVASCO, 2003).

As orientações, no que diz respeito aos movimentos corporais, com predominância até a década de 1980, estavam configuradas em aplicar exercícios físicos na população conforme os critérios científicos das ciências biológicas, exatas e áreas próximas. No entanto, a partir dessa época, apesar de que as discussões ficaram restritas ao plano dos discursos e geraram muitas dúvidas e incertezas, o movimento do corpo foi refletido sob os conceitos do campo da cultura a fim de ser compreendido a partir de outras perspectivas.

Historicamente, o corpo humano recebeu diferentes conceitos e representações que estavam subordinadas aos pensamentos e interesses predominantes conforme cada época. Dentre as muitas definições recebidas, as principais foram: ser uma prisão, fonte de pecado, junção de peças fragmentadas para compor uma máquina que deveria produzir e render lucros, objeto de consumo, desejos e manipulações, além de outras (GONÇALVES, 1994).

As principais definições apresentadas, além de outras, eram teorias objetivas que foram inculcadas no imaginário das populações, bem como aplicadas nas ações, ao longo da história. Conceitos corporais que ainda se fazem presentes incorporados e ativos nos discursos e comportamentos, com considerável força, nas sociedades ocidentais contemporâneas.

Quando as ciências humanas, sociais e culturais começaram a estudar o corpo humano, ele passou a ser analisado sob novas perspectivas, diferentes das visões objetivas das teorias anteriores. Agora, o corpo humano não é apenas visto como um resultado do ambiente social em que se encontra, mas também como um agente ativo que contribui para a realidade individual e coletiva em que vive. Ele é capaz de pensar,

sentir e responder às situações pessoais e aos contextos sociais aos quais está exposto.

O corpo passou a ser reconhecido como uma construção social e o resultado das elaborações culturais particulares de cada sociedade. A partir dessa noção, as formas de uso do corpo dependem de um conjunto de sistemas simbólicos compartilhados a partir das referências culturais e das características espaço-temporais. O conjunto de sistemas simbólicos e as características do espaço e do tempo que vão sendo transformadas por meio dos gestos, ações e significados produzidos nas sociedades, produzidos desde a infância e durante toda a vida (LE BRETON, 2012).

Para o sociólogo Le Breton, “o corpo é o eixo da relação com o mundo”, é o “vetor semântico pelo qual a evidência da relação com o mundo é construída [...] também através, dos exercícios físicos” (2012, p. 7). O termo ‘exercícios físicos’, utilizado pelo autor, tem sua definição fundamentada nos preceitos das ciências biológicas quando anuncia que é uma sequência planejada de movimentos repetidos sistematicamente, cujo objetivo é aumentar o rendimento corporal. Constituiu-se em uma exigência básica para o desenvolvimento adequado do corpo ao melhorar os componentes físicos, como força muscular, flexibilidade, equilíbrio e outros (BARBANTI, 1979).

Para Soares (1996), exercícios físicos compreendidos como atividades planejadas e estruturadas para atingir objetivos, no ato sistematizado do andar, correr, saltar, dançar e outras práticas, são manifestações corporais desenvolvidas de acordo com cada cultura e que foram codificadas, ao longo da história, em universos de saber técnico, estético e cultural.

A codificação das manifestações corporais pode ser traduzida como práticas tematizadas na forma das ginásticas, danças, lutas, esportes, jogos e brincadeiras, formando um conjunto. O conjunto das manifestações corporais receberam traços culturais e são definidas de acordo com os interesses de cada espaço social e tempo histórico.

O conjunto das práticas tematizadas é um caminho que representa o funcionamento das lógicas sociais e culturais de uma sociedade, produzidas pelas relações que acabam resultando em códigos que carregam os significados dos traços da cultura à qual pertencem (SOARES, 1996).

Como exemplo, os sentidos atribuídos aos movimentos ginásticos foram aplicados de maneiras diferentes nos grupos sociais ao longo da história. Os principais sentidos do uso das ginásticas foram para a sobrevivência da espécie, alcançar a educação integral do ser humano, fins estéticos, preparar os guerreiros para conquistar novos territórios – proibida de acordo com as regras da lógica religiosa – treinamento militar para defender a nação, atender os discursos higienistas, eugenistas e de boas condutas (ASSMANN, 2019). Atualmente, os sentidos estão voltados para a realização de movimentos complexos e de acrobacias de alta performance.

Outro exemplo, são os sentidos atribuídos aos movimentos das danças nos diferentes grupos sociais e períodos históricos. Os principais sentidos do uso das danças foram para estabelecer a harmonia entre o corpo e a natureza, alcançar o caráter ritualístico para adorar divindades religiosas, alcançar a perfeição educacional, preparação de guerreiros – a fonte de pecado pelas autoridades religiosas, uma forma de distinção social entre os movimentos válidos e os não-válidos (NANNI, 2008). Atualmente, os sentidos estão direcionados para ser elementos de protestos políticos e sociais e presença nas manifestações culturais e espetáculos artísticos.

Portanto, assim como o corpo, os movimentos corporais são compreendidos como fenômeno sociocultural complexo, que da mesma forma que são produzidos pela cultura à qual estão expostos também são produtores de expressões culturais. O ato de andar é tão cultural quanto ato de falar, dançar ou cantar etc.

Considerar o corpo e os movimentos corporais como fenômeno cultural abre espaço para que análises possam ser feitas a partir dos conceitos e perspectivas sob o foco do campo da cultura. Para aprofundar as análises foram selecionados autores que estudam a área em que se encontra o conjunto das práticas codificadas e inseridas no campo dos estudos culturais.

Para analisar a área que trata das ginásticas, danças, lutas, esportes, jogos e brincadeiras a partir dos conceitos de origem cultural os autores selecionados foram: Jocimar Daolio (1995; 2010); Valter Bracht (2000; 2005); Mauro Betti (1994; 1996; 2007).

Daolio é um dos principais nomes na literatura quando o assunto é compreender a área que trata das práticas corporais nas discussões relacionadas com os estudos culturais. O autor entende que “[...] o homem apreende a cultura através do seu corpo (DAOLIO, 1955, p. 40). Tem compreensão que também é

uma área do conhecimento que estuda e atua sobre um conjunto de práticas ligadas ao corpo e ao movimento, criadas pelo homem ao longo de sua história: os jogos, as ginásticas, as lutas, as danças e os esportes (DAOLIO, 1996, p. 40).

Na busca para realçar os conhecimentos socioculturais, o autor afirmou que “a cultura é o principal conceito para a área, porque todas as manifestações corporais humanas são geradas na dinâmica cultural” (DAOLIO, 2010, p. 2). Tal afirmação foi realizada a partir do olhar da Antropologia Social fundamentada em dois autores clássicos: Marcel Mauss e Clifford Geertz.

Marcel Mauss (1872-1950), na obra *Sociologia e antropologia* (2003), realizou o feito de romper com o olhar que predominava, na época, em compreender o corpo unicamente pelos aspectos biológicos, através de seus estudos antropológicos. Estas pesquisas permitiram que as noções acerca do corpo fossem ampliadas, resultando no uso de termos que ficaram conhecidos como *fato social total e técnicas corporais*.

Fato social total ficou caracterizado por considerar o ser humano composto pelas dimensões fisiológica, psicológica e sociológica, de maneira que uma está interligada à outra, indissociavelmente, expressando as condutas da sociedade à qual pertencem. Já técnicas corporais são as maneiras que as pessoas utilizam o corpo traduzindo as tradições e particularidades de um grupo. Portanto, Mauss (2003) considerou que os gestos corporais são técnicas que representam determinada cultura.

Outro autor utilizado por Daolio foi Clifford Geertz (1926-2006). Em *A interpretação das culturas* (2013), Geertz defendeu que o conceito de cultura é essencialmente semiótico e público, uma vez que as interpretações sociais dependem de elementos que constituem os contextos nos quais as situações ocorrem.

A cultura é um termo semiótico porque homens e mulheres estão amarrados a teias de significados, que eles mesmos (re)produzem, passíveis de serem analisadas e interpretadas. As análises e interpretações das teias de significados devem ser realizadas para que sejam compreendidas as construções de expressões sociais, que são comumente difíceis de se decifrar. A cultura pela perspectiva da semiótica se aproxima do objetivo de ampliar os discursos humanos como sistemas entrelaçados de signos interpretáveis em contextos nos quais podem ser descritos de maneiras mais profunda (GEERTZ, 2013).

E a cultura é um termo público porque o significado das produções é público. À medida em que o comportamento humano pode ser entendido como uma ação simbólica e cheia de significados, o que realmente importa é o sentido do que está sendo transmitido. A cultura consiste em ser “estruturas de significados socialmente estabelecidas, nos termos das quais as pessoas fazem certas coisas que as aliam ou as repudiam” (GEERTZ, 2013, p. 9).

Fundamentado pelos conceitos *fato social total* e *técnicas corporais* e a noção de cultura enquanto termo semiótico e público de Mauss e Geertz, respectivamente, Jocimar Daolio (1995) realizou uma pesquisa relacionando-os com as práticas desenvolvidas por professores de Educação Física ao ministrarem suas aulas no ambiente escolar.

O autor aplicou entrevistas com professores de Educação Física solicitando que os participantes falassem sobre as práticas corporais que realizavam na infância. As respostas obtidas foram as brincadeiras e os jogos experimentados nas praças, nas cidades do interior, sítios, chácaras, na rua e todas as práticas que eram possíveis de realizar-se ao ar livre.

Os participantes da pesquisa consideraram as referidas práticas como ‘atividades naturais’, por configurarem movimentos livres e possíveis de serem realizados, cuja intenção era o prazer gerado pelo ato de brincar, sem se preocupar com técnicas ou padrões de movimentos institucionalizados (DAOLIO, 1995).

Essa configuração de ‘atividades naturais’, mencionada pelos entrevistados, tem diminuído nas práticas realizadas no período da infância atualmente. Os motivos que configuram a mudança são a limitação dos espaços públicos para brincar e o tempo gasto em aparelhos tecnológicos como celulares, tabletes e o acesso às redes virtuais de comunicação.

As experiências proporcionadas pelas atividades naturais na infância facilitaram a definição da escolha pelo curso superior e a carreira profissional a se seguir. Além do mais, as atividades naturais praticadas na infância influenciaram o modo de desenvolvimento e a forma de ministrar as aulas nas escolas em que os entrevistados trabalham (DAOLIO, 1995).

Um fato relevante apresentado por Daolio (1995) foi que os professores entrevistados se formaram entre as décadas de 1970 e 1980. A curiosidade é que nesse período o Brasil era governado pelos militares que investiram intensamente na aplicação das modalidades esportivas nas escolas visando o alto rendimento e as

competições escolares, nacionais e internacionais. Os professores entrevistados balizavam suas aulas na escola, nos moldes do esporte para o alto rendimento e formação educativa.

Todos os professores, sem exceção, falaram do aprendizado, por parte dos alunos, de regras sociais por intermédio do esporte, tais como vencer, saber perder, cumprir horários, ter respeito pelo companheiro e pelo adversário, esperar a sua vez, relacionar-se em grupo. Por meio do esporte, os professores estariam ensinando e exigindo dos alunos práticas coletivas, que se manifestam de forma evidente nas atividades esportivas (DAOLIO, 1995, p. 69).

O conhecimento adquirido pelas práticas vivenciadas durante toda a vida, desde a infância, a juventude e a fase adulta influenciam nas escolhas e aplicações no meio profissional. As aulas no curso superior, nos cursos complementares, das matrizes curriculares da educação básica e das instituições de ensino superior, também se fazem presentes na vida profissional de cada pessoa.

A prática, enquanto docente, é consequência das formas e das traduções dos valores que foram apreendidos durante as experiências da vida cultural. A forma como os professores, pesquisados por Daolio (1995), compreenderam e traduziram a própria cultura interferiu na escolha profissional que decidiram seguir, bem como nas construções para ministrar as aulas nas escolas em que trabalharam.

Foi a partir dos resultados da pesquisa que Daolio (2010) defendeu a utilização do termo cultura corporal de movimento, pela via da noção da pluralidade cultural. Cultura corporal de movimento estaria fundamentada nos princípios da pluralidade, alteridade e nas diferenças culturais presentes nas práticas profissionais e acadêmicas.

O termo cultura corporal de movimento considera o outro em uma relação intersubjetiva cuja intervenção compartilha o mesmo tempo histórico. A expressão assume que a teoria científica não é uma imagem idêntica da realidade, mas uma construção parcial do real. Aceita que a ciência contribui para compreender o ser humano, mas ela não é onipresente e tem seus limites (DAOLIO, 2010).

Daolio (2010), ao utilizar a expressão cultura corporal de movimento, defendeu que não se deve tomar a aplicação do movimento humano orgânico como objeto de estudo sob posturas rígidas, neutralidade científica e isenta de intervenções sociais. Porém, deve-se reconhecer que existem as diferenças individuais e coletivas, bem

como os elementos que compõem o cenário da área, respeitando que as dinâmicas sociais são simbólicas, variáveis e necessitam de intervenções intersubjetivas.

Assim como Daolio, Valter Bracht³⁰ é outro autor que trata, acadêmica e pedagogicamente, da área das práticas e manifestações corporais utilizando os conceitos das ciências humanas, sociais e culturais. Utiliza igualmente os conceitos para compreender a expressão cultura corporal de movimento configurada para identificar a área que trata da prática das ginásticas, danças, lutas, esportes, jogos e brincadeiras.

Bracht (2000) não reconheceu à cultura corporal de movimento o *status* de ciência, sob a justificativa de que uma ciência deve atender aos critérios de neutralidade, racionalidade e cientificidade. Tais elementos são fundamentados sob a visão da modernidade, cujos fins são o controle, a quantidade, a eficácia etc. Reconheceu, no entanto, que o conhecimento científico é imprescindível para efetivar a intervenção prática.

O autor advogou que a expressão cultura corporal de movimento deve ser configurada a partir da definição do olhar pedagógico que caracteriza o movimentar-se humano e das objetivações culturais para a educação de crianças, jovens e adultos. Assim, cultura corporal de movimento é compreendida como as manifestações do movimentar-se humano que não estão relacionadas diretamente com a produção (para o trabalho) e a reprodução Bracht (2000).

Apesar de existir outras expressões³¹ para se referir à área das práticas e manifestações corporais, Bracht (2005) argumentou que o uso da sequência cultura corporal de movimento, pesando o foco no conceito de cultura é justificada porque: primeiro é o que melhor expressa a necessária desnaturalização dos objetos, corpo e movimento; segundo, a dimensão cultural não exclui o natural e o biológico, mas os

³⁰ Em um primeiro momento, o autor fez parte de um grupo de pesquisadores que se mostravam insatisfeitos com a predominância que as ciências biológicas atuavam na área. O grupo se denominou Coletivo de Autores e delimitaram como objetivo esclarecer a função da Educação Física na escola utilizando como princípios os conceitos e a noção de qualidade das ciências humanas e sociais (COLETIVO DE AUTORES, 1992). No entanto, posteriormente, o autor desenvolveu conceitos relevantes e autônomos, que o levou a trilhar caminhos diferentes dos trabalhos desenvolvidos pelo grupo.

³¹ Há outros autores que defendem outras expressões como: cultura corporal (COLETIVO DE AUTORES, 1992); cultura de movimento (KUNZ, 2004); e cultura corporal de movimento (DAOLIO, 2010; BRACHT, 2005; BETTI, 1996).

redimensiona para que outras interpretações possam ser realizadas e ampliadas às visões sobre o conhecimento dos termos usados em conjunto.

Além da desnaturalização dos objetos de estudo e das novas interpretações, é o que melhor reflete as contextualizações sociais e históricas das construções humanas dotadas de diferentes sentidos e significados.

As manifestações da cultura corporal de movimento significam historicamente a corporeidade e a movimentalidade que construímos, conformamos, confirmamos e reformamos sentidos e significados nas práticas corporais (BRACHT, 2005, n.p).

Os termos corpo (corporeidade) e movimento (movimentalidade), sozinhos, podem estar vinculados a outros campos do conhecimento, como nas ciências exatas e biológicas, e não é sempre que fazem relação com a dimensão cultural. Ao imbricar tais termos com o conceito de cultura, ainda é necessário indicar de quais fenômenos se está tratando, se é da cultura do corpo ou se é da cultura do movimento (BRACHT, 2005).

A necessidade de Bracht (2005) em reforçar essa definição se refere ao fato de que o processo de transmissão da cultura justifica sua presença no espaço educacional. Portanto, cultura corporal de movimento deve ser confirmada como uma área a ser estudada nas escolas. Mas, os saberes sobre o corpo ou sobre o movimento, por si só, não a garantem no âmbito escolar, já que outros componentes curriculares também o fazem, como a física, química, biologia etc., pela perspectiva natural e nem sempre pela visão cultural.

A definição da cultura corporal de movimento, bem como a garantia da sua legitimidade no interior da escola, é para compreender e ampliar as práticas conscientizadas com base na cidadania. Por isso, Bracht (2005) defendeu que exista, necessariamente, a relação entre os termos cultura, corpo e movimento, para particularizar o conhecimento e a diferenciar dos demais componentes curriculares escolares.

Os argumentos propostos por Bracht (2000; 2005) em relação à cultura corporal de movimento têm contribuído significativamente para a delimitação conceitual dessa expressão, consolidando-a como um campo de transmissão de conhecimentos relevantes a serem assimilados pela sociedade. No entanto, é importante observar que essa perspectiva também acarretou na limitação dos saberes

relacionados ao processo de ensino-aprendizagem, circunscrevendo-os predominantemente ao âmbito escolar.

Restringir a cultura corporal de movimento como uma área das práticas pedagógicas exclusivamente do âmbito escolar abre uma série de questões quando faz relação com públicos que não frequentam a escola, como homens e mulheres adultos, ou imigrantes e suas crianças que não estão frequentando as escolas, por diferentes motivos.

Se a cultura corporal de movimento for própria para ser pensada só nas escolas, as práticas e manifestações corporais desenvolvidas nos demais espaços sociais ou praticadas por pessoas que não estão em fase escolar, deveriam ficar somente a cargo da informalidade? As práticas e manifestações corporais realizadas fora da escola deveriam ter princípios de regulamentação diferentes dos que são determinados no interior da escola? Nesse caso, a cultura do praticante seria um fator imprescindível ou um elemento para somar, mas considerado dispensável? Existe a necessidade de considerar a cultura quando são realizadas práticas corporais nos diferentes espaços como as academias, iniciação esportiva, alto rendimento, clubes, espaços comunitários de recreação e lazer como a rua e as praças públicas?

Com relação aos imigrantes, como abrir mão das particularidades das práticas e manifestações corporais da cultura de origem para se adequar à cultura do país de destino? E deveriam? Imigrantes do Haiti, além de outros, ao ajudar na construção civil para a realização da Copa e da Olimpíada no Brasil, contribuíram somente com o campo da economia ou da mídia?

Considerando os argumentos, avanços e contribuições realizadas por Valter Bracht para a área da cultura corporal de movimento e as questões acima apontadas com relação às pessoas que não estão em fase escolar, e em especial na condição de migração, será apresentado a seguir o pensamento e argumentos de Mauro Betti.

Betti (1996) apresentou a área da cultura corporal de movimento como um campo de disputa entre duas macros realidades opostas: educação *versus* saúde; teoria *versus* prática; acadêmica intelectual *versus* práticas profissionais, entre outras. Ou seja, ora é recrutada para estar sob o domínio das ciências biológicas e áreas afins e ora é compreendida sob os conceitos e conhecimentos defendidos pelos estudos culturais.

Mauro Betti (1996) reconheceu a prática pedagógica, apresentada por Bracht (2005), como um interessante ponto de partida para pensar a cultura corporal de

movimento. O autor, considerou o conceito de prática pedagógica, mas apresentou outros pontos de vistas argumentado sobre a área em questão.

Betti (1996) defendeu a atribuição do *status* de ciência para a área da cultura corporal de movimento, por reconhecer que o campo está fundamentado pelos conceitos, elementos e características das ciências humanas, sociais e culturais, que são tão relevantes quanto os das ciências biológicas ou exatas.

Ou seja, da mesma maneira que a física, biologia, matemática etc. são consideradas científicas, a sociologia, filosofia, antropologia, os estudos culturais, também, devem ser configurados a partir do *status* de ciências. Cada campo científico se apresenta, comporta e é estruturado de maneira diferente um do outro. Ao serem concebidas em naturezas distintas, as características que lhes são conferidas também apresentam distinção, mas cada uma não deixa de ter sua importância.

Mauro Betti (1996) concordou que o princípio integrador da cultura corporal de movimento seja a prática pedagógica como ponto de partida, nesse quesito se aproximou de Bracht (2005). Mas, pontou que o significado da palavra 'prática' precisa ser revisto e reconfigurado, de maneira que, o sentido seja ampliado. A ampliação do sentido da palavra prática deve alcançar a compreensão de não ser reduzida a meras execuções de movimentos e não se restringir ao ambiente escolar (BETTI, 1995).

Betti (1997) entendeu que

a principal tarefa da Educação Física na Escola é introduzir e integrar o aluno na cultura corporal de movimento, formando o cidadão que vai produzi-la, reproduzi-la e transformá-la, instrumentalizando-o para usufruir do jogo, do esporte, da dança e das ginásticas em benefício de sua qualidade de vida (BETTI, 1997, p. 15).

Ou seja, a cultura corporal de movimento no interior da escola tem como responsabilidade sistematizar os conhecimentos, de maneira que sejam posteriormente pensados e aplicados nos diferentes espaços sociais e culturais, por diferentes gerações e povos. Isso significa que não deve ser reduzida a um componente curricular escolar, mas ampliar seu conceito possibilitando que alcance outros espaços da sociedade, que também realizam práticas e manifestações corporais que promovem educação e cultura, no sentido mais amplo.

O fato posto por Betti (1997) é que os interesses pela cultura corporal de movimento cresceram socialmente e não foi por causa das produções realizadas no meio acadêmico e nas instituições de ensino. Mas, o crescimento do interesse pela

área aconteceu por causa das contribuições específicas e dos resultados concretos apresentados para que fossem divulgados nos meios sociais. Como exemplo, pode ser citado os efeitos que os esportes promovem nos comportamentos das sociedades.

Na visão de Betti (1996), a cultura corporal de movimento deve ser encarada com o olhar mais amplo, inter-relacionando as ciências de diferentes naturezas para ser minimizadas as dificuldades. Um campo científico possui conhecimentos particulares, diferentes de outros campos, que são capazes de oferecer soluções para contribuir com esclarecimentos, de maneira que os limites de um sejam complementados com as potencialidades do outro.

Com relação às possibilidades de aproximar diferentes campos científicos, Mauro Betti (1996) entendeu que é necessário a presença de um elo de mediação entre ciências de naturezas opostas. O autor encontrou o elo de mediação para esclarecer pontos de discussão sobre a cultura corporal de movimento, nos conceitos de *habitus*, campos e Teoria da Prática da teoria sociológica Bourdieu:

não se pode analisar um esporte particular independente do conjunto das práticas esportivas; é preciso pensar o espaço das práticas esportivas como um sistema no qual cada elemento recebe seu valor distintivo. Em outros termos, para compreender um esporte, qualquer que seja ele, é preciso reconhecer a posição que ele ocupa no espaço dos esportes (BOURDIEU, 2004, p. 208).

“O esporte é, como a dança, um dos terrenos onde se coloca com acuidade máxima o problema das relações entre teoria e prática, e também entre a linguagem e o corpo” (BOURDIEU, 2004, p. 218). Bourdieu chegou a expressar sua opinião sobre o conhecimento capaz de ser apreendido pelo corpo, possibilitando a ampliação da visão acerca das concepções no campo:

Há um modo de compreensão totalmente particular, em geral esquecido nas teorias da inteligência, e que consiste em compreender com o corpo. Há uma infinidade de coisas que compreendemos somente com nosso corpo, alguém da consciência sem ter palavras para exprimi-lo (BOURDIEU, 2004, p. 219).

Relembremos a pesquisa de Daolio, quando apresentou que os professores entrevistados utilizaram conhecimentos incorporados desde a infância, dos contextos sociais da época em que viveram, para escolher o curso e ministrar suas aulas. Ou seja, suas práticas profissionais não estiveram fundamentadas exclusivamente nos conteúdos selecionados para compor a grade curricular do curso superior no qual se

formaram, mas, também nas experiências culturais que estiveram submetidos durante toda a vida pessoal.

Os professores desfrutaram de conhecimentos que não são comprovados nas academias científicas, mas os recrutaram para desenvolver suas práticas profissionais conforme o contexto nos quais atuam. Há conhecimentos que só através, pelo, por meio do, sobre o movimento do corpo que se é capaz de apreender e compreender saberes, que a palavras não conseguem traduzir.

É a partir da união das noções, conceitos e argumentos até aqui descritos que Betti (2005) defendeu que o campo não está isolado da sociedade, não produz sentidos e significados alheios, neutros ou descontextualizados da realidade nas quais estão sendo construídos e dos sujeitos que os produzem.

Betti (1996) analisou que a cultura corporal de movimento precisa de instrumentos simbólicos e legítimos para manter a qualidade na área. Utilizando a reflexão filosófica enquanto instrumento, ampliou o conceito de “práticas pedagógicas” de Bracht (2000) enquanto um componente curricular escolar para o conceito de “prática social das atividades corporais de movimento” (1996, p. 111).

O conceito de prática social das atividades corporais de movimento caracteriza como um sinônimo do conceito de cultura corporal de movimento. Os sinônimos permitem ampliar a concepção de ser uma ‘prática corporal concreta’ para ser compreendido como um ‘conceito’, possibilitando que diferentes modelos de práticas possam ser aceitas nos diferentes espaços sociais.

Os mesmos princípios de reflexões filosóficas e construções de projetos políticos e pedagógicos construídos nas escolas também podem ser adotados nas academias, iniciações esportivas e outros locais cujas práticas corporais são desenvolvidas, porque há promoção de processos educacionais, produção e recepção de diferentes práticas culturais. Ao considerar partir de iguais princípios e projetos, o que devem ser respeitados são os limites e os objetivos, que são diferentes, de um espaço para o outro.

É a partir da visão de Mauro Betti, que este trabalho compreende o conceito de cultura corporal de movimento, como um campo científico, em que práticas sociais de atividades corporais de movimento são realizadas nos diferentes espaços das sociedades, tanto como produto quanto produtora de conhecimentos e culturas. Cultura corporal de movimento é compreendida como uma área de conhecimento que

trata do conjunto de práticas corporais na forma das ginásticas, danças, esportes, lutas, jogos e brincadeiras.

A partir dessa visão, a questão que colocada é compreender o sentido que nacionais do Haiti atribuem à área da cultura corporal de movimento como meio para preservar os processos educacionais e culturais, na condição de imigrantes no Brasil.

3 Contextualização história, cultural e o fluxo migratório do Haiti para o Brasil

No imaginário do povo brasileiro, à nação haitiana é destinada uma série de representações carregada de sentidos negativos, deformados e estereotipados. Dentre os vários sentidos destinados ao Haiti, as principais confusões são de que se trata de um país localizado na África; a demonização da religião oficial da nação, o *vodu*; considerado como um país menos civilizado por ser descendente da cultura africana, além de outras distorções.

Os meios de comunicação, como jornais, televisão, internet, são as principais vias que reforçam os estereótipos e representações negativas que perpetuam as confusões transmitidas nas reportagens, carregadas de informações superficiais e triviais acerca do país. Principalmente, no que se refere à realidade destinada às questões econômicas, reduzindo-o a um país pobre e miserável.

Para reforçar os padrões das notícias tendenciosas transmitidas, alguns meios de comunicação recorrem ao Índice de Desenvolvimento Humano (IDH)³² mundial para justificar as informações sobre o Haiti. O IDH é uma forma de medir o progresso do desenvolvimento humano dos países baseado em três dimensões: a renda, a saúde e a educação (PNUD, 2022). No Relatório da ONU (2020), em uma lista de 189 países, o Haiti se encontrava na 170^a posição com valor de 0.510 do IDH (PNUD, 2020; HDR, 2020).

O fato é que, mesmo que a lista de países presentes no Relatório da ONU seja extensa e o Haiti se encontre nas últimas posições do ranque mundial de países desenvolvidos, o número do IDH explica parte da realidade do país, não a totalidade. Para que o olhar acerca do Haiti não seja carregado de saberes reducionistas e limitados é necessário ter conhecimentos de diversas dimensões, como a história e a cultura, para que diminua os índices de informações distorcidas sobre a realidade da referida nação.

³² O IDH quanto mais próximo do numeral 1 (um) melhor é considerada a qualidade de vida do país. O IDH pode ser classificado como baixo, médio, alto e muito alto (BRASIL ESCOLA, 2022).

3.1 Contextualizando o Haiti

O Haiti é um país que se encontra na América Central, em uma ilha caribenha. Localiza-se entre Cuba, Jamaica, cuja fronteira é marítima, e a República Dominicana, cuja fronteira é terrestre. A Ilha tem uma área total de 76.480 km², sendo que 27.750 km² compõe o território do Haiti e o restante é território da República Dominicana (48.730 Km²).

Figura 01: Mapa geográfico do Haiti



Fonte: Guia geográfico do Haiti. Acesso em: 29 mar. 2023.

A ilha na qual o Haiti está localizado foi cenário de disputa entre europeus (franceses, ingleses e espanhóis) no final do século XV. Em 1606, a Espanha, que tinha o domínio do território, o abandonou, abrindo espaço para que outros povos pudessem disputar a dominação daquelas terras. Os franceses ganharam a disputa, conquistaram o direito sobre o espaço hoje conhecido como nação haitiana. Sob o domínio francês, o território se tornou um dos principais produtores de açúcar e café por causa da qualidade da terra, das colheitas fartas e a boa qualidade dos produtos, o que rendiam grandes benefícios e vantagens para a França (MOREL, 2017).

Em meio aos inúmeros benefícios e vantagens, as tentativas de colonizar a área não se deu de maneira pacífica entre os franceses colonizadores e a população haitiana. O resultado foi que os nativos, por estar em menor número e possuir armas e instrumentos de lutas menos avançados do que os europeus, acabaram perdendo as disputas e foram dizimados pelos colonizadores (MOREL, 2017).

De acordo com Morel (2017), o extermínio da população nativa e a necessidade de manter as riquezas produzidas pela colônia fizeram com que os colonizadores levassem pessoas do continente africano, para serem colocadas, obrigatoriamente, em situações de escravidão no Haiti. Desembarcaram na ilha, em média, 40 mil

africanos por ano, que foram submetidos a um sistema de trabalho em condições desumanas e violentas de todas as formas imagináveis.

A maneira hostil e desumana com que a população haitiana, africana e seus descendentes, foram tratadas ao longo dos anos pelos colonizadores gerou revoltas e as condições favoráveis para potencializar o palco para o desenvolvimento do que viria a ser conhecida como Revolução do Haiti (MOREL, 2017).

Morel (2017) chegou a afirmar que a Revolução Haitiana foi a responsável por impulsionar e definir o curso final da Revolução Francesa, e não o inverso como historicamente é apresentado. O autor argumentou que acreditar que a Revolução Francesa foi a causadora da Revolução Haitiana é o mesmo que reforçar as representações de que as ideias dos brancos são superiores às ideias dos pretos. Que os pretos não têm condições de se autogovernar e por isso precisam do apoio dos homens brancos (MOREL, 2017).

A lógica de pensamento do Morel (2017) é justificada a partir de duas afirmações: a primeira é que, os franceses estando em posição de revolucionários, não queriam abrir mão das suas colônias porque, mesmo em meio ao caos, elas estavam gerando lucro para a França; a segunda afirmação é que, quando a França se tornou efetivamente revolucionária e defendeu a abolição da escravidão no mundo, fato que aconteceu em 1794, o Haiti já havia abolido o escravismo pela ação dos próprios habitantes do país caribenho, no ano de 1793. “Duas revoluções, francesa e haitiana, entrelaçadas, mas com alcances, dinâmicas, características e objetivos próprios” (MOREL, 2017, p. 86).

Os ideais de liberdade, igualdade e fraternidade, pilares de sustentação da Revolução Francesa, foram fortalecidos nos discursos dos europeus de maneira parcial e heterogênea. Não foram todos os europeus, franceses, que concordavam com a situação de maneira linear, afinal teriam que abrir mão de vários benefícios cuja origem vinham das colônias. A França utilizou a revolução como forma de acabar com as situações de escravidão no mundo, mas ainda usava mecanismos de opressão para manter sob seus domínios os colonizados.

Em contrapartida, os pilares da revolução foram defendidos na prática pelos haitianos para que se tornasse uma realidade consolidada. O Haiti tinha como objetivo erradicar a escravidão e conceder liberdade a todas as pessoas consideradas haitianas. A Revolução Haitiana fica compreendida como um movimento antiescravagista na América Latina e responsável direta pelo avanço da Revolução

Francesa. Foi a responsável pela exigência de aplicar na prática o que estava escrito na Declaração dos Direitos Humanos e do Cidadão, pelos princípios universais violados pelos franceses colonizadores. De acordo com Handerson (2010):

A Revolução Haitiana deve ser considerada a primeira grande revolução moderna, pois era, ao mesmo tempo, uma vitoriosa subversão social (escravos contra senhores), anticolonial e nacional (derrota do colonialismo francês e formação da nacionalidade haitiana). Foi uma revolução crucial. Por isso, o medo das elites escravocratas das Américas de ela ser seguida por escravos de outras colônias, justamente, pelo seu caráter incompatível com o poder colonial (HANDERSON, 2010, p. 61).

As principais ‘armas’ utilizadas para impulsar e concretizar a Revolução Haitiana foram as práticas culturais cuja base estava estruturada na religião *vodu* e nas danças de descendências africanas. De acordo com Morel (2017, p. 90) o *vodu* “era, ao mesmo tempo, um modo de expressão e canal de evasão psicológica que ajudava na resistência à vida dura dos trabalhadores e trabalhadoras escravos, interligando aos deuses (*loas*) e, de um modo mais remoto, ao “Bom Dieu”. O *vodu* representou, através das tradições da cultura africana, um suporte de força humana, para aguentar os mecanismos de opressão contra o povo e manter a luta revolucionária sempre acesa.

Em 1783, foi proclamada a liberdade de todas as pessoas que haviam sido escravizadas no território haitiano e, em 1804, proclamada a Independência do Haiti (MOREL, 2017). De maneira contextualizada, o Brasil teve sua independência de Portugal e se tornou Império no ano de 1822. Em 1888, a escravidão no Brasil foi abolida pela Lei Áurea.

Da mesma forma que no Haiti desembarcaram pessoas africanas que foram colocadas em situação de escravidão, o Brasil também passou pela mesma situação de início, com formas de tratamentos e finalidades bem semelhantes. No entanto, a diferença foi que enquanto os descendentes das pessoas escravizadas no Brasil ‘ganharam’ dos nobres o direito de ser cidadãos livres, a população haitiana foi a responsável pela própria liberdade, abolindo a escravidão através de meios revolucionários e de luta.

De início, a França revolucionária, outros países europeus colonizadores com a ajuda dos Estados Unidos da América, não reconheceram a independência haitiana como legítima, chegando a considerar nativos do Haiti como escravos rebeldes. Foi somente em 1825 que franceses reconheceram a Independência do Haiti, mas

mediante pagamento de indenização sob a justificativa de que os haitianos haviam destruído as propriedades particulares e o desenvolvimento econômico francês (MOREL, 2017).

A priori, o valor da indenização ficou estipulado em 150 milhões de francos, da época. E depois de várias negociações o valor foi reduzido para 90 milhões. Ao Haiti, restou aceitar e pagar a 'indenização' para que fossem considerados uma nação livre e independente. A indenização foi quitada em 1893 (MOREL, 2017).

Quando o Haiti começou a se recuperar do pagamento da indenização para os franceses, uma outra tentativa de colonizar o povo haitiano foi iniciada, agora sob os comandos dos Estados Unidos da América (EUA), no período de 1915-1934 (ANDRADE, 2016). A nova tentativa de colonização foi realizada por meio da ocupação das tropas militares, sob o repetido discurso de que os pretos não conseguiriam se autogovernar (HANDERSON, 2010).

A justificativa para instalar as bases militares norte-americanas no território haitiano teve como fundamento a alegação da necessidade de controlar a insegurança e violência presente no Haiti. De acordo com Handerson³³ (2010), o Haiti não estava em guerra e os índices de violência não eram alarmantes como foram noticiados pelas mídias. Mas, por causa da ocupação imposta e das intimidações causadas pelos militares norte-americanos, as resistências haitianas foram reativas (HANDERSON, 2010).

A presença de norte-americanos no Haiti contribuiu para disseminar a cultura estadunidense no território, chegando a sobrepor gostos, costumes, hábitos, práticas sociais e culturais sobre o povo haitiano, causando certa alienação cultural. Foram iniciados processos de desvalorização de práticas culturais haitianas como por exemplo a demonização da religião, o *vodu*.

A representação do *vodu* como prática religiosa demoníaca passou a ser disseminada para o resto do mundo. Tal fato é possível de ser percebido quando se assiste filmes de produções *hollywoodianas* e retratam as práticas culturais e

³³ Handerson Joseph é haitiano, mas reside no Brasil e é professor e pesquisador da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Portanto, conhece a realidade natural e cultural do Haiti. Handerson migrou para o Brasil em condições e tempos diferentes dos enfrentados pelos grandes fluxos de imigrantes do Haiti para o Brasil, a partir de 2010. Em sua tese de doutorado, Handerson (2015a) pesquisou sobre a categoria diáspora como prática para qualificar pessoas, objetos, dinheiro e ações de haitianos e haitianas migrantes para o mundo.

religiosas haitianas na utilização de bonecos para representar atos de violências e/ou más intenções.

A população haitiana resistiu à nova tentativa de colonização pela ocupação militar, o que gerou intensas crises e instabilidades civis contra as práticas impostas. Foi sob o discurso de controlar tal insegurança, que a ONU resolveu intervir através do projeto Missão das Nações Unidas para a Estabilização do Haiti (MINUSTAH).

Em 2004, ao Brasil foi designada a responsabilidade de executar o projeto MINUSTAH, cuja narrativa era de enviar ajuda humanitária para combater o caos pelo qual o Haiti passava. De acordo com Morel (2017), essa narrativa promovida pela ONU, e executada pelo governo brasileiro, não ia muito além da motivação para o Brasil conseguir uma vaga permanente no Conselho de Segurança da ONU.

Com efeito, o Brasil conseguiu assumir o controle do Haiti, por ter empregado comportamentos militares mais pacíficos do que os praticados pelas tropas norte-americanas. E além dessa passividade, por causa de uma das grandes paixões que o povo haitiano destina à nação brasileira, o futebol.

Morel (2017) ressaltou que se os valores gastos com a operação MINUSTAH tivessem sido destinados à assistência social e educacional, realização de projetos e programas com o objetivo de ajudar a desenvolver a economia haitiana, teriam sido menores do que as despesas aplicadas com a presença de militares brasileiros para a suposta pacificação da insegurança haitiana.

Além dos diversos conflitos políticos e sociais que o Haiti enfrentou, e enfrenta, o país ainda precisa lidar com desastres naturais que castiga mais a situação. Em 2008 houve dois furacões e tempestades tropicais. Em 2012, os furacões Sandy e Isaac atingiram o país destruindo a produção agrícola, umas das principais fontes de recursos econômicos. Em 2010, a proporção do terremoto Matthew foi noticiada mundialmente por causa do tamanho do desastre que alcançou.

O terremoto foi tão intenso que interrompeu as ações da MINUSTAH, destruiu grande parte da infraestrutura social, foi o responsável por matar mais de 300 mil pessoas e deixar milhões desabrigados. O terremoto foi a gota d'água para as grandes levas de haitianos resolverem deixar a nação em busca de melhores meios de sobrevivência em outros locais do mundo.

Thomaz (2011) chegou a expor que a naturalização dos efeitos negativos do pós-terremoto Matthew é colocado na esfera cômoda de ser uma simples catástrofe natural ou como um resultado da representação mundial da incapacidade de ação de

um país miserável, desorganizado e corrupto. O autor apresentou que as ajudas, esperadas pela ONU, mídias e organizações internacionais não chegaram ao Haiti por motivos de racismo.

Após o cessar do terremoto, em meio a toda destruição e à volta da 'calmaria', Thomas (2011) relatou que não viu o caos ou a violência haitiana enunciada pelas mídias. Mas, o que presenciou foi uma rápida organização de moradores, profissionais, estudantes e religiosos em montar as associações haitianas configurando um sistema de ajuda para a chegada de alimentos e de produtos de primeiras necessidades, cujos preços foram estabilizados pelos próprios comerciantes, para os sobreviventes e socorro para os feridos e desabrigados, além da procura pelos desaparecidos e mortos.

É evidente que o terremoto, em 2010, impactou negativamente na vida da população haitiana, uma vez que os efeitos do fenômeno destruíram boa parte dos locais onde alcançou. No entanto, o terremoto atingiu, com predominância, Comunas do Haiti, como Leogâne, Carrefour, Delmas etc. (HANDERSON, 2017) e não o país inteiro. O desastre natural pode ter precipitado o alto número de pessoas emigrando do país, mas não foi a razão inicial, ou a única, responsável por provocar tantas emigrações.

Foi a primeira vez na história que o Brasil recebeu um alto número de haitianos e haitianas tentando entrar no país de qualquer maneira, legal ou ilegalmente, solicitando refúgio ou de outras formas. Ou seja, a imigração haitiana para o Brasil não aconteceu de maneira linear, mas se desenvolveu por meios de processos heterogêneos, tanto por parte dos migrantes quanto por parte de ações do governo brasileiro.

Com relação às ações realizadas pelo governo, também houve diferenças. Por um lado, houve momentos em que o Brasil acolheu os imigrantes abrindo as fronteiras sem oferecer resistência, como quando aconteceu em 2015. Por outro lado, houve momentos em que as fronteiras foram fechadas sob a justificativa de manter o controle, o que dificultou o acesso de imigrantes, chegando a ser fatal para aqueles que não foram exitosos (MOREL, 2017).

De maneira diversa, tanto as ações do governo brasileiro quanto a chegada dos imigrantes ocorreram de forma não uniforme. Os próprios migrantes não constituíam grupos com objetivos e características idênticos entre si, o que contrariou as expectativas da população brasileira em relação à representação mundial do Haiti.

Os imigrantes que chegaram tinham vários perfis: aqueles que possuíam baixa renda e aqueles cuja situação financeira era confortável; aqueles que não tinham condições de se manter sem a ajuda das instituições sociais, porque não tinham recursos ou porque os perderam durante a trajetória da migração, além de outros motivos; alguns tinham curso superior, profissional, formação universitária, qualificados, políglotas falantes de mais de dois idiomas (francês, inglês, espanhol) além da língua mãe etc. (MOREL, 2017).

Os imigrantes que tinham boas condições financeiras e resolveram migrar para o Brasil, quando assentaram residência não conseguiram manter a mesma condição social que tinham quando moravam no Haiti. Handerson e Joseph (2015) apresentaram análises com relação às trajetórias de vida de mulheres haitianas imigrantes na França e no Brasil.

Os resultados da pesquisa de Handerson e Joseph (2015) mostraram que as migrantes mulheres tinham *status* social e profissional de classe média no Haiti. Mas, na condição de migração, tanto na França como no Brasil, do ponto de vista das *próprias* migrantes, a experiência que tiveram foi de decadência profissional e do status social, porque elas precisaram aceitar empregos domésticos.

Mesmo havendo essa heterogeneidade social, entre os imigrantes haitianos, parte da população brasileira não os diferenciam por qualidade cultural. Mas, os igualavam destinando a eles comportamentos por um lado preconceituosos, xenofóbicos, racistas, e por outro lado, com caráter de pena vindo da representação midiática de que o Haiti é um país pobre e miserável, desconsiderando os graus de escolaridade ou cultural daqueles que imigravam.

3.2 Fluxos migratórios do Haiti para o Brasil

A entrada do fluxo de pessoas do Haiti resgatou a memória da história das imigrações para o Brasil, em especial do século XIX e XX, que foi constituindo a população brasileira através da coabitação de diferentes povos. A dinâmica de tais imigrações caracterizou a rota de europeus para a América do Sul, norte-sul. Mas, com o passar do tempo essa rota foi alterada, de maneira que as migrações passaram a ocorrer, também, do hemisfério Sul para o Norte, sul-norte.

A inédita imigração do alto fluxo de imigrantes do Haiti para o Brasil, as rotas acima anunciadas e outras teorias das migrações, tais como: o Haiti se encontra no

sul e o Brasil também, sul-sul; a teoria da unilateralidade de que os fluxos migratórios acontecem entre países do sul (considerados pobres) para os países do norte (considerados ricos); a teoria dos colonizadores e colonizados de que os colonizados mantêm relação única de migração com seus antigos colonizadores ou culturas próximas; despertaram à atenção das comunidades para o assunto das migrações contemporâneas.

Para compreender a migração haitiana na contemporaneidade, será utilizada a visão de Sayad (1998) quando defendeu que o fenômeno da migração, como categoria de estudo, deve ser analisado desde o princípio, ou seja, da emigração, considerando a trajetória e o destino final, a imigração. Emigração-trajetória-imigração.

Historicamente, o Haiti tem quatro momentos diferentes que configuram grandes emigrações: primeiro Haiti-República Dominicana; segundo Haiti-Canadá/França/Estados Unidos; terceiro Haiti-Guadalupe/Cuba/Bahamas/ Guiana Francesa e o quarto Haiti- Colômbia/Peru/Bolívia/Brasil.

De acordo com Handerson (2017), o primeiro grande fluxo migratório de haitianos foi para a República Dominicana, para preencher as lacunas de mão-de-obra provocadas pelo crescimento das indústrias norte-americanas de cana-de-açúcar. O segundo grande fluxo foram as tentativas, com ou sem sucesso, de chegar a países como o Canadá e França, pela proximidade com o idioma, ou para os Estados Unidos, por causa do processo de familiarização com a cultura norte-americana no cotidiano haitiano, com o inglês passando a ser obrigatório no sistema educacional, o aumento das igrejas protestantes e as práticas culturais disseminadas (HANDERSON, 2017).

O terceiro grande fluxo foi quando houve o golpe de Estado no Haiti e a deportação do ex-presidente Jean-Bertrand Aristide, em 1990, causou a emigração de muitos haitianos para os países vizinhos como Guadalupe, Cuba, Bahamas e países como a Guiana Francesa. E o quarto grande e inédito fluxo foi a chegada do alto número de pessoas do Haiti para o Brasil, incluindo as fronteiras com a Colômbia-Peru-Bolívia, após 2010 (HANDERSON, 2017).

O Brasil passou a ser colocado como uma rota de trânsito de haitianos e haitianas após a destruição do país causada pela passagem do terremoto Matthew associada ao cenário de inseguranças políticas, públicas, socioeconômicas, educacional, de saúde, saneamento básico e vários outros problemas.

Handerson (2017) apresentou uma lista com dez razões que revela as causas que contribuíram para que os migrantes do Haiti decidissem vir para o Brasil, com intenções de residência temporária ou definitiva. A primeira razão foi porque o Brasil representava uma porta de chegada à Guiana Francesa ou uma etapa para conseguir o visto para os Estados Unidos, Canadá ou França; por causa do prestígio político e econômico que o Brasil sustentava no cenário mundial em conjunto com o trabalho realizado pelas tropas da MINUSTAH; pela facilidade para entrar por causa das fronteiras abertas e hospitalidade do governo brasileiro em relação aos haitianos; o discurso entre os haitianos de que o governo brasileiro estaria incentivando a migração com interesse de mão-de-obra para construções da Copa do Mundo (fato não real); a narrativa de que no Brasil não existia discriminações raciais e a informação de que no Brasil o imigrante ganharia benefícios (moradia, alimentação, emprego) e considerável remuneração (fato não real).

Sob forte influência das razões apresentadas na lista acima, na visão de haitianos entrevistados por Handerson (2015b) o Brasil ora é considerado como um país branco e ora como um país não-branco. Essa qualidade de ser ou não ser um país branco não é destinada por causa da raça do povo, mas para países estrangeiros que são industrializados e desenvolvidos economicamente, constituído, com predominância, de uma população branca e que ganha em dólar ou em euro possibilitando enviar remessas para aqueles que ficaram e não puderam migrar.

Os países brancos estão relacionados com os produtos de boa qualidade, como alimentos, utensílios, vestimentas etc., que são enviados pelos que migraram para aqueles que não puderam migrar. Normalmente, aqueles que moram na França ou nos Estados Unidos, por exemplo.

O Brasil não tem tais características, uma vez que a moeda é o real, o salário mínimo não possibilita enviar grandes quantidades de dinheiro para os que não migraram. A predominância de raça da população brasileira são pessoas pardas e pretas e os produtos brasileiros não são exportados para o Haiti configurando qualidade e *status* social entre a população haitiana.

Porém, as representações de que o Brasil, em 2010, se encontrava como uma das melhores economias mundiais e havia emprego configurou no imaginário de nativos do Haiti a oportunidade para melhorar a própria vida e de seus familiares. Esses dois fatores colocaram o Brasil como um país branco na visão de alguns haitianos.

Apesar da lista acima apresentada por Handerson (2017), o Brasil não era a primeira opção de imigrantes do Haiti, uma vez que o objetivo era chegar à Guiana Francesa, Estados Unidos ou Canadá. O Brasil era entendido como um corredor de acesso para alcançar os citados países. No entanto, os pontos apresentados por Handerson em conjunto com a falta de recursos, porque foram gastos durante a viagem, contribuíram para a permanência de altos números de imigrantes em definitivo, ou por um período maior, no território brasileiro.

Silva (2017); Handerson e Joseph (2015), além de outros pesquisadores, apresentaram em suas pesquisas que ao decidir migrar, os migrantes haitianos realizam suas viagens com recursos próprios, com ajuda de familiares, amigos e outros recorrem a financiamentos ou a venda dos próprios imóveis para custear a migração.

Silva (2017) argumentou que os migrantes têm suas vontades ao realizar o trajeto de maneira individual, mas seus desejos são limitados de acordo com os interesses que subsidiam o apoio que as redes migratórias de acolhimento destinam aqueles que migram. Tais redes podem ser de origem familiar, religiosa, virtual, interconectando os migrantes cada vez mais, seja no compartilhamento de informações, nas reclamações, nos laços (inter)afetivos, entre outras formas (SILVA, 2017).

Com relação à trajetória migratória na dimensão geográfica entre Haiti-Brasil não ocorreu de maneira linear, uma vez que é possível vislumbrar diferentes rotas percorridas pelos migrantes. O hífen entre as palavras Haiti e Brasil representa inúmeras passagens de grupos de imigrantes que transitaram por diferentes lugares e não, necessariamente, vieram do Haiti direto para o Brasil.

Handerson (2015a) propõe que a migração entre Haiti-Brasil seja analisada de maneira particular e peculiar porque rompeu com uma lógica das teorias da migração. A lógica rompida foi que emigrantes e imigrantes, que saem de um lugar X, a origem, em direção a um local Y, de destino, não configuraram um movimento convencional, unidirecional de saída e chegada, nos fluxos em destaque. Significa que antes de chegar ao Brasil, os migrantes do Haiti passaram ou viveram, por um tempo, em outros países.

Dias (2019) apresentou o que chamou de uma malha dinâmica de lugares aos quais os migrantes do Haiti passaram e construíram duas rotas principais de migração até chegar a Brasília. O autor concluiu que a capital brasileira não pode ser

considerada como destino final da migração haitiana, mas como um lugar temporário desses migrantes engajados na permanente mobilidade. As duas principais rotas apresentadas pelo autor foram: o Corredor Aéreo e o Corredor Pacífico.

De acordo com Dias (2019), o Corredor Aéreo é uma rota aérea que conecta o Haiti (ou a República Dominicana, dado que muitos haitianos vivem como imigrantes no país vizinho) ao Brasil. É denominado como o 'método oficial de partida' para entrar no Brasil, uma vez que precisa solicitar o visto humanitário, no Consulado Brasileiro em Port-au-Prince, antes do embarque. O problema dessa via é o alto custo das despesas e as burocracias para conseguir entrar pela via oficial, ou seja, somente aqueles que têm condições financeiras optam por tal via.

Participantes da pesquisa de Dias (2019) relataram que aqueles que decidem trilhar o Corredor Aéreo acabam ligados com os coiotes. A ação dos coiotes por essa via é exercida para acelerar a emissão dos vistos, contatar funcionários nas embaixadas, intermediar as negociações para comprar as passagens, além de manter contato com funcionários nos aeroportos. Via que faz com que os migrantes do Haiti desistem e acabam escolhendo migrar pelo Corredor Pacífico.

O Corredor Pacífico inclui o trânsito de um ou mais países como República Dominicana, Panamá, Equador, Peru e Brasil, considerado pelos imigrantes do Haiti como a melhor estratégia. Sair da República Dominicana é considerado mais seguro e tem mais sorte; a cidade do Panamá, e outros centros sul-americanos, não possuem exigências de vistos e é compreendida como um lugar de passagem tranquila, podendo ser realizada inclusive de avião com visto de visitante. A cidade do Panamá é vista como um 'elo da migração' que conecta os migrantes para outros países, com predominância para o Equador e Peru.

No Corredor Pacífico, o Equador não é apenas lugar de passagem, mesmo com intenções temporárias, muitos imigrantes do Haiti fixam residência em Quito procurando trabalho e honrar com os acordos que fizeram com os parentes que não migraram. O fato do fluxo de migrantes do Haiti para o Brasil ter aumentando contribuiu para que muitos resolvessem sair do Equador e continuar a viagem para as fronteiras brasileiras. Para chegar ao Brasil era necessário atravessar a fronteira entre Peru-Brasil e, da mesma forma, precisavam utilizar os serviços da 'indústria de migração', denominados coiotes.

Tal via, tem igualmente a presença de atravessadores e coiotes nas fronteiras dos citados países de maneira conectada, trabalhando em conjunto com as agências

de viagens. Vale destacar que um dos participantes da pesquisa de Dias (2019, p. 113) revelou que “todo mundo que vem ao Brasil passa pelos coiotes”.

Pelo Corredor Aéreo, os principais Estados que presenciaram a chegada dos imigrantes foram o Rio de Janeiro, São Paulo e Brasília. Pelo Corredor Pacífico, a maior parte dos imigrantes do Haiti que chegaram nas fronteiras brasileiras se deu através de duas entradas: pelo Estado do Acre, na cidade de Brasiléia, e pelo Estado do Amazonas, na cidade de Tabatinga.

De acordo com Handerson (2015a), os primeiros haitianos a chegar ao Brasil o fizeram pela Tríplice Fronteira Brasil-Colômbia-Peru, no Estado do Amazonas, na cidade de Tabatinga. O cenário se configurava como um ambiente caótico do mercado, predominante peruano, que vendia produtos de todos os tipos. A chegada em Tabatinga, era considerada por aqueles imigrantes que conseguiam como uma etapa concluída da viagem, uma conquista individual e coletiva.

Mas, havia aqueles que não conseguiam completar a viagem por razões de doenças e morte, como foi o caso da irmã de Bernadette, entrevistada por Handerson (2015a) que contraiu dengue e veio a falecer no território brasileiro. Ou os casos de imigrantes que foram deportados e enviados de volta para o Haiti.

Mesmo sem anúncios prévios que chegariam, os imigrantes eram acolhidos por instituições, como igrejas, casas de apoio, que os ajudavam conforme as situações através de entrevistas realizadas. Aqueles que já não possuíam mais recursos eram enviados para igrejas que estavam ajudando na acolhida dos recém-chegados com mantimentos, moradia e outros auxílios. Se ainda tivessem recursos alugavam locais para residir até decidir fixar residência ou continuar a viagem, cuja intenção era chegar à Guiana Francesa.

As entrevistas eram para verificar quem se encaixava no pedido de refúgio e quem não. Os documentos eram enviados para o CONARE em Brasília, mas as decisões para os encaminhamentos das respostas demoravam a serem emitidas. A demora e a longa espera provocavam o desânimo nos imigrantes que acabam por decidir uma das duas vias: ou procuravam empregos para se sustentar nas pequenas cidades das entrevistas ou decidiam enfrentar viagens clandestinas para conseguir chegar até Manaus.

Handerson (2015a) anunciou que em fevereiro de 2010 chegaram aproximadamente 20 pessoas do Haiti, em maio já eram 150 vivendo em Tabatinga. O município se tornou uma das principais portas de entrada para a futura instalação

de uma comunidade expressiva em todo território brasileiro com mais de 35 mil pessoas.

Os primeiros migrantes do Haiti que chegaram, em 2010, tentaram entrar no país através de pedidos de solicitações configuradas como refúgio. No entanto, o Alto-Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados (ACNUR), ao analisar a situação dos haitianos, indeferiram os pedidos sob a justificativa de que as condições que os fizeram migrar não os configuravam como refugiados, portanto, não teriam direito à ajuda humanitária.

De acordo com o Portal de Imigração, o CONARE reconhece que o refúgio é uma proteção legal oferecida pelo Brasil para cidadãos de outros países que estejam sofrendo perseguição por motivos de raça, região, nacionalidade, grupo social ou opinião políticas, que estejam sujeitos a grave e generalizada violação dos direitos humanos, em seu país (BRASIL, 2019).

Desta forma, refugiados são pessoas que por terem sido forçadas a se deslocar, contam com a proteção internacional sob o princípio da não-devolução (*non-development*). Ao ser concedido o pedido de refúgio, os refugiados não podem ser devolvidos ou voltar para o país de origem por configurar risco à própria vida. O caso de imigrantes do Haiti não é reconhecido como refugiados porque a Lei de Refúgio, além do princípio da não-devolução, não prevê o reconhecimento de pessoas que passaram por desastres naturais.

O fato de a ACNUR não reconhecer como refugiados e não destinar a ajuda humanitária para os imigrantes do Haiti não os impediram de continuar tentando entrar no Brasil por essa via. A situação forçou o governo brasileiro a buscar criar mecanismos para lidar com a entrada massificada de nacionais do Haiti, que estavam sem os documentos regularizados, sem o visto e não tinham a permissão da legislação vigente da época (o Estatuto do Estrangeiro).

A fim de regularizar a situação o governo brasileiro, por meio do Conselho Nacional de Imigração (CNIg), foi promulgado no dia 12 de janeiro a Resolução Normativa nº 97/2012, configurada com a criação do *visto humanitário* para acolher os migrantes do Haiti que chegavam sem documentos, com o objetivo de conceder permissão para que pudessem permanecer no território brasileiro.

A criação do visto humanitário foi considerada uma ação inédita, no Brasil e no mundo, porque não existia nas legislações e se configurou como um avanço. No

entanto, o Art. 2º da normativa, mesmo concedendo o visto especial, recebeu várias críticas porque só permitia a autorização da emissão de 1.200 vistos por ano.

Uma outra porta, predominante, da imigração haitiana foi pela Tríplice Fronteira entre Brasil-Bolívia-Peru, no Estado do Acre. O alto fluxo de pessoas do Haiti imigrando para o espaço territorial acreano gerou a necessidade de Souza (2019) estudar sobre o tema e descortinar o porquê da escolha dessa rota como forma de entrada para o Brasil.

Na Fronteira Brasil-Bolívia-Peru, a primeira cidade a receber os imigrantes foi em Brasiléia, no Estado do Acre. Brasiléia é um município 237 Km de distância da capital Rio Branco e que possui forte dependência comercial com o município vizinho boliviano, em Cobija (SOUZA, 2019).

No início chegaram aproximadamente dez pessoas, fato que era compreendido como algo pontual. Mas, com o passar do tempo o crescimento do contingente populacional de imigrantes do Haiti na região aumentou de maneira surpreendente, chegando a alcançar a marca de mais de 34 mil pessoas (SOUZA, 2019), chamando a atenção da sociedade civil em todos os níveis por constituir objeto de preocupação.

De acordo com Souza (2019), a cidade de Brasiléia era utilizada apenas como um acesso de entrada para o Brasil, uma vez que a intenção era continuar viagem para a capital do Estado até alcançar os destinos finais. A trajetória dos imigrantes de Brasiléia para a capital Rio Branco aconteceu por ônibus fretado pelo governo estadual, com subsídio do governo federal.

O motivo da escolha pelo Acre se deu por ser uma porta de entrada barata (SOUZA, 2019). Considerando que os imigrantes do Haiti ao escolherem o Corredor terrestre para realizar a migração o fazia exatamente pelo motivo de ter poucos recursos e pela via ser mais atrativa do que o Corredor Aéreo.

Ao conseguir chegar à capital, os imigrantes precisaram aguardar um tempo até prosseguir a viagem para outras regiões brasileiras, encaradas como de passagem até alcançar o destino final. Os que tinham o Brasil como destino final, permanente ou temporário, seguiam, com predominância, para o Sul e Sudeste.

Após a entrada, os imigrantes do Haiti não permaneceram nas cidades nas quais chegaram. Tonhati, Cavalcanti e Oliveira (2019) notaram grande diferença entre os estados de entrada e os de permanência, o que evidencia que além da migração intercontinental, ainda realizaram migrações internas no território brasileiro.

Em menos de quatro anos, os imigrantes do Haiti alcançaram em média 15 estados brasileiros e o Distrito Federal. A predominância da presença desses imigrantes é nas grandes metrópoles brasileiras (São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Santa Catarina e Rio Grande do Sul). Assim, Goiás não foi inicialmente um dos principais destinos levantados pelos imigrantes do Haiti.

3.3 Comunidade haitiana em Goiás

A priori, a intenção de migrantes do Haiti com relação ao Brasil era de passagem, ou seja, um país de trânsito, para continuar a trajetória migratória até alcançar os destinos finais, Estados Unidos, França, Canadá e Guiana Francesa. No entanto, para conseguir chegar a esses destinos finais era necessário considerar a relação entre o que foi escolhido e as condições objetivas para continuar a viagem. Essa relação se deu de maneira heterogênea para cada migrante ou grupo.

Por um lado, a falta de recursos materiais, a dificuldade em receber suportes, em especial do poder público, o não domínio de códigos culturais, entre outras razões, foram fatores que impediam que um número grande de imigrantes continuasse suas viagens e conseguissem alcançar seus destinos finais pré-estabelecidos.

Por outro lado, mesmo não sendo a primeira opção de imigrantes, a decisão de permanecer no Brasil se deu através de redes de familiares ou amigos que já estavam na nação brasileira, as instalações de templos religiosos celebrados em crioulo facilitando a ligação com práticas culturais conhecidas, ofertas de empregos, e outros, foram fatores que contribuíram para que um número expressivo de imigrantes decidisse ficar no Brasil, fixar residência, de maneira definitiva ou temporária.

No território brasileiro, os destinos que mais receberam fluxos de imigrantes do Haiti foram os Estados de São Paulo, Santa Catarina, Paraná e o Distrito Federal. Curitiba, dentre os municípios, foi um dos que mais registrou altos números de imigrantes do Haiti no mercado de trabalho formal, entre os anos de 2011-2014 (RELAÇÃO ANUAL DE INFORMAÇÕES SOCIAIS-RAIS, 2015).

No ano de 2020, foram gerados mais de 23 mil empregos formais para imigrantes, de maneira geral. As principais nacionalidades que se destacaram foram os haitianos, com quase 13 mil empregados, e os venezuelanos, com mais de 12 mil pessoas empregadas no trabalho formal. Sendo que o Estado de Santa Catarina foi a

região que mais gerou postos de empregos para esse público (OLIVEIRA; CAVALCANTI; SILVA, 2021).

Os dados apontam que o Estado de Goiás não era uma das principais rotas de escolha dos fluxos de imigrantes do Haiti como destino final. No entanto, pesquisadores como Azevedo (2022), Ludovico (2021) e Yamamoto (2017), além de outros, apresentaram trabalhos indicando que o tema da migração no Estado de Goiás necessita de atenção e investigações, de diferentes campos, para compreender as condições e realidade do assunto na contemporaneidade.

No plano nacional, o Estado de Goiás ficou conhecido por causa de ondas migratórias que recebeu durante períodos específicos na história do país. A partir do século XVI e com maior intensidade no século XVIII, a imigração para o Centro-Oeste se deu pela busca de metais preciosos, em especial o ouro. Em decorrência da escassez do ouro as migrações para a região ficaram estagnadas até o início do século XX (CHAUL, 2010).

As migrações com destino a Goiás voltaram a receber intensos incentivos pelo governo de Getúlio Vargas porque tinha o interesse de povoar o interior do Brasil, sob o discurso de modernização da nação, e construir a atual capital do estado, Goiânia. Migrantes de diferentes regiões internas do país se deslocaram para o Centro-Oeste para atender os objetivos do Governo Federal. Esse deslocamento interno na nação, aconteceu de maneira rápida, provocando um inesperado crescimento populacional no território goiano (CHAUL, 2010).

Na década de 1980, tanto no plano nacional quanto no regional, as migrações estiveram estagnadas. No plano nacional, os motivos era para atender as diretrizes do Estatuto do Estrangeiro cuja finalidade era assegurar a segurança do país. No plano regional, uma das razões que contribuíram para o afastamento de migrantes em direção ao estado de Goiás foi o acidente radiológico com o elemento Césio-137 (SECRETARIA DE SAÚDE, 2023).

Cruvinel (2017), pesquisadora em estatística do Instituto Mauro Borges para o Governo de Goiás, publicou uma pesquisa sobre *Migração em Goiás* entre os anos de 2005-2015³⁴. A autora apresentou dados comparando a retenção de populações

³⁴ A pesquisa de Cruvinel (2017) explora a imigração para Goiás no plano nacional, ou seja, pessoas de outras regiões que se deslocam para o Estado. Portanto, não explora as migrações internacionais que é o foco do presente trabalho.

imigrantes permanecendo residentes fixos nos Estados brasileiros. Foi verificado que, quando comparado com o Estado de São Paulo, o Estado de Goiás foi o principal polo de retenção residencial fixa de populações imigrantes no país, no ano de 2010, tanto nacionais quanto internacionais.

O número de pessoas não-naturais do Estado representou 28% da população residente, mostrando que Goiás se configurava com características atrativas para a população imigrante assentar residência fixa. Fukugawa *et al.* (2014) argumentaram que a busca por melhores condições de vida, a crise na Europa e nos EUA no ano de 2008, associada com o bom desenvolvimento da economia nacional e goiana contribuíram tanto para o retorno de goianos, que residiam fora do Brasil, quanto para a imigração de pessoas de outras federações e países. Tais fatores colocaram Goiás como um centro atrativo para a chegada de novos residentes.

Em 2012, o país que mais contribuiu para a imigração de trabalhadores formalizados para o Estado de Goiás foi o Haiti com o número de 54 pessoas, o que representou 14% dos trabalhadores formais estrangeiros morando na região (FUKUGAWA *et al.*, 2014).

No entanto, os autores apresentaram dados oficiais coletados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010), Ministério do Trabalho e Emprego (MTE) e Relatório Anual de Informações Sociais (RAIS) (BRASIL, 2012). Ou seja, os dados coletados são referentes aos imigrantes que estão devidamente documentados, oficialmente empregados, ocupando cargos de altos postos de trabalho e/ou mão de obra qualificada.

Os dados apresentados não retratam toda a realidade da imigração em Goiás, o que pode levar o leitor a construir imaginários distorcidos acerca do tema da migração na realidade goiana, uma vez que ignora o cenário daqueles que estão fora das estatísticas oficiais. Na própria população goiana, nascida e residente em Goiás, existem pessoas que estão à margem da sociedade.

Com relação aos migrantes, o cenário desenhado, mas invisível aos olhos do poder público, é composto por imigrantes que não estão documentados, mas residem no estado, os desempregados ou trabalhadores que atuam no mercado informal ou ilegal, sujeitos a práticas laborais degradantes e subumanas. Tal realidade não se encontra nas estatísticas oficiais das instituições, o que significa que, da mesma forma que para o cidadão goiano o cotidiano é cheio de dificuldades, para a população

imigrante que não está reconhecida, a realidade na região goiana pode ser ainda mais penosa.

Mesmo que os dados estatísticos formais acima expostos, apresentaram Goiás como um local atrativo para imigrantes manter residência fixa, o estado não tem a mesma tradição histórica em receber imigrantes e refugiados internacionais, como é comum nos grandes centros e capitais conhecidas do Brasil, tais como São Paulo, Rio de Janeiro etc.

No entanto, Azevedo (2022) levantou a necessidade de desenvolver pesquisas no estado cujo foco esteja nos imigrantes e refugiados de outros países e continentes, justificando ser um campo de pesquisa inédito e que tem configurado possibilidades de conhecimento em exponencial para estudar a realidade social que está se estruturando.

O autor realizou um estudo de campo aproximando a educação e migração no Estado de Goiás e alertou que a situação ainda não recebe a devida atenção do setor público como realmente merece. A pesquisa teve como objetivo compreender a presença de crianças e adolescentes imigrantes e refugiados em escolas no Estado e refletir acerca do desenvolvimento da área como um novo campo de pesquisa sobre educação e migrações internacionais no interior do Estado do Goiás.

O recorte da pesquisa foi delimitado na educação básica, realizado através de documentos do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), obtidos pelo Censo Escolar, comparando as matrículas realizadas, além de outros pontos em destaques, nos anos de 2010 a 2019. Azevedo (2022) apresentou dados sobre o número de matrículas de crianças nas escolas do Estado de Goiás, provenientes de fluxos migratórios internacionais no ano de 2010 e no ano de 2019, comparou a diferença e posteriormente realizou discussões sobre a situação.

Em 2010, o número de crianças imigrantes ou refugiadas no estado de Goiás alcançou a marca de 974 matrículas nas escolas. Sendo que 353 foram matriculadas no Ensino Fundamental I, 287 foram matriculadas na Educação Infantil, 213 foram matriculadas no Ensino Fundamental II, e 67 foram matriculadas no Ensino Médio (AZEVEDO, 2022).

Através da pesquisa, Azevedo (2022) percebeu alguns pontos que se destacaram nos dados coletados. Um dos pontos destacado está relacionado com o fato de que no ano de 2010, o fluxo de haitianos e haitianas imigrando para o Brasil já havia começado, mas ainda não havia alcançado o Estado de Goiás com números

altos e expressivos. Portanto, os números de matrículas apresentados pelo autor não são referentes aos imigrantes do Haiti, o que significa que existe a presença considerável de crianças e adolescentes de outros países em Goiás.

Outro ponto em destaque é que o público pesquisado era composto por imigrantes em maior quantidade e por refugiados em menor quantidade. Para completar a informação o autor apresentou os dez primeiros países de origem das crianças e adolescentes matriculados, são eles: EUA (414 matrículas), Portugal (75), Espanha (72), Japão (70), Bolívia (37), Inglaterra (34), Argentina (28), Bélgica (28), Peru (22), Itália (20). Das 974 matrículas, 590 estavam concentradas no ensino privado, enquanto que 283 estavam no ensino público municipal e 101 estavam no ensino público estadual (AZEVEDO, 2022).

Já no ano de 2019, quase completando uma década após o ano da primeira análise, os números de crianças e adolescentes matriculados nas escolas em Goiás passaram de 974 para um total de 3.115, representando um aumento de 219%. Das matrículas, 1.383 foram realizadas no Ensino Fundamental II, 786 foram matriculadas no Ensino Fundamental I, 418 foram matriculadas no Ensino Médio, e 253 foram matriculadas na Educação Infantil (AZEVEDO, 2022).

No referido ano, as proveniências do público com relação às dez primeiras nacionalidades foram: EUA (729), Portugal (476), Espanha (427), Venezuela (206), Irlanda (134), Haiti (129), Bélgica (109), Japão (87), Colômbia (84), outras nacionalidades (180). Já é possível notar a presença de países que se encontravam em situação de crise sócio-político-econômica-ambiental, como Venezuela e Haiti.

Em 2010, as matrículas efetuadas nas escolas privadas foram predominantes quando comparadas com as matrículas realizadas nas escolas públicas. Em 2019, essa condição se manteve, porém, o número de matrículas nas escolas públicas aumentou de 283 para 1.037 na rede municipal e um aumento de 101 para 850 na rede estadual, como demonstram graficamente os quadros abaixo:

Quadro 06: Relação número de imigrantes em Goiás matriculados na educação básica nos anos de 2010-2019.

Educação Básica	2010	2019
Total de Matrículas	974	3.115
Ensino Privado	590	Número não informado
Ensino Público (Municipal/Estadual)	384 (283/101)	1.887 (1.037/850)
Ensino Fundamental I	353	786
Educação Infantil	287	253
Ensino Fundamental II	213	1.383

Ensino Médio	63	418
--------------	----	-----

Fonte: Quadro elaborado a partir das informações apresentadas no trabalho de Azevedo (2022).

Quadro 07: Relação número de imigrantes em Goiás matriculados na educação básica de acordo com os países de origem nos anos de 2010-2019.

Países de origem	Ano 2010	Países de Origem	Ano 2019
EUA	414	EUA	729
Portugal	75	Portugal	476
Espanha	72	Espanha	427
Japão	70	Venezuela	206
Bolívia	37	Irlanda	134
Inglaterra	34	Haiti	129
Argentina	28	Bélgica	109
Bélgica	28	Japão	87
Peru	22	Colômbia	84
Itália	20	Outras Nações	180

Fonte: Quadro elaborado a partir das informações apresentadas no trabalho de Azevedo (2022).

O aumento do número de pessoas de outros países causa alterações significativas na realidade e funcionamento escolar. A chegada de pessoas de outras culturas, ainda mais em grandes quantidades, impacta a rotina de trabalho dos profissionais nas escolas. É difícil estabelecer comunicação com idiomas diferentes do português brasileiro, reconhecer os códigos culturais de outros povos e os costumes diários dos imigrantes.

Os profissionais e professores não recebem instruções ou formações para lidar com códigos culturais tão diversificados da realidade escolar brasileira, o que acarreta impacto no funcionamento do trabalho da escola e na exclusão do direito de aprender do imigrante mesmo estando presente no prédio escolar. Ao receber imigrantes nas escolas, é possível identificar duas situações distintas: em primeiro lugar, os imigrantes podem receber apoio do poder público, porém este apoio muitas vezes se mostra insuficiente; em segundo lugar, pode ocorrer a completa ausência de apoio por parte das autoridades.

O considerável aumento de matrículas nas escolas em Goiás, desde o ano de 2010, é um fator sólido de que o campo precisa de atenção. É através desse fator que Azevedo (2022) alerta que os cursos de licenciatura precisam se atentar e repensar novas formações para que os profissionais saibam lidar com a situação, que tende a crescer ao invés de diminuir.

Ainda sobre o tema da migração aproximada com a educação, Ludovico (2021) buscou compreender os sentidos atribuídos à escola pelas famílias haitianas como

estratégia de integração e inserção social e cultural, na região metropolitana em Aparecida de Goiânia, em Goiás. Nos resultados, a autora identificou quatro sentidos atribuídos à escola pelos imigrantes entrevistados, são eles: formativo, prático econômico, social e social protetivo (LUDOVICO, 2021).

Foram identificados dois sentidos principais. O primeiro é o sentido formativo, no qual a educação superior é percebida como uma oportunidade de mobilidade social e ascensão profissional, visando à obtenção de emprego. O segundo sentido é o prático econômico, que está intimamente ligado ao sentido formativo. A atribuição do sentido prático econômico à escola é vista como um meio para garantir emprego e um lugar no mercado de trabalho.

Outros sentidos secundários atribuído à escola é o social, que está relacionado com aprender as regras sociais para saber se comportar na sociedade, e o social-protetivo, que deriva do sentido anterior para além da socialização, mas como um ambiente de proteção para os filhos quando estão em contato com a rua e os problemas sociais, como a violência ou substâncias químicas.

Na pesquisa, a autora evidenciou que os sentidos atribuídos à escola por imigrantes do Haiti, estão relacionados com sentidos instrumentalistas e economicistas dos objetivos neoliberais dos organismos internacionais, como o Banco Mundial, alinhados com programas educacionais para a formação para o mercado de trabalho.

Outra pesquisa realizada com imigrantes do Haiti residentes em Goiás foi a de Yamamoto (2017). Yamamoto (2017) estabeleceu como objetivo compreender as práticas sociais como base de organização desses imigrantes, na construção de espaços e lugares constituídos a partir da mobilidade socioespacial, em regiões metropolitanas de Goiânia. Além das práticas sociais, o autor também buscou identificar as práticas cotidianas desses imigrantes (YAMAMOTO, 2017).

Yamamoto (2017) encontrou cinco práticas sociais principais que constituem a base de organização desses imigrantes do Haiti em Goiás. Dentre as cinco, a prática do caminho é uma delas e foi exposta pelo autor. A prática do caminho foi apresentada a partir de três diferentes formas: a primeira corresponde à mobilidade internacional entre Haiti-Brasil e os lugares por onde passaram; a segunda, corresponde ao percurso interno no Brasil até chegar na região metropolitana de Goiânia; a terceira corresponde a mobilidade diária.

As duas primeiras formas já foram amplamente discutidas no presente capítulo, o que implica destinar atenção para a terceira forma: a mobilidade diária. Nos resultados, Yamamoto (2017) apresentou que mobilidade diária está relacionada com duas formas diferentes de atividades sociais: as laborais e de lazer.

A primeira, a mobilidade diária para as atividades laborais é a realizada para ir trabalhar, que é feita com predominância através dos transportes coletivos, de bicicleta ou caminhando em distâncias consideráveis extensas e exaustivas.

A segunda, a mobilidade diária para as atividades de lazer foi analisada em comunidades haitianas que foram construídas em regiões periféricas em Goiânia. A condição geográfica, associada com a condição social, dificulta a existência de opções para realizar práticas de lazer nas horas de folga da população residentes em tais locais.

As condições das estruturas sociais características das regiões periféricas foram as justificativas apresentadas pelos imigrantes da pesquisa de Yamamoto (2017) para não realizar práticas sociais cujas finalidades é o lazer ou expressão cultural. Tais condições provocam o isolamento dos imigrantes a ficarem restritos em casa com a família, quando reunidos, tendo como possibilidade somente frequentar a igreja ou a casa de amigos, que normalmente são os conterrâneos do Haiti.

Em Goiás, existem comunidades de imigrantes do Haiti convivendo com os nativos goianos. Em Aparecida de Goiânia, região metropolitana, existe a Associação Haitiana no Brasil (AHB), uma organização que tem como objetivo acolher outros imigrantes que decidem vir para o estado com o mínimo de segurança e de apoio, como moradia, alimentação e socialização.

A AHB se organiza para realizar práticas de natureza religiosa, social, educacional e cultural, com os imigrantes. O desenvolvimento das práticas religiosas é realizado em uma igreja, que se configura como um espaço ao qual nacionais do Haiti se reúnem com frequência semanal para celebrar os cultos religiosos fundamentados na cultura haitiana, expressados nas cores decorativas do espaço, idioma em crioulo/francês, distribuição dos materiais simbólicos etc. Os cultos religiosos haitianos são abertos para que brasileiros também possam frequentar.

Com relação às práticas de natureza educacional formal, foi construída uma unidade escolar, em Aparecida de Goiânia, através da parceria do município com Associação. A finalidade é atender aos filhos da comunidade haitiana para que

possam frequentar a escola e ter acesso ao conhecimento, minimizando o máximo possível os estranhamentos e as dificuldades de compreensão.

As práticas de socializações acontecem na sede da AHB, que também é a casa dos pastores responsáveis pela organização e manutenção da comunidade. A socialização é configurada quando os pertencentes da comunidade se reúnem na sede para conversar, cantar, tocar instrumentos musicais e/ou realizar as refeições.

Com relação ao desenvolvimento das práticas culturais haitianas, em especial as possíveis de serem socializadas na forma das ginásticas, danças, esportes, lutas, jogos e brincadeiras, não há um espaço específico para que a comunidade de imigrantes possa expressar suas práticas corporais. A forma com que conseguem praticá-las é de maneira esporádica, quando têm a permissão para usar as dependências da escola próxima à comunidade (a quadra esportiva) e as quadras nas praças ao ar livre, ou de maneira informal, em casa e nas reuniões familiares.

Existe, entre os representantes da AHB, uma movimentação para que ações culturais sejam desenvolvidas, a priori em datas comemorativas, mas com a intenção de se tornarem projetos consolidados para que as práticas culturais sejam formalizadas. A intenção é que imigrantes possam reviver e relembrar o país natal, preservar e aprender práticas culturais, bem como diminuir a saudade, até certa medida, da nação haitiana.

A movimentação para que projetos culturais, nacionais e internacionais, venham a ser formalizados abre espaço para que novas pesquisas sejam realizadas e possibilita a criação e orientação de que políticas e programas públicos possam ser executados, nos diferentes espaços sociais, com eficiência e qualidade. Os projetos culturais configurados na execução de programas públicos favorecem a socialização e processos educativos na coabitação de diferentes públicos.

A seguir, serão apresentados os dados coletados a partir dos questionários e entrevistas realizadas com imigrantes residentes na comunidade haitiana. A aplicação dos instrumentos direciona alcançar o objetivo geral do presente trabalho que é compreender os sentidos atribuídos à cultura corporal de movimento como meio para preservar a cultura e os processos educacionais.

4 Sentidos atribuídos à cultura corporal de movimento na perspectiva de imigrantes do Haiti

A comunidade haitiana, em Aparecida de Goiânia, na qual a pesquisa foi realizada se trata da Associação Haitiana no Brasil (AHB), liderada por um casal de pastores haitianos. Conforme o líder, a associação existe desde 2018, foi regulamentada em 2019, e tem como objetivo promover educação e o trabalho social a quem vier buscar uma vida melhor por meio da associação de haitianos.

Com relação à organização do associativismo haitiano, Thomas (2011) relatou a capacidade de rapidez com que o povo haitiano organizou as associações para ajudar os sobreviventes e prestar socorro para os feridos, desabrigados, desaparecidos e mortos logo após o terremoto, em 2010.

Handerson (2015b) acrescentou que novembro de 2011, em Tabatinga-AM, um grupo de haitianos e haitianas se organizaram e criaram o Comitê de haitianos para distribuir senhas para as refeições na hora do almoço entre os membros. Por causa do eficiente trabalho realizado, o Comitê começou a expandir as demandas e mobilizar agentes, como a Polícia Federal, Ministério da Justiça, entre outros, para agilizar a regularização dos imigrantes no país. Se antes os imigrantes aguardavam três meses para receber o protocolo, após a criação do Comitê começaram a receber dentro de três a quatro dias as documentações (HANDERSON, 2015b).

Handerson (2015b) argumentou que por causa da falta de proteção e garantia dos direitos sociais aos migrantes, e variações, vem crescendo o número de organizações e associações que tem como finalidade atender as necessidades e objetivos comuns. No caso dos haitianos, essas associações constituem como “[...] um espaço de fortalecimento de laços entre eles e marca a maneira pela qual acessam e ampliam os recursos relacionais de redes sociais já existentes” (HANDERSON, 2015b, p. 125).

Após o primeiro contato com a Associação do Haiti no Brasil, em Aparecida de Goiânia, as relações com os pastores e integrantes da comunidade foram se fortalecendo, através de conversas presenciais e via aplicativos, para que a pesquisa fosse realizada, compreender a cultura e em especial a cultura corporal de movimento na situação de migração.

A seguir serão apresentados os perfis dos participantes da pesquisa de campo, os sentidos que imigrantes do Haiti atribuem à educação, à cultura e à cultura corporal de movimento.

A apresentação do perfil de cada imigrante entrevistado tem como objetivo retratar os sujeitos o mais próximo possível de quem realmente são. A intenção é diminuir os estereótipos relacionados aos haitianos e evitar os preconceitos disseminados pelos diferentes meios de comunicação. Apesar de que é sabido que a elaboração textual de uma realidade expressa limitações com relação à realidade concreta.

Acerca disso, Bourdieu (1989) argumentou que um dos principais pontos de ruptura com as visões pré-concebidas socialmente acerca dos objetos em estudo, visões estas que estão por toda a parte influenciando as percepções do senso comum, incluindo a do pesquisador, é a urgência de pensar as dimensões que fazem relação com o objeto que está sendo analisado, para que sejam minimizadas as noções oriundas do senso comum e identificar as relações objetivas que compõem a história de vida de cada um.

4.1 História de vida dos e das participantes da pesquisa

Carlos: “gostava das brincadeiras e jogos no Haiti”

Carlos é um jovem de estatura mediana, de 29 anos, declara ser do gênero masculino e preto. Nasceu na capital do Haiti, em Pourt-au-Prince, e chegou ao Brasil em 2017. É casado com uma brasileira, tem um filho brasileiro e frequenta a Igreja Evangélica Metodista. Mora no setor Expansul, em Aparecida de Goiânia, em um imóvel alugado, com a esposa e o filho. Trabalha como motorista de aplicativo há dois anos, no período vespertino e noturno, seis dias na semana.

No Haiti, terminou o ensino médio e trabalhava com projetos sociais da igreja para ensinar crianças carentes a aprender a tocar instrumentos musicais. Se vê como músico. Fala fluentemente: o crioulo (idioma do Haiti), francês, inglês e português, compreende razoavelmente espanhol, mas parou de estudá-lo para aprender a Língua Portuguesa.

Carlos diz sentir falta da cultura do Haiti, em especial, os jogos e as brincadeiras. As práticas corporais que costumava praticar no Haiti eram jogos e

brincadeiras, esportes e as danças. No Brasil, a atividade que pratica, quando tem tempo, é o futebol e as danças de maneira informal. Ou seja, a dança é praticada em casa ou na igreja, quando reúne com a família e os amigos.

Nos relatos, apresentava estar confortável em relembrar sua infância, juventude, se apressava em falar da culinária, práticas corporais, reuniões que fazia com os amigos na praia. Foi o responsável por convidar os demais imigrantes para participar da pesquisa e fez a mediação entre a pesquisadora, os dias e os horários que daria certo para as partes.

Malu: “sinto falta de dançar”

Malu é irmã de Carlos, trata-se de uma jovem de estatura baixa, magra, tem 24 anos, declara-se do gênero feminino e preta. Nasceu na capital do Haiti, em Pourt-au-Prince, e chegou ao Brasil em 2017. É casada com um haitiano, tem uma filha que nasceu no Brasil, mora em Aparecida de Goiânia, em um imóvel próprio. Até o momento da entrevista não estava empregada com carteira assinada, mas dizia que fazia seus “negocinhos” em casa e trabalha como “dona de casa”. Frequenta a religião evangélica Metodista.

Assim como o irmão, Malu terminou o ensino médio no Haiti, trabalhava com projetos sociais da igreja para ensinar música às crianças carentes no país. Fala o crioulo (dialeto), francês, inglês e português. Malu diz sentir falta da cultura do Haiti, em especial das danças haitianas. No Brasil, não faz tipo algum de prática corporal por causa da falta do tempo. Dança em casa, com o marido, ou nas festas da igreja.

Nadja: “costumava dançar no meu país”

Nadja é uma jovem de estatura mediana, declara ser do gênero feminino e preta. Tem 22 anos, nasceu em Village Nadja, no Haiti, e chegou ao Brasil em 2020. Está namorando um haitiano, que também está no Brasil e não tem filhos. Mora em Aparecida de Goiânia, com o pai, em um imóvel alugado. Está empregada e trabalha como operadora de bipe em uma empresa para liberar os produtos que são comprados *online* pelos clientes.

No Haiti, Nadja terminou o ensino médio e fez curso de confeitaria. Fala o crioulo (dialeto) e o francês. Com relação à Língua Portuguesa tem certa dificuldade de

compreender dependendo da velocidade da fala do emissor, esquece algumas palavras elementares, mas busca comunicar com outras palavras que tenha o mesmo sentido, e apresenta dificuldade com palavras menos faladas no cotidiano brasileiro. De modo geral, consegue fazer comunicação para ser compreendida.

Nadja relata que sente falta da cultura do Haiti, e que gostava de praticar as práticas corporais tais como as danças. No Brasil, diz ter interesse em praticar a ginástica, esportes, mas não tem muito tempo. Consegue dançar quando está em casa ou nas festas e reuniões da igreja. Dentre as práticas corporais, diz não se interessar muito pelas lutas.

Gomes: “sinto falta da cultura do Haiti”

Gomes é um jovem de estatura mediana, magro, tem 24 anos, declara ser do gênero masculino e preto. Nasceu em Gonaives, no Haiti, e chegou ao Brasil em 2019. Está solteiro, não tem filhos, frequenta a religião evangélica Metodista, mora em Aparecida de Goiânia na casa do irmão (com a família) e até o momento da entrevista não estava trabalhando.

No Haiti, completou o ensino médio e era músico. No Brasil, até o momento da entrevista estava tentando o Enem para ingressar em um curso superior. Fala crioulo, francês, inglês e português, chegando a conversar com acentos e gírias comuns faladas pelo povo goiano.

Dentre os participantes foi o que respondia às questões com certa empolgação, sorrisos largos, na tentativa de expressar as respostas com detalhes para ser totalmente compreendido. Ao final da entrevista agradeceu diversas vezes a oportunidade de poder falar sobre a cultura haitiana.

Gomes diz que sente falta da cultura do Haiti, bem como das atividades físicas que fazia no país tais como jogos e brincadeiras e o futebol. Aqui no Brasil, ele pratica a ginástica na academia e o futebol.

Leon: “praticava eram jogos e brincadeiras, esportes (futebol) e danças”

Leon é um jovem adulto de estatura alta, magro, tem 33 anos, se declara do gênero masculino e preto. Nasceu em Léogâne, no Haiti, e chegou ao Brasil em 2016. É casado com uma haitiana, teve três filhos, um faleceu no Haiti, o outro está no país

de origem e o outro nasceu no Brasil. Mora em Aparecida de Goiânia em um imóvel alugado e está empregado. Trabalha como pedreiro há cinco meses, de segunda a sábado, das 7h às 17h.

No Haiti, era professor de matemática, pedagogo e havia começado o curso superior de engenharia. Tem fluência em crioulo, francês e inglês. Com relação à língua portuguesa apresenta dificuldade para compreender dependendo da velocidade da fala que escuta. Esquece algumas palavras básicas, mas busca se comunicar com outras palavras do mesmo sentido. Apresenta dificuldade com palavras que são menos faladas no cotidiano brasileiro, mas consegue fazer comunicação para ser compreendido.

À medida em que as questões sobre a cultura haitiana eram feitas, Leon demonstrava interesse em relembrar do Haiti e comentar sobre os temas, em especial quando chegou na parte de falar sobre esportes (lê-se futebol).

No questionário Leon diz sentir falta da cultura do Haiti, bem como das atividades físicas que fazia no país. As principais atividades que praticava eram jogos e brincadeiras, esportes (futebol) e as danças. Aqui no Brasil, às vezes consegue praticar o futebol nos finais de semanas, por causa da falta de tempo livre durante a semana e o cansaço.

Grone: “gostava das lutas também”

O sexto entrevistado foi Grone. É um rapaz de estatura alta, magro, tem 33 anos, declara ser do gênero masculino e preto. Nasceu em Gros-Morne, no Haiti e chegou ao Brasil em 2018. Está solteiro, não tem filhos, frequenta a religião evangélica. Mora em Aparecida de Goiânia, com o primo, em um imóvel alugado. Trabalha no período diurno em uma empresa de construção, como apontador de mão de obra, há um ano e seis meses, durante cinco dias por semana. No momento da pesquisa, estava fazendo curso superior em Administração, na Universidade Estadual de Goiás (UEG).

No Haiti é formado em administração e em ciências da informática. Fala crioulo, francês, inglês e o português. Dentro os participantes era o que mais argumentava sobre as perguntas, sempre adotando o ar de brincadeiras, diversão e comédias.

As respostas de Grone no questionário, era que sente falta da cultura do Haiti. Gostava de praticar os jogos, brincadeiras, ginástica, esporte, danças e as lutas. No

Brasil, as atividades que pratica são jogos, brincadeiras, ginástica, esporte e danças. Sente falta de praticar mais os jogos e brincadeiras e a ginástica, por causa da falta do tempo, porque tem que estudar e trabalhar.

Leona: “sinto falta da cultura do meu país”

Leona é uma jovem adulta de estatura mediana, magra, tem 34 anos, declara ser do gênero feminino e parda. Nasceu em Léogâne, no Haiti e chegou ao Brasil em 2016. Leona é casada com Leon, que também participou da presente pesquisa, moram no centro de Aparecida de Goiânia, em um imóvel alugado e está desempregada.

No questionário Leona respondeu que sente falta da cultura do Haiti, e que praticava práticas corporais no país de origem. As atividades que praticava eram os jogos e brincadeiras, esportes, danças e a ginástica. Respondeu que sente falta de praticar os jogos e as brincadeiras, mas não pratica porque precisa cuidar do filho e da casa e a falta tempo.

Durante a entrevista, houve momentos em que se emocionou e a entrevista foi interrompida, mas decidiu continuar a falar. Falava da cultura haitiana com saudade, apesar de não concordar com algumas partes, como a religião predominante do Haiti, o *vodu*. No Brasil, pratica a dança porque *não precisa estar no Haiti para se dançar do jeito que quer*. Leona pratica a dança de maneira informal, em casa e nas festas da igreja.

Quadro 08: Perfil geral dos participantes da pesquisa

Nome/ Chegada	Idade/ Cor	Grau de escolaridade	Emprego no Brasil	Idioma	Práticas da Cultura Corporal de Movimento
Carlos 2017	29; Preto	Ensino Médio completo	Motorista de App Uber	Criolo, francês, inglês, português	Danças, Ginásticas, Lutas, Esportes, Jogos e brincadeiras
Malu 2017	24; Preta	Ensino Médio completo	Dona de casa	Criolo, francês, inglês, português	Danças, Ginásticas, Lutas, Esportes, Jogos e brincadeiras
Nadja 2020	22; Preta	Ensino Médio completo, profissional Confeitaria	Bipadora de produtos online	Criolo, francês, português	Danças, Ginásticas, Esportes, Jogos e brincadeiras
Gomes 2019	24; Preto	Ensino Médio completo	Desempregado	Criolo, francês,	Danças, Ginásticas,

				inglês, português	Esportes, Jogos e brincadeiras
Leon 2016	33; Preto	Ensino Superior Completo em Engenharia e pedagogia Atuava como engenheiro, professor de matemática, pedagogo	Escavador, em uma empresa de construção civil	Criolo, francês, português	Danças, Ginásticas, Esportes, Jogos e brincadeiras
Grone 2018	33; Preto	Ensino Superior em Administração e Ciência de informática	Escavador, em uma empresa de construção civil	Criolo, francês, inglês, português	Danças, Ginásticas, Lutas, Esportes, Jogos e brincadeiras
Leona 2016	34; Parda	Ensino Médio completo e curso de Costura	Dona de Casa	Criolo, francês, português	Danças, Ginásticas, Lutas, Esportes, Jogos e brincadeiras

Fonte: elaborado pela autora a partir dos dados das entrevistas com participantes da pesquisa (2022).

Em síntese, o perfil dos entrevistados revelou que são jovens adultos, com faixa etária entre os 22 e 34 anos; migraram para o Brasil entre os anos de 2016-2020; todos declaram ser de cor preta, com exceção de Leona que declarou ser parda; todos são evangélicos integrantes da Igreja Metodista; todos falam mais de um idioma; todos têm o ensino médio completo sendo que dois completaram o ensino superior no Haiti, um está fazendo o curso superior no Brasil no momento da pesquisa, um está se tentando fazer o Enem para ingressar na Universidade, os demais pensam em ingressar em algum curso superior futuramente; todos disseram sentir falta da cultura do Haiti, e atribuíram importância em realizar as práticas corporais que praticavam no país natal, exceto, Nadja, Gomes e Leon ao não atribuir importância às lutas, por vincular com situações de brigas e violências.

De modo geral, são imigrantes com alto capital cultural por ter mais de dez anos de escolaridade, o que representa ter cursado pelo menos o ensino básico escolar. E um alto grau de capital linguístico, pois dominam as habilidades de mais de dois idiomas. Com relação ao mercado de trabalho, três estão empregados com carteira assinada, um trabalha como motorista de aplicativo sem carteira assinada, e três estão desempregados.

A ACNUR realizou uma pesquisa entre os anos de 2018-2020, e apresentou os resultados no resumo executivo, sobre o perfil socioeconômico dos refugiados no Brasil com a intenção de utilizar os conhecimentos para subsidiar a elaboração de

políticas para atender aos migrantes. Dentre a amostra pesquisada, foram realizadas 500 entrevistas com migrantes presentes em 14 cidades brasileiras (nos estados de SP, RJ, RS, MG, PR, DF, SC, AM).

No grupo pesquisado, 88% dos imigrantes estavam na faixa etária entre os 18 a 49 anos, ou seja, os pesquisadores traduziram esse dado como sendo indivíduos economicamente ativos. A realidade pesquisada pela ACNUR se aproxima da faixa etária dos imigrantes entrevistados na presente pesquisa (22 a 34 anos).

Na pesquisa da ACNUR, 59% da amostra declaram ser negros, dos quais os principais declarantes são nacionais da República Democrática do Congo, Angola e Colômbia. Os nacionais do Haiti entrevistados, nesta pesquisa, também se declararam, com predominância, pessoas pretas. Com relação ao estado civil, os dados do resumo executivo apresentaram que 46% declaram estar casados ou em união consensual e 49% estar solteiros. Na presente pesquisa, três dos imigrantes estão solteiros (42%) e quatro estão casados (57%).

Quando o assunto foi a religião, os dados da ACNUR, mostraram que 95% declaram professar alguma religião, dentre elas estão islâmicos, evangélicos, católicos e hinduístas. Na presente pesquisa, todos os participantes nacionais do Haiti declaram ser evangélicos integrantes da Igreja Metodista.

A ACNUR apresentou que o capital escolar e linguístico dos imigrantes é considerado alto e acima da média quando comparados com populações brasileira. De toda a amostra, 242 imigrantes haviam completado o ensino médio e 151 o ensino superior. Sobre o capital linguístico, os entrevistados falam mais de um idioma, além de aprender o português falado no Brasil. No entanto, tanto o capital escolar quanto o linguístico, na condição de serem estrangeiros, não são convertidos em capital econômico, para renda ou emprego. Os dados apresentados pela ACNUR se aproximam e revelam a mesma situação encontrada com os nacionais do Haiti, entrevistados na presente pesquisa.

Ao apresentar os dados sobre o mercado de trabalho, a pesquisa da ACNUR revelou que 57% dos entrevistados estão trabalhando, 20% estão procurando trabalho, 5% não estão procurando trabalho e 5% trabalham em afazeres domésticos. Dados que quando comparados com as respostas dos imigrantes do Haiti alguns se aproximam e outros de diferem quanto: 57% dos nacionais do Haiti estão trabalhando, 14% estão procurando trabalho e 28% trabalham em casa.

Em relação ao uso das habilidades profissionais no local ao qual trabalham, a ACNUR apresentou que 68% não trabalham na área de formação profissional inicial e somente 31% às utilizam. Fatos que se aproximam da realidade dos imigrantes do Haiti. Há o destaque para a situação de Leon, que se formou em Engenharia e está empregado em uma empresa de construção civil, mas não atua como engenheiro.

A seguir, serão apresentados os resultados das entrevistas com os imigrantes do Haiti, residentes em Goiás, com relação às percepções e os sentidos que atribuem à própria história de vida, educação e cultura, particular e da nação haitiana em geral, como meio para preservação cultural.

4.2 Entrevistas com imigrantes do Haiti: História de vida, educação e cultura.

Bourdieu (2008), na obra *A miséria do mundo*, questionou como é possível tornar públicas conversas que foram coletadas, de maneira privada, com pessoas que confiaram a um(a) pesquisador(a) confidências acerca da própria vida. O autor ainda argumentou que é dever do entrevistador proteger o entrevistado, que depositou sua confiança ao falar de sua vida, de maneira que, este não seja julgado, mas compreendido.

Subsidiada com os referenciais teórico-metodológicos da sociologia compreensiva bourdiesiana, as entrevistas foram orientadas nesta perspectiva e realizadas com imigrantes do Haiti que aceitaram conversar sobre suas vidas, dores, motivações, memórias, projeções. Isso só foi possível após ter adquirido a confiança dos haitianos e haitianas da pesquisa quando os objetivos e motivos para a realização da pesquisa. Após a finalização das entrevistas, os dados coletados foram transcritos, com a finalidade de analisar os discursos com propriedade através da escrita.

A ação de transcrever para analisar os discursos coletados é algo tão difícil quanto necessário de ser realizado. Por um lado, as transcrições fazem o discurso oral passar por uma transformação decisiva que direciona o olhar do leitor para percepções mais atentas, que a oralidade deixa escapar. Por outro lado, nessa mesma análise perdem-se as entonações, linguagem corporal, gestos, olhares, silêncios subentendidos e escondidos nas transcrições (BOURDIEU, 2008).

Desta forma, a transcrição das entrevistas se torna um trabalho objetivo duplamente contraditório para o analista: por um lado, fornece todos os elementos necessários à análise objetiva da posição da pessoa interrogada e à compreensão de

suas tomadas de posição; por outro lado, adota pontos de vistas tão próximos quanto possível da percepção de quem analisa para se tornar o sujeito dessa visão de mundo (BOURDIEU, 2008).

A seguir, as transcrições das entrevistas com imigrantes do Haiti são referentes às questões realizadas para compreender como eram suas vidas no Haiti, desde a infância até a saída do país, o porquê de saírem do país, qual a razão da escolha do Brasil, com quem moram no Brasil, como se sustentam, a religião que praticam, a relação com a família que ficou no Haiti. Além de outras questões que foram surgindo ao longo da conversa.

Para compreender o sentido que os participantes das entrevistas destinam à educação as questões realizadas foram: como funciona a escola no Haiti, como foi a trajetória escolar, a importância que atribuem à educação e o que significa a educação e a escola. Com relação ao sentido atribuído à cultura haitiana as questões realizadas foram: como é a cultura do Haiti, quais elementos representam a cultura e o povo haitiano, o que aproxima e o que diferencia entre a cultura do Haiti e do Brasil, o que costumam fazer no final de semana, como é ensinada e preservada a cultura haitiana vivendo no Brasil, e se sentem falta da cultura do Haiti.

Na visão de Sayad (1996), ao falar de migração, é necessário ouvir o que os principais interessados no assunto têm a dizer, o próprio migrante. São eles os que passam por situações complexas das quais precisam ser analisadas com atenção por parte de toda a sociedade que os recebem. No entanto, são os que menos têm espaço para expressar suas falas acerca de assuntos que lhes dizem respeito para uma vida digna, além do básico para sobrevivência.

A partir dessa visão, as falas dos imigrantes entrevistados neste trabalho foram transcritas e inseridas no corpo do texto na íntegra, com o mínimo de interferência por parte da pesquisadora, como forma de dar espaço para que imigrantes expressem o que pensam e sentem acerca dos temas da pesquisa e da própria visão de mundo.

As interferências realizadas pela pesquisadora na transcrição foram mínimas. Ou seja, as transcrições sofreram alterações na forma de ajustar a estrutura da escrita para melhor compreensão na hora da leitura. Portanto, não houve mudanças nas transcrições das palavras, de maneira que pudessem alterar o sentido da fala do imigrante.

As alterações foram feitas nas seguintes situações: falas repetitivas e vícios de linguagens, com intenção de dar dinamicidade durante a leitura; nas concordâncias

das pronúncias dos tempos verbais, para situar o leitor a entender se a fala se referia ao passado, presente ou futuro, uma vez que os(as) imigrantes estão em processo de aperfeiçoar a Língua Portuguesa e as conjugações dos tempos verbais ficam incoerentes com o que dizem e o que realmente querem dizer. Ou seja, foram feitos ajustes para facilitar a fala do emissor e a compreensão do leitor.

CARLOS

Para Carlos: *“a vida no Haiti era boa. Graças a Deus meus pais se esforçou muito para dar o que a gente precisava e gostava também. Então, sempre foi muito bom morar no Haiti, era uma casa grande, cada filho tinha seu quarto, sempre brincava, aprendemos muitas coisas. Tinha algumas coisas que a gente não gostava, mas que faz parte da vida, como por exemplo as obrigações de quando é criança ou jovem. Não é tudo que a gente gosta que é bom, entendeu? Mas, foi muito bom.*

A verdade é que eu sai do Haiti por que minha mãe e meu pai vieram morar no Brasil, e como já tá com 60 e poucos anos, viemos ficar esse tempo perto deles. E além disso, viemos ajudar na obra da igreja, pra trabalhar, fazer louvou essas coisas. Eu sou músico.

Meus pais, primeiro estavam na Venezuela, depois vieram para o Brasil. Saíram da Venezuela para cá pelo mesmo motivo, por causa da missão da Igreja Metodista. Desde que nasci, vi meu pai e minha mãe trabalhando na igreja. Minha família toda é evangélica.

Meus pais saíram do Haiti para procurar o melhor para a família, porque hoje em dia o Haiti está em uma fase que não é boa. Se estivesse lá, com certeza a minha vida boa, ia ter um corte, não ia continuar ter essa vida boa. Porque as coisas mudaram. O Haiti hoje é um país perigoso, tem o negócio de política, até o presidente morreu, alguém foi lá na casa dele e matou ele. Então falta segurança. A falta de segurança é uma parte que fez a gente sair do Haiti.

Coisa que eu não queria. Eu não queria vir no Brasil. Eu estava bem no Haiti e não queria deixar tudo e morar em outro país, aprender outra língua, comida, cultura, é difícil. Pra mim não tinha necessidade. Mas, meus pais perceberam que as coisas iam ficar difíceis e pensaram no nosso futuro.

Na verdade, eu acho que não foi escolha só deles. Foi da igreja, também, pela missão. Tem muito haitianos na Venezuela. Essas pessoas querem a igreja, mas não

entendem nada do que tá falando em espanhol. Então, é melhor ter uma igreja na cultura dos haitianos. Assim, fica melhor pra entender a palavra de Deus. Igual aqui no Brasil também, quando os haitianos chegaram precisava de uma pessoa na liderança, porque os haitianos não podem ficar só. Meu pai veio pra cobrir tudo e montar a igreja.

Na verdade, esse trabalho não tem vontade, mesmo se você não quiser, você tem que ir. Se eles falarem, você vai para China porque lá as pessoas estão precisando. Aí você fala: Ah, mas eu não gosto da China, da comida deles. Não importa, você tem que ir pra cumprir a missão, você foi chamado pra isso.

Hoje moro com minha família, esposa e filha brasileiras, em uma casa alugada. Moro perto da minha irmã que também veio para o Brasil, e próximo dos meus pais. A gente trabalha pra conquistar as coisas, pagar e comer. Eu sou cristão da Igreja Metodista.”

A chegada do grande volume de imigrantes do Haiti ao Brasil, a dificuldade de compreender o idioma falado no território brasileiro, a necessidade de uma liderança religiosa presente para acolher os imigrantes, além de outros motivos, foram as razões para que os pais de Carlos deixassem a Venezuela e ter o Brasil como país de destino. Cumprir a obra da Igreja não faz relação com a vontade dos obreiros, o trabalho não lhes dá direito de escolhas, mesmo que não haja o interesse, os missionários devem cumprir a vontade da igreja.

MALU

Para Malu: “A vida no Haiti era bem legal, eu estudava, participei de coisas que eu gostava, ir ao clube na infância pra aprender a dança, cantar, tocar música, brincar, coisas de infância. Os clubes no Haiti são como se fosse uma escola.

Eu sai do Haiti porque meu pai é pastor. Ele veio para o Brasil porque é missionário e trouxe eu e meu irmão (Carlos), porque nós estávamos menores né, dos 18 anos. Meu pai escolheu o Brasil acho que por causa de missionário. Aqui tem muitos haitianos, a Língua Portuguesa é difícil e é melhor louvar na nossa língua, no crioulo. Depois do terremoto de 2010, chegaram muitos haitianos, e a igreja metodista soube e procurou saber melhor sobre a gente. O primo do meu pai que já estava no Brasil, e é metodista, precisou ir embora, e meu pai veio para substituir ele.

Hoje eu moro com meu marido haitiano, e com minha filha, de 10 meses. A gente se sustenta com o trabalho do meu marido. Eu não estou empregada, mas, faço meus negocinhos lá em casa. É isso. Eu tinha uma relação muito boa com minha família no Haiti. Nós convivemos juntos, amamos, preocupamos uns com os outros. Eu acho que isso é a família. Ajuda uns aos outros.”

Os clubes no Haiti são uma espécie de local equivalente à escola, mas o foco é em aprender e socializar diversidades culturais. Malu é irmã de Carlos, os dois irmãos vieram para o Brasil se reunir com os pais e ajudar na Missão da Igreja.

Para Malu, os motivos para a família ter se mudado para o Brasil, foi porque os pais são missionários. Havia muitas pessoas do Haiti emigrando após o terremoto Mathews, em 2010, e a Língua Portuguesa (brasileira) ser difícil para eles compreender e levava tempo para aprender. A Igreja Metodista procurou conhecer melhor a situação e trouxe os pastores para ajudar na missão do acolhimento religioso.

NADJA

Para Nadja: “a vida no Haiti era muito boa, porque toda a família está lá, minha mãe, meus irmãos, todo mundo. Eu passava muito tempo com eles. Minha infância era muito boa, eu fazia comida com minha família, amigos. Fui na escola, estudei. Ia na biblioteca, ficava lendo livro com meu irmão. No feriado ia pra praia, passava o momento, descansar. Dançava também. Fazia comida, confeitaria. Fazia bolos com minha amiga. Aqui não fazer muito bolo, trabalho, depois tem o curso, não tem muito tempo. Chega em casa e já estar cansada.

Eu saí do Haiti porque não tem muito trabalho lá. Não tem muita empresa. Depois que termina a escola, faz faculdade, tem profissão, mas não tem trabalho. Meu pai mandou eu vim pra o Brasil, eu vim. Ele já estava no Brasil, morando sozinho, aí eu vim pra cá, ficar com ele. Minha família ficou no Haiti. Meus pais não são separados, mas minha mãe não deixa os filhos pra trás pra vir, e é muito caro trazer todo mundo. Sinto muita saudade deles.

Eu vim pra trabalhar e ajudar minha família. O Brasil é melhor um pouquinho pra trabalhar. Eu trabalho pra transferir o dinheiro pra minha mãe e meus irmãos. Eu trabalho com ‘coios’: a pessoa compra um negócio online, no shopping, amazon, e eu

vou bipar no computador, pra registrar o objeto que comprou e enviar pra entrega chegar na casa dele.”

Nadja gosta muito de cozinhar, fazer bolos. Em grande parte da entrevista sempre relembrava de quando se reunia com a família e com as amigas para cozinhar. Era confeitadeira por diversão, mas não tem feito bolos no Brasil porque não tem muito tempo livre, por precisar trabalhar e quando chega em casa está cansada.

GOMES

Para Gomes: “no Haiti, eu morava com meus parentes (pais), irmãos. Ia à escola, fazer brincadeira. Quando tinha férias ia pra outro lugar pra divertir, passar um tempo, depois voltava pra casa e continuava a escola (férias). Nas férias ia pra outra cidade, capital, lugares bem bonitos no Haiti. Na minha infância eu me sentia bem, porque estava sem problemas. Agora tenho muitas responsabilidades.

Eu saí do Haiti, isso é uma boa pergunta, porque lá tem menos oportunidades pra jovens trabalhar e estudar. Quando você termina o ensino médio, tem que fazer faculdade né. Mas, quando termina a faculdade, é um pouco complicado porque tem pouco emprego pra trabalhar. Lá tem emprego, mas tem menos, não tem pra todo mundo. Por isso as pessoas foram pra outro país, procurar melhor situação.

Aqui no Brasil ainda não estou estudando, mas eu tentei fazer a prova do Enem, uma vez, não consegui, mas não vou desistir. Eu não sabia o Português, não zerei a redação. Pra aprender uma língua é atenção, da mesma forma que falo francês, crioulo, todas as línguas tem uma disciplina pra adaptar, uma regra pra falar bem. Final do ano eu vou tentar o Enem, até eu conseguir.

Eu escolhi vir para o Brasil porque desde minha infância eu assistia na televisão o Ronaldo, Pelé. Aí eu falava: Meu Deus será que um dia vou ter a oportunidade de visitar esse país? Aí foi um sonho. Graças a Deus! Eu gosto muito do futebol, gosto muito da cor da bandeira do Brasil, verde, azul e amarela. Eu gosto do povo brasileiro.

Meu irmão já estava no Brasil, ele me ajudou a chegar aqui. Eu estou feliz. Hoje eu moro com meu irmão, a esposa dele e as duas meninas crianças. Meus pais e outros irmãos ficaram no Haiti. Na verdade, está no processo pra eles entrar. Mas, é complicado porque a pandemia atrapalha as coisas voltar ao normal. Está tudo lento. O objetivo é trazer eles.

Eu sou cristão metodista. A minha relação com minha família é muito boa. Sinto muita saudade. Todos os dias a gente conversa pelo celular. A tecnologia avançada ajuda muito, a gente pode fazer chamada de vídeo. Aqui no Brasil eu me senti muito acolhido, cresci muito, minha mente mudou, tenho mais responsabilidade”.

Nascido em Gonaives, Gomes já visitou a capital Port-au-Prince, Jackmel, relata a beleza das cidades do Haiti. Gomes relatou que as pessoas ricas no Haiti estão cada vez mais ricas, por isso os haitianos estão emigrando, por causa da falta de oportunidade para os jovens.

Quando vivia no Haiti, não tinha muitas responsabilidades, mas agora que está longe da família em condição de migração, passou a ter responsabilidades e pensar de maneira diferente na vida. A mudança na forma de pensar faz relação com o pensamento: *quando você estava criança, você pensava como criança. Quando você é jovem, você pensa como jovem.*

Se sente acolhido morando no Brasil, percebeu novas formas de viver, quer avançar e concluir projetos para melhorar de vida. Tem amigos que o incentiva a trabalhar e não desistir. *Quando eu era criança só queria brincar, só pensava no momento, não pensava no futuro.*

LEON

Para Leon: *“Lá no Haiti minha vida era muito boa, vivia muito bem. Mas, em 2016 começou a complicar, porque não tinha serviço, a escola é muito cara. Se não tem serviço como vai viver? Complicado. Ai, depois que eu casar com minha esposa haitiana, complicou mais ainda porque agora tinha que trabalhar, ficou mais difícil.*

Eu e minha esposa, sentou e conversou pra deixar o Haiti porque estava difícil o serviço. Ela aceitou, juntou dinheiro e saímos, bora (sinal com as mãos de partir). Eu e minha esposa viemos juntos para o Brasil.

No Brasil tivemos um filho, brasileiro. O outro filho é haitiano, ficou com a mãe da minha esposa, ele tem nove anos. Pretendo trazer ele para o Brasil, tem que ter muito dinheiro, muito, muito. Eu já tentei trazer ele. Mas uma pessoa brasileira que pedi ajuda, falou que conseguia entrar meu filho, só que pegou o dinheiro e sumiu.

Silêncio

Tentei três vezes trazer meu filho haitiano pro Brasil, mas as três vezes eu passar o dinheiro e eles sumir. Minha esposa pede pra eu voltar para o Haiti pra buscar ele. Mas, não tem o dinheiro.

Eu escolhi vir para o Brasil por causa do futebol. Brasil joga muito futebol. Muitos haitianos gostam do Brasil por causa do futebol. Gooosto demais de futebol brasileiro (sorrindo). Quando o Brasil está jogando haitianos usam camiseta amarela.

Minha vida aqui no Brasil está melhorando aos pouquinhos. Trabalho muito, recebo pouco, a casa está arrumada, pago as contas. Não sobra nada. Mas, é isso mesmo.”

Leon considerou que sua vida no Haiti era complicada desde a infância, por que faltava serviço para seus pais. Depois que se casou, sua vida complicou mais ainda, porque tinha que sustentar a família. A esposa de Leon é haitiana e tiveram três filhos: dois haitianos e um brasileiro. Um dos filhos ainda mora no Haiti com a sogra, tem nove anos; o outro filho, haitiano, teve câncer e morreu ainda na infância; o casal veio juntos para o Brasil e tiveram o terceiro filho aqui, brasileiro.

Com relação ao filho haitiano, Leon tem pretensão de trazê-lo para o Brasil, mas precisa de dinheiro. Já conseguiu juntar uma quantia de dinheiro em três ocasiões, mas deu errado em todas as tentativas. Nas três vezes que tentou, havia a presença de um intermediário brasileiro, que Leon havia pedido ajuda para compreender a situação com o idioma no Brasil. Os intermediários disseram que conseguiria trazer a criança, mas pegaram o dinheiro e sumiram.

Um dos intermediários era vizinho de Leon, que chegou a passar o dinheiro, mas quando retornou à casa do vizinho para entender como seria o processo para trazer o filho, bateu na porta e ninguém respondeu. Chegaram a chamar a polícia e descobriram que a casa havia sido abandonada.

GRONE

Para Grone: *“Meu pai tem dez filhos, eu fui o quinto filho. Ele pagou escola para todos. Depois que eu sai do ensino médio eu fui para o ensino superior, faculdade. Eu fiz dois anos de administração na faculdade pública e mais dois anos de ciências da informática na faculdade particular.*

Quando eu era criança eu gostava de brincar, jogar bola, brincar, lutar, pegar pipa, bolinha de gude, andar com cavalo, brincar de bicicleta. A infância do Haiti é uma cultura diferente que a do Brasil. Aqui as crianças brigam mais.

A vida no Haiti, era tranquila, começou a complicar depois de 2014, quando eu sai da casa do meu pai pra ir morar em outra cidade pra estudar. Ficar longe do pai e da mãe é difícil. Sentia muita falta da família. Até hoje sinto falta deles.

Eu sai do Haiti porque o país está muito bagunçado por causa do homem de política. O país não tem governador, estabilidade, todo dia acontece caso de manifestação. Por isso sai de lá. Eu escolhi o Brasil porque é um país mais tranquilo. A educação aqui é mais fácil pra estrangeiro.

Eu moro no Brasil com meu primo. Sou apontador de mão de obra. A empresa que eu trabalho é de boa, os funcionários tem a mesma prioridade, nenhum é melhor que o outro, todo mundo é igual. A minha religião é protestante”.

Quando morava no Haiti, a relação de Grone com a família, pai, mãe e irmãos, era sempre de brincadeira. Na infância experimentou diversas brincadeiras, conversava com os amigos, ia à praia, na roça, que é lugar mais tranquilo, etc. Relatou que gostava muito de brincar e por causa disso sempre caía e se machucava, mostrando uma cicatriz na testa. Contou sorrindo que cortou, chorou muito e seus pais o acolheram com carinho.

LEONA

Para Leona: “Na minha infância tem muita coisa. Na verdade, quando eu nasci meu pai viajou para outro país, Guadalupe. E quando eu fiz dez anos minha mãe também viajou. Eles são separados. Eu cresci em outra família. Meu pai mandou eu morar na casa da família da esposa dele. Eu fui morar com a irmã da minha madrasta. Não era fácil pra mim, sair do lar da minha família, irmãos e crescer em outra família. Mas, eu tinha que obedecer.

Sofri algumas coisas, a mulher tentou me vender pra casar com um homem, pra pegar dinheiro dele. Quando eu percebi o que estava acontecendo, eu falei com meu pai que não ia morar com mais ninguém. Ele me escutou. Ele tinha uma casa no Haiti e me deixou morar nela com minha prima. Mas, veio o terremoto e eu fiquei com medo da casa cair.

Graças a Deus, eu superei. Eu conheci meu marido, a gente ficou amigo, eu me casei. Depois do meu casamento eu tive meu primeiro filho. Ele teve câncer. Tentamos o tratamento, muita coisa, mas ele não resistiu e morreu. Depois que ele morreu, decidimos sair do Haiti.

Meu pai havia tentado pra eu ir pra alguns países, como Guadalupe, Canadá, França, conseguir uma bolsa pra estudar e pela facilidade com o idioma. Mas, o pessoal das embaixadas não dá vistos, documentos. É difícil. Eu escolhi o Brasil por causa da facilidade de entrar. Era mais fácil.

Estou lutando pro meu filho entrar. Até agora não consegui. (Leona é esposa de Leon). Eu tive três filhos, dois no Haiti, e um aqui no Brasil. Na verdade, ele tinha a viagem para o Brasil, mas eu não sei direito o porquê, acho que, o presidente cortou. Está tudo cortado, não tem como entrar. Pra ele entrar tem que passar por outro país, mas os países não aceitam crianças sem a mãe ou o pai. Alguém tem que acompanhar a criança, mas é caro, é muito dinheiro.

Sem entrar na política, as pessoas não entendem que a vontade de Deus não pode ser questionada. O Brasil está precisando de imigrante, tem vários lugares que está precisando de pessoas pra trabalhar. Os haitianos estão indo embora por causa disso. Eles estão saindo do Brasil e indo para os Estados Unidos, Canadá, pra trabalhar e ajudar a família.

Eu saí do Haiti porque estava difícil trabalhar. A maioria das mulheres não trabalham, não tem emprego, e depender só do marido é pesado.

Eu era católica, mas agora sou evangélica. Eu mudei porque eu estava lendo a Bíblia e lá diz que: não precisa de intercessor para fala com Deus. Eu acreditei, eu posso falar com Deus em qualquer lugar e qualquer momento.

Sobre a minha vida, tem um outro lado que era muito alegre. Eu tinha muito amigos (emoção para falar). Meu pai enviava dinheiro e eu gastava muito com meus amigos fazendo festas perto do mar, com comida, com roupas (risos). Era assim. Eu sinto muita falta do mar, muita saudade.”

Leona iniciou a fala se desculpando e mencionando que sobre a própria vida tem muita coisa. Passou pela situação de quase sofrer tráfico de pessoas, teve um filho com câncer que faleceu, e resolveu emigrar do Haiti. Tenta trazer o outro filho para o Brasil, mas o governo federal (do ciclo de 2019-2022) havia dificultado a entrada de imigrantes para o Brasil. Além de que a falta do capital econômico e as burocracias dificultavam o casal reagrupar com o filho.

A partir da apresentação dos discursos dos entrevistados acerca da história de vida foi possível conhecer parte da realidade dos imigrantes do Haiti que imigraram para o Brasil e residem em Goiás. A coleta desses dados possibilitou levantar um assunto interessante de ser destacado e possível de novas análises.

Os pastores Daniel e Linda emigraram do Haiti para a Venezuela, enviados pela Igreja Metodista, a fim de cumprir a missão religiosa de acolher os imigrantes do Haiti que estavam em território venezuelano. Em 2015, a igreja reenviou os pastores para outro país para executar o mesmo trabalho de acolhida, no caso para o Brasil.

O que chama a atenção é que a partir de 2013, após a morte do líder venezuelano Hugo Chaves, a Venezuela havia se tornado um país conhecido mundialmente pela insegurança política, civil e econômica. Tal cenário gerou inúmeras dificuldades não só para a população nativa, mas também para os imigrantes que residiam no país, incluindo aqueles que precisavam enviar remessas para os familiares.

A narrativa de que o Brasil estava com a economia estabilizada contribuiu para o início dos consideráveis fluxos de haitianos e haitianas deixar a Venezuela e migrar para o interior da nação brasileira. Aproximando o fato de que os pastores emigraram da Venezuela após a situação se intensificar.

A seguir será apresentado um quadro contendo os sentidos que imigrantes do Haiti entrevistados destinam à educação e a escola para preservar a cultura haitiana em território brasileiro e, depois, apresentada as análises dos dados coletados.

Quadro 09: Sentidos atribuídos à educação escolar pelos participantes da pesquisa

Nome	Fala dos e das participantes da pesquisa	Sentidos atribuídos à educação/escola
Carlos	<p>“A escola é uma parte da nossa vida, para ser o má formado. Melhorar as oportunidades que chegam. Ser profissional e ajudar com mais qualidade outras pes sem a escola será mais difícil ajudar as pessoas. Pra que não ser alienado. A escola é uma primeira parte. Se você conseguir passar essa parte, não é que a vida vai ser fácil, mas, vai ser muito melhor que se não tivesse estudado”.</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Faz parte da vida; - Melhorar a vida; - Profissão; - Não ser alienado.
Malu	<p>“Escola pra mim é uma instituição que vem depois da família e da igreja. Pra ajudar a criança aprender, ter inteligência. Ajudar a mostrar pra criança que é inteligente, já que os pais não tem muito tempo. A escola é uma instituição muito importante pra ajudar o mundo, o país. Pra ter uma profissão.</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Menos importante do que a família e a Igreja; - Local para aprender e desenvolvimento cognitivo; - Ajudar no desenvolvimento do país; - Profissão.

	É bom trabalhar de uma profissão do que ficar assinando carteira de qualquer coisa”.	
Nadja	“A educação é importante pra todo mundo. A escola é muito importante. Ter boa educação significa respeitar todo mundo. Saber como falar com todo mundo. Explicar também. As pessoas vão pra escola pra aprender. A pessoa vai aprender a ler. A escola é importante na vida das pessoas porque é bom. É necessário”.	- Aprender a respeitar as pessoas; - Aprender a ler.
Gomes	“A educação deve começar primeiro na família, segundo igreja e terceiro na escola. A escola é um pilar pra educar e significa um centro de educação. Se uma pessoa não passar na escola, não tem educação e não compreende a vida. Não tem um lugar melhor pra compreender as coisas”.	- Menos importante do que a família e a Igreja; - Compreender a vida.
Leon	“A escola é muito importante. É um mundo que tem muitas coisas. É outro mundo. Outro significado dela é um preparar para a vida. Eu gosto muito, apesar de não estar estudando, porque não dá tempo”.	- Preparar para vida. - É um mundo próprio.
Grone	“Escola é o lugar pra aprender as coisas que não tem condição para aprender em casa. A escola é muito importante na vida das pessoas. Pode ajudar na educação do país. Ajudar a ter boa condição pra viver”.	- Aprender o que não se aprende em casa; - Ajuda na educação do país; - Melhora as condições para viver.
Leona	“A escola significa muita coisa. É importante na vida das pessoas. Porque sem a escola, mesmo que você tenha educação dos pais, da igreja, a escola é um terceiro. Porque é lá que você aprende a ler, conhecer muitas coisas”.	- Aprender a ler e a conhecer as coisas.

Fonte: dados das entrevistas com participantes da pesquisa (2022).

De maneira geral, na visão de nacionais do Haiti entrevistados nesta pesquisa, a educação escolar é compreendida como um espaço capaz de superar a alienação, aprender os conhecimentos que não são possíveis de conhecer em casa, a ler, estimular a inteligência. Faz parte da vida, ajuda a melhorar as condições de vida e ter boa convivência entre as pessoas. Ajuda a alcançar profissões e melhorar os campos profissionais. Contribui também para o desenvolvimento das nações, do mundo e da educação de um país.

Chegou a ser mencionada como um dos pilares educacionais e um centro de educação importante para promover melhorias pessoais, coletivas, nacionais e qualificação profissional. Mas, apesar de ser considerada como um pilar da educação, é relevante destacar as falas de Malu, Gomes e Leona, de que a escola é uma instituição com menor grau de importância em relação a família, que está em primeiro lugar, e a igreja, em segundo lugar.

Ao longo da entrevista, os participantes da pesquisa relataram semelhanças e diferenças pontuais entre o sistema educacional haitiano e brasileiro, expondo características vantajosas e desafiadoras entre os dois países.

Dentre as semelhanças, a principal apontada foi a estrutura da trajetória do ensino básico e do ensino superior ser igual tanto no Haiti quanto no Brasil. Dentre as diferenças, as principais apontadas foram com relação ao pagamento de mensalidades, nas escolas particulares e públicas, e as condições em que o ensino é realizado para a população.

Assim como há diferenças no sistema educacional entre Haiti-Brasil, também, existem semelhanças que os aproximam em termos estruturais. O sistema educacional do Haiti é dividido em cinco níveis: pré-escola, ensino fundamental, ensino médio, ensino profissional e ensino superior (ANTONIE; AMARAL, s.d). “*A escola no Haiti funciona igual aqui*” (Malu), *tem a creche, educação infantil, ensino fundamental, ensino médio e o ensino superior*” (Grone).

Tal estrutura se aproxima do sistema educacional brasileiro que é regulamentado pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN 9.394/96). A LDBEN compreende que a educação escolar do Brasil é composta pela educação básica, formada pela educação infantil, ensino fundamental I e II, e o ensino médio, e pelo ensino superior (BRASIL, 1996).

Sobre as diferenças, a primeira apontada foi com relação ao pagamento de mensalidades nas escolas básicas. No Haiti, independente se é pública ou particular, todas as escolas básicas são pagas. A diferença entre uma e outra é que as escolas públicas cobram valores mensais menores do que as escolas particulares. Os valores cobrados pelas escolas particulares é um fator que mantém o maior número da população afastada do acesso a tais instituições. Ao passo que, nas escolas públicas, os grupos menos favorecidos tentam, com esforço do trabalho, ingressar e manter seus filhos estudando. “*No Haiti a escola pública paga menos e a privada paga mais. As creches são muito caras, mais caras do que o ensino fundamental*” (Gomes).

No Brasil, por um lado, é entre as escolas privadas que existe a distinção entre aquelas que pagam mensalidades maiores, e que ficam restritas para a permanência dos filhos das camadas superiores da sociedade, e as escolas privadas que pagam mensalidade menores, possibilitando que os filhos de certas camadas sociais possam frequentar e terminar seus estudos. Por outro lado, existe, também, o sistema público de ensino que é oferecido pelo Estado gratuitamente à população mediante

pagamento de impostos para acessar, permanecer e terminar seus estudos. “*Acho que aqui é mais de boa que lá. Estudar não paga, tranquilo*” (Grone).

A educação é um fenômeno natural necessário para compreender o ser humano, de maneira que, homens e mulheres precisam transformar a natureza para garantir a existência da espécie. O resultado dessa transformação cria um mundo particular, que Saviani (2008) considerou ser o mundo humano (ou o mundo da cultura).

A especificidade da educação é a produção de ideias, conhecimentos, conceitos, símbolos, necessários para a formação da humanidade, individual e coletiva. Tem como objeto de estudo, por um lado, a identificação dos elementos culturais e suas assimilações pelo ser humano, para que se perceberem enquanto humano. E por outro lado, a descoberta de formas adequadas para atingir tal objetivo (SAVIANI, 2008).

A diversidade dos conhecimentos produzidos pelo campo da educação é construída conforme os locais aos quais são desenvolvidas as interações humanas, nos diferentes espaços sociais, a partir de três formas: formal, não-formal e a informal. A educação formal acontece nas instituições de ensino de maneira sistematizada e planejada. A educação não-formal acontece nos espaços onde ocorre processos de ensino, mas com certo grau de sistematização, com os cursos de idiomas e as iniciações esportivas. E a educação informal é o tipo de educação que acontece nas famílias, nas ruas, em que há processo de aprendizagem, mas sem nenhum grau de planejamento para que seja efetivado.

Assim, considerando a natureza e a especificidade da educação de maneira ampla, que busca alcançar o mundo humano e tem identidade própria, esta se legitima enquanto campo responsável para socializar os conhecimentos. Dentre as três formas de educação acima citadas, os locais aos quais a sociedade responsabiliza para que os saberes sejam socializados sistematicamente são as instituições de ensino, em especial as escolas. “A escola é uma instituição cujo papel consiste na socialização do saber sistematizado” (SAVIANI, 2008, p. 14).

A sistematização dos saberes, contemplados por todos os campos científicos, para que sejam compreendidos pelas pessoas em fase escolar e ao longo da vida, socializados e executados nas práticas sociais é o fator que legitima a existência das escolas. Aprender as diferentes formas de linguagens, despertar as consciências, de si, dos outros, da sociedade, pensar sobre geografia, contextos históricos, os

números, além de outros, são conhecimentos para serem executados nas práticas de cidadania. É a partir dessa visão que a educação, nas escolas, deve garantir o processo de democratização.

O fato de que as escolas no Haiti serem pagas dificulta o acesso e permanência da população para iniciar e terminar os estudos no ensino formal. *“Não são todas as crianças que tem acesso ao estudo (...) a população haitiana não é toda alfabetizada, muitos não sabem ler e escrever”* (Carlos). *“Meu pai e minha mãe não estudaram porque não tinha dinheiro pra pagar”* (Grone). Ou seja, não há o processo de democratização da educação escolar como um direito humano e a transformação do mundo cultural garantido para a população haitiana.

Após a década de 1990, foi iniciado um período para consolidar uma política democrática no Haiti. Um dos acordos feitos, para que os Estados Unidos da América aceitassem abrir mão de continuar apoiando a ditadura no país caribenho para que o então eleito presidente Jean Bertrand Aristide assumisse o mandato, foi a abertura e facilidade para que as políticas neoliberais fossem implantações no Haiti (HANDERSON, 2010).

O neoliberalismo é um pensamento, que foi intensificado no mundo por europeus e com apoio de norte-americanos, por volta da década de 1980, fundamentado na noção de que a igualdade, que pretendia os Estados para promover o bem-estar da população, destruía a liberdade de alguns cidadãos e a vitalidade da concorrência para a prosperidade do capital. Os defensores do pensamento neoliberal argumentaram que, as desigualdades são necessárias nas sociedades ocidentais capitalistas para que o capital possa ser alimentado e possa fluir com mais facilidade, mesmo que custe o fato da população entrar em colapso (ANDERSON, 1995).

Uma das principais práticas dos governos neoliberais é a reconfiguração da noção de que os serviços sociais deixem de ser um direito de todas as pessoas e passem a ser comercializados. De maneira que são lançados programas para privatizar tais serviços: como a habitação, saneamento básico, saúde, segurança e, de maneira tardia, a educação.

A mercadorização dos serviços públicos e dos direitos políticos, significa favorecer o imperialismo e as camadas dominantes da sociedade, ao mesmo tempo em que sacrifica as camadas dominadas, marginalizando as tentativas para subverter os problemas sociais (NASCIMENTO; SILVA; ALGEBAILLE, 2002).

Os serviços públicos tais como educação, saúde e segurança não são escolhas pessoais das quais a população possa abrir mão e viver tranquilamente. Mas, são necessidades de sobrevivência e manutenção básica da vida, individual e coletiva, de maneira que, sua comercialização pode ser caracterizada como desumana, na perspectiva das camadas populacionais que não possuem recursos para pagar pela prestação de tais serviços.

Anderson (1995) apresentou que governantes de países europeus, Estados Unidos da América e do Chile, na América Latina, inauguraram práticas neoliberais com a própria população. Mas, ao fazer o balanço, após as ações, apontaram que não houve a revitalização do capitalismo básico e as desigualdades sociais e a pobreza se tornaram cada vez mais marcantes.

Nascimento, Silva e Algebaile (2002) disseram que governos europeus e norte-americano, idealizadores do neoliberalismo, já não o querem mais para suas populações, uma vez que, mantêm estratégias de controle pelo Estado e uma rede de proteção social. No entanto, e em contrapartida, esses mesmos governos, pensando nos benefícios próprios, forçam países com menos recursos a adotarem medidas neoliberais a qualquer custo com a própria população.

Antoine e Amaral (s.d) argumentaram que o Haiti engendra a aplicação do pensamento neoliberal na nação com a finalidade de alimentar a mercadorização, não só da educação escolar, mas de todos os serviços sociais de maneira geral. Esse fato é possível relacionar com a fala de Gomes que relatou ter ficado feliz quando chegou ao Brasil e teve acesso ao cartão do Sistema Único de Saúde (SUS), porque no Haiti a saúde também é paga.

Na pesquisa, Antoine e Amaral (s.d) analisaram os efeitos da política neoliberal no Haiti na relação com a educação. Os autores apresentaram que o Estado haitiano fortalece a iniciativa privada, tornando o campo educacional uma mercadoria que beneficia o mercado. Essa mercadorização do serviço educacional representa um peso para as famílias com menos condições financeiras, que no final das contas, frequentam escolas privadas com baixa qualidade, mas que muitas vezes acabam abandonando o ciclo escolar por falta de condições de continuar a pagar pelos estudos.

A privatização e a baixa qualidade de ensino das escolas públicas haitianas são as principais dificuldades para as famílias menos favorecidas não conseguir alcançar o ensino superior, encontrar emprego e entrar no mercado competitivo. “Os filhos dos pais favorecidos não só frequentam escolas de boa qualidade, como

também a escola que valoriza a cultura de sua classe social (ANTOINE; AMARAL, s.d, p. 11).

Para lembrar, o Haiti é representado como um dos países com menor poder econômico das Américas. E para refletir, não seria contraditório privatizar o sistema educacional de uma população que, individualmente, não tem condições de arcar com tal despesa, que é considerada um direito humano capaz de promover a emancipação do povo que conseguiu lutar pela própria independência? Antoine e Amaral (s.d) também questionou como o acesso ao ensino fundamental pode ser dado a todas as crianças do país se o Estado não quer realizar gastos orçamentários significativos nessas áreas?

Após os desastrosos efeitos ocorridos na Segunda Guerra Mundial, a educação foi considerada, na Declaração Universal dos Direitos Humanos, em 1948, como parte integrante dos serviços sociais que o Estado deve fornecer aos cidadãos. O Brasil reconhece a educação como um direito humano por isso, em suas normativas, defende a visão de que a educação deve ser gratuita, laica e democrática (BRASIL, 1988).

A Constituição Federal do Brasil, no Art. 6º, reconhece a educação como um direito social e, no Art. 205º, um dever do Estado e da família, que visa o pleno desenvolvimento pessoal para o exercício da cidadania e qualificação para o trabalho. Dentre os nove princípios descritos na redação da lei, o quarto garante a gratuidade do ensino público em estabelecimentos oficiais (BRASIL, 1988).

Na forma da lei, as escolas públicas brasileiras não recebem pagamentos mensais daqueles que querem/precisam frequentar a educação básica para terminar os estudos. Portanto, na teoria, é garantido o processo democrático para o acesso à escola, como um direito humano e social, para todos os presentes no território brasileiro.

No entanto, mesmo a lei reconhecendo o direito da gratuidade das escolas públicas, diversas são as vezes em que pautas para privatizar todo o ensino básico brasileiro são levantadas em discussões no campo da política partidária. A questão é que colocar em risco a gratuidade da educação básica no Brasil, coloca-se em risco também o princípio democrático de todos terem acesso, quando se considera a realidade do povo brasileiro.

Nascimento, Silva e Algebaile (2002) apresentaram que o neoliberalismo, também, teve seu início com práticas no Brasil, a partir do final do século XX, quando

os discursos de empreendedorismo, eficácia, eficiência, competência ganharam força para valorizar as privatizações e desvalorizar o setor público, que passou a ser considerado ineficiente, ineficaz e atrasado.

Apesar de prometer acabar com a pobreza, as políticas neoliberais não conseguiram mudar a realidade social brasileira. As desigualdades se mantiveram em patamares de estabilidade, além de continuar ética e politicamente inaceitável. Os ajustes neoliberais cortaram gastos com políticas públicas, que estão sendo substituídas por programas para as populações mais pobres e agravaram ainda mais a redução dos direitos sociais (NASCIMENTO; SILVA; ALGEBAILLE, 2002). Como exemplo de agravamento dos direitos sociais pode ser citados os frequentes cortes de recursos públicos para o enfraquecimento do SUS e das escolas públicas.

Este fato nos leva para o segundo ponto que os entrevistados levantaram sobre a diferença da qualidade pedagógica das condições em que o ensino haitiano e brasileiro é ofertado a suas populações. Os imigrantes pontuaram que, mesmo as escolas brasileiras serem gratuitas, o processo democrático do sistema educacional brasileiro não oferece qualidade a todos, chegando algumas vezes à realidade de ter pessoas excluídas da educação básica.

O ponto exposto pelos entrevistados, com relação à qualidade das condições de ensino ofertado no Haiti, é de que o ensino haitiano tem mais qualidade por ser mais rigoroso, volumoso e pesado quando comparado com o ensino brasileiro. Apontaram que nas escolas haitianas os estudantes aprendem a ler, escrever, compreender a essência dos conhecimentos para poder pensar sem precisar decorar, vários idiomas, além de ter a participação ativa dos pais na vida escolar do estudante. *“Na escola do Haiti é mais pesado do que aqui”* (Leona). *No Haiti aprende mais idiomas”* (Grone). *“A escola no Haiti te ensina a absorver, não decorar”* (Carlos).

O ensino de qualidade ao qual nacionais do Haiti, entrevistados na presente pesquisa, tiveram acesso pode ser comprovado quando se percebe que todos falam mais de um idioma, além da língua materna; por terem questionado do que se tratava a presente pesquisa à qual foi solicitada suas participações, perguntaram sobre os objetivos, em que a pesquisa iria ajudar a pesquisadora e a eles que são imigrantes, e ao final de entrevistados parabenizar e reconhecer a importância de permitir que imigrantes pudessem falar de suas culturas, entre outros comportamentos.

Com relação à qualidade das condições de funcionamento das escolas brasileiras foi mencionado que o ensino é mais fraco, fragmentado, as crianças não

têm tarefas de casa para fazer com a frequência considerada suficiente, pelos entrevistados, os professores não são valorizados e os governantes não atribuem a devida atenção ao sistema educacional da maneira como deveria ser feito, quando comparado com as escolas haitianas. *“Com cinco anos eu já sabia ler e escrever. Aqui as crianças com cinco anos têm dificuldade, eu não sei porquê”* (Malu). *“O governo brasileiro não dá muito valor na educação. As crianças pisam os pés na escola, mas saiu de lá esquece tudo”* (Carlos). *“Pela importância da educação, aqui os professores recebem pouco, deveria valorizar mais os professores”* (Gomes).

No entanto, a comparação da qualidade de ensino educacional entre Haiti-Brasil foi feita por nacionais haitianos e haitianas que tiveram condições e recursos para estudar em escolas pagas com considerável qualidade no ensino. Além dos fatores que comprovam a frequência desses imigrantes em escolas com qualidade no Haiti, tal consideração pode ser relacionada com a fala de Grones quando disse que *“não são todas as pessoas no Haiti que falam francês, apesar de que todos os nacionais do Haiti o compreendem, porque para aprender o francês é necessário ir para a escola e o estudar como qualquer outro componente curricular, como a História, Educação Física, Biologia, Matemática etc.*

Dessa forma, a educação do Haiti e do Brasil trilham caminhos diferentes, mas vislumbram finalidades semelhantes para atender ao plano neoliberal. O sistema educacional do Haiti é privado, revelando ter escolas com e com pouca qualidade, resultando na exclusão do grande número populacional. Ao passo que, na forma da lei, o Brasil defende o ensino público para todos os presentes no território nacional, mas, na prática, existe a desvalorização e falta do suporte para que as melhorias qualitativas possam ser atendidas, por causa dos cortes de orçamentos a fim de atender aos interesses neoliberais.

A seguir serão apresentados quadros contendo as diferenças e as aproximações entre as culturas haitiana e a brasileira (Quadro 10) e as práticas culturais que são mais utilizadas para a preservação da cultura do seu povo (Quadro 11).

Quadro 10: Diferenças e aproximações entre as culturas haitiana e brasileira

Nome	Fala dos e das participantes da pesquisa	Diferenças e aproximações
Carlos	“Não há grandes diferenças entre Haiti-Brasil, as semelhanças fazem com que os haitianos se sintam acolhidos.	- semelhanças: são acolhedores, animados, musicais; - diferenças: idioma, culinária, comportamento e o clima.

	As semelhanças são povos animados, acolhedores, gosta de música. As diferenças são o idioma, culinária, alguns comportamentos e o ar seco de Goiás”.	
Malu	“A diferença entre a cultura do Haiti e do Brasil é o idioma, a culinária, aqui não tem mar. Sinto falta da zona rural em que morava no Haiti. Aqui não tem”.	- semelhanças: não citou; - diferenças: idioma, culinária, ausência do mar.
Nadja	“A diferença é que todo dia é aqui é arroz e feijão, não tem praia, as colegas do serviço só pensam em namorar. A escola não tem importância para as brasileiras. As brasileiras compram bolo, no Haiti a gente faz”.	- semelhanças: não citou; - diferenças: repetição na culinária, ausência do mar, muita importância aos namoros e pouca aos estudos, comprar bolo no supermercado.
Gomes	“A diferença entre Haiti-Brasil são os comportamentos, o brasileiro é mais liberado, haitiano é mais fechado. E aqui não tem praia. A semelhança é o uso de gírias, as saudações”.	- semelhanças: gírias, saudações; - diferenças: comportamentos, ausência do mar.
Leon	“Cultura haitiana é boa porque dança muito. Tem música, animação, diversão. A diferença é que no Haiti tem a comemoração do dia 18 de maio, Dessaline que liberou os haitianos. A semelhança é que gostamos de praia e de festa”.	- semelhanças: gostar de praia e festas; - diferenças: feriados nacionais
Grone	“A diferença entre Haiti-Brasil é o tempero da culinária, a dança Kompa, relação entre homem e mulher. As brincadeiras são iguais”.	- semelhanças: tempero da culinária, dança Kompa, relações conjugais - diferenças: brincadeiras.
Leona	“A diferença é que no Haiti tem o <i>vodu</i> , é algo diabólico, e os brasileiros faz mais festinhas”.	- semelhanças: não citou; - diferenças: vodu e o Brasil tem mais festas.

Fonte: dados das entrevistas com os participantes da pesquisa (2022)

Os entrevistados mencionaram que existem tanto diferenças quanto aproximações entre a cultura haitiana e a brasileira. Apesar de terem destacado que mesmo existindo diferenças culturais entre os dois países, as aproximações são mais consideráveis, uma vez que, foi um dos principais fatores pelos quais se sentiram acolhidos pela comunidade brasileira à qual residem (residentes em Aparecida de Goiânia, até o momento da pesquisa).

Sobre as aproximações culturais entre Haiti-Brasil, os entrevistados levantam que são dois povos que gostam de festas, são animados, gostam de diversões, reuniões como a família, amigos, na igreja; são dois povos acolhedores; há proximidade na forma de brincar uns com os outros e fazem usos de gírias.

Sobre as diferenças culturais entre os dois países, os principais pontos levantados foram: com relação à culinária, relataram que a comida brasileira é mais leve e menos temperada do que a comida haitiana; o prato básico do brasileiro é o arroz e feijão servido todos os dias, essa composição diária significa sinônimo de

repetição; o povo haitiano gosta de festas e reuniões, mas não é com a mesma frequência e intensidade como fazem os brasileiros.

Ainda no campo das diferenças foram apontadas: a história do Dia da Bandeira haitiana, comemorada no dia 18 de maio em homenagem a Dessalines, um guerreiro que libertou o povo haitiano da escravidão; o fato de que o Centro-Oeste brasileiro, Goiás, não estar próximo ao mar e a praia fazer falta para eles.

Alguns comportamentos do povo brasileiro se diferem dos haitianos, como a fala de Nadja ao mencionar que as brasileiras falam muito de namorados e pouco de estudos; a diferença nas relações conjugais entre brasileiros(as) e haitianos(as); apesar de o Brasil ser conhecido mundialmente como um país dançante, com diversificados estilos de danças, não ter a dança Kompa; e o idioma, que foi a parte mais difícil de superar para os imigrantes haitianos em Goiás.

Quadro 11: Práticas culturais como meio para preservação da cultura haitiana

Nome	Fala dos e das participantes da pesquisa	Práticas culturais para transmissão e preservação da cultura haitiana
Carlos	“O elemento que representa a cultura haitiana é a dança Kompa. Eu ensino a cultura haitiana para minha filha através de brincadeiras, do idioma e do Projeto Cultural”.	- Dança Kompa, brincadeiras, idioma e projetos culturais.
Malu	“O elemento que representa a cultura haitiana é a dança Kompa. Eu ensino a cultura haitiana para minha filha através do idioma e da culinária”.	- Dança Kompa, idioma e a culinária.
Nadja	“O elemento que representa a cultura haitiana é a dança Kompa. Eu ensino a cultura haitiana através do idioma e de vídeos do Haiti”.	- Dança Kompa, idioma e vídeos do Haiti.
Gomes	“O elemento que representa a cultura haitiana é a dança. Eu ensino a cultura haitiana através da convivência e conversas”.	- Dança Kompa, convivência e conversas.
Leon	“O elemento que representa a cultura haitiana é a bandeira. Eu ensino a cultura haitiana para meu filho através do idioma, da dança Kompa e vídeos no Youtube”.	- Símbolos nacionais (bandeira), idioma, Dança Kompa e vídeos no Youtube.
Grones	“O elemento que representa a cultura haitiana é a dança Kompa. Eu ensino a cultura haitiana através da dança Kompa e conversando”.	- Dança Kompa e conversas.
Leona	“O elemento que representa a cultura haitiana é a dança Kompa e o <i>vodu</i> . Eu ensino a cultura haitiana para meu filho através do idioma e de vídeos”.	- Dança Kompa, <i>vodu</i> , idioma e vídeos.

Fonte: dados das entrevistas com os participantes da pesquisa (2022)

As principais práticas levantadas pelos entrevistados utilizadas para transmitir e preservar a cultura haitiana foram a dança Kompa; brincadeiras; idioma; culinária; vídeos no *Youtube*; convivências e conversas; símbolos nacionais, como a bandeira do Haiti; *vodu*; e projetos culturais.

A cultura haitiana é lembrada com o auxílio de músicas no celular, no *Youtube*, dançando Kompa em casa, com o cônjuge, nas reuniões da igreja, nas festas com o grupo. Através das brincadeiras com a família e amigos. As formas de ensinar e preservar a cultura haitiana entre os pertencentes da comunidade é ensinando o idioma crioulo/francês, mostrando vídeos do mar do Haiti, fotos da família que ficou no país e dos espaços aos quais os imigrantes/pais viveram antes de vir para o Brasil.

Além das estratégias acima descritas para ensinar e preservar a cultura haitiana, os imigrantes pesquisados estão buscando fortalecer as práticas culturais através da realização de ações e futura consolidação de projetos culturais. A priori, os projetos culturais da comunidade estão sendo desenvolvidos por meio de ações em datas comemorativas específicas, como foi o Dia das Crianças, no ano de 2022.

A intenção do grupo à frente da comunidade é concretizar as práticas culturais em espaços, denominados de clubes, para continuarem a ser praticadas e lembradas a cultura do Haiti por todos os integrantes das comunidades interessados em participar, independente da nação (Haiti ou Brasil).

Dentre os principais elementos que representam a cultura haitiana, levantados pelos participantes nas entrevistas, são a bandeira do Haiti, religião *vodu* e dança Kompa.

Um dos elementos levantados como representante da cultura haitiana citado foi a Bandeira. A Bandeira do Haiti é formada por duas faixas horizontais, a faixa superior tem a cor azul e a faixa inferior tem a cor vermelha. Ao centro, entre as duas faixas, tem um quadrado branco com um desenho do brasão de armas do Haiti.

De início a bandeira tinha três cores, azul, branca e vermelha, mas, o general Dessalines rasgou a parte branca, que ajudava a representar a bandeira da França, como um ato simbólico na tentativa de 'limpeza étnica' (MAGALHÃES, 2014), e juntou as outras duas cores conforme a figura abaixo:

Figura 02: Bandeira do Haiti

Fonte: Disponível em: <https://bandeira.net/bandeira-do-haiti/>. Acesso em: 05 jul. 2023.

Ao relembrar a bandeira como um elemento representante do Haiti, Leon citou o dia 18 de maio, conhecido como o Dia da Bandeira. Foi nessa data que o guerreiro Dessalines proclamou a independência da segunda nação livre das Américas, ficando atrás somente dos Estados Unidos da América, e da primeira nação preta livre pela luta do próprio povo, que foi escravizado por europeus, o Haiti.

Jean-Jacques Dessalines (1758-1806) nasceu escravo, mas se sagrou como Imperador. Pela visão europeia é reconhecido como um dos mais violentos protagonistas do Haiti, já na visão dos haitianos é considerado como o Pai da Pátria e a referência no combate ao racismo e pela igualdade racial. Participou como general em uma guerra civil ao lado da população preta contra a população mulata. No entanto, as notícias de que outro guerreiro haitiano, chamado de Toussaint, foi preso e que os colonizadores franceses estavam usando a guerra civil para restaurar a escravidão no Haiti contribuíram para que as pessoas pretas e mulatas se unissem para combater a possível volta da escravidão, sob o comando de Dessalines, em um movimento revolucionário (MOREL, 2017).

Vitoriosos do conflito contra os europeus, Dessalines proclamou a Independência do Haiti sob o domínio francês em 01 de janeiro de 1804, na cidade de Gonaives. Elaborou uma Constituição abolindo a escravidão no Haiti, manteve livre todos os habitantes do território, proibiu a compra de propriedades por parte de pessoas brancas, considerou todos os cidadãos do território como pretos e não estabeleceu religião oficial, permitindo a liberdade de culto (MOREL, 2017).

Outro elemento levantado como representante da cultura haitiana foi exatamente a religião, conhecida como *vodu*. A imagem abaixo é uma foto de um santuário do *vodu* retirada da dissertação de Handerson (2010):

Imagem 01: Exemplo de santuário da religião vodu



Fonte: Dissertação de Handerson (2010).

O *vodu* não pode ser considerado uma simples mistura de práticas religiosas dos africanos e dos seus descendentes na América. Ao chegar no Haiti, as práticas espirituais receberam influências de outras culturas, como do Catolicismo Romano e dos nativos da ilha, que apesar de terem sido quase dizimados pelos colonizadores, as práticas ainda se mantiveram vivas com alguns poucos sobreviventes.

Handerson (2010) realizou uma pesquisa analisando as aproximações e diferenças entre a identidade cultural religiosa do Haiti, o *vodu*, e a do Brasil, o Candomblé. O autor observou que é possível falar da identidade cultural do Brasil sem precisar se referir ao Candomblé, de maneira que, uma das razões pode ser porque os autores que pesquisam sobre cultura nacional, história, política, entre outras temáticas no Brasil, não são os mesmos que tratam da religião brasileira. Como resultado, evidencia que o Candomblé faz parte da identidade cultural brasileira, mas como Estado, e não como nação como é o *vodu*, no Haiti.

Em contrapartida, Handerson (2010) relatou ser impossível falar do Haiti sem fazer referência ao *vodu*, uma vez que, a literatura sobre a sociedade haitiana faz ligação entre a história, cultura nacional e a religião. O *vodu* representa a religião do país, servindo de instrumento de política e identidade cultural da nação por causa do desempenho realizado para a libertação do povo na Independência haitiana, se tornando um elemento irredutível na construção do país.

Handerson (2010) mencionou que ao longo da história e, principalmente, após o imperialismo cultural norte-americano, o *vodu* foi fortemente rejeitado pelas camadas sociais superiores do próprio Haiti na tentativa de eliminá-lo. O *vodu* foi associado ao dialeto crioulo, que juntos representam as camadas sociais inferiores do Haiti, por expor aqueles que não têm condições financeiras para pagar os estudos e aprender o idioma considerado culto, a Língua Francesa.

A contradição anunciada é com relação ao fato do *vodu* ser um elemento de representação da identidade cultural haitiana, ter sido considerado um elemento que libertou o próprio povo das condições de escravidão e construído o país, mas ao ser relacionado com a parte pobre da população acabou se tornando uma vergonha para alguns nativos do Haiti (HANDERSON, 2010).

A identidade cultural haitiana é construída a partir do idioma crioulo, do *vodu* e das expressões artísticas, músicas e danças. Até 1987, o francês era a língua oficial do Haiti, o crioulo era discriminado pelos dominantes. “É muito difícil o haitiano rejeitar o crioulo sem sentir uma falha na sua personalidade” (HANDERSON, 2010, p. 64). Ao *vodu* foi destinado o mesmo caminho de desprezo.

Apesar de ter sido um instrumento na luta pela Independência do Haiti e demonizado por concepções culturais estrangeiras à nação haitiana, o *vodu* só foi reconhecido oficialmente como religião em 2003, por Aristide. Atualmente, tanto a religião *vodu* quanto o crioulo são expressões culturais oficiais no Haiti (HANDERSON, 2010).

Em comparação, as religiões de matriz africana nascidas, e mais conhecidas, no Brasil são o Candomblé e a Umbanda. O Brasil, por lei, é considerado um país laico. A religião mais praticada pelo povo brasileiro é a Católica, no entanto, há um considerável crescente movimento de adeptos das religiões de doutrinas protestantes. Com relação à comunicação, o idioma oficial do Brasil é a Língua Portuguesa, mesmo que o português falado na nação brasileira seja diferente do falado em Portugal.

O terceiro elemento levantado e reconhecido como representante da cultura haitiana é a dança Kompa. Além do idioma crioulo e da religião do *vodu*, a construção da identidade cultural do Haiti foi se constituindo através das expressões artísticas, música e danças. “O negro é um mestre na área do movimento e da melodia (...) o negro tem a música e a dança no sangue. O sistema escravista não conseguiu acabar com seus dons artísticos” (HANDERSON, 2010, p. 66).

Imagem 02- Dança Kompa

Fonte: <https://wikotr.com/index.php/what-is-konpa/>. Acesso em: 12 jul. 2023.

Thomazelli (2017) teve como objetivo compreender como se manifesta a identidade cultural de imigrantes do Haiti nas vivências com a dança, no contexto educacional para estrangeiros sob a ótica da estética decolonial. A autora identificou as tradições nas vivências com a dança que oportunizaram a compreensão dos patrimônios simbólicos historicamente compartilhados.

A dança Kompa é um patrimônio simbólico que representa as Identidades Culturais Nacionais de imigrantes do Haiti. Além das tradições, a autora, também, identificou que as traduções compreendem a Identidade Cultural Híbrida de imigrantes do Haiti quando precisam negociar para se adaptar corporalmente em outros contextos culturais.

De acordo com Thomazelli (2017), as principais danças representantes da identidade cultural haitiana são: as do Festival do Rara, que acontece no período do calendário católico³⁵ que vai da quaresma até a páscoa, cujo legado é representar a cultura das pessoas escravizadas no período colonial evidenciando a resistência do *vodu* para conseguir a Independência da Primeira República Negra; outro Festival que também apresenta diversas danças culturais haitianas, retratando o período colonial, é o Carnaval. Ambas são exemplos de danças sazonais, seculares e não sagradas.

No período pós-independência, as manifestações corporais das culturas africanas, francesas e espanholas (praticadas na República Dominicana) foram se misturando e deram origem à dança Mereng, praticada pelo povo haitiano quando adentraram ao lado espanhol da ilha, mas reconhecida como cultura da República

³⁵ Castor (1986) expos que o Vaticano foi um aliado do sistema escravista, auxiliou na implantação do sistema colonial desde o início da colonização e só reconheceu a Independência do Haiti em 1860. Após a revolução passou a combater de forma intensa o *vodu* e o protestantismo.

Dominicana. Ou seja, o povo haitiano apesar de dançar, não reconhece o Mereng como cultura nativa.

Essa mistura cultural, influenciando o Mereng, é importante para compreender o estilo da dança Kompas. No período na ocupação estadunidense houve a influência do Jazz e do Mereng no trabalho de músicos haitianos. Foi destacado o nome do músico haitiano Nemour Jean Baptiste, em 1955, como o precursor do estilo Kompa ao misturar elementos do Jazz, Mereng e referências com evidências à cultura do *vodu* (THOMAZELLI, 2017).

A identidade cultural de imigrantes do Haiti na vivência com as danças é transformada continuamente, pelas formas que as memórias culturais são acionadas através dos estímulos, discursos e corporeidade (THOMAZELLI, 2017). É possível perceber que os elementos culturais do Haiti receberam influências de outras culturas, tais como europeias, africanas e americanas, resultando em misturas que originaram outras práticas culturais, sistemas simbólicos, representações, etc.

Na atualidade, há que se considerar a influência da cultura norte-americana ainda no Haiti, a partir da fala de Gomes quando relatou que também “*dançam Hip Hop*” e na fala da Leona quando considerou o “*vodu como prática cultural haitiana demoníaca*”.

A seguir, serão apresentadas as respostas de imigrantes do Haiti entrevistados com relação aos sentidos que atribuem à parcela da cultura haitiana tematizadas na forma das ginásticas, danças, lutas, esportes, jogos e brincadeiras, configurada através do termo cultura corporal de movimento.

4.3 Sentidos atribuídos à cultura corporal de movimento por imigrantes do Haiti

Cultura corporal de movimento é um conceito que busca superar a visão e aplicação, predominante, dos aspectos biológicos, mecânicos e objetivistas nas práticas da motricidade humana. Na visão de Betti (2005), cultura corporal de movimento é um campo científico em que as práticas sociais de atividades corporais de movimento são realizadas nos diferentes espaços das sociedades, tanto como produto quanto produtora de conhecimentos e culturas.

Cultura corporal de movimento é compreendida como a parcela específica da cultura em geral, que abrange as culturas historicamente produzidas, nos planos

materiais e simbólicos, tematizadas na forma das ginásticas, danças, jogos, lutas, esportes e brincadeiras (BETTI, 2005).

O conceito cultura corporal de movimento é uma noção que foi desenvolvida no Brasil, em alguns locais da nação e defendido por alguns autores (como Mauro Betti, Valter Bracht e Jocimar Daolio), que estudam o campo da Educação Física. O conceito não é conhecido em outras nações. Portanto, não é um termo usado no Haiti.

Para fazer comunicação com os imigrantes do Haiti durante a entrevista, a fim de alcançar o objetivo geral e esclarecer a questão que norteia a pesquisa, foram utilizadas imagens que caracterizam a ginástica, jogos e brincadeiras, esportes, danças e as lutas, além de outros termos considerados mais conhecidos ou fáceis de compreensão (como Educação Física, atividade física, exercício físico).

Para compreender os sentidos que os/as entrevistados/as atribuem à cultura corporal de movimento, como meio para preservar a identidade cultural e os processos educativos, foram feitas as seguintes questões: como são realizadas no Haiti, qual a importância que a ela destinam das pessoas, quais as práticas corporais que faziam no Haiti e as que fazem no Brasil, quais as diferenças e semelhanças entre as que são realizadas no Haiti e no Brasil, o que significa as brincadeiras, jogos, esportes, ginástica, dança e lutas.

Quadro 12: Os sentidos atribuídos à cultura corporal de movimento para preservação cultural e processos educativos

Nomes	Fala dos e das participantes da pesquisa	Sentidos atribuídos à cultura corporal de movimento
Carlos	“Significa te deixar mais elegante, controle corporal, entender o corpo, evitar doenças, equilíbrio do corpo com a natureza. É importante para a vida”.	- Mais elegante; - Controle e compreensão sobre o corpo - Evitar doenças; - Equilíbrio do corpo com a natureza; - Importante para a vida.
Malu	“Significa melhorar a saúde, movimentar o corpo e lazer”.	- Melhorar a saúde; - Movimentar o corpo; - Lazer.
Nadja	“Significa melhorar a saúde e descansar”.	- Melhorar a saúde; - Descansar.
Gomes	“Lá no Haiti é uma área do conhecimento que ensina a como tratar e desenvolver o corpo. Ensina a não ficar doente, o aperfeiçoamento corporal, a pensar de outro jeito e desenvolver habilidades”.	- Área do conhecimento; - Ensina a tratar e desenvolver o corpo; - Aperfeiçoamento corporal; - Pensar de outras formas; - Desenvolver habilidades.
Leon	“É muito importante e significa um plano de saúde para não adoecer e fortalecer o corpo, para ficar bonito”.	- Plano de saúde; - Não adoecer; - Fortalecer o corpo; - Estética.
Grone	“É muito importante para aprender a cuidar da saúde, ter educação, eliminar	- Aprender a cuidar da saúde; - Educação;

	o estres, ensinar a viver e identificar uma cultura”.	- Desestressar; - Ensinar a viver; - Identidade Cultural.
Leona	“É importante para a saúde mental das pessoas, ajuda no estres e a reunir eu, meu filho e meu marido”.	- Desestressar; - Melhorar a saúde mental; - Reunião familiar.

Fonte: quadro elaborado pela autora a partir dos dados das entrevistas com os participantes da pesquisa (2022).

Na fala dos entrevistados as ginásticas, danças, lutas, esportes, jogos e brincadeiras são praticadas de diferentes formas e em diferentes espaços sociais no Haiti. Os espaços anunciados foram dentro da escola, em locais específicos para as práticas das modalidades e nos espaços ao ar livre como a rua, praias, entre outras.

As práticas realizadas no interior da escola, na fala dos entrevistados, fazem parte das obrigações escolares, mas são praticadas no contra-turno com a orientação de um professor, ou seja, é fora do horário das aulas regulares dos demais componentes curriculares. As práticas mais desenvolvidas nas escolas haitianas são os esportes coletivos, em especial o futebol, danças, jogos e brincadeiras. *“Depois que a gente termina o horário da escola, na parte da tarde, tem que voltar lá pra fazer”* (Gomes). *“Dentro da escola a gente faz porque é uma obrigação”* (Carlos). *“Tem o horário, todo mundo vai pra um espaço e faz os exercícios, às vezes ginástica, às vezes futebol”* (Leon). *“O que mais se pratica são as brincadeiras, danças, futebol, basquete, vôlei”* (Leona).

Nos diferentes espaços sociais, as falas dos entrevistados apontaram a realização das práticas a partir de duas realidades: a primeira realidade caracterizada por serem realizadas em espaços privados, com mensalidades pagas; a segunda realidade caracteriza os espaços públicos, livre de qualquer tipo de cobrança.

A primeira realidade citada são as escolinhas para formação do alto rendimento e das academias de ginástica. Tanto o espaço das escolinhas quanto das academias, são privados. As escolas de iniciações esportivas têm como objetivo treinar atletas para as competições de alto rendimento, como por exemplo, as modalidades esportivas, individuais e coletivas. *“Lá tem as escolinhas de futebol, basquete, vôlei”* (Grone). *“Tem as escolas que você vai pra jogar só futebol, ou só pra nadar”* (Malu). E existem, as academias de ginásticas e musculação, cujo objetivo é melhorar a saúde. *“Lá têm as academias com o treinador disponível pra ajudar você, não pegar muito peso. As academias servem para impedir as doenças e o aperfeiçoamento corporal”* (Gomes). *“As pessoas precisam pagar pra ir nesses espaços”* (Carlos).

A segunda realidade, são as práticas desenvolvidas na informalidade das ruas, nas reuniões familiares, na praia com os amigos, e entre outros lugares, que são passadas de geração para geração, livre de restrição, privatização ou institucionalização. Como exemplos, foram citadas o dançar em casa ou nas festas, brincar de corrida com os amigos, subir nos obstáculos naturais, árvores, jogar futebol na rua ou na praia com os amigos, etc.

Tais vivências caracterizam a liberdade do ato de movimentar o corpo, independe de fatores educacionais previamente sistematizados ou das privatizações. *“Quando você pergunta eu já tô dançando. Porque eu gosto, sabe”* (Malu). *“Quando eu fui na praia, levava a bola pra jogar com os amigos. Era um momento”* (Gomes). *“Eu jogava, andava de bicicleta, corria, mas era diferente daqui. Aqui vocês correm pra alcançar a marca de quilômetros, lá a gente corre na natureza pra um amigo não pegar, como um jogo, corre até mais quilômetros, porque dá empolgação”* (Carlos).

Apresentados os locais e as formas pelas quais a área da cultura corporal de movimento é desenvolvida na nação haitiana, a seguir serão expostos os sentidos atribuídos pelos imigrantes do Haiti entrevistados. Os sentidos estiveram vinculados à quatro vertentes diferentes, são elas: para a saúde, reunião familiar, educação e identidade cultural.

Ficou evidente, e predominante, na fala dos entrevistados que o sentido atribuído à área da cultura corporal de movimento é para a saúde. Promover saúde para cuidar do corpo biológico, mental e emocional, evitar doenças, manter a estética, aliviar tensões causadas pelo stress e descansar. O destaque está na expressão falada por Leon ao dizer que *“significa um plano de saúde”*.

No Brasil, a noção de saúde está apresentada na Constituição Federal (1998), no Art. 196, como

saúde é um direito de todos e dever do Estado, garantido mediante políticas sociais e econômicas que visem à redução do risco de doenças e de outros agravos e ao acesso universal e igualitário às ações e serviços para a promoção, proteção e recuperação (BRASIL, 1988).

Na Lei Orgânica da Saúde Brasileira (Nº. 8.080/90), que dispõe sobre as condições para promover, proteger e recuperar a saúde, apresenta no Art.2º, que *“saúde é um direito fundamental do ser humano e dever do Estado prover as condições indispensáveis ao seu pleno exercício”*. O Art. 3º, apresenta que para a

saúde existem determinantes e condicionantes como a alimentação, moradia, saneamento básico, meio ambiente, renda, educação, atividade física, entre outros”. No parágrafo único, das disposições gerais, menciona que para a saúde devem ser realizadas ações, pessoais e coletivas, para garantir condições de bem-estar físico, mental e social (BRASIL, 1990).

O conceito de saúde pode ser compreendido como algo histórico, social e cultural que foi sofrendo alterações ao longo dos anos e nas diferentes sociedades. Scliar (2007) apresentou que, historicamente, a saúde já foi traduzida pela visão racional da medicina, concebida com uma visão mágico-religiosa, ausência de doença, como forças vitais corporais que funcionam de maneira harmoniosa, a ausência do pecado e a força da fé, o silêncio dos órgãos, entre tantas outras visões.

Até a Segunda Guerra Mundial não havia um consenso universalmente aceito sobre o conceito de saúde. Tal discussão só foi aprofundada a partir da criação da ONU e da Organização Mundial de Saúde (OMS). No ano de 1948, a OMS, reconheceu que é um direito de todos e obrigação do Estado, defendeu que saúde “é o estado do mais completo bem-estar físico, mental e social” (SCLIAR, 2007, p. 37). Portanto, a partir dessa definição o campo abrange a noção de saúde para a biologia humana, o meio ambiente, estilo de vida e organização da assistência à saúde.

A noção atribuída à saúde é algo que reflete as conjunturas sociais, econômicas, políticas e culturais de um grupo de pessoas, dependendo do tempo, espaço, classe social e condições objetivas que o indivíduo ou grupo está exposto, considerando as concepções científicas, religiosas e filosóficas. Ou seja, o conceito de saúde não deve estar restrito somente ao funcionamento do corpo biológico ou à ausência de doenças.

Andrade (2021) realizou uma pesquisa e traçou como objetivo compreender os significados das práticas corporais e suas eventuais implicações para a saúde dos usuários, da Estratégia Saúde da Família (ESF) de Limoeiro do Norte-CE, na perspectiva de idosos. Nos resultados, a autora apresentou uma série de unidades de sentidos atribuídos pelos entrevistados para continuar frequentando às práticas corporais, são elas: aconselhamento profissional; agravos patológicos, socialização; bem-estar; ponto de encontro para estar feliz; prazer, diversão, amizade, afetividade e lazer; experiência com o corpo; rede de suporte; apoio para a vida; e saúde.

Na interpretação da autora, no primeiro momento, o que motivou os idosos a realizarem práticas corporais foi o encaminhamento de profissionais da saúde, como

o médico, indicando-as como uma alternativa para reestabelecer o equilíbrio da saúde anátomo-fisiológica, como: pressão alta, diabetes, desvios posturais, etc. No entanto, os fatores construídos no segundo momento, passaram a fazer tanto sentido que, a convivência com o grupo foi gerando um ambiente familiar e de acolhimento, cujas contribuições percebidas pelos idosos ultrapassaram os benefícios somente biológicos.

O pertencimento a um grupo social, a presença do outro, o acolhimento, a construção de vínculos e laços afetivos, na fala dos entrevistados, revelaram que a construção de momentos agradáveis gerou um ambiente do sentir-se bem, cujas características indicaram a verdadeira sensação do estar saudável completamente. Ou seja, ter saúde, na visão dos idosos entrevistados, não esteve restrito somente aos aspectos anátomo-fisiológico, mas significou o vínculo harmonioso na relação entre o corpo biológico associado com o ambiente de acolhimento culturalmente construído pelo grupo durante a realização das práticas.

Andrade (2021) apontou que a relação entre as práticas corporais e a noção de saúde devem ser repensadas, de maneira que, a percepção dessa relação seja ampliada para além dos benefícios proporcionados somente na dimensão biológica. Sem desconsiderar as contribuições para o corpo orgânico, a construção cultural do ambiente através das práticas corporais, associadas com o contato coletivo, partilha de momentos agradáveis, interação social, vivenciar novas experiências, são capazes de gerar um ambiente saudável no envolvidos.

No mesmo sentido, que os idosos da pesquisa de Andrade (2021) consideraram que a noção completa de saúde deve estar relacionada, de maneira indissociável, entre as condições do corpo biológico, as condições objetivas do espaço e o ambiente culturalmente construído daqueles que estão envolvidos no contexto, os imigrantes do Haiti, também, mencionaram as mesmas perspectivas.

- “Na verdade sinto falta de praticar na praia. É bom para a saúde, impede as doenças, traz coisas positivas para a mente e inspira para avançar. O seu humano precisa disso” (Gomes).

- “Um cara que sabe dançar, é bom para a saúde dele, porque não vai pensar em nada. Tá na igreja, tocando, dançando, não pensa em mais nada. Só sente. Dançar é se sentir muito bem, muito alegria” (Grone).

- “É bom pra saúde mental, ajuda no stress, se você ficar só nos livros, sua cabeça fica muito presa. É bom dançar ou correr um pouco. A cabeça fica mais leve”. Eu sinto falta de praticar a dança. Aqui eu danço, mas os movimentos de vocês são diferentes. Quando danço Kompa esqueço dos

problemas, como se o mundo não existisse. Sente a alma, o corpo se unindo” (Leona).

- “O movimento fortalece e dá equilíbrio para o corpo, seria pra não ficar doente [...] A comida também ajuda na saúde. Eu mesmo já engordei aqui no Brasil. Aumentar o quilo não ajuda o corpo [...] eu gostava de correr, tipo o Atletismo, mas brincar de pegar com os amigos na praia, 4 pessoas atrás de você, você corre, porque dá empolgação [...] O corpo precisa ter equilíbrio, precisa da natureza, das árvores. Sinto falta de fazer movimentos nas cavernas do meu país, entrar, sair, esconder. O movimento do corpo deve conectar com a natureza. Fora disso você adocece [...] está com falta de comunicação entre a natureza e o corpo, porque a gente tá destruindo a natureza pra construir prédios [...] por exemplo, os haitianos fazem movimentos na natureza por isso são resistentes com algumas doenças. Os haitianos quase não têm depressão, psicologicamente são fortes, são fortes de corpo também (...) Quando os haitianos morrem aqui é porque pegamos doenças brasileiras ou porque os médicos do Brasil não entendem sobre as doenças do Haiti” (Carlos).

A partir das falas de imigrantes do Haiti, participantes desta pesquisa, é possível perceber que para que a área da cultura corporal de movimento possa promover saúde plena, não basta somente movimentar o corpo considerando só as dimensões anatômica, mecânica e fisiológica do ser humano. Mas, deve ser considerada a associação estabelecida entre os fatores objetivos e subjetivos, sociais e culturais.

Os fatores objetivos mencionados, que influenciam a relação da área da cultura corporal de movimento para promover saúde foram a condição de imigrante; os movimentos corporais distintos de cada povo; as diferenças culturais como o idioma, a alimentação; as doenças haitianas serem diferentes das brasileiras; as destruições ambientais; as condições geográficas de um local para outro, refletido no fato de que em Goiás não ter o mar, entre outros.

Os fatores subjetivos apontados que influenciam a relação da área da cultura corporal de movimento para promover saúde foram proporcionar benefícios positivos para a saúde mental, emocional e fortalecimento psíquicos; uma inspiração para o ser humano avançar de maneira integral; conexão harmônica e completa das dimensões do ser humano, sem fragmentações; descanso mental; conexão entre o corpo e a natureza; entre outros.

Portanto, para que a área da cultura corporal de movimento possa favorecer condições plenamente saudáveis para o ser humano, a noção de saúde deve ser compreendida de maneira ampliada. Ou seja, para que a saúde seja completa devem ser consideradas, de maneira harmônica, as condições biológicas de cada corpo na relação com as condições objetivas em que as práticas são realizadas e o ambiente

de acolhimento construído favorecendo a presença dos envolvidos, neste caso de pessoas em situação de imigração.

O ambiente de acolhimento saudável pode ser traduzido como espaços aos quais imigrantes do Haiti se sentem, minimamente, pertencentes, confortáveis e familiarizados. Tal noção nos leva para um outro sentido atribuído à área da cultura corporal de movimento pelos participantes da pesquisa, que foi a reunião familiar. A reunião familiar são momentos em que os membros das famílias e os amigos se reúnem para realizar práticas sociais, corporais e culturais.

Na pesquisa realizada por Stein (2014), a autora estabeleceu como objetivo investigar os sentidos atribuídos aos jogos tradicionais em sociedades de imigrantes italianos no Rio Grande do Sul, a partir dos processos de transformações dos espaços ao longo do tempo, durante o período de colonizações. Nos resultados, a autora encontrou que para imigrantes italianos(as) os jogos tradicionais não tinham como elemento central a competição ou o interesse no dinheiro como resultado final das partidas, apesar de existir e estar presente nos jogos.

Os sentidos atribuídos aos jogos tradicionais por imigrantes italianos era para reunir as famílias, que eram numerosas, encontrar com a comunidade em um tempo e espaço específico para a diversão e realização da manifestação cultural paralela aquelas que eram desenvolvidas nas residências, nas escolas e nas igrejas. Ou seja, o sentido configurado era estabelecer os “laços sociais entre os membros da comunidade e reafirmação de valores considerados fundamentais pela coletividade” (STEIN, 2014, p. 79).

A partir da década de 1950, fatores como o projeto de nacionalização do Brasil, a intensa expansão do sistema capitalista, mudança do sentido do trabalho para a exploração da mão-de-obra do trabalhador, escolhas de práticas alternativas para os jovens, fato de que as famílias já não eram mais tão numerosas, fortalecimento e institucionalização dos esportes moderno e o surgimento dos jogos eletrônicos, contribuíram para que as práticas dos jogos tradicionais nas sociedades italianas diminuíssem a frequência, além de sofrer alteração no sentido (STEIN, 2014).

Assim como os imigrantes da Itália, os imigrantes do Haiti destinaram às áreas da cultura corporal de movimento o sentido para promover a diversão, encontrar os amigos, reunir a família com a finalidade de fortalecer os laços afetivos. Entendem que as práticas culturais devem ser realizadas em um tempo e locais específicos, fora

da igreja, de casa e da escola, para serem desenvolvidas e preservadas a cultura do povo.

- *“Às vezes, a gente corre juntos, eu meu marido e meu filho, pra deixar a cabeça mais leve. É uma coisa boa jogar junto com a família” (Leona).*

- *“A cultura Haiti-Brasil é parecida quando você trabalha em uma empresa, que os colegas brincam uns com outros, por amizade” (Grone).*

- *“Nos finais de semana a gente se reúne com a família e os amigos pra comer, brincar, jogar, conversar, tocar, dançar, cantar” (Malu e Grone).*

Da mesma forma que, os imigrantes da Itália atribuíram ao desenvolvimento do sistema capitalista, ao longo do século XX, como um dos responsáveis pela mudança do sentido, diminuição das reuniões e das práticas dos jogos tradicionais nas comunidades, imigrante do Haiti, também, levantou o mesmo argumento quando citou que a destruição dos espaços naturais, com objetivo de construções civis em excesso, têm dificultado que as práticas corporais e culturais possam ser realizadas e manifestadas ao ar livre.

- *“Sinto falta do mar, da natureza. Aqui em Goiânia, eles quase acabam com a natureza do Goiás porque só querem construir muitos prédios. Essas coisas são boas, mas deixa as árvores” (Carlos).*

Um outro sentido atribuído à área da cultura corporal de movimento foi o vínculo com o campo da educação, para ser desenvolvido em local próprio. Ao reconhecer a área da cultura corporal de movimento como um campo educacional, nos diversos espaços sociais, houve a aproximação com o pensamento defendido por Mauro Betti (2007).

Betti (2005) concluiu que a cultura corporal de movimento é uma área que produz conhecimentos científicos, capaz de realizar diálogos entre os campos pedagógico e profissional. Apresenta projetos, sociais e historicamente condicionados, dos quais levam à construção dos objetos das pesquisas científicas, que são constantemente transformadas no meio das comunidades acadêmicas.

Ao mesmo tempo em que, na qualidade de prática pedagógica, a cultura corporal de movimento não deve ser restrita à escola, pois há produção de conhecimento em todos os contextos dos quais acontecem o ato de se-movimentar (BETTI, 2007). O autor defendeu que práticas pedagógicas, de maneira

sistematizada, devem alcançar e orientar a motricidade humana nos diversos espaços sociais (BETTI, 2005)

Os participantes da pesquisa, nacionais do Haiti, na condição de imigrantes no Brasil, não estão em fase escolar, portanto não frequentam a escola para aprender, de maneira sistematizada, conhecimentos que a área da cultura corporal de movimento se apropria para que os processos educacionais, tanto qualitativo quanto quantitativo, sejam desenvolvidos.

Mesmo que estivessem frequentando alguma unidade escolar, na concepção dos imigrantes pesquisados, as práticas culturais devem ter um espaço próprio, um ponto de referência, para serem desenvolvidas, seja com a finalidade de preservar as próprias heranças ou com a intenção de misturar uma cultura com a outra.

Os descendentes de imigrantes do Haiti, as crianças nascidas no Brasil, ao frequentar a escola terão contato com os conhecimentos, da cultura corporal de movimento desenvolvidos nas construções culturais brasileiras. Ou seja, o contato com as práticas culturais haitiana, no ato de se-movimentar, estarão sendo ensinadas, com predominância, no nível da informalidade, realizadas através dos pais ou nas reuniões familiares.

- “Lá no Haiti é uma área do conhecimento que ensina como tratar e desenvolver o corpo. Ensina a não ficar doente, por isso tem de fazer exercícios. É uma disciplina que visa o aperfeiçoamento corporal, impede doenças, traz coisas positivas para a mente, ajuda a pensar de outro jeito, inspira e ensina habilidades em qualquer coisas que você vai fazer” (Gomes).

- “Ensino a cultura do Haiti no Youtube mostrando e dançando o Kompa, nossa herança cultural” (Leon).

- “Para a criança aprender, tudo têm que ser ensinado através brincadeira” (Carlos).

- “Na minha opinião, pra ensinar a cultura tem que ter um espaço próprio pra ela. Um ponto de referência pra reunir. Fazer a culturação entre haitianos-brasileiros pra aprender, trocar ideias. A gente precisa disso” (Gomes).

Deixar o ensino das práticas culturais haitianas ao cargo, predominantemente, do nível da informalidade e sem a devida atenção que lhe cabe, corre o risco de alterar a importância atribuída à cultura do Haiti e diminuir a frequência com que são praticadas, como aconteceu com os jogos tradicionais italianos.

Alves (2011) decidiu pesquisar sobre os comportamento e manifestações culturais de imigrantes da Bolívia em São Paulo. A priori, o objetivo do autor foi estudar

os significados da prática do futebol pelos bolivianos na cidade de São Paulo, na praça Katunta.

A praça Katunta, após ser oficializada em uma portaria no Diário Oficial, no ano de 2003, como um espaço de “Feira de arte, Cultura e Lazer Boliviana Padre Bento”, que se realiza aos domingos, é um local de conhecimento e funciona como um ponto de encontro reunindo grupos de imigrantes para relembrar a cultura, por meio de comidas típicas, música, futebol, artesanatos, entre outros (ALVES, 2011).

Aos domingos a praça é tomada por decorações e cores típicas da Bolívia e acontecem as práticas culturais e corporais, como as apresentações de danças folclóricas e os campeonatos de futebol. Ao longo dos eventos há a presença de imigrantes da Bolívia, de outras nacionalidades, bem como de nativos do Brasil, desfrutando dos acontecimentos durante a feira cultural.

Apesar de ser realizada em um único dia, aos domingos, e não contar com práticas educativas formais e não-formais (SAVIANI, 2008) para que os conhecimentos sejam sistematicamente compreendidos, a feira boliviana na Praça Katunta, é uma prática cultural que acontece em um local específico e possibilita que processos de pesquisas, conhecer e compreender, sobre as manifestações culturais de imigrantes da Bolívia, aconteça por uma via de mão dupla.

Por um lado, o próprio autor teve o interesse de conhecer os aspectos culturais bolivianos despertado pela forma visual, ao vê-los se comportando e jogando futebol na quadra da praça. E através da pesquisa descobriu uma rede de interdependência e exploração, configurando relações de poder entre empregados imigrantes, que são atraídos para trabalhar no ramo da costura, e os empregadores, que são os donos das empresas e ao mesmo tempo são os donos dos times de futebol que os imigrantes jogam.

Por outro lado, a Praça Katunta promove nos participantes dos eventos a possibilidade de conhecer e experimentar outras formas de culturas; relembrar a cultura boliviana; fazer comunicação e interação entre os envolvidos, através do futebol, que tecem comentários nos mais diferentes idiomas, e mesmo assim entendem uns aos outros; e contribuiu para reforçar a identidade de imigrantes da Bolívia, em São Paulo.

Dessa forma, a Praça Katunta proporciona momentos de lazer e práticas de atividades para imigrantes. Mas, por causa da falta de mais opções, para além do futebol que é praticamente a única alternativa para realizar práticas de movimento

com o corpo, os imigrantes acabam indo para parque ou praças públicas para realizar outras modalidades. O que resulta, também, em praticar o ato de se movimentar no nível da informalidade.

Alves (2011) apontou que a situação de imigrantes da Bolívia com relação às redes de interdependência às quais estavam submetidos era preocupante. Também, argumentou a urgência de que políticas públicas sejam criadas e programas educacionais sejam aplicados para atender às necessidades dos imigrantes bolivianos no Brasil e, ao mesmo tempo, valorizar a cultura que tem parte descendente de uma das sociedades mais avançadas do período em que foi desenvolvida: a cultura Incas.

Estabelecer um local no qual imigrantes do Haiti possam realizar suas manifestações culturais e corporais contribui para que os processos de educação aconteça alcançando tanto para os descendentes dos imigrantes, a população brasileira ao conhecer outras formas de vida e aos próprios imigrantes ao aprender novos conhecimentos sobre diversas áreas do conhecimento, em especial a da cultura do corpo em movimento.

Dentre os processos educacionais desenvolvidos na feira cultural boliviana, Alves (2011) apontou para que a identidade cultural de imigrantes da Bolívia ter sido reforçada. Tal fato se aproxima do sentido atribuído à área da cultura corporal de movimento apontado pelos imigrantes do Haiti, a identificação cultural.

- *“Ajudar as pessoas a melhorar a saúde, a educação, como viver e como é a cultura de cada país” (Grone).*

- *“Nosso projeto cultural é porque os haitianos só está vivendo a cultura do brasileiro. Mas, a gente quer que nossas crianças entre na cultura haitiana. Isso está fazendo falta. Queremos compartilhar nossa cultura com as crianças brasileiras, se elas gostar” (Malu).*

- *“O projeto cultural é pra preservar a cultura. A maioria das crianças dos imigrantes haitianos nasceram no Brasil e não conhecem a cultura do Haiti” (Gomes).*

Na fala de imigrantes do Haiti, no campo da cultura corporal de movimento, a prática que representa a identidade cultural haitiana é a dança Kompa, que foi analisada no tópico 4.2, *Entrevistas com imigrantes do Haiti: História de vida, educação e cultura*, a partir do quadro 9, *Sentidos atribuídos à cultura como meio para preservação cultural*.

As práticas do Haiti foram, ao longo do tempo, recebendo influências culturais de outros povos, tais como europeus, africanos, norte e centro-americanos, configurando as características que identificam a cultura do povo haitiano, atualmente. Os movimentos corporais, para o dançar, receberam influências das práticas religiosas, expressadas pelo *vodu*, das danças sazonais, seculares e não sagradas do período colonial e revolucionário, do Jazz norte-americano e do Mereng, que misturadas resultaram na original dança Kompa reconhecida como identidade cultural haitiana.

- A dança Kompa representa a cultura do Haiti” (Todos os entrevistados).

As falas dos entrevistados e a dança Kompa como resultado das combinações de práticas culturais e corporais de diversos povos, aproxima do pensamento defendido pelo jamaicano Stuart Hall quando apontou para a novas identidades culturais surgindo (2006a) ou hibridismo cultural (2006b).

Estudioso de temas culturais, o autor anunciou que a noção de identidade cultural existe e pode ser pensada partindo de duas formas. Na primeira forma, a identidade cultural seria compreendida como ‘um verdadeiro modo de ser coletivo’, caracterizado como algo estável, imutável e contínuo, mas possível de ser partilhado. A identidade cultural é um ser.

Na segunda forma, a identidade cultural seria pensada como uma produção, algo incompleto, um processo que é sempre constituído no interior das representações. Considerando os efeitos reais, materiais e simbólicos dos processos históricos, esse posicionamento reconhece que da mesma forma em que há semelhanças entre as práticas culturais, também, há pontos que as diferem, de maneira que, o contato de uma com a outra constrói “aquilo em que vai se tornando”. A identidade cultural é um tornar-se:

As identidades culturais são os pontos de identificação, os pontos instáveis de identificação ou sutura, que se concretizam adentro dos discursos da história e da cultura. Não são uma essência, mas um posicionamento. Daí haver sempre uma política da identidade, uma política do posicionamento, que não encontra garantia absoluta numa lei de origem (HALL, 2006b, p. 25).

Para Hall (2006b), tudo o que dizemos é enunciado a partir de um tempo, espaço, história e cultura específica, ou seja, de um contexto, de um posicionamento.

As identidades culturais dos povos caribenhos devem ser pensadas a partir do diálogo entre dois vetores: o semelhança e o da diferença: O da semelhança permite pensar nas práticas culturais dos povos que lhes deram origem e continuidades, ou seja, os africanos, europeus e americanos; já o vetor da diferença permite lembrar que a partilha dessas práticas gerou uma experiência e uma profunda descontinuidade de práticas do continente africano de maneira forçada (por causa das situações de escravização, as colonizações, as migrações etc.).

Recordar a identidade cultural dos povos caribenhos é voltar a pensar as constantes semelhanças e as diferenças entre os três povos, predominantes, cujas presenças deram origem às práticas culturais. As fronteiras das diferenças estão em constantes reposicionamentos em relação aos diferentes pontos de referências (HALL, 2006b).

Hall (2006b) citou alguns exemplos como, na visão dos europeus, os caribenhos são sempre os mesmos, periféricos e os Outros. Na visão dos caribenhos, não é mantida a mesma relação de alteridade com os centros metropolitanos. E na visão dos caribenhos, a relação com povos sul-americanos são considerados diferentes, mesmo que passaram por histórias em comum, de violências, as formações profundas os uniram para além das diferenças.

A presença das culturas de povos africanos que foram profundamente reprimidas, desvalorizadas e silenciadas, mas que de alguma forma permaneceram e permanecem vivas através dos pensamentos, comportamentos, sistemas materiais e simbólicos, posiciona e reposiciona a identidade cultural dos povos caribenhos. *“Também representa o Haiti a nossa comida, idioma, nossa cor, nosso cabelo lindo crespo, o jeito de viver” (Malu).*

Hall (2006b) ainda mencionou que, mais cedo ou mais tarde, todos os caribenhos terão que se confrontar e aceitar a presença africana em suas identidades culturais (HALL, 2006b). *“Eu sou parda. A cultura do meu país é muito bonita, mesmo que diabólica. Meu país nasceu da África, francês. Mas, antes dos evangélicos chegar, faziam coisas diabólicas, do vodu. Essa cultura é muito forte lá, não posso tirar” (Leona).* Tal fala nos direciona para uma outra presença cultural no Haiti.

A presença das culturas de povos europeus, em que houve um excesso do que é dito e redito, introduziu no discurso da diferença a presença do poder, das linhas de forças e consentimentos, o papel do dominante e dos dominados (HALL, 2006b). A mistura entre a presença das culturas africanas com as culturas europeias,

aconteceram através da presença no território americano, que se traduz como um lugar, e não como uma relação de poder.

O território americano presenciou o encontro de diferentes culturas, de povos que foram dizimados, expulsos dos locais de origem e obrigados a migrar, o espaço onde foram realizadas negociações forçadas das práticas considerados válidas, assimilações ou sincretismos, e que ainda continua em silêncio.

Hall (2006b) entendeu que a presença na América constituiu o início do hibridismo cultural, reconhecido na concepção de identidade que vive com e pelas diferenças, que jamais deixa de se produzir e reproduzir pela transformação e pela diferença.

Os imigrantes do Haiti, em Goiás, da mesma forma em que expressam a identidade cultural haitiana e precisam negociar para se adaptar nos diferentes contextos culturais, também, estão expostos a identidade cultural do povo goiano. Essa interação produz e reproduz novas formas de identidade cultural construindo 'aquilo em que vai se tornando'.

A partir da segunda noção de identidade cultural de Hall (2006b) é preciso ter em mente que as misturas das práticas culturais de diferentes povos são realidades, em especial nas condições das migrações, que devem ser tratadas com altas doses de análises e aplicações qualitativas, uma vez que, são construídas novas práticas culturais que passam a ser reconhecidas como identidade do grupo ao qual houve a miscigenação de pessoas, pensamentos, representações, comportamentos, sistemas simbólicos, etc.

A seguir, serão apresentadas as respostas dos imigrantes do Haiti entrevistados com relação aos sentidos que atribuem as práticas das ginásticas, danças, lutas, esportes, jogos e brincadeiras.

Quadro 13: Os sentidos atribuídos às práticas da cultura corporal de movimento para preservação cultural e processos educativos

Nomes	Práticas da Cultura corporal de movimento	Respostas dos sentidos atribuídos por imigrantes do Haiti
Carlos	Jogos e Brincadeira	"Felicidade";
	Esportes	"Aprender a pensar";
	Ginástica	"Controlar e fortalecer o corpo";
	Dança	"Alegria";
	Lutas	"Brincadeiras ou Brigas".
Malu	Jogos e Brincadeira	"Lazer";
	Esportes	"Exercício da concentração";
	Ginástica	"Melhorar a saúde";

	Dança	“Prazer e saudade do Haiti”
	Lutas	“Fortalecer o corpo”.
Nadja	Jogos e Brincadeira	“Aprender e Diversão; Felicidade”;
	Esportes	“Melhorar a saúde e movimentar”;
	Ginástica	“Melhorar a saúde”;
	Dança	“Aprender”;
	Lutas	“Aprender a brigar”.
Gomes	Jogos e Brincadeira	“Alcançar objetivos; Alegria e Desestressar”;
	Esportes	“Ajudar na economia do país”;
	Ginástica	“Academia para o corpo”;
	Dança	“Emocionar”;
	Lutas	“Ganhar, promover, algo para brigar”.
Leon	Jogos e Brincadeira	“Desestressar”;
	Esportes	“Plano de saúde”;
	Ginástica	“Plano de saúde”;
	Dança	“Desestressar; Reunir a família”;
	Lutas	“Lutas: Defender”.
Grone	Jogos e Brincadeira	“É difícil conceituar; Reunir a família e amigos”;
	Esportes	“É difícil conceituar”;
	Ginástica	“Melhorar a saúde”;
	Dança	“Melhorar a saúde; alegria; desestressar”;
	Lutas	“Brincadeira”.
Leona	Jogos e Brincadeira	“Reunir a família; Coisas para crianças, no Haiti”;
	Esportes	“Não sabe”;
	Ginástica	“Manter a saúde”;
	Dança	“Conexão integral do ser humano”;
	Lutas	“Não sabe”.

Fonte: dados dos questionários com imigrantes participantes da pesquisa (2022)

Com relação às práticas da cultura corporal de movimento, os sentidos atribuídos foram: aos **esportes**, transita tanto pelo campo da *saúde*, em ser um plano de saúde; da *educação*, por ser um exercício de concentração para aprender a pensar; e da *economia*, quando os atletas ganham competições e trazem benefícios para o país.

À **ginástica**, do campo da *saúde*, responsável para melhorar, controlar e fortalecer o corpo, um plano de saúde. Às **lutas**, ora está situada no campo da *recreação e lazer* e ora se encontra no campo da *violência*, para fortalecer o corpo com a finalidade de ganhar, promover ou aprender a brigar, para se defender ou atacar.

Aos **jogos** e às **brincadeiras**, ora está vinculado com o campo da *recreação e lazer* e ora com o campo da *educação*, para desenvolver o processo de ensino e

aprendizagem. Há o destaque para a fala de Leona quando revelou que *“Lá no meu país, o pessoal deixa as brincadeiras para as crianças. Se você não é professora de escola, difícil ver uma pessoa adulta brincar. Mas, aqui é diferente, os adultos também brincam”*.

E, as **Danças** estão vinculadas nos mais diferentes campos possíveis, tais como a *sobrenaturalidade, sentimental, recreação, lazer, descanso, reunião familiar, educação, saúde, identidade cultural*, etc. Além de que é uma prática em que não há espaço para aspectos negativos, dores, preocupações, é o resgate da cultura, e o momento em que matam a saudade do Haiti, enquanto estão dançando.

Além dos sentidos atribuídos à área da cultura corporal de movimento, foi apresentado, também, a vontade de aplicar o projeto cultural idealizado pelo grupo que compõe a comunidade haitiana. O sentido para realizar o projeto é reunir a comunidade que vive no local, tanto nacionais do Haiti quanto do Brasil, com a finalidade experimentar, conhecer e vivenciar as diferentes práticas culturais, sem a distinção entre os povos.

A ideia é ter um espaço próprio para desenvolver processos educacionais e culturais, para além dos costumes aprendidos em casa, na igreja e nas escolas, de maneira que crianças, jovens, adultos e idosos possam participar e ampliar a visão de mundo, preservar e ensinar práticas da cultura haitiana, bem como experimentar e aprender práticas culturais brasileiras, e vice-versa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa é uma atividade racional, séria, difícil e deve ser realizada de maneira rigorosa. A construção do objeto é algo trabalhoso que vai se realizando de maneira processual, paulatinamente, com sucessão de retoques e correções. É uma parte que demanda muita importância, uma vez que, “a eficácia de um método de pensar nunca se manifesta tão bem como na sua capacidade de constituir objetos socialmente insignificantes em objetos científicos” (BOURIDÉU, 1989, p. 20).

O pensamento e a citação de Bourdieu acima expostos foram se configurando como uma verdade aplicada desde o início e ao longo da elaboração do presente trabalho. Pesquisar dois temas, migração e cultura corporal de movimento, que aparentemente são tão distantes, apresentou ser um desafio sério a ser enfrentado, difícil de ser sistematizado, e a necessidade do rigor para as inúmeras leituras e releituras a fim de absorver o conteúdo.

Após os estudos dos textos foi possível delimitar a questão que norteou a pesquisa e definir os objetivos, geral e específicos. O desenvolvimento da pesquisa não aconteceu de maneira linear, uma vez que, ora se desenvolvia com facilidade e ora se encontrava em situações delicadas, cheia de desafios e dificuldades, que precisaram de momentos de reflexão e certa dose de criatividade para serem resolvidas.

O início da pesquisa resultou na construção do capítulo 1, que teve como objetivo conhecer o tema, bem como termos, órgãos e leis, que envolvem a migração na contemporaneidade. O capítulo foi organizado para conhecer processos migratórios no mundo contemporâneo, os órgãos que tratam do assunto, reconhecer as definições da migração, os termos que com ela se relacionam e as legislações que regulamentam na teoria como devem ser aplicados os procedimentos na prática.

A pesquisa revelou que o tema da migração é mais amplo e complexo que aparentemente o fenômeno é abordado pelos meios de comunicação veiculado ao público. Os fatos midiáticos ancoram-se na espetacularização das tragédias das migrações nacionais e internacionais, ou muitas vezes reforçam as desigualdades sociais, continentais e culturais entre os povos.

A pesquisa demonstrou que as migrações não devem ser compreendidas de maneira generalizadas, pois são diferentes umas das outras, cada caso releva ser particular e cada especificidade migratória deve ser tratada de acordo com as

necessidades que lhes são próprias. Ao apresentar conceitos, visões e estudos de autores como Bauman, Hall e Sayad foi possível perceber que cada migrante experimenta a condição da migração através de diferenças e aproximações ao longo da trajetória.

As diferenças estão presentes nos motivos que fazem as pessoas migrarem. Bauman, por ter sido exilado do país natal por expor os pensamentos sobre o governo; Hall, por acompanhar a diáspora jamaicana por melhores condições de sobrevivência; Sayad, por precisar sair do país natal em direção ao país colonizador em busca de emprego, e outros. A semelhança está presente nas incertezas que são geradas em cada migrante quando estão na condição de migração. Em Bauman, a crise na identidade; em Hall, as misturas culturais sem saber quais os resultados; em Sayad, a eterna presença do sentimento de retorno, sem saber se algum dia iria retornar etc.

As diferenças, aproximações, motivos, condições migratórias, incertezas são assuntos que devem ser tratados pelos órgãos competentes que foram criados para os fins que competem ao tema da migração de maneira geral. No século XX, a ONU, OIM e ACNUR foram os órgãos criados para ajudar europeus que estavam migrando para diversas partes do mundo por causa dos desastres das duas grandes guerras mundiais, cujas origens foram por questões econômicas, políticas e sociais. Ao longo do tempo e com o trabalho realizado pelos citados órgãos, a migração de europeus para outros países e continentes foi resolvida. Os europeus não precisaram mais sair de suas casas para residir em outros locais do mundo, pelas necessidades geradas através dos conflitos bélicos.

A questão posta é que se tais órgãos conseguiram resolver os problemas que resultavam nas migrações de europeus para outras regiões do mundo por qual razão ainda não conseguem minimizar problemas que assolam outros povos, tais como os do Oriente Médio ou das Américas, como é o caso de venezuelanos ou haitianos migrando para o Brasil, cujas origens são de crises econômicas, civis, instabilidades políticas ou conflitos religiosos.

Os dados apontam que o número de migrantes tem sido cada vez mais alto e as condições com que as migrações têm acontecido no mundo contemporâneo têm sido cada vez mais desumanas. Dessa forma, é possível questionar por que os problemas que assolam migrantes não são solucionados ou pelo menos minimizados. Principalmente, quando os povos que são alvos e que deveriam receber a devida atenção não são europeus.

A citada migração de nacionais do Haiti para o Brasil foi considerada um fluxo migratório inédito e fez com que o Brasil reconhecesse a urgência e a necessidade de atualizar as legislações nacionais que tratam do tema. O resultado foi que em 2017, o Estatuto do Estrangeiro ficou reconhecido como atrasado e inconsistente com a realidade atual, foi revogado e promulgada a Lei de Migração, considerada mais humanitária, atualizada e um avanço nas legislações mundiais que lidam com as migrações.

A migração deve ser considerada como um fenômeno natural, histórico, social e cultural, reconhecida como um direito de homens, mulheres e crianças poder decidir se deslocar do local no qual residem para viver em locais de escolha ou possibilidade, por quaisquer que sejam as razões.

Por ser considerada como um fenômeno cultural, houve a possibilidade de aproximar o tema da migração com o campo da cultura corporal de movimento e construir o capítulo 2. Este capítulo sistematizou a entrada de imigrantes para o Brasil na relação com o desenvolvimento e a expansão das práticas do movimento do corpo, caracterizados na forma de ginásticas, danças, lutas, esportes, jogos e brincadeiras.

O capítulo revelou que as práticas da cultura corporal de movimento foram utilizadas por imigrantes como meio para preservação de costumes, *habitus*, distinção social e manutenção das identidades culturais no território brasileiro. As práticas foram usadas para preservação, distinção e manutenção cultural nos diferentes espaços sociais, ou seja, nas escolas, clubes, iniciação de modalidades esportivas ou artísticas, nas casas e ruas.

Os imigrantes que chegaram e atribuíram muita relevância à educação sistematizada do movimento corporal para manter a cultura do país de origem viva e preservada foram os alemães, e conseqüentemente seus descendentes, teuto-brasileiros. Imigrantes alemães se organizaram e criaram redes de sociabilidades construídas através de associações sociais: religiosas, educativas e recreativas, com o objetivo de encaixar os participantes das comunidades nos *habitus* que caracterizavam a idealizada 'Boa Sociedade' teuto-brasileira (ASSMANN, 2019).

Fatores como formar a identidade nacional do povo brasileiro; livrar da representação de nação atrasada; modernizar o setor industrial; uma potência esportiva etc., fizeram com que os interesses com a educação do corpo de todos os residentes no Brasil fossem mudando ao longo do século XX, e como conseqüências

o ensino do conjunto das práticas que configuram a cultura corporal de movimento também.

A noção de cultura corporal de movimento, apesar de ainda concentrar-se a nível de pesquisas, teorias, e não ter sido consolidada na prática e ainda não ser um consenso entre os profissionais que atuam na área, possibilita a apresentação de novos modos de perceber e realizar trabalhos fundamentados nos conceitos do campo da cultura, alinhando teoria e prática, subjetivo e objetivo, quantidade e qualidade etc.

O conceito de cultura corporal de movimento defendido por Bracht (2000; 2005), ao argumentar que é o que melhor expressa a necessária desnaturalização do corpo e do movimento, a dimensão cultural não exclui o natural e o biológico, mas os redimensionam para que outras interpretações possam ser realizadas e ampliadas as visões sobre o conhecimento dos termos usados em conjunto e é o que melhor reflete as contextualizações sociais e históricas das construções humanas dotadas de diferentes sentidos e significados, foi utilizada no presente trabalho.

Porém, por Bracht (2000; 2005) considerar que a cultura corporal de movimento é um componente curricular da escola e os participantes da presente pesquisa não estarem em fase escolar, estar em condição de imigração e ser jovens adultos, o conceito esteve fundamentado na visão de Betti (1994; 1996; 2007), quando defendeu que não se trata somente de ser um componente curricular restrito ao ambiente escolar. Os participantes da pesquisa possuem o direito e devem ser capazes de exercer as práticas culturais e corporais com as quais se identificam em diversos ambientes sociais.

Os participantes da pesquisa são imigrantes do Haiti que se deslocaram para o Brasil chamando a atenção de toda a nação. A imigração haitiana foi considerada inédita, por causa do alto volume de pessoas que saíram da América Central para tentar entrar em um país na América do Sul, alterando a rota de costume que era alcançar países como Canadá, França ou Estados Unidos.

O fato de ter sido uma imigração inédita contribuiu para a elaboração do terceiro capítulo. Nele buscou-se conhecer a história do Haiti para desmistificar os preconceitos que ao país foram destinados e o rotula com diversos estereótipos. Além de contextos sociais, políticos, culturais da nação haitiana, houve a necessidade de compreender a migração de nacionais do Haiti para o Brasil e o estado de Goiás.

O capítulo apresentou, ainda, que os conhecimentos acerca da nação haitiana são comumente destorcidos e equivocados. Destorcidos porque as informações que circulam pela mídia são de um país, única e exclusivamente, pobre, miserável, reduzido culturalmente em práticas demonizadas ou sem valor. Equivocados porque, por ser uma nação cuja população é predominantemente preta e por causa das informações destorcidas emitidas pelos meios de comunicação, é comum alguém acreditar que o Haiti fica no continente africano, e não na América Central.

A riqueza histórica que o Haiti conta, mas tende a ser silenciado, surpreende ao revelar que se trata de uma nação que lutou pelo fim das condições que escravizavam pessoas para libertar o povo que residia no território haitiano. Contudo, concomitantemente, esse foi o mesmo motivo que fez com que colonizadores dificultassem o crescimento social, econômico e político da população haitiana, considerando-os como rebeldes.

Além da Revolução Haitiana, outro ponto que chamou atenção foi a rápida movimentação do povo haitiano ao se organizarem para conseguir ajudar e ajudas internas para socorrer os compatriotas, após a passagem do terremoto Matthew. A inexpressividade de participação de organismos, como a ONU, que foram criados para ajudar países em situação de crise humanitária, para ajudar o Haiti no momento de urgência, ativou o sentimento de seletividade e levantou questões como quais os critérios utilizados pelos órgãos para que uns países recebam auxílio e outros não?

Os resultados deixados pelo terremoto foi o motivo final para que haitianos e haitianas decidissem migrar para outros países. O Brasil entrou na rota de entrada por duas vias: uma, aqueles que chegaram por avião, considerada a via oficial, mas onerosa economicamente; a segunda, entraram por vias terrestres do Norte do Brasil (Acre e Amazonas), foi a predominante, por ser menos onerosa, porém a mais cansativa, chegando a ser desumana.

Imigraram pessoas de todas as situações do Haiti para o Brasil: aqueles que não tinham muitas condições, mas a família fez esforço de vender bens, reunião financeira, pedir empréstimos para amigos, entre outros; aqueles que tinham certas condições mais foram perdendo ao longo da trajetória de migração; e aqueles que tinham condições e conseguiram se instalar com mais facilidade.

O estado de Goiás não era uma das principais rotas de escolha de nacionais do Haiti como destino final. Mas, há dados que verificaram que o estado é um dos que mais retém populações imigrantes para assentar residência fixa dentre as unidades

federativas brasileiras. Fato que fez com que Azevedo (2022) apresentasse a possibilidade de configurar um novo campo de pesquisa em Goiás sobre imigrantes e refugiados.

O grande número de imigrantes em Goiás, a possibilidade da abertura do campo para realizar novas pesquisas e a presença da Associação Haitiana no Brasil contribuíram para a construção do capítulo 4. Foram apresentados os perfis de cada imigrante entrevistado, questionado o sentido da educação, cultura e cultura corporal de movimento para imigrantes nacionais do Haiti que residem em Aparecida de Goiânia, região metropolitana.

Da mesma forma que o povo haitiano foi organizado para ajudar as comunidades no pós-terremoto, após imigrarem para o Brasil também se organizaram e formaram associações com os mais diferentes objetivos. Assim como imigrantes alemães organizaram suas associações e sociedades, imigrantes do Haiti também se organizaram e o fizeram com eficiência e real aplicabilidade.

Além da organização, outro ponto que aproxima imigrantes alemães com imigrantes do Haiti foi a intenção em manter viva as práticas educacionais e culturais como meio para preservar os costumes e a identidade cultural no Brasil.

Um fato de distinção entre os dois grupos foi que os teuto-brasileiros usavam as sociedades para se distinguir de outros povos; ao passo que, na fala de imigrantes do Haiti entrevistados nesta pesquisa, a intenção foi preservar os próprios costumes, pois já estão acostumados, mas também aprender práticas culturais de outras nações, a brasileira por exemplo, bem como ensinar hábitos haitianos para as comunidades. Imigrantes do Haiti defendem que a mistura de manifestações culturais para experimentar, conhecer ou adotar outras formas de práticas em sociedade.

Com relação aos processos educativos escolares, os sentidos atribuídos foi que a escola é muito importante na vida das pessoas, mas deve estar subordinada à educação da família e da igreja. A função da escola é de melhorar a educação pessoal e profissional. Podemos inferir que o grupo pesquisado se apresenta religioso, a família pode ser o lócus de preservação dos costumes, dos valores e das tradições, assim como a Igreja.

Chama a atenção o fato de que as escolas no Haiti sejam particulares, ou seja, para que a população em idade escolar possa frequentar tanto a escola pública quanto a escola particular devem pagar mensalidades. Esse fato revela a aproximação do

sistema de educação do Haiti com a aplicação do pensamento neoliberal, cuja intenção é privatizar serviços que são públicos e deveriam ser direito de todos.

No que se refere ao sentido atribuído à cultura, imigrantes participantes da pesquisa entendem que as práticas, costumes, hábitos diários, como as conversas, a comida, a dança, o ambiente em que vivem, refletem a identidade cultural do Haiti. Os elementos que representam a cultura haitiana são a bandeira do Haiti, a religião *vodu* e a dança *Kompa*.

Nas falas de imigrantes entrevistados ficou evidente a aproximação dos costumes e hábitos diários entre o povo brasileiro e o povo haitiano. O fato de que pessoas de diferentes regiões do continente africano foram imigrados para o território brasileiro e haitiano e continuaram a exercer suas práticas cotidianas podem ter contribuído para que as semelhanças culturais e dos costumes entre os dois povos sejam tão próximas.

Já com relação às diferenças relatadas pelos imigrantes entrevistados, que diferem Haiti-Brasil estão situadas em: os traços culturais herdados de seus colonizadores, como por exemplo a Língua Francesa, da França e a Língua Portuguesa, de Portugal; as práticas que são desenvolvidas ao longo do tempo de acordo com as condições objetivas de cada espaço geográfico, o clima, situações pessoais e coletivas etc.

Por fim, os sentidos que imigrantes do Haiti atribuíram para a área da cultura corporal de movimento estiveram direcionados para a saúde, reunião familiar, educação e identificação cultural.

As práticas da cultura corporal de movimento realizadas no Haiti acontecem em três espaços diferentes: na escola, na educação formal; nas escolinhas de iniciação esportiva e academias; e nas praias, praças e ruas, ao ar livre sem fatores de educação sistematizadas.

Após as entrevistadas, foi percebido que as práticas da cultura corporal de movimento tiveram como sentido melhorar a saúde, através do cuidado com o corpo biológico, mental e emocional; evitar doenças; em prol da estética; aliviar tensões causadas pelo estresse do trabalho e do cotidiano.

Os (as) entrevistados (as) relataram que as práticas no Haiti são realizadas com certas diferenças das formas que são praticadas no Brasil, condição que pode interferir na noção plena do estar saudável para eles e elas. Os argumentos foram que Goiás não é uma região litorânea, fato que os fazem sentir falta e estranhar o espaço

geográfico; as construções civis em excesso e falta de ambientes naturais; os movimentos das danças brasileiras são diferentes das haitianas; falta do tempo para praticar por causa do trabalho, entre outros motivos.

Ao considerarem que as condições geográficas, infraestrutura, diferenças no ato do movimentar-se, e outros argumentos, podem interferir na noção do estar ou não plenamente saudável, faz necessário revisitar o conceito de saúde para que contemple pessoas em condições de migração. Aspectos como os fatores biológicos, condições objetivas da estrutura social, condições subjetivas, construção cultural das práticas que resultem em ambientes acolhedores e que despertem a percepção do pertencimento dos envolvidos devem ser considerados na noção do estar saudável.

Para que as práticas da cultura corporal de movimento possam favorecer condições plenamente saudáveis para imigrantes os fatores acima mencionados devem ser levados em consideração na interação entre todos, e não só os aspectos biomecânicos do ato do movimentar-se.

O ambiente cuja construção cultural das práticas resulta no acolhimento e pertencimento direcionou para um outro sentido atribuído à cultura corporal de movimento, a reunião familiar. A reunião familiar constitui momentos em que os membros da comunidade e os amigos se reúnem para realizar práticas corporais e de socialização para se sentirem minimamente pertencentes, confortáveis e familiarizados com o espaço de acolhimento.

Práticas da cultura corporal de movimento são fatores capazes de reunir a família, amigos, em um determinado espaço e tempo para se divertir, transmitir e manter viva a cultura e costumes. Na fala das e dos entrevistados(as) imigrantes, em especial, as práticas das danças, jogos e brincadeiras.

Outro sentido atribuído à cultura corporal de movimento foi o vínculo com o campo da educação, de maneira que, possam ser praticadas em locais específicos para que o desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem seja contemplado. Portanto, a cultura corporal de movimento deve compor o currículo escolar, mas também deve estar presente nos diferentes espaços sociais de maneira que os conhecimentos disponíveis para apreensão sejam contemplados por aqueles que não estão em fase escolar.

Há produção de conhecimentos em todos os espaços sociais e que devem ser aprendidos por todos. Os conhecimentos das práticas da cultura corporal movimento nos diferentes espaços sociais podem contribuir para que os saberes não fiquem

somente no nível da informalidade, sem a devida atenção, correr o risco de diminuir a frequência com que são praticadas, por vários motivos, ou deixar de ter a devida valorização.

E por fim, o último sentido atribuído à cultura corporal de movimento foi para representar a identidade cultural de uma nação. Para os (as) entrevistados (as) um dos elementos culturais que representam o Haiti é uma das práticas da cultura corporal de movimento, a dança.

A dança Kompa é considerada um patrimônio simbólico e uma prática cultural que representa a história de luta e as tradições do povo haitiano, resultado das traduções quando precisam negociar suas culturas para se adaptar em outros contextos culturais. A dança Kompa foi, ao longo do tempo, recebendo influências de traços culturais de diversos povos e se configurou como a identidade da nação do Haiti.

A influência sofrida pela dança Kompa, que foi se tornando a identidade cultural do Haiti, se aproxima do pensamento de Stuart Hall, quando apontou para o surgimento de novas culturas e ainda assim representar a identidade de um povo. A identidade cultural do Haiti foi tornando-se algo ao longo do tempo na medida em que foi recebendo influências herdadas de outros povos e produzindo seus elementos representativos durante os processos de contatos de uma cultura com as outras.

Da mesma forma que imigrantes do Haiti estão em contato com as práticas culturais e corporais no estado de Goiás e estão aprendendo a partir dos contatos e interações, as práticas culturais e corporais do Haiti também estão sendo manifestadas e vistas pelo povo brasileiro. Essa interação produz e reproduz novas formas de identidade cultural construindo 'aquilo em que vai se tornando'.

A noção de que as identidades culturais vão se 'tornando algo' ao longo do tempo deve ser tratada com doses de análises e aplicações qualitativas. Afinal, as manifestações culturais são sistemas simbólicos, ideias e comportamentos pessoais e coletivos que são praticados, estão em constantes interações e coabitações, passam a ser vistos e apreendidos por todos aqueles que mantêm contato.

A migração é um tema complexo. A complexidade está vinculada com o fato de que não são investigadas as dificuldades considerando a fala dos próprios migrantes para obter as devidas informações, cada migração possui uma particularidade que a diferenciam de todas as outras, as informações acerca das trajetórias, razões e motivos que fizeram os migrantes migrarem ficam camufladas, não são divulgadas ou

são compreendidas de maneira generalizada. Essas dificuldades impedem que migrantes recebam as devidas ajudas humanitárias.

As práticas da cultura corporal de movimento são elementos que podem contribuir de maneira qualitativa para que imigrantes se sintam acolhidos, possam expressar suas manifestações culturais para diminuir a distância, a saudade entre o país natal e o de destino, manter vivos costumes, hábitos, memórias etc., poder gerar um ambiente saudável, caso os fatores que relacionam com a situação sejam respeitados, entre outros benefícios.

A importância atribuída ao desenvolvido do projeto cultural proposto pelos próprios imigrantes do Haiti abre espaço para que futuras pesquisas possam ser realizadas. Além de possibilitar as condições para a criação de políticas públicas, execução de programas a fim de contribuir para o acolhimento de pessoas em condição de imigração e poder gerar o sentimento de pertencimento.

REFERÊNCIAS

ACNUR. Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados: **Refugiado ou imigrante?** 2015. Disponível em:

<https://www.acnur.org/portugues/2015/10/01/refugiado-ou-migrante-o-acnur-incentiva-a-usar-o-termo-correto/>. Acesso em: 27 dez. 2021.

ACNUR. Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados: **História do ACNUR**. 2021a. Disponível em: <https://www.unhcr.org/history-of-unhcr.html>. Acesso em: 27 dez. 2021.

ACNUR. Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados: **Dados sobre refúgio**. 2021b. Disponível em: <https://www.unhcr.org/figures-at-a-glance.html>. Acesso em: 27 dez. 2021.

ACNUR- BRASIL. **Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados**. 2021. Disponível em: <https://www.acnur.org/portugues/2021/12/16/6-coisas-que-voce-precisa-saber-sobre-o-deslocamento-forcado-em-2021/>. Acesso em: 27 dez. 2021.

ALVES, Ubiratan Silva. **Imigrantes bolivianos em São Paulo= a Praça Kantuta e o futebol**. 2011. 192p. Tese (Doutorado em Educação Física) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física, Campinas, SP. Disponível em:

<http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/274725>. Acesso em: 17 dez. 2021.

ANDERSON, Perry. Balanço do neoliberalismo. In: SADER, Emir; GENTILI, Pablo (org.). **Pós-neoliberalismo: as práticas sociais e o Estado democrático**, p. 9-25. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

ANDRADE, Everaldo de Oliveira. A primeira ocupação militar dos EUA no Haiti e as origens do totalitarismo haitiano. **Revista Eletrônica da ANPHLAC**, n. 20, p. 173-196, jan/jun, 2016. Disponível em:

<https://revista.anphlac.org.br/anphlac/article/view/2492/2248>. Acesso em: 27 maio 2023.

ANDRADE, Sabrina Raquel de Lima. **Significados das práticas corporais para usuários da estratégia saúde da família e as implicações para a saúde**. Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal. Programa de Pós-Graduação em Educação Física. Dissertação de Mestrado, 2021.

ANTONIE, Dominique; AMARAL, Wagner R. **Política social e acesso ao ensino fundamental no Haiti em debate**. XVIII SEDU- Semana da educação I congresso Internacional de Educação Contextos Educacionais: formação, linguagens e desafios. Eixo 8: Educação e Política. s/d. Disponível em:

<http://www.uel.br/eventos/semanadaeducacao/pages/arquivos/Anais/2019/EIXO%208/25.%20POLITICA%20SOCIAL%20E%20ACESSO%20AO%20ENSINO%20FUNDAMENTAL%20NO%20HAITI%20EM%20DEBATE%20art.pdf>. Acesso: 15 dez. 2022.

ASSMANN, Alice Beatriz. **Figurações do Turnen no sul do Brasil: redes de interdependência em escolas e clubes (décadas de 1870-1920)**. 2019. Tese (Doutorado em Ciências do Movimento Humano). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2019.

AZEVEDO, Rômulo Souza. Há um campo de estudo sobre educação e migrações em Goiás? O desenvolvimento de uma área de pesquisa. In: CAVALCANTE, Cláudia Valente; LUDOVICO, Daniela Colella Zuniga; NOLETO, Adma Palmira Jaime; RIBEIRO, Antônia de Paula (orgs.) **Educação, migração e diversidade na contemporaneidade**. São Carlos: Pedro e João Editores, 2022.

BALDIN, Nelma; MUNHOZ, Elzira M. B. Snowball (bola de neve): uma técnica metodológica para pesquisa em educação ambiental comunitária. In: **X Congresso Nacional de Educação -Educere**. Curitiba, 2011. Disponível em: <https://docplayer.com.br/1714932-Snowball-bola-de-neve-uma-tecnica-metodologica-para-pesquisa-em-educacao-ambiental-comunitaria.html>. Acesso: 15 dez. 2022.

BARBANTI, Valdir José. **Teoria e prática do treinamento esportivo**. São Paulo, Edgard Blucher, 1979.

BAUMAN, Zigmunt. **Globalização: as consequências humanas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 1999.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2001.

BAUMAN, Zygmunt. **Vidas desperdiçadas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2005a.

BAUMAN, Zigmunt. **Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2005b.

BDTD. **Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações**. Disponível em: <https://bdtd.ibict.br/vufind/>. Acesso em: 01 jul. 2022.

BETTI, Mauro. O que a semiótica inspira ao ensino da Educação Física. **Discorpo**, n. 3, p. 25-45, 1994.

BETTI, Mauro. Por uma teoria da prática. **Motus corporis**. Rio de Janeiro. v. 3, n. 2, p. 73-127, dez. 1996.

BETTI, Mauro. **A janela de vidro: esporte, educação e Educação Física**. 1997. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 1997.

BETTI, Mauro. **Educação física escolar: do idealismo à pesquisa-ação**. 2002. 336f. Tese (Livre-Docência em Métodos e Técnicas de Pesquisa em Educação Física e Motricidade Humana- Faculdade de Ciências. Universidade Estadual Paulista, Bauru, 2003.

BETTI, Mauro. Educação Física como prática científica e prática pedagógica: reflexões à luz da filosofia da ciência. **Rev. Bras. Educ. Fís. Esp.**, São Paulo, v. 19, n. 3, p. 183-197, jul./set. 2005.

BETTI, Mauro. Educação Física e cultura corporal de movimento: uma perspectiva fenomenológica e semiótica. **Revista da Educação Física**, v. 18, n. 2, p. 207-217, 2007.

BOURDIEU, Pierre. Sociologia. In: Ortiz, Renato (Org.). **Pierre Bourdieu**. São Paulo: Ática (Coleção Grandes Cientistas Sociais), 1983a.

BOURDIEU, Pierre. Algumas propriedades dos campos. In.: **Questões de sociologia**. Editora Marco Zero Limitada: Rio de Janeiro, 1983b.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Editora: Bertrand Brasil. Rio de Janeiro: RJ, 1989.

BOURDIEU, Pierre. **Razões práticas: sobre a teoria da ação**. Tradução: Mariza Corrêa. Campinas, SP: Papirus, 1996.

BOURDIEU, Pierre. Um analista do inconsciente. In: SAYAD, Abdelmalek. **A Imigração: Ou os Paradoxos da Alteridade**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1998.

BOURDIEU, Pierre. Programa para uma sociologia do esporte. In: BOURDIEU, Pierre (org.). **Coisas ditas**. São Paulo: Brasiliense, 2004.

BOURDIEU, Pierre. **A miséria do mundo**. 17ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

BRACHT, Valter. Educação Física/ciências do esporte: que ciência é essa? **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. v. 14, n. 3. p. 111-118, maio, 1993.

BRACHT, Valter. Educação Física e ciência: cenas de um casamento (in)feliz. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. v. 22, n. 1, p, 53-63, set., 2000.

BRACHT, Valter. Cultural corporal, cultura de movimento ou cultura corporal de movimento? In: SOUZA JÚNIOR, M. **Educação Física Escolar: teoria e política curricular, saberes escolares e proposta pedagógica**. p. 97-106. Recife: EDUPE, 2005.

BRASIL. **Lei nº 378, de 13 de janeiro de 1937**. Dá nova, organização ao Ministério da Educação e Saúde Pública. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/1930-1949/L0378.htm. Acesso em: 25 jan. 2022.

BRASIL. Lei no 6.815, de 19 de agosto de 1980. Define a situação jurídica do estrangeiro no Brasil, cria o Conselho Nacional de Imigração. **Diário Oficial**, Brasília, 21 ago. 1980. Seção 1. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/1930-1949/L0378.htm. Acesso em: 04 out. 2021.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidente da República. 2016. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm. Acesso em: 31 maio 2023.

BRASIL, **Lei nº 8.080, de 19 de setembro de 1990**. 1990. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8080.htm#:~:text=LEI%20N%C2%BA%208.080%2C%20DE%2019%20DE%20SETEMBRO%20DE%201990.&text=Disp%C3%B5e%20sobre%20as%20condi%C3%A7%C3%B5es%20para,correspondentes%20e%20d%C3%A1%20outras%20provid%C3%AAs. Acesso em: 31 maio 2023.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Estabelece as diretrizes e bases da educacional nacional**. 1996. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em: 31 maio 2023.

BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego – **RAIS – Relação Anual de Informações Sociais**. Brasília, 2012.

BRASIL. Lei Nº 13.445, de 24 de maio de 2017. Institui a Lei de Migração. **Diário Oficial**, Brasília, 25 maio 2017b. Seção 1. 2017. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/1930-1949/L0378.htm. Acesso em: 26 dez. 2021.

BRASIL ESCOLA. Índice de Desenvolvimento Humano. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/>. Acesso em: 13 ago. 2022.

BUNGENSTAB, Gabriel Carvalho; SOUZA, Juliano; GARCIA, Rui Proença. Para uma teoria do capital esportivo: conversações com Bourdieu e Lahire. **Educ. Pesqui.**, São Paulo, v. 48, e253013, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1678-4634202248253013por>. Acesso em: 10 jun. 2023.

CAMBI, Franco. **História da pedagogia**. São Paulo: Fundação Editora da UNESP (FEU), 1999.

CARTA DA ONU. **Organizações das Nações Unidas, Brasil**. 2007. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/91220-carta-das-nacoes-unidas>. Acesso em: 27 dez. 2021.

CASTOR, Susy. Estruturas de dominação e de resistência camponesa no Haiti. **Revista Brasileira de História**. vol. 6 no 12. São Paulo, 1986.

CASTRO, Celso. In corpore sano - os militares e a introdução da educação física no Brasil. **Antropolítica**, Niterói, RJ, nº 2, p.61-78, 1º sem., 1997.

CASTRO, Ana Lúcia. O legado de Stuart Hall (1932-2014). **REDD-Revista Espaço de Diálogo e Desconexão**, Araraquara, v. 7, n. 1, jul./dez., 2013.

CAVALCANTI, Leonardo; TONHATI, Tânia; DUTRA, Delia; OLIVEIRA, Marcio de. **A imigração haitiana no Brasil: características sociodemográficas e laborais na região sul e no Distrito Federal**. Resumo Executivo. Observatório das Migrações

Internacionais; Ministério da Justiça e Segurança Pública/ Conselho Nacional de Imigração e Coordenação Geral de Imigração Laboral. Brasília, DF: OBMigra, 2019.

CERVO, Amado Luiz. **Metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Prentice Hall, 2002.

CEVASCO, Maria Elisa. **Dez lições sobre estudos culturais**. Boitempo Editorial, 2003.

CHAUL, Nars Nagib Fayad. **Caminhos de Goiás: da construção da decadência aos limites da modernidade**. 3. ed. Goiânia: Editora UFG, 2010.

CHIZZOTTI, Antônio. A pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais: evolução e desafios. **Revista Portuguesa de Educação**. Universidade do Minho. p. 221-236, 2003.

CIVIDINI, Fátima Regina. **Migrantes haitianos no Brasil (2010-2017): tensões e fronteiras**. 2018. 249f. Dissertação (Mestrado em Sociedade, Cultura e Fronteiras) - Universidade Estadual do este do Paraná, Foz do Iguaçu, 2018. Disponível em: <http://tede.unioeste.br/handle/tede/3841>. Acesso em: 17 dez. 2021.

CLARO, Carolina de Abreu Batista. Do Estatuto do Estrangeiro à Lei de Migração: avanços e expectativas. **Boletim de Economia e Política Internacional (BEPI)**. n. 26. set. 2019/abr. 2020. Disponível em: http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/9820/1/BEPI_n26_Estatuto.pdf. Acesso em: 04 out. 2021.

COGGIOLA, Osvaldo. Novamente, a revolução francesa. **Projeto História**, São Paulo, n. 47, pp. 281-322, ago, 2013. Disponível: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/17137/14208>. Acesso em: 20 maio 2023.

COMTE, Auguste. **Curso de filosofia positivista: discurso sobre o espírito do positivismo; discurso preliminar sobre o conjunto do positivismo; catecismo positivista**. Os pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

COSTA, Wanderley Messias. O reerguimento da Rússia, os EUA/OTAN e a crise da Ucrânia: a geopolítica da nova Ordem Mundial. **Revista franco-brasileira de geografia- Confins**. Número 25. Disponível em: <https://doi.org/10.4000/confins.10551>. Acesso em: 24 maio 2023.

CRUVINEL, Evelyn de Castro. **Migração em Goiás entre 2005-2015**. Instituto Mauro Borges de estatísticas e estudos socioeconômicos (IMB). Governo do Estado de Goiás, Secretaria de Estado de Gestão e Planejamento. Goiânia, out., 2017.

CUNHA, Luciana Bicalho. **A Educação Física Desportiva Generalizada no Brasil: princípios e sistematizações de um método de ensino em circulação (1952-1980)**. 2017. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2017.

DAOLIO, Jocimar. **Da cultura do corpo**. Campinas, SP: Papirus, 1995.

DAOLIO, Jocimar. Educação Física Escolar: em busca da pluralidade. **Rev. Paul. Educ. Fis.** São Paulo, supl. 2, p. 40-42, 1996.

DAOLIO, Jocimar. **Educação Física e o conceito de cultura**. 3. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2010.

DIAS, Gustavo. Viajantes do Caribe: posicionando Brasília nas rotas migratórias haitianas. In: CAVALCANTI, Leonardo; TONHATI, Tânia; DUTRA, Delia; OLIVEIRA, Marcio de. **A imigração haitiana no Brasil: características sociodemográficas e laborais na região sul e no Distrito Federal**. Resumo Executivo. Observatório das Migrações Internacionais; Ministério da Justiça e Segurança Pública/ Conselho Nacional de Imigração e Coordenação Geral de Imigração Laboral. Brasília, DF: OBMigra, 2019.

DICIONÁRIO CRÍTICO DE EDUCAÇÃO FÍSICA. Org. GONZÁLES, Fernando Jaime; FENSTERSEIFER, Paulo Evaldo. 2ª ed. rev. Ijuí: Ed. Unijuí, 2008.

DUARTE, Rosália. Entrevistas em pesquisas qualitativas. In: **Educar**. n. 24, Curitiba, PR: Editora UFPR, 2004. p. 213-225. Disponível em; <https://www.scielo.br/j/er/a/QPr8CLhy4XhdJsChj7YW7jh/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 17 fev. 2022.

DUTRA, Delia. Mulheres, migrantes, trabalhadoras: a segregação no mercado de trabalho. **Rev. Inter. Mob. Hum.**, Brasília, ano XXI, n. 40, p. 177-193, jan./jun. 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/remhu/a/SHpdGQt7Mdq3rw4KWvZkyzn/?format=pdf&lang=pt>. Acesso: 27 maio 2023.

FONSECA, Vitor da. Psicomotricidade: uma visão pessoal. **Construção Psicopedagógica**. vol. 18, n.17, p. 42-52. São Paulo-SP, 2010.

FUKUGAWA, Luiz Carlos; MACÊDO, Murilo Rosa; ARRIEL, Marcos Fernando; VIANNA, Paulo Jackson Bezerra; GOMES, Rui Rocha. **Panorama da migração em Goiás**. Instituto Mauro Borges de estatísticas e estudos socioeconômicos (IMB). Governo do Estado de Goiás, Secretaria de Estado de Gestão e Planejamento. Goiânia, set., 2014.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. 1. Ed. [reimpr.]. Rio de Janeiro: LTC, 2013.

GERMANO, José Willington. **Estado militar e educação no Brasil**. São Paulo: Corez, 1993.

GOELLNER, Silvana Vilodre. **O método francês e a Educação Física no Brasil: da caserna à escola**. 1992. Dissertação (Mestrado em Ciências do Movimento Humano). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 1992.

GONÇALVES, M. A. S. **Sentir, pensar, agir: corporeidade e educação**. Campinas, SP: Papyrus, 1994.

GOUVÊA, Flávia Mengardo. **Os imigrantes alemães em Rio Claro: estratégias de sobrevivência e redes de sociabilidade nos séculos XIX e XX**. 2011. Dissertação (Mestrado em História. Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho. Franca, 2011.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006a.

HALL, Stuart. Identidade Cultural e diáspora. **Comunicação e cultura**, nº 1, p. 21-35, 2006b.

HANDERSON, Joseph. **Vodu No Haiti – Candomblé No Brasil: Identidades Culturais E Sistemas Religiosos Como Concepções De Mundo Afro-Latino-Americano**. 183f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais. Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2010.

HANDERSON, Joseph. Diáspora. **As dinâmicas da mobilidade haitiana no Brasil, no Suriname e na Guiana Francesa**. Tese de doutorado. Rio de Janeiro: UFRJ/Museu Nacional, 2015a. Disponível em: https://www.migrante.org.br/wp-content/uploads/2015/05/Diaspora_Haitiana_tese_Joseph_Handerson.pdf. Acesso em: 15 jan. 2023.

HANDERSON, Joseph. Diáspora: sentidos sociais e mobilidades haitianas. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 21, n. 43, p. 51-78, jan./jun. 2015b. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-71832015000100003>. Acesso em: 09 jan. 2023.

HANDERSON, Joseph. A historicidade da (e)migração internacional haitiana. O Brasil como novo espaço migratório. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. **Periplos**. GT-Clacso-Migración Sur-Sur. v.01, n.01. 7-26. 2017. Disponível em: https://periodicos.unb.br/index.php/obmigra_periplos/article/view/5866/33382. Acesso em: 13 maio 2023.

HANDERSON, Joseph; JOSEPH, Rose-Myrlie. As relações de gênero, de classe e de raça: mulheres migrantes haitianas na França e no Brasil. **Revista de estudos e pesquisas sobre as Américas**. v. 9, n. 2, p. 1-33, 2015.

HDR. **Human Development Index (HDI) Ranking**. 2020. Disponível em: https://hdr.undp.org/en/content/latest-human-development-index-ranking?utm_source=EN&utm_medium=GSR&utm_content=US_UNDP_PaidSearch_Brand_English&utm_campaign=CENTRAL&c_src=CENTRAL&c_src2=GSR&gclid=CjwKCAiApeQBhAUeIwA7K_UH7KRTtBpL-T30Xnlbx52XhefuZgsawLa2KL-1oblrlRMGdenyq482hoC280QAvD_BwE. Acesso em: 01 mar. 2022.

HOBSBAWM, Eric Ernest. **Da revolução Industrial Inglesa ao Imperialismo**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Forense-Universitária. Cap. 8, Padrão de vida, 1850-1914, pp. 143-159, 1979

HORTA, José Silvério Baia. **O Hino, o sermão e a ordem do dia: regime autoritário e a educação no Brasil**. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1994.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Demográfico 2010**. Rio de Janeiro, 2010.

IMDH. **Instituto de Migrações de Direitos Humanos**. 2014. Disponível em: <https://www.migrante.org.br/migracoes/migrantes-quem-sao/>. Acesso em: 27 dez. 2021.

JUNGER, Gustavo; CAVALCANTI, Leonardo; OLIVEIRA, Tadeu de; SILVA, Bianca G. **Refúgio em Números** (7ª Edição). Série Migrações. Observatório das Migrações Internacionais; Ministério da Justiça e Segurança Pública/ Conselho Nacional de Imigração e Coordenação Geral de Imigração Laboral. Brasília, DF: OBMigra, 2022.

LE BRETON, David. **A sociologia do corpo**. 6 ed. Petrópolis, RJ: vozes, 2012.

LEVIEN, Ana Luiza Ângelo. **Histórias do Turnen na Leopoldenser Turnverein (Sociedade de Ginástica de São Leopoldo)**. 2011. Dissertação (Mestrado em Educação Física). Universidade Federal de Pelotas. Pelotas, 2011.

LOURO, Guacira Lopes. Mulheres na sala de aula. In: DEL PRIORI, Mary (org.) **História das mulheres no Brasil**. 9. ed. São Paulo: Contexto, 2009.

LOUREIRO, Marcos Wagner Antunes. **O regulamento nº7 e o método francês de ginástica: um projeto de Educação Física nacional (1928-1934)**. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal da Grande Dourado (UFGD). Dourados-MS, 2019.

LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. Métodos de coletas de dados: observação, entrevista e análise documental. In: **Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas**. Cap. 3. São Paulo: EPU, 1986.

LUDOVICO, Daniela Colella Zuniga. **Educação e migração: sentidos da escola para as famílias haitianas em Goiás**. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-Graduação em Educação. Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2021.

MACHADO, Francisco José Eboli. **O caso Pérolas Negras: um olhar complexo sobre a relação entre futebol, jornalismo e fluxos migratórios contemporâneos**. 2018. Dissertação (Mestrado em Comunicação). Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS). São Leopoldo, 2018. Disponível em: <http://www.repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/7134>. Acesso em: 17 dez. 2021.

MAGALHÃES, Raul Francisco. **Dessalines**. Teoria e Cultura. Programa de pós-graduação em ciências sociais. UFJF. v. 9, n. 2 jul./dez. ISSN 2318-101 x (on-line) ISSN 1809-5968 (print), 2014.

MAUSS, Marcel. **Sociologia e antropologia**. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **O manifesto comunista**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. 2. ed. São Paul: Martins Fontes, 1999.

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA E SEGURANÇA PÚBLICA. **Portal de Imigração**. 2019. Disponível em: <https://portaldeimigracao.mj.gov.br/pt/refugio>. Acesso em: 22 jan. 2023.

MOREL, Marco. **A revolução do Haiti e o Brasil escravista: o que não deve ser dito**. 1. ed. Jundiaí, SP: Paco, 2017.

MORENO, Andrea. O Rio de Janeiro e o corpo do homem fluminense: o “não-lugar” da ginástica sueca. **Rev. Bras. Ciênc. Esporte**. Campinas, v. 25, n. 1, p.55-68, set. 2003. Disponível em: <http://revista.cbce.org.br/index.php/RBCE/article/view/173>. Acesso em: 08 jan. 2022.

MORENO, Andrea. A propósito de Ling, da ginástica sueca e da circulação de impressos em língua portuguesa. **Rev. Bras. Ciênc. Esporte**. Apr-Jun, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.rbce.2014.11.019>. Acesso em: 08 jan. 2022.

MOROSINI, Marília Costa; FERNANDES, Cleoni Maria Barboza. Estado do Conhecimento: conceitos, finalidades e interlocuções. **Revista Educação por escrito**. Porto Alegre, v. 5, n. 2, p. 154-164, jul. dez., 2014.

NANNI, D. **Dança educação: pré-escola à universidade**. Rio de Janeiro: 5. edição: Sprint, 2008.

NASCIMENTO, Alexandre; SILVA, Andréia Ferreira; ALGEBAILLE, Maria Emília Bertino. Estado, mercado e trabalho: neoliberalismo e políticas sociais. In: NEVES, Lúcia Maria Wanderley (org.). **O empresariamento da educação: novos contornos do ensino superior no Brasil dos anos 1990**. São Paulo: Xamã, 2002.

OIM. Organização internacional para as migrações. **Direito Internacional da Migração**: Glossário sobre migrações. Genebra: Organização Internacional para as Migrações, 2009. p. 40. Disponível em: <https://publications.iom.int/system/files/pdf/iml22.pdf>. Acesso em: 24 dez. 2021.

OIM. Organização Internacional para as Migrações: **História da OIM**. 2021a. Disponível em: <https://www.iom.int/iom-history>. Acesso em: 23 dez. 2021.

OLIVEIRA, Márcio. A cidade de Curitiba e os imigrantes alemães durante a primeira guerra mundial, uma análise da imprensa local. **Cadernos Ceru**. v. 23. n. 2. 2013. Disponível em: [file:///C:/Users/Brunna/Downloads/56989-Texto%20do%20artigo-72182-1-10-20130621%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/Brunna/Downloads/56989-Texto%20do%20artigo-72182-1-10-20130621%20(1).pdf). Acesso: 25 fev. 2023.

OLIVEIRA, Tadeu; CAVALCANTI, Leonardo; SILVA, Bianca. **Dados Consolidados da Imigração no Brasil 2020**. Série Migrações. Observatório das Migrações Internacionais; Ministério da Justiça e Segurança Pública/Conselho Nacional de Imigração e Coordenação Geral de Imigração Laboral. Brasília, DF: OBMigra, 2021. Disponível em:

https://portaldeimigracao.mj.gov.br/images/Obmigra_2020/OBMigra_2022/DADOS_CONSOLIDADOS/Dados_Consolidados_2020/relatorio_2020.pdf. Acesso em: 22 jan. 2023.

ONU. Organizações das Nações Unidas. **História das Nações Unidas**. SEM DATA. Disponível em: <https://www.un.org/en/about-us/history-of-the-un>. Acesso em: 23 dez. 2021.

ORTIZ, Renato. Globalização: notas sobre um debate. **Revista Sociedade e Estado**. Brasília, v. 24, n. 1, p. 231-254, jan/abr., 2009.

PESSOA, Ronaldo Augusto Campos. A geopolítica internacional e os efeitos da pandemia: uma nova ordem global em transição? **Revista Rural & Urbano**. Recife. V. 05, n. 02, p. 02-19, 2020.

PINTO, Rubia Mar. Nação, região, sertão e a invenção dos brasíis: chave de leitura para a história da educação. **Revista Brasileira de Educação**. v, 18, p. 355-376, 2013.

PNUD. **Programa das nações unidas para o desenvolvimento**. 2022. Disponível em: <https://www.br.undp.org/content/brazil/pt/home/idh0.html>. Acesso em: 01 mar. 2022.

PNUD. **Programa das nações unidas para o desenvolvimento**. 2020. Disponível em: <https://www.undp.org/pt/angola/publications/relat%C3%B3rio-do-desenvolvimento-humano-2020-pr%C3%B3xima-fronteira-o-desenvolvimento-humano-e-o-antropoceno>. Acesso em: 13 ago. 2022.

QUITZAU, Evelise Amgarten. **Associativismo ginástico e imigração alemã no sul e sudeste do Brasil (1858-1938)**. 2016. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2016.

Relação Anual de Informações Sociais: **RAIS**. Brasília: MTE, 2015.

RIBEIRO, Jean Carlo. **A capital dos esportes: poder, idealismo e hábitos físico-esportivos no surgimento de Goiânia (1930-1945)**. Goiânia: Kelps, 2021.

ROMANOWSKI, Joana Paulin; ENS, Romilda Teodora. As pesquisas denominadas tipo “Estado da Arte” em educação. **Diálogo Educ**. Curitiba, v.6 n.19, p. 37-50, set/dez. 2006.

SALES, Brunna Thais Reis; CAVALCANTE, Cláudia Valente. **Levantamento bibliográfico: migrantes, educação e educação física**. VI Congresso de Ciência e Tecnologia. Pontifícia Universidade Católica de Goiás, 2020.

SALES, Brunna Thais Reis; CAVALCANTE, Cláudia Valente. Migrantes internacionais e Educação Física: o estado do conhecimento. GT 14, na **XVI Reunião da Anped Centro-Oeste**. Universidade de Campo Grande, 2022.

SANTOS, Eliana Virgínia Nobres dos; LOURENÇO, Márcia Regina Aversani; GAIO, Roberta. **Composição coreográfica em Ginástica Rítmica: do compreender ao fazer**. Jundiaí, SP: Fontoura, 2010.

SANTOS, Lenalda Andrade. **A Revolução Industrial**. Disponível em: https://cesad.ufs.br/ORBI/public/uploadCatalogo/08395302122015Historia_Contemporanea_I_Aula_4.pdf Acesso em: 21 maio 2023.

SAVIANI, Demerval. Sobre a natureza e especificidade da educação. In: SAVIANI, Demerval. **Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações**. 10. ed. rev. Campinas, SP: Autores Associados, 2008.

SAYAD, Abdelmalek; NEIBURG, Federico, “Colonialismo e migrações - entrevista a Abdelmalek Sayad”, Mana: **Estudos de Antropologia Social**, p. 155-170, 1996.

SAYAD, Abdelmalek. **A Imigração: ou os paradoxos da Alteridade**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1998.

SAYAD, Abdelmalek. O retorno: Elemento constitutivo da condição do imigrante. **TRAVESSIA - revista do migrante**, [S. l.], n. Especial, p. 7–10, 2000. DOI: 10.48213/travessia.iEspecial.449. Disponível em: <https://travessia.emnuvens.com.br/travessia/article/view/449>. Acesso em: 13 jul. 2022.

SAYAD, Abdelmalek. “Custos” e “benefícios” da imigração. p. 262. In: BOURDIEU, Pierre. **A miséria do mundo**. 7. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

SCLIAR, Moacyr. História do conceito de saúde. **PHYSIS: Rev. Saúde Coletiva**. Rio de Janeiro. 17(1): 29-41, 2007.

SECRETARIA DE ESTADO DE SAÚDE. **Césio 137 Goiânia**. Governo do Estado de Goiás. 2023 Disponível em: <https://www.saude.go.gov.br/cesio137goiania>. Acesso em: 21 jan. 2023.

SEVERINO, Antônio Joaquim. Modalidades e metodologias de pesquisa científica. In: SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 24 ed. ver. E atual. São Paulo: Cortez, 2016. p. 124-135.

SILVA, Sidney Antônio. Imigração e redes de acolhimento: o caso dos haitianos no Brasil. **Rev. Bras. Est. Pop.**, Belo Horizonte, v. 34, n.1, p. 99-117, jan./abr. 2017. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.20947/S0102-3098a0009>. Acesso em: 11 jan. 2023.

SILVA, Carolina Fernandes da; PEREIRA, Ester Liberato; MAZO, Janice Zarpellon. Clubes sociais: práticas esportivas e identidades culturais. **Licere**, Belo Horizonte, v. 15, n.2, jun., 2012.

SIMÕES, A; HALLAK NETO, J; CAVALCANTI, L; OLIVEIRA, T; GUIMARÃES, B. **Relatório Conjuntural: tendências da imigração e refúgio no Brasil, 1º quadrimestre/2022**. Observatório das Migrações Internacionais; Ministério da

Justiça e Segurança Pública/ Coordenação Geral de Imigração Laboral. Brasília, DF: OBMigra, 2022.

SOARES, Carmem Lúcia. Educação Física Escolar: conhecimento e especificidade. **Rev. paul. Educ. Fís.**, São Paulo, supl.2, p. 6-12, 1996.

SOARES, Carmem Lúcia. **Imagens da educação no corpo: estudos a partir da ginástica francesa no século XIX**. 3. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2005.

SOARES, C. L. **Educação física**: raízes europeias e Brasil. 5ª ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2012.

SOUZA, Valtermir Evangelista. **O Acre na porta de entrada da imigração internacional: do Haiti para o Brasil (Brasiléira-AC/2010-2016)**. Tese de Doutorado, Departamento de Geografia, Universidade de São Paulo (USP), Brasil, 2019.

STEIN, Fernanda. **Os sentidos atribuídos aos jogos tradicionais a partir das transformações de seus espaços e tempo no contexto da colonização italiana no RS**. Santa Maria, 2014. Dissertação (Mestrado em Educação Física). Universidade Federal de Santa Maria. 2014. Disponível em: <https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/6714/STEIN%2c%20FERNANDA.pdf?squence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 07 maio 2023.

TANI, GO; MANUEL, Edison de Jesus; KOKUBUN, Eduardo; PROENÇA, José Elias de. **Educação Física Escolar: fundamentos de uma abordagem desenvolvimentista**. São Paulo, EPU/EDUSP, 1988.

TESCHE, Leomar. **O séc. XIX os Brummer e a introdução da Turnen/ginástica no Brasil**. XXVII Simpósio Nacional de História. Conhecimento histórico e diálogo social. Natal-RN. 22 a 26 jul 2013. Disponível em: http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1363457885_ARQUIVO_BRUMMERERTURNEN-2013-ANPUH.pdf. Acesso em: 15 jan. 2022.

THOMAS, Omar Ribeiro. Eles são assim: racismo e o terremoto de 12 de janeiro de 2010 no Haiti. **Cadernos de campo**, São Paulo, n. 20, p. 1-360. 2011. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/cadernosdecampo/article/view/36802/39524>. Acesso em: 09 jan. 2023.

THOMAZELLI, Patrícia Pires. **Eles carregam a dança no corpo: um estudo sobre a identidade cultural de imigrantes haitianos a partir da estética decolonial**. 2017. Dissertação (Mestrado em Educação) - Centro da Educação, Artes e Letras, Universidade Regional de Blumenau. Blumenau, 2017. Disponível em: http://www.bc.furb.br/docs/DS/2017/363234_1_1.pdf. Acesso em: 13 dez. 2021.

TONHATI, Tânia; CAVALCANTI, Leonardo; OLIVEIRA, Antônio Tadeu. Os imigrantes haitianos no Brasil: formas de entrada, permanência e registros. In: CAVALCANTI, Leonardo; TONHATI, Tânia; DUTRA, Delia; OLIVEIRA, Marcio de. **A imigração haitiana no Brasil: características sociodemográficas e laborais na região sul e no Distrito Federal**. Resumo Executivo. Observatório das Migrações

Internacionais; Ministério da Justiça e Segurança Pública/ Conselho Nacional de Imigração e Coordenação Geral de Imigração Laboral. Brasília, DF: OBMigra, 2019.

YAMAMOTO, Gabriel do Carmo. **Imigração como prática social: estratégias e táticas de organização dos imigrantes haitianos na Região Metropolitana de Goiânia, Goiás**. Dissertação de mestrado. Programa de pós-Graduação em Administração. Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2017.

WILLIAMS, Raymond. **Cultura e Sociedade**. Editora: Nacional. São Paulo: SP, 1969.

APÊNDICE 1 - ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA PARA IMIGRANTES



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO INSTRUMENTO PARA ENTREVISTA

A finalidade dessas questões é realizar a entrevista e alcançar o objetivo, geral e específicos, do projeto de pesquisa para o curso de doutorado cujo objeto de estudo é a cultura corporal de movimento de imigrantes do Haiti. A identidade do participante será mantida em sigilo e os dados aqui informados serão utilizados apenas para a pesquisa em andamento.

ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA PARA IMIGRANTES

INFORMAÇÕES GERAIS

Entrevista N°: _____.
 Nome do (a) Entrevistado (a): _____.
 Idade: _____.
 Declaração de Gênero: _____.
 Data de Nascimento: ____/____/____.
 Cidade de Nascimento: _____.
 Ano que chegou ao Brasil: _____.
 Data da Entrevista: ____/____/____.
 Horário de Início: ____/____ Horário de Término: ____/____
 Local da Entrevista: _____.

Bloco A: História de vida.

- 01- Como era sua vida no Haiti, desde a infância até sua saída do país?
- 02- Porque você saiu do Haiti?
- 03- Porque escolheu o Brasil?
- 04- Com quem você mora aqui no Brasil?
- 05- Como você tem se sustentado?
- 06- Qual sua religião?
- 07- Como era sua relação com sua família no Haiti?

Bloco B: Escolarização.

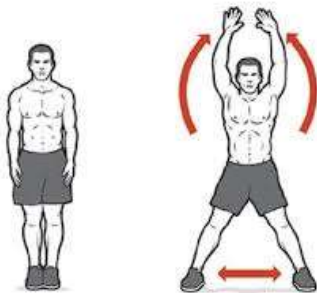
- 01- Como funciona a escola no Haiti?
- 02- Você completou o ensino escolar do Haiti?
- 03- Como foi sua trajetória escolar?
- 04- O que significa a escola na sua opinião?
- 05- Qual a importância dela na vida das pessoas?

Bloco C: Cultura

- 01- Como é a cultura haitiana?
- 02- Você sente falta da cultura do Haiti?
- 03- O que se aproxima e o que se diferencia da cultura haitiana e brasileira?
- 04- Qual o elemento cultural que representa o povo haitiano?
- 05- Aqui no Brasil, o que você costuma fazer no final de semana?
- 06- Vocês se reúnem nos finais de semana?
- 07- Se sim, como acontecem as reuniões?
- 08- Como é ensinada a cultura haitiana para seus filhos?
- 09- Como vocês preservam a cultura haitiana?
- 10- Com relação ao movimento do corpo qual cultura representa o Haiti?

Bloco C: Educação Física

- 01- Como é realizada a Educação Física (exercícios físicos, atividades físicas) no Haiti?
- 02- Você acha importante fazer Educação Física?
- 03- O que significa movimentar o corpo para você?
- 04- Quais exercícios físicos você fazia lá?
- 05- Você sente falta de praticar as atividades que fazia no Haiti?
- 06- Quais atividades você pratica aqui no Brasil?
- 07- O que se aproxima e o que se distancia das práticas corporais do Brasil com as do Haiti?
- 08- O que significa os jogos, brincadeiras, esportes, ginásticas, danças e lutas haitianas para você? E as do Brasil?
- 09- O que significa essas imagens para você?



APÊNDICE 2 – QUESTIONÁRIO FAMILIAR-SÓCIO-CULTURAL

O objetivo desse questionário é conhecer os traços constituintes da trajetória de vida familiar, social e cultural. A identidade do participante será mantida em sigilo e os dados aqui informados serão utilizados apenas para a pesquisa em andamento. Desde já, agradecemos a sua participação nesse estudo.

Nome: _____.

Data de Nascimento: ____/____/____.

Cidade de Nascimento: _____.

Ano que chegou ao Brasil: _____.

I. DADOS PESSOAIS

1. Sexo: [] Feminino; [] Masculino; [] Não quero declarar

2. Estado Civil: [] Solteiro/a; [] Casado/a; [] Divorciado/a; [] Outros

3. Você tem filhos? **A** [] não; **B** [] sim. Se sim, quantos?

4. Você tem religião? Não []; Sim []. Se sim, Qual?

5. Como você se declara: A [] preto; B [] branco; C [] pardo; D [] indígena; E [] amarelo

6. Em qual bairro você mora atualmente:

7. Qual seu grau de escolaridade?

8. Qual sua profissão?

9. Qual seu e-mail?

10. Qual seu Whatsapp?

II. CONDIÇÕES SOCIOECONÔMICAS

11. O imóvel em que você reside é: A [] próprio; B [] financiado; C [] alugado; [] outros.

12. Você mora com a sua família? A [] não; B [] sim

13. Com quem você mora?

14. Você está empregado? SIM [] NÃO []

III. RESPONDER APENAS SE VOCÊ TRABALHA

15. Se a resposta da questão anterior foi sim, com o que você está trabalhando?

16. Quem ajuda no sustento da casa?

17. Qual a renda total da família contando com você?

18. Quantas horas semanais você trabalha?

19. Qual o turno do seu trabalho? A () matutino; B () vespertino; C () noturno

20. Quantos dias da semana você trabalha?

21. Há quanto tempo você trabalha nessa profissão?

IV. MANIFESTAÇÕES CULTURAIS

22. Você sente falta da cultura do Haiti? SIM []; NÃO []

23. Você gosta de fazer atividade física/exercício físico? SIM []; NÃO []

24. Qual atividade física/exercício físico você praticava no Haiti?

A) Jogos e brincadeiras B) Ginásticas C) Esportes D) Danças E) Lutas

Outras:

Porque?

25. Qual dessas opções você gostava de praticar no Haiti? (*Pode marcar mais de uma opção*)

A) Jogos e brincadeiras B) Ginásticas C) Esportes D) Danças E) Lutas

Outras:

Porque?

26. Qual dessas opções você pratica hoje no Brasil? (*Pode marcar mais de uma opção*)

A) Jogos e brincadeiras B) Ginásticas C) Esportes D) Danças E) Lutas

Outras:

Porque?

27. Qual dessas opções você sente falta de praticar aqui no Brasil? (*Pode marcar mais de uma opção*)

A) Jogos e brincadeiras B) Ginásticas C) Esportes D) Danças E) Lutas

Outras:

Porque?

28. Qual dessas opções você acha que deveria ser valorizada para ser praticada aqui no Brasil? (*Pode marcar mais de uma opção*)

A) Jogos e brincadeiras B) Ginásticas C) Esportes D) Danças E) Lutas

Outras:

Porque?

ANEXO 1- TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

TALE – TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado (a) para participar da Pesquisa sob o título Sentidos atribuídos, pela comunidade haitiana, à cultura corporal de movimento para preservação cultural e educacional, nos diferentes espaços sociais. Seu responsável permitiu que você participe. Você não precisa participar da pesquisa se não quiser e não terá nenhum problema se desistir. Em caso de dúvida, você poderá entrar em contato comigo, Brunna Thais Reis Sales, através do número 62 9 9221-9873, ligações a cobrar (se necessárias) ou através do e-mail brunnasales86@hotmail.com. Residente na Rua. 227, 119 – Setor Leste Universitário, Goiânia- GO, 74605-080, Telefone 62 3946-1671.

Em caso de dúvida sobre a ética aplicada a pesquisa, você poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da PUC Goiás, telefone: (62) 3946-1512, localizado na Avenida Universitária, N° 1069, St. Universitário, Goiânia/GO. Funcionamento: das 8 às 12 horas e das 13 às 17 horas de segunda a sexta-feira. E-mail: cep@pucgoias.edu.br

Esta pesquisa tem como objetivo compreender os sentidos atribuídos à cultura corporal de movimento como forma de preservação cultural e de processo educativo nos diferentes espaços sociais pela comunidade haitiana. Se você quiser participar, vamos aplicar um questionário que dura em torno de 30 minutos para o seu preenchimento; e depois a realização de entrevista com duração em torno de 01 (uma) hora, podendo ou não se estender de acordo com a sua vontade. A entrevista será realizada em sua casa ou em um local de sua preferência, no dia e horário previamente agendado.

Os dados serão coletados através de perguntas de forma que você poderá ser filmado por técnicas de natureza igual ou semelhante ao áudio-visual. As perguntas serão feitas sob o seu consentimento e a fidelidade das informações prestadas serão divulgadas na forma de conteúdo para fins acadêmico e científico, assegurando em sigilo o seu nome, ou seja, seu nome não aparecerá na pesquisa, a menos que você solicite.

A presente pesquisa é de risco pois pode despertar sentimentos, lembranças passadas ou atuais que são desconfortáveis, pode gerar constrangimento ao falar de sua vida, das dificuldades vivenciadas, da experiência na trajetória de migração, as contrariedades encontradas no local ao qual reside hoje, entre outros. Declaro que a pesquisa será realizada com legitimidade nas resoluções do Conselho Nacional de Saúde 466/12 e 510/16.

Assim, pode vir a sentir algum desconforto em decorrência de sua participação. Mas pode ficar tranquilo que é assegurada assistência imediata e integral de forma gratuita, para danos diretos e indiretos, imediatos ou tardios de

qualquer natureza para resolver possíveis intercorrências em consequência de sua participação na pesquisa. Para evitar e/ou reduzir os riscos de sua participação me responsabilizo por viabilizar o auxílio completo necessário à sua assistência integral, sem custo à você ou sua família, de forma que você poderá interromper a entrevista no momento em que sentir necessidade, e encerrada caso não queira continuar, sem nenhuma penalidade ou prejuízo. A equipe da pesquisa, declara todo suporte para que se sinta confortável.

Este estudo tem como benefício possibilitar que os brasileiros compreendam o valor que os imigrantes destinam à cultura do país de origem, de forma que potencialize as convivências humanas e sociais, na tentativa de minimizar as ocorrências de abusos, preconceitos oriundos pela falta de conhecimento das populações regionais e diferentes formas de violências. Possibilitar a inclusão dos imigrantes à medida que suas manifestações culturais possam ser praticadas sem restrições. Proporcionar o resgate da cultura, bem como reviver as memórias e conservar as práticas e costumes do país de origem. Possibilitar a reunião com outros imigrantes, em eventos sociais, esportivos, festivais, como forma de aliviar a condição de ser imigrante residindo em uma cultura diferente da sua. Além dos benefícios que as práticas das atividades de movimento podem causar no corpo de quem pratica.

Não há necessidade de se identificar, pois são resguardados o sigilo e a privacidade. Caso você não se sinta bem por qualquer motivo, poderemos interromper a entrevista a qualquer momento.

Além disso, se quiser retirar os seus dados coletados da pesquisa e deixar de participar deste estudo, não tem problema nenhum. Os dados coletados serão guardados por, no mínimo, 5 anos e, após esse período será incinerado (queimado) o material coletado. Se você sofrer qualquer tipo de dano resultante de sua participação na pesquisa, previsto ou não no Termo de Assentimento Livre e Esclarecido, tem direito a pedir indenização.

Eu, _____, aceito participar da pesquisa. Entendi que posso desistir de participar a qualquer momento e que isto não terá nenhum problema. Os pesquisadores tiraram minhas dúvidas e conversaram com os meus responsáveis.

Goiânia, ____ de
 _____ de
 _____.

 Assinatura do menor participante

ANEXO 2- TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado (a) para participar, como voluntário (a), do Projeto de Pesquisa sob o título Sentidos atribuídos, pela comunidade haitiana, à cultura corporal de movimento para preservação cultural e educacional, nos diferentes espaços sociais. Meu nome é Brunna Thais Reis Sales, sou estudante do Programa de Pós-Graduação em Educação da Pontifícia Universidade Católica-Goiás, cursando Doutorado e orientada pela Dra. Cláudia Valente Cavalcante. Após receber os esclarecimentos e as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte do estudo, este documento deverá ser assinado em todas as folhas e em duas vias, sendo a primeira de guarda e confidencialidade do pesquisador responsável e a segunda ficará sob sua responsabilidade para quaisquer fins.

Em caso de dúvida sobre a pesquisa, você poderá entrar em contato com o pesquisador responsável através do número (62) 9 9221-9873 , ligações a cobrar (se necessárias) ou através do e-mail brunnasales86@hotmail.com. Residente na Rua. 227, 119 – Setor Leste Universitário, Goiânia- GO, 74605-080, telefone 62 3946-1671. Em caso de dúvida sobre a ética aplicada a pesquisa, você poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da PUC Goiás, telefone: (62) 3946-1512, localizado na Avenida Universitária, N° 1069, St. Universitário, Goiânia/GO. Funcionamento: das 8 às 12 horas e das 13 às 17 horas de segunda a sexta-feira. E-mail: cep@pucgoias.edu.br

O CEP é uma instância vinculada à Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP) que por sua vez é subordinada ao Ministério da Saúde (MS). O CEP é responsável por realizar a análise ética de projetos de pesquisa, sendo aprovado aquele que segue os princípios estabelecidos pelas resoluções, normativas e complementares.

Pesquisadores: Brunna Thais Reis Sales e Cláudia Valente Cavalcante.

O motivo que nos leva a propor essa pesquisa é que o número de imigrantes que chegaram ao Brasil nas primeiras décadas do século XXI, chamou a atenção de vários setores sociais, como por exemplo dos governantes, meios de comunicação, diferentes pesquisadores e, também, da população em geral. Além do, alto número de pessoas que entrou no território brasileiro, outros fatores também tem atraído o olhar desses setores para o fenômeno da migração, que se tornou evidente na contemporaneidade. Como por exemplo, podem ser citadas a forma como os migrantes tem tentado entrar nos países, buscando refúgio, acolhimento, segurança, as formas como são recebidos pelos governos e pela sociedade civil, acontecendo de serem impedidos de entrar e alcançar o que procuram, a distância entre a que está na teoria das legislações e como são executadas as práticas para resolver os problemas migratórios.

É entendido que busca pela segurança, refúgio, acolhimento é um meio

de sobrevivência que imigrantes buscam para si e, em muitos casos, uma maneira de ajudar pessoas que ficaram no país de origem porque não puderam partir devido os motivos financeiros, normalmente os familiares. O peso de deixar os familiares e os costumes do país natal para trás, faz com que o foco central dos que partem seja trabalho/emprego em outros países para se sustentar e enviar rendas financeiras para aqueles ficaram, na esperança de melhorar as condições de vida. No entanto, além de objetivo principal ser empregado e conseguir uma renda, os imigrantes são pessoas que carregam consigo a cultura, principalmente no corpo, e sonhos que devem ser alimentados, a partir daquilo que lhes fazem sentido.

As necessidades humanas vão além do acolhimento primário, como alimentação, moradia e atendimento sanitário básico. Ao imigrar, imigrantes trazem consigo hábitos culturais cheios de sentidos e significados para si que são diferentes da cultura do país que os recebem. No entanto, a chegada de uma nova cultura causa estranheza e dificuldade de adaptação e acolhimento na relação com os nativos que precisam ser compreendidas, de maneira que, possam vir à ser minimizadas as consequências desencadeadas pelas causas de intencionalidades, preconceitos, e outros. Conhecer a cultura daqueles que chegam se justifica por ser um tema de ordem social, cultural e educacional.

A proposta desta pesquisa é investigar, as práticas culturais cujos temas estão relacionados com a cultura corporal de movimento dos imigrantes do Haiti, que as praticam como forma de expressar os próprios costumes, de maneira que, seja possível ampliar os conhecimentos culturais capazes de trazer benefícios para os imigrantes e, também, para os brasileiros.

Tem por objetivo: Compreender os sentidos atribuídos à cultura corporal de movimento como forma de preservação cultural e de processo educativo nos diferentes espaços sociais pela comunidade haitiana.

O procedimento de coleta de dados será por meio de duas etapas: a primeira é com a aplicação do questionário que dura em torno de 30 minutos; e a segunda etapa é a realização de entrevista com duração em torno de 01 (uma) hora, podendo ou não se estender de acordo com a sua vontade. A entrevista será realizada em sua casa ou em um local de sua preferência, no dia e horário previamente agendado.

Os dados serão coletados através de perguntas de forma que o participante poderá ser filmado por técnicas de natureza igual ou semelhante ao audio-visual. As perguntas serão feitas sob o consentimento e a fidelidade das informações prestadas serão divulgadas na forma de conteúdo para fins acadêmico e científico, assegurando em sigilo o nome do participante, ou seja, o nome não aparecerá na pesquisa, a menos que seja solicitado.

Riscos: A presente pesquisa é de risco pois pode despertar sentimentos, lembranças passadas ou atuais que são desconfortáveis, pode gerar constrangimento ao falar de sua vida, das dificuldades vivenciadas, da experiência na trajetória de migração, as contrariedades encontradas no local ao qual reside hoje, entre outros. Declaro que a pesquisa será realizada com legitimidade nas resoluções do Conselho Nacional de Saúde 466/12 e 510/16. Assim, pode vir a

acarretar transtornos emocionais ou desconfortos em decorrência de sua participação. Se você sentir qualquer desconforto é assegurado assistência imediata e integral de forma gratuita, para danos diretos e indiretos, imediatos ou tardios de qualquer natureza para dirimir possíveis intercorrências em consequência de sua participação na pesquisa. Para evitar e/ou reduzir os riscos de sua participação me responsabilizo por viabilizar o auxílio completo necessário à sua assistência integral, sem custo à você ou sua família, de forma que você poderá interromper a entrevista no momento em que sentir necessidade, e encerrada caso não queira continuar, sem nenhuma penalidade ou prejuízo. A equipe da pesquisa, declara todo suporte para que se sinta confortável.

Benefícios: Esta pesquisa terá como benefícios possibilitar que os brasileiros compreendam o valor que os imigrantes destinam à cultura do país de origem, de forma que potencialize as convivências humanas e sociais, na tentativa de minimizar as ocorrências de abusos, preconceitos oriundos pela falta de conhecimento das populações regionais e diferentes formas de violências. Possibilitar a inclusão dos imigrantes à medida que suas manifestações culturais possam ser praticadas sem restrições. Proporcionar o resgate da cultura, bem como reviver as memórias e conservar as práticas e costumes do país de origem. Possibilitar a reunião com outros imigrantes, em eventos sociais, esportivos, festivais, como forma de aliviar a condição de ser imigrante residindo em uma cultura diferente da sua. Além dos benefícios que as práticas das atividades de movimento podem causar no corpo de quem pratica.

Não há necessidade de identificação, ficando assegurados o sigilo e a privacidade. Caso você se sinta desconfortável por qualquer motivo, poderemos interromper a entrevista a qualquer momento e esta decisão não produzirá qualquer penalização ou prejuízo.

Você poderá solicitar a retirada de seus dados coletados na pesquisa a qualquer momento, deixando de participar deste estudo, sem prejuízo. Os dados coletados serão guardados por, no mínimo, 5 anos e, após esse período será incinerado (queimado) o material coletado. Se você sofrer qualquer tipo de dano resultante de sua participação na pesquisa, previsto ou não no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, tem direito a pleitear indenização.

Para que os participantes possam ter conhecimento acerca dos resultados finais da pesquisa poderá ser disponibilizado por meio de publicações, construção de banners, palestras e outros meios de divulgação.

Você não receberá nenhum tipo de compensação financeira por sua participação neste estudo, mas caso tenha algum gasto decorrente do mesmo este será ressarcido pelo pesquisador responsável. Adicionalmente, em qualquer etapa do estudo você terá acesso ao pesquisador responsável pela pesquisa para esclarecimentos de eventuais dúvidas.

Declaração do Pesquisador

O pesquisador responsável por este estudo e sua equipe de pesquisa declara que cumprirão com todas as informações acima; que você terá acesso, se necessário, a assistência integral e gratuita por danos diretos e indiretos oriundos,

imediatos ou tardios devido a sua participação neste estudo; que toda informação será absolutamente confidencial e sigilosa; que sua desistência em participar deste estudo não lhe trará quaisquer penalizações; que será devidamente ressarcido em caso de custos para participar desta pesquisa; e que acatarão decisões judiciais que possam suceder.

Declaração do Participante

Eu, _____, abaixo assinado, discuti com a Brunna Thaís Reis Sales e/ou sua equipe sobre a minha decisão em participar como voluntário (a) do estudo Sentidos atribuídos, pela comunidade haitiana, à cultura corporal de movimento para preservação cultural e educacional, nos diferentes espaços sociais. Ficaram claros para mim quais são os propósitos do estudo, os procedimentos a serem realizados, seus desconfortos e riscos, as garantias de confidencialidade e de esclarecimentos permanentes. Ficou claro também que minha participação é isenta de despesas e que tenho garantia integral e gratuita por danos diretos, imediatos ou tardios, quando necessário. Concordo voluntariamente em participar deste estudo e poderei retirar o meu consentimento a qualquer momento, antes ou durante o mesmo, sem penalidades ou prejuízo ou perda de qualquer benefício que eu possa ter adquirido.

Goiânia, _____, de _____.

Assinatura do participante

Assinatura do pesquisador